



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS  
DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**JULIANA CAMPOS MALTEZ**

**“PERDEU, PASSA O CELULAR”: UM ESTUDO SOBRE VITIMIZAÇÃO POR  
ROUBO DE CELULARES E SEUS DESDOBRAMENTOS**

**SALVADOR  
2023**

**JULIANA CAMPOS MALTEZ**

**“PERDEU, PASSA O CELULAR”: UM ESTUDO SOBRE VITIMIZAÇÃO POR ROUBO DE CELULARES E SEUS DESDOBRAMENTOS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do título de Doutora em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Paes-Machado

**SALVADOR  
2023**

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA), com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

M261 Maltez, Juliana Campos  
“Perdeu, passa o celular”: um estudo sobre vitimização por roubo de celulares e seus desdobramentos. / Juliana Campos Maltez. – 2023.  
230 p.: il.

Orientador: Prof.º Drº Eduardo Paes-Machado  
Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023.

1. Roubo. 2. Telefone celular. 3. Violência urbana – Aspectos sociais. 4. Coação (Direito). 5. Vítima de crime. I. Paes-Machado, Eduardo. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

CDD: 363.32

---

## **JULIANA CAMPOS MALTEZ**

### **“Perdeu, passa o celular’: Um estudo sobre vitimização por roubo de celulares e seus desdobramentos”**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Ciências Sociais e, aprovada em vinte de outubro de dois mil e vinte e três, pela Comissão formada pelos professores:



Prof. Dr. Eduardo Paes Machado (FFCH – UFBA)  
Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)



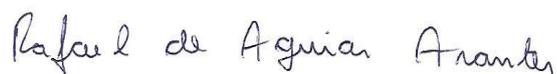
Profa. Dra. Angela Cristina Guimarães Santos (UNEB)  
Doutora em Saúde Pública pela Universidade Federal da Bahia (UFBA)



Profa. Dra. Ana Márcia Duarte Nunes Nascimento (UFBA)  
Doutora em Saúde Pública pela Universidade Federal da Bahia (UFBA)



Prof. Dr. Cleber da Silva Lopes (UEL)  
Doutor em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (USP)



Prof. Dr. Rafael de Aguiar Arantes (UFBA)  
Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (UFBA)

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu filho Guilherme, o amor, o carinho, a espontaneidade, os ensinamentos, as alegrias.

À minha família, em especial, aos meus pais, Kátia e Raymundo, o afeto, a presença, o suporte durante a vida e, sobretudo, durante os últimos anos.

Ao meu orientador Eduardo Paes-Machado, que já me acompanha de longas datas, os ensinamentos, o entusiasmo, o incentivo, a confiança, a generosidade intelectual.

À Angela, a sensibilidade, o suporte nos momentos mais complicados, as contribuições para o desenvolvimento do trabalho.

Aos colegas da Pós-Graduação e amigos do grupo de pesquisa, de maneira especial a Josair, Emanuelle, Thiago e Pedro, a parceria, a ajuda, as trocas, as risadas.

Aos professores da Universidade Federal da Bahia que contribuíram para minha formação, sobretudo, os do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, e a amiga e professora Ceci Vilar por tantos ensinamentos.

Aos funcionários do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, o acolhimento e a atenção.

Aos professores que integraram as bancas de qualificação e a defesa, as contribuições dadas para o aperfeiçoamento e melhoria do trabalho.

Aos interlocutores deste estudo, a disponibilidade, a confiança, os relatos compartilhados.

Às amigas da vida, as pausas necessárias, o afeto, a torcida, os desabafos, as risadas, o apoio nas horas mais complicadas.

## RESUMO

O estudo objetivou compreender as respostas e reações de vítimas de roubo de celulares em Salvador, Bahia, bem como as características das interações entre alvos e assaltantes que influenciam a intensificação da violência contra os primeiros. A partir de uma metodologia qualitativa, examinou dados provenientes de entrevistas semiestruturadas e matérias jornalísticas. Os resultados permitem afirmar que o celular, entendido como um *hot product*, é o item mais cobiçado pelos assaltantes nos roubos de rua. Identifica que estes dispositivos, descritos como indispensáveis por seus usuários, podem ser facilmente convertidos em dinheiro no mercado ilícito ou, mais atualmente, através dos roubos seguidos de extorsão por meio dos aplicativos bancários. Destaca como fatores capazes de influenciar as interações coercitivas entre alvos e assaltantes: o grau de movimentação do local; o fato de as vítimas estarem solitárias ou não; a presença de pessoas próximas ou familiares durante o roubo; as reações de espectadores ou acompanhantes. Nota que as providências tomadas após o roubo envolvem medidas formais e informais. Identifica que as vítimas possuem uma descrença no que diz respeito à recuperação do bem através do registro do boletim de ocorrência policial. Afirma que a vitimização pode gerar impactos maciços nos sujeitos, ou seja, além das consequências físicas, práticas, financeiras e psicológicas, os aparelhos móveis contêm uma riqueza de informações pessoais e dados valiosos, que podem ser usados como porta de entrada para novos tipos de crimes. Observa que os usuários adotam diversos procedimentos para gerenciar os riscos cotidianos relacionados aos roubos de celulares. Argumenta que o medo dos assaltos é a principal causa das tentativas de restringir o uso destes dispositivos em espaços públicos. Considera que a eficácia das práticas de segurança encontra obstáculos, tais como a centralidade do celular na vida cotidiana, exposição de grupos de usuários e contramedidas dos assaltantes. Conclui que a intensificação da violência por parte dos assaltantes possui relação direta com formas de resistência empregadas pelas vítimas e compreende que o desenrolar dos encontros forçados depende da participação mútua de vítimas e assaltantes, podendo ser influenciado também pela participação de espectadores e acompanhantes.

**Palavras-chave:** roubos de rua; telefones celulares; vitimização; interações coercitivas; resistência das vítimas

## ABSTRACT

The study aimed to understand the responses and reactions of victims of cell phone theft in Salvador, Bahia, as well as the characteristics of interactions between targets and robbers that influence the intensification of violence against the victims. A qualitative methodology was used, in which data from semi-structured interviews and journalistic articles were examined. The results founded allow us to affirm that the cell phone, understood as a hot product, is the item most coveted by robbers during street robberies. It identifies that these devices, described as indispensable by their users, can be easily converted into money on the illicit market or, more currently, through theft followed by extortion through banking applications. The most relevant factors capable of influencing coercive interactions between targets and assailants: the degree of movement in the location; whether the victims were alone or not; the presence of close people or family members during the robbery; the reactions of spectators or companions. Note that the providences taken after the theft can be formal and informal. It was identified that the victims have disbelief regarding the recovery of the stolen property through the registration of the police report. It states that victimization can generate massive impacts on people. In addition to the physical, practical, financial and psychological consequences, mobile devices contain a wealth of personal information and valuable data, which can be used as a gateway to new types of crimes. It was observed that users adopt several procedures in their daily lives to manage the risks related to cell phone theft. It argues that fear of street robberies is the main cause of attempts to restrict the use of these devices in public spaces. In conclusion, the intensification of violence by robbers is directly related to forms of resistance used by victims and understands that the course of forced encounters depends on the mutual participation of victims and robbers, and can also be influenced by the participation of spectators and companions.

**Keywords:** street robberies; mobile phones; victimization; coercive interactions; victims' resistance

## LISTA DE GRÁFICOS E QUADROS

Gráfico 1: Gênero das vítimas (Etapa A).....	46
Gráfico 2: Cor ou raça informadas pelas vítimas(Etapa A).....	46
Gráfico 3: Grau de escolaridade das vítimas (Etapa A).....	47
Gráfico 4: Gênero das vítimas (Etapa B).....	48
Gráfico 5: Cor ou raça informadas pelas vítimas (Etapa B).....	48
Gráfico 6: Grau de escolaridade das vítimas (Etapa B).....	49
Gráfico 7: Faixa de vitimização (Etapa B).....	50
Gráfico 8: Gênero das vítimas(Relatos complementares).....	51
Gráfico 9: Cor ou raça informadas pelas vítimas(Relatos complementares).....	51
Gráfico 10: Grau de escolaridade das vítimas (Relatos complementares).....	52
Gráfico 11: Gênero das vítimas (Caracterização total).....	53
Gráfico 12: Grau de escolaridade das vítimas(Caracterização total).....	53
Gráfico 13: Cor ou raça informadas pelas vítimas (Caracterização total).....	54
Quadro 1. Síntese comparativa acerca das quatro situações identificadas.....	139
Quadro 2. Formas de resistências empregadas pelas vítimas.....	141
Quadro 3. Práticas de segurança empregadas pelas vítimas de roubo de celulares em Salvador,Bahia.....	181

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>18</b>
2.1 Teorias criminológicas.....	18
2.2 Estudos sobre vitimização.....	24
2.3 Vitimização por roubos de rua.....	29
2.4 Interações entre vítimas e ofensores.....	30
2.5 Risco e gestão do risco.....	36
<b>3 MÉTODOS E PROCEDIMENTOS DE PESQUISA.....</b>	<b>38</b>
3.1 Metodologia qualitativa.....	38
3.2 Estratégias de coleta de dados.....	39
3.3 A seleção dos interlocutores.....	41
3.3.1 Etapa A.....	41
3.3.2 Etapa B.....	42
3.4 Características sociodemográficas das vítimas.....	45
3.4.1 Etapa A.....	45
3.4.2 Etapa B.....	47
3.4.3 Relatos complementares.....	50
3.4.4 Caracterização total.....	52
3.5 Organização e análise dos dados.....	54
<b>4 PADRÃO DE USO DO CELULAR.....</b>	<b>57</b>
4.1 Funções.....	57
4.2 Utilização do celular no período pandêmico.....	48
4.3 Controle do uso do aparelho móvel.....	53
<b>5 OS CELULARES COMO “PRODUTOS QUENTES” .....</b>	<b>65</b>
5.1 O celular como item preferencial nos roubos de rua.....	65
5.2 Panorama dos roubos.....	67
5.2.1 Dados.....	67
5.2.2 Período pandêmico.....	69
5.3 Contratação de seguro.....	70
5.4 Mercado ilícito de celulares roubados.....	71
5.5 Oportunidades para outros crimes.....	75
<b>6. INTERAÇÕES COERCITIVAS ENTRE VÍTIMAS E ASSALTANTES.....</b>	<b>78</b>
<b>6.1VÍTIMAS SOZINHAS EM LOCAIS POUCO FREQUENTADOS.....</b>	<b>78</b>
6.1.1Contextos socioespaciais e temporais.....	78
6.1.2O comportamento das vítimas antes do roubo.....	79
6.1.3 Estabelecimento da copresença.....	80
6.1.4 Compartilhamento da definição de situação de roubo.....	81
6.1.5 O roubo ou a transferência dos bens.....	82
6.1.6 A fuga dos assaltantes.....	83
6.1.7 Uso da violência psicológica e física.....	84

6.1.8 Formas de resistência das vítimas.....	87
6.1.9 Reações de eventuais espectadores.....	89
<b>6.2 VÍTIMAS SOZINHAS EM LOCAIS FREQUENTADOS.....</b>	<b>91</b>
6.2.1 Contextos socioespaciais e temporais.....	91
6.2.2 O comportamento das vítimas antes do roubo.....	91
6.2.3 Estabelecimento da copresença.....	92
6.2.4 Compartilhamento da definição de situação de roubo.....	93
6.2.5 O roubo ou a transferência dos bens.....	94
6.2.6 A fuga dos assaltantes.....	96
6.2.7 Uso da violência psicológica e física.....	97
6.2.8 Formas de resistência das vítimas.....	98
6.2.9 Reações de espectadores.....	101
<b>6.3 VÍTIMAS ACOMPANHADAS EM LOCAIS POUCO FREQUENTADOS.....</b>	<b>104</b>
6.3.1 Contextos socioespaciais e temporais.....	104
6.3.2 O comportamento das vítimas antes do roubo.....	105
6.3.3 Estabelecimento da copresença.....	106
6.3.4 Compartilhamento da definição de situação de roubo.....	108
6.3.5 O roubo ou a transferência dos bens.....	110
6.3.6 A fuga dos assaltantes.....	111
6.3.7 Uso da violência psicológica e física.....	111
6.3.8 Formas de resistência das vítimas.....	115
6.3.9 Reações e papel dos acompanhantes.....	117
6.3.10 Reações de eventuais espectadores.....	119
<b>6.4 VÍTIMAS ACOMPANHADAS EM LOCAIS FREQUENTADOS.....</b>	<b>121</b>
6.4.1 Contextos socioespaciais e temporais.....	121
6.4.2 O comportamento das vítimas antes do roubo.....	122
6.4.3 Estabelecimento da copresença.....	122
6.4.4 Compartilhamento da definição de situação de roubo.....	123
6.4.5 O roubo ou a transferência dos bens.....	124
6.4.6 A fuga dos assaltantes.....	124
6.4.7 Uso da violência psicológica e física.....	125
6.4.8 Formas de resistência das vítimas.....	126
6.4.9 Reações e papel dos acompanhantes.....	128
6.4.10 Reações de espectadores.....	130
<b>6.5 SÍNTESE COMPARATIVA.....</b>	<b>134</b>
<b>7. ROUBOS DE CELULARES NO INTERIOR DE COLETIVOS.....</b>	<b>142</b>
7.1 Contextos socioespaciais e temporais.....	142
7.2 O comportamento das vítimas antes do roubo.....	144
7.3 Estabelecimento da copresença.....	144
7.4 Compartilhamento da definição de situação de roubo.....	146
7.5 O roubo ou a transferência dos bens.....	149
7.6 A fuga dos assaltantes.....	150
7.7 Uso da violência psicológica e física.....	150
7.8 Formas de resistência das vítimas.....	153

7.9 Reações de espectadores.....	155
<b>8 PROVIDÊNCIAS E TRANSTORNOS APÓS O ROUBO.....</b>	<b>159</b>
8.1 Medidas tomadas após o assalto.....	159
8.1.1 Medidas formais.....	159
8.1.2 Medidas informais.....	162
8.2 Comunicação sobre o roubo.....	166
8.3 Danos e prejuízos após o assalto.....	168
8.3.1 Comunicação e interação.....	168
8.3.2 Perda de dados.....	169
8.3.3 Materiais.....	169
8.3.4 Psicológicos.....	172
8.3.5 Físicos.....	174
8.4 Sentimentos gerados pelo roubo.....	175
<b>9 PRÁTICAS DE SEGURANÇA CONTRA ROUBOS DE CELULARES.....</b>	<b>178</b>
<b>9.1 ESPAÇOS PRIVADOS.....</b>	<b>179</b>
<b>9.2 ESPAÇOS PÚBLICOS.....</b>	<b>182</b>
<b>9.2.1 Práticas individuais.....</b>	<b>184</b>
<b>9.2.1.1 Uso de dispositivos do aparelho.....</b>	<b>184</b>
<b>9.2.1.2 Seletividade.....</b>	<b>186</b>
<b>9.2.1.2.1 Temporal.....</b>	<b>187</b>
9.2.1.2.1.1 Momentos do ano.....	187
9.2.1.2.1.2 Alteração de horários.....	188
<b>9.2.1.2.2 Espacial.....</b>	<b>188</b>
9.2.1.2.2.1 Vias públicas e avaliação de risco.....	188
9.2.1.2.2.2 Áreas consideradas de risco.....	189
9.2.1.2.2.3 Local da vitimização.....	191
9.2.1.2.2.4 Pontos de ônibus.....	191
9.2.1.2.2.5 Redução de saídas e utilização de transporte público.....	191
<b>9.2.1.3 Restrição de uso.....</b>	<b>193</b>
<b>9.2.1.3.1 Restrição de porte.....</b>	<b>193</b>
9.2.1.3.1.1 O uso do celular reserva.....	194
<b>9.2.1.3.2 Restrição de exposição.....</b>	<b>197</b>
9.2.1.3.2.1 Simulação da falta de porte.....	197
9.2.1.3.2.2 Exposição visual e sonora.....	200
9.2.1.2.3.3 Os fones de ouvido.....	200
<b>9.2.1.3.3 Restrição de funções.....</b>	<b>201</b>
<b>9.2.1.4 Evitação de suspeitos.....</b>	<b>202</b>
<b>9.2.1.5 Ocultação pessoal.....</b>	<b>203</b>
<b>9.2.2 Práticas coletivas.....</b>	<b>204</b>
9.2.2.1 Deslocamento em grupo.....	205
9.2.2.2 Ajuda mútua.....	206
9.2.2.3 Comunicação eletrônica.....	207
9.2.2.4 Outros procedimentos de segurança.....	208
<b>CONCLUSÕES.....</b>	<b>210</b>

<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>218</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>228</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Os dispositivos eletrônicos e de comunicação, especialmente o celular, têm ampliado suas funções de maneira crescente, tornando-se objetos extremamente valorizados e indispensáveis no dia a dia (Ribeiro, Leite, Souza, 2009). Ao ganharem mobilidade e abarcarem as funções de outros dispositivos, os aparelhos celulares passam a ocupar um espaço cada vez maior no cotidiano e funcionam quase como uma espécie de extensão de cada indivíduo, isto é, acompanhando-o para qualquer lugar e guardando dados valiosos (Ribeiro, Leite, Souza, 2009). Cada vez mais modernos, estes aparelhos abarcam uma série de funções que acabam por reduzir ou dispensar a necessidade de dispositivos separados (Thompson, 2017). Deste modo, praticamente tudo pode ser feito ou resolvido através destes telefones móveis. A convergência e a mobilidades são características inerentes dos celulares, ou seja, estes servem para: a) comunicação; b) armazenamento de dados; c) entretenimento; d) gerenciamento das atividades no tempo e espaço das relações sociais (Ribeiro; Leite; Souza, 2009). Os telefones móveis concentram diversas funcionalidades, incluindo desde entretenimento, recursos de áudio e vídeo, comunicação, troca de informações, compras, movimentações financeiras às tarefas escolares, acadêmicas e profissionais. O Brasil, por exemplo, está entre os cinco países com maior número de usuários de celulares (Souza, 2021; Lopes, 2023).

Desta maneira, os celulares também se tornam altamente visados pelos assaltantes, ou seja, estes aparelhos se encaixam naquilo que Clarke (1999) denomina de *hot products* ou produtos quentes. Os *hot products* se referem aos itens de consumo que são mais atraentes para os ladrões ou produtos que são mais prováveis de serem tomados por eles. Os principais atributos dos produtos quentes incluem seu valor, tamanho e portabilidade (Clarke, 1999). Os aparelhos celulares mudaram drasticamente desde o início da década de 1990, tornando-se, dentre outras características, mais portáteis (Thompson, 2017).

O aparelho celular como *hot product* (Clarke, 1999) tem se tornado em vários lugares do mundo e também no Brasil um alvo preferencial nos crimes de rua e mesmo nos meios de transporte coletivo. Os roubos de celulares entram nas estatísticas como roubos a pedestres e passageiros (Mercado..., 2020). Dados

contabilizados pela Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel) mostram que o Brasil teve 759.175 aparelhos celulares bloqueados contra roubos e perdas do início de 2022 até setembro do ano indicado, o que corresponde a 2,7 mil bloqueios por dia, e 14,7 milhões nas últimas duas décadas (Croquer, 2022). O Relatório da Pesquisa de Vitimização do Centro de Políticas Públicas do Insper (Relatório..., 2018), realizado em São Paulo, apresenta dados sobre roubo de celulares nos anos de 2003, 2008, 2013 e 2018. Em 2018, os itens levados com maior frequência em roubos e furtos foram o aparelho celular (76,9% dos casos), seguido de dinheiro e documentos (respectivamente, 35,1% e 23,8%). O quadro se mantém desde o ano de 2008, isto é, entre 2008 e 2018 as proporções de crimes em que o aparelho móvel foi levado aumentaram, ao passo que o roubo ou furto em que o dinheiro foi subtraído diminuíram. Em 2003, a proporção de crimes em que celulares foram levados era muito menor quando comparada aos níveis atuais (entre 20% e 23%), já os percentuais das ocorrências em que o dinheiro foi levado eram significativamente maiores (entre 60% e 70%) (Relatório...;2018).

Portanto, os itens mais tradicionais tomados nos assaltos, como dinheiro, joias ou relógios foram sendo substituídos, sobretudo, pelos telefones celulares (Thompson, 2017). O aumento das compras online, o uso de cartões e o advento de novas tecnologias de pagamento sem contato, como as transações bancárias através de aplicativos, levam a uma menor circulação de “dinheiro na mão”, influenciando nesta mudança (Thompson,2017). Fora isto, os celulares roubados são facilmente desbloqueados e convertidos em dinheiro, seja através da revenda do aparelho funcional ou de suas peças e, mais recentemente, através de roubos seguidos de extorsão mediante o acesso de dados bancários das vítimas. Destaca-se ainda que, embora se saiba que os assaltos envolvendo aparelhos celulares alimentem o mercado ilícito, muitas pessoas não hesitam em comprar aparelhos sem procedência e a valores infinitamente menores que nas lojas, o que acaba por retroalimentar o mercado ilegal predatório.

Conforme foi dito, o telefone móvel aparece como o alvo preferencial nos assaltos de rua (Relatório..., 2018). Os assaltos de rua são incidentes em que o roubo da propriedade de uma pessoa ocorre, em um lugar público, com a ameaça ou uso real de violência. A experiência da vitimização por roubo de celulares pode gerar impactos maciços sobre uma pessoa. Além das consequências práticas, financeiras e psicológicas, o aparelho móvel contém uma riqueza de informações,

dados e arquivos pessoais (Walsh, sd; Thompson, 2017). No que diz respeito à perda de celulares, o roubo, muitas vezes, não é apenas do aparelho, mas de dados, arquivos profissionais e afetivos, dentre outros (Thompson, 2017). Tais crimes podem provocar danos de níveis variáveis, seja na integridade física, emocional ou material das vítimas, havendo ainda casos extremos que resultam em óbitos, os roubos seguidos de morte. Além disso, o roubo de rua é um tipo de crime que ocorra durante o curso da rotina das pessoas, sendo uma fonte significativa de medo e preocupação entre elas (Monk; Heinonen; Eck, 2010). Os assaltos são responsáveis por uma parte considerável das ações violentas nas grandes cidades, desta forma, as sensações de perigo e insegurança nos centros urbanos estão amplamente centradas no medo de ser roubado (Martins; Corrêa; Feltran, 2020). Conforme Costa e Lima (2019), os roubos seguidos de morte também possuem grande capacidade de instaurar medo e insegurança na sociedade, além de pressionar autoridades governamentais e policiais. Fora isto, a literatura mostra que, muitos destes casos de latrocínios, ocorrem quando os alvos reagem aos assaltos (Costa; Lima, 2019).

Por conseguinte, embora existam estudos e relatórios relevantes que tratem de vitimização por roubos (Paes-Machado; Nascimento, 2006; Viodres-Inoue, 2012; Telles, 2019) são escassos aqueles que focam, especificamente, na experiência das vítimas de roubo de celulares e suas singularidades. As referências acerca dos roubos de eletrônicos provêm basicamente da literatura internacional (Thompson, 2017; Farrell, 2015), o que torna o desafio maior para a pesquisadora, mas, por outro lado, dota o estudo de um caráter inovador. Diante do que foi dito, compreender o “prisma da vítima se torna relevante para vislumbrar os processos de vitimização, já que o seu lugar não está cristalizado aos signos da passividade” (Teixeira, 2019, p. 18). Por essa via, a pesquisa visa abrir o leque para se compreender a experiência de vitimização por roubo de celulares em Salvador, Bahia.

Neste sentido, o estudo pretende responder as seguintes perguntas: Quais as respostas e reações das vítimas de roubos de celulares? Quais as características das interações entre assaltantes e alvos que influenciam na intensificação da violência psicológica e uso da violência física contra os primeiros?; Quais os contextos socioespaciais desses eventos?; Quais os fatores capazes de reduzir ou aumentar a vulnerabilidade dos alvos ou os obstáculos para os assaltantes?; Quais as formas de resistência forçosa e não forçosas acionadas pelas vítimas contra os assaltantes?; Qual o papel dos acompanhantes e espectadores na redução ou

intensificação da violência contra os alvos?; Quais as consequências práticas, financeiras e psicossociais da vitimização?; Qual a influência destes eventos na adoção ou mudança de práticas de segurança contra tais roubos?

Diante do que foi exposto, o atual trabalho foca nas experiências das vítimas de roubo de celulares em Salvador, Bahia, não incluindo furtos, e se debruça nas ações e interações entre vítimas e ofensores que são proporcionadas nestes encontros forçados. Pretende-se compreender o fenômeno da vitimização por roubos de celulares, suas consequências e repercussões. O objetivo central do estudo é analisar as respostas e reações de vítimas de roubo de celulares em Salvador, Bahia, bem como as características das interações entre alvos e assaltantes que influenciam a intensificação da violência contra os primeiros. Associado a isto, destaca-se os seguintes objetivos específicos: a) reconhecer os contextos socioespaciais dos roubos de rua; b) verificar os fatores capazes de reduzir ou aumentar a vulnerabilidade dos alvos ou os obstáculos para os assaltantes; c) compreender as formas de resistência forçada e não forçadas acionadas pelas vítimas; d) entender o papel dos acompanhantes e espectadores nos encontros forçados; e) identificar os danos e transtornos gerados pela vitimização; f) analisar as práticas de segurança contra roubo de celulares adotadas pelas vítimas, bem como os limites e eficácia das mesmas.

No que se refere à organização, a tese está estruturada em dez seções. A primeira apresenta os aspectos introdutórios do estudo. A segunda trata da revisão teórica e se propõe a apresentar o que já foi escrito sobre o tema proposto, levando em consideração a bibliografia nacional e internacional. Apresentou-se uma revisão acerca das teorias criminológicas, dos estudos sobre vitimização, além de contribuições teóricas sobre roubos de rua e interações coercitivas entre vítimas e assaltantes.

A terceira seção é dedicada aos métodos e procedimentos de pesquisa e conta com uma descrição do delineamento metodológico do estudo enfatizando as ferramentas de coleta e análise de dados, a caracterização sociodemográfica dos interlocutores, além de trazer considerações sobre a realização do trabalho de campo e os procedimentos éticos adotados no estudo.

O quarto capítulo descreve e analisa o padrão de uso do celular entre os interlocutores, destacando as funções centrais destes dispositivos e a crescente relevância que os telefones móveis assumiu no contexto pandêmico. O quinto

capítulo examina os celulares como *hot products* ou alvos preferenciais nos roubos de rua; apresenta um panorama dos roubos com dados sobre o aumento deste tipo de crime; apresenta considerações sobre o mercado de revenda ilegal de telefones móveis e a utilização, cada vez mais crescente, de tais dispositivos como porta de entrada para novos crimes.

O sexto capítulo apresenta o conteúdo central desta tese e está dividido em subseções que discutem as quatro situações de interações coercitivas envolvidas nos roubos de celulares: a) vítimas sozinhas em espaços públicos com poucos espectadores; b) vítimas sozinhas em espaços com mais espectadores; c) vítimas acompanhadas em locais com poucos espectadores; d) vítimas acompanhadas em espaços com mais espectadores. Por último, o capítulo dispõe de uma síntese comparativa envolvendo as situações identificadas.

O sétimo capítulo foca nas interações coercitivas desenvolvidas nos espaços fechados do interior dos ônibus. O oitavo capítulo discute e apresenta as providências e os transtornos após o roubo, incluindo as medidas formais e informais, a comunicação sobre o roubo, os danos e sentimentos ocasionados pelo ocorrido. Posteriormente, nono capítulo trata das práticas de segurança acionadas pelas vítimas e analisa os procedimentos gerais e específicos, individuais e coletivos adotados para proteger os aparelhos e os aplicativos bancários destes das ações de assaltantes. Por fim, a décima seção apresenta as principais conclusões do presente estudo.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

Esta seção pretende realizar uma revisão teórica sobre o tema proposto levando em consideração as contribuições da bibliografia internacional e nacional. O capítulo está dividido em quatro partes e apresenta como eixos centrais: a) as teorias criminológicas; b) os estudos sobre vitimização; c) a vitimização por roubos de rua; d) as interações entre vítimas e ofensores.

### **2.1 Teorias criminológicas**

Algumas teorias vão buscar explicar as taxas dos crimes, não através das características dos infratores, mas por meio dos fatores ambientais e das circunstâncias que os mesmos ocorrem (Beato; Peixoto; Andrade, 2004). Tais discussões têm sido relevantes no desenvolvimento de estratégias de prevenção situacional. Visando uma abordagem distinta da criminologia tradicional, que se centrava no ofensor e nas suas motivações para o crime, alguns estudiosos começaram a desenvolver um novo tipo de abordagem do crime, isto é, “sabendo que todo crime acontece em um ambiente físico específico, perceberam a necessidade de projetos de prevenção voltados à gestão do ambiente físico em que ocorre o crime” (Fortes; Tasca, 2014, p. 162).

David Garland (2005) apresenta considerações importantes sobre a transformação do pensamento criminológico. Conforme o autor, as ideias criminológicas do período pós-guerra partiam de teorias psicológicas sobre a anormalidade e das teorias sociológicas acerca da anomia (desintegração das normas sociais), da privação relativa e da subcultura. A criminalidade era colocada como um problema de indivíduos ou famílias defeituosas e inadaptadas, onde esses sujeitos necessitariam de correção. Desta forma, os indivíduos se tornariam delinquentes em virtude da privação de uma educação digna, de uma socialização familiar adequada ou de oportunidades de trabalho (Garland, 2005). No decorrer da década de 1970, um conjunto de ideias diferentes começaram a emergir e a olhar para o delito, não mais como um problema de privação, mas sim de controle social inadequado. As teorias do controle supõem que os indivíduos são atraídos por

condutas egoístas e delituosas, a menos que sejam inibidos por controles fortes e eficazes, tais como aqueles impostos pela autoridade familiar e estatal (Garland, 2005).

Já a criminologia contemporânea analisa o crime como um aspecto comum e rotineiro da vida cotidiana, sendo cometido por indivíduos normais ou atores racionais (Garland, 2005). O conjunto de teorias criminológicas, que incluem a teoria da escolha racional, a teoria das atividades rotineiras, a teoria das oportunidades e prevenção situacional do crime, são chamadas por David Garland como “as novas criminologias da vida cotidiana”. Esse conjunto teórico parte do pressuposto que o delito é um evento que não necessita de uma motivação especial ou patológica, estando inscrito na rotina da vida social (Garland, 2005).

*[...] estas nuevas criminologías ven el delito como algo propio de la interacción social normal y explicable a través de patrones motivacionales estándar. Un rasgo importante de este enfoque es que impulsa que la acción pública desplace su focalización en el delito y el individuo delincuente hacia el evento delictivo. El nuevo foco de atención es la existencia de oportunidades delictivas y de «situaciones criminógenas». El supuesto es que las acciones delictivas se darán habitualmente si no existen controles y hay blancos atractivos disponibles, tengan o no individuos una disposición delincuente (que, en el caso de que exista es, de todos modos, difícil de cambiar). Se debe centrar la atención no en los individuos sino en los hábitos de centivos que está presente en los mismos. La nueva orientación política intenta concentrarse en sustituir la cura por la prevención, reducir la disponibilidad de oportunidades, incrementar los controles situacionales y sociales y modificar las rutinas cotidianas. (Garland, 2005, p. 53-54).*

Garland (1999) considera o crime e o medo do crime como fatos da vida moderna ou como um risco cotidiano que deve ser administrado no curso da rotina. Para o autor, o crime integra o “meio-ambiente cotidiano” (Garland, 1999, p. 62) e se insere no curso normal das coisas, onde os criminosos calculariam suas ações e oportunidades (Garland, 1999). Nas palavras do autor:

Para o indivíduo incriminado, é uma ocasião, uma escolha de carreira, um meio de conseguir emoções fortes ou de “vingar-se”. Para a vítima ou para o público (que, desse ponto de vista, são segmentos que coincidem em larga medida com o segmento dos delinquentes), o crime é um “risco” que deve ser calculado ou um “acidente” a ser evitado, antes que uma aberração moral que exija explicações especiais. Essas teorias não vão sem consequências práticas. As normas de ação que delas decorrem não se endereçam aos organismos do Estado como a polícia, os tribunais e as prisões, mas, “para além” do aparelho do Estado, endereçam-se às organizações, instituições e indivíduos da sociedade civil. As teorias dão por estabelecida a capacidade limitada do Estado. Os novos programas de ação procuram influenciar a conduta das vítimas potenciais, armar os alvos vulneráveis, melhorar a segurança em zonas perigosas e reestruturar as rotinas da vida cotidiana que

têm por consequência desagradável propiciar ocasiões para o crime. (Garland, 1999, p. 66)

Garland (2005) destaca que tal abordagem dedica-se, por exemplo, a trocar o dinheiro em espécie por novos métodos de pagamento, colocar circuitos internos de televisão, contratar segurança privada, modificar horários, além de estimular os indivíduos a organizarem suas rotinas e grupos de autodefesa.

Ao invés de focar nas características dos infratores, a Teoria das Atividades Rotineiras de Cohen e Felson (1979) se concentra nas circunstâncias em que ocorrem os crimes. Para que ocorram, os atos criminosos exigem a convergência no tempo e espaço de três elementos centrais: um provável ofensor; um alvo disponível, objeto ou pessoa; e ausência de guardiões capazes de impedir o crime. Conforme os autores, o guardião capaz geralmente não é um policial ou guarda de segurança, mas sim uma pessoa cuja presença pode desencorajar a ocorrência do crime. Os guardiões capazes podem ser, por exemplo, vizinhos, amigos ou transeuntes. (Cohen; Felson, 1979, 1998). Cohen e Felson (1979) utilizaram tal teoria para explicar, por exemplo, o crescimento e as altas taxas de crime nos anos 50 e 70 nos países ocidentais. O período indicado coincide com a inserção das mulheres no mercado de trabalho, isto é, ao saírem de seus lares, as casas ficavam sem um guardião capacitado, facilitando o acesso dos criminosos aos locais. Os autores mostraram que o aumento do roubo residencial durante a década de 1970 nos Estados Unidos (e também em muitos outros países) foi alimentado em parte pela proliferação de bens eletrônicos leves, como televisores e vídeos. Isso significava que a maioria dos lares continha objetos que poderia ser facilmente convertido em dinheiro (Clarke, 1999). Dentro desta perspectiva teórica, as características relacionadas ao local de residência dos envolvidos, faixa etária, contexto espacial e temporal, dentre outros, estão relacionadas com a incidência dos delitos (Beato; Peixoto; Andrade, 2004). Este modelo teórico se relaciona com os fatores geográficos e espaciais da chamada Criminologia ambiental e tem seu reflexo prático na proliferação de mapas sobre lugares de vitimização e concentração dos delitos (Varona *et al.*, 2015).

Embora esteja se tratando de uma abordagem preocupada com as características ambientais nas quais ocorrem os crimes predatórios, ela ainda mantém algumas ressonâncias na criminologia mais tradicional ao enfatizar a motivação dos ofensores como um dos elementos centrais. A origem dessa

motivação, entretanto, é deixada em aberto. O segundo aspecto é que a ação predatória dirige-se a “alvos”, ou seja, pessoas ou objetos em dada posição no tempo e no espaço. Isto termina por retirar o aspecto moral que a palavra vítima carrega consigo: um alvo define-se como coisas que tem algum valor, além de algumas propriedades que o tornam adequado à ação predatória. (Beato; Peixoto; Andrade, 2004, p. 74)

A Teoria das Atividades Rotineiras deu origem a estudos que visam identificar as dinâmicas pelas quais os indivíduos proporcionam oportunidades para vitimização (Beato; Peixoto; Andrade, 2004). Os fatores apontados como aqueles que favorecem ao risco de vitimização das pessoas são: exposição, proximidade da vítima ao ofensor, capacidade de proteção, atrativos das vítimas e natureza dos delitos (Beato; Peixoto; Andrade, 2004):

A exposição é definida pela quantidade de tempo que os indivíduos freqüentam locais públicos, estabelecendo contatos e interações sociais. O estilo de vida de cada indivíduo determina em que intensidade os demais fatores estão presentes na sua vida. Assim, determina em que medida os indivíduos se expõem ao freqüentar lugares públicos, qual a sua capacidade de proteção, seus atrativos e a proximidade com os agressores. A proximidade da vítima ao agressor diz respeito à freqüência de contatos sociais estabelecida entre ambos, o que depende do local de residência, das características socioeconômicas e dos atributos de idade e sexo, assim como da proximidade de interesses culturais. Indivíduos com a mesma idade costumam freqüentar os mesmos ambientes nas atividades de lazer. A capacidade de proteção está relacionada ao estilo de vida das vítimas. Indivíduos que têm maior capacidade de se resguardar, evitando contato com possíveis agressores, têm menor probabilidade de serem vitimados. Por exemplo, indivíduos que andam de carro em vez de ônibus têm maior capacidade de proteção porque diminuem a possibilidade de contato com os agressores. Do mesmo modo, aqueles que contratam segurança privada diminuem a probabilidade de serem vítimas de crime. As vítimas tornam-se ainda mais atrativas quando oferecem menor possibilidade de resistência ou proporcionam maior retorno esperado do crime. (Beato; Peixoto; Andrade, 2004, p. 76)

A Teoria da Escolha Racional considera que os atores tomam suas decisões a partir de um processo racional, balanceando os custos e as consequências do crime cometido com o benefício imediato (Felson; Clarke, 1998). A abordagem de Felson e Clarke (1998) determinou que “a simples ganância do criminoso não bastava, agindo com uma racionalidade baseada em alguns fatores como a percepção de risco e do lucro” (Fortes; Tasca, 2014, p. 163). Tal teoria analisa a perspectiva do ofensor, isto é, busca compreender como ele faz suas escolhas, impulsionado por motivos particulares dentro de um ambiente específico, que oferece oportunidades para que o crime se concretize (Felson; Clarke, 1998). Essa perspectiva teórica entende o infrator como alguém que pensa antes de agir, mesmo

que em um momento específico. O cálculo do ofensor seria baseado, principalmente, no benefício imediato, o que o faria negligenciar, muitas vezes, os custos a longo prazo, como a ocorrência de punições (Felson; Clarke, 1998).

As duas perspectivas teóricas citadas anteriormente estão ligadas à prevenção situacional do crime, que é explicitamente projetada para reduzir as oportunidades do crime. Conforme Felson e Clarke (1998), quanto mais oportunidades de crime existirem, mais crime haverá. Logo, a redução das oportunidades reduzirá a quantidade geral de crimes. O que alguns autores se propuseram a fazer foi teorizar sobre a necessidade de que certas “oportunidades” devem existir para o que o crime aconteça. No que diz respeito à Teoria das Oportunidades, Felson e Clarke (1998) elencam dez princípios centrais:

1. Oportunidades desempenham um papel na causa de todos os crimes; 2. Oportunidades de crime são altamente específicas; 3. Oportunidades de crime estão concentradas no tempo e no espaço; 4. Oportunidades de crime dependem dos movimentos diários; 5. Um crime produz oportunidades para outro; 6. Alguns produtos oferecem oportunidades de crime mais tentadoras; 7. Mudanças sociais e tecnológicas produzem novas oportunidades de crime; 8. Oportunidades para o crime podem ser reduzidas; 9. A redução das oportunidades geralmente não desloca o crime; 10. Focar na redução das oportunidades pode produzir declínios na prática de crime. (Felson; Clarke, 1998, p. 9)

Para verificar as características que aumentam o risco sobre um alvo, os estudiosos desenvolveram os acrônimos VIVA (Felson; Clarke, 1998) e CRAVED (Clarke, 1999). No acróstico VIVA, quatro são os elementos que influenciam o risco a um alvo: valor, inércia, visibilidade e acesso (Felson; Clarke, 1998). Os agressores buscam alvos que tenham valor para eles, isto é, objetos que podem ser transformados em recompensa financeira. A inércia do objeto se refere ao peso e à possibilidade de ser carregados mais facilmente. A visibilidade diz respeito à vigilância do ambiente que o alvo se encontra. No que diz respeito ao acesso, leva-se em conta a facilidade do ofensor em chegar ao objeto alvo e também a saída (Fortes; Tasca, 2014).

Para Felson e Clarke (1998), as mudanças sociais e tecnológicas produzem novas oportunidades para o crime. Deste modo, os produtos passam por um ciclo de vida composto por quatro etapas: inovação, crescimento, mercado de massa e saturação (Felson; Clarke, 1998). Na fase de inovação, os produtos são

relativamente desconhecidos e apresentam muito menos espaço nos mercados legítimos e ilegítimos. Os níveis de roubo são ditos maiores durante os períodos de crescimento e apelo do mercado de massa. Por saturação se entende que os produtos estão amplamente disponíveis, reduzindo assim a sua atratividade para os ladrões (Thompson, 2017). Levando em consideração a "hibridação" dos telefones celulares, os constantes avanços tecnológicos e a rapidez dos mercados, talvez seja mais apropriado sugerir que determinadas marcas ou modelos de celulares passam por este ciclo completo (Thompson, 2017).

Conforme Clarke (1999), o crime não é distribuído uniformemente em todos os lugares, pessoas ou tempos e, para serem eficazes, as medidas preventivas devem ser direcionadas para onde o crime é mais concentrado. Neste sentido, o autor apresente três conceitos importantes para compreender as características desta concentração: "pontos quentes", "repetição da vitimização" e "produtos quentes". "*Hot spots* (pontos quentes)" diz respeito a um conceito geográfico, refere-se a lugares que possuem uma taxa elevada de relatórios crimes ou apelos à assistência policial. A "repetição da vitimização", por outro lado, concentra-se em pessoas ou lugares que sofrem uma série de crimes em um período relativamente curto de tempo. Já os "produtos quentes" se referem aos itens de consumo que são mais atraentes para os assaltantes e mais prováveis de serem tomados nos roubos (Clarke, 1999). Os principais atributos dos produtos quentes incluem seu valor, tamanho e portabilidade. Por meio do acrônimo CRAVED, elaborado por Clarke (1999), identifica-se seis dimensões que podem tornar um alvo mais atrativo: ocultável (*concealable*), removível (*removable*), disponível (*available*), valioso (*valuable*), atraente (*enjoyable*) e descartável (*disposable*). Assim, esses atributos significam: a) ocultáveis são os bens que podem ser escondidos com mais facilidade; b) removíveis são os itens que podem ser transportados sem grandes dificuldades pelos assaltantes; c) disponibilidade se refere aos produtos que estão mais disponíveis para consumo; d) valioso é o bem que possui valor para os criminosos, principalmente quando objetivo é a venda ou conversão em dinheiro; d) atraentes são os produtos que tendem a ser mais agradáveis de se ter ou de se consumir; e) descartáveis são aqueles que os ladrões têm maior facilidade de venda (Lopes; Santos; Hoffman, 2012; Fortes; Tasca, 2014).

Estudiosos como Clarke e Eck (2012) passaram a identificar também as denominadas instalações de risco, sendo, portanto, outra teoria relativa à

concentração de crimes. Os autores postulam que a teoria das instalações de risco é baseada na regra 80-20, ou seja, “somente uma pequena proporção de um tipo específico de instalações é responsável pela maioria dos crimes e dos problemas de desordem sofrido, ou causados, pelo grupo de instalações semelhantes no seu todo” (Clarke; Eck, 2012, p. 11).

Por exemplo, embora ambas sejam instalações de cuidados de saúde, os consultórios de dentistas, provavelmente, apresentarão diferentes níveis e tipos de criminalidade que as urgências hospitalares. Uma vez que estas distinções são cruciais para o sucesso da análise das instalações de risco, torna-se importante começar por se definir cuidadosamente qual o tipo de instalações que irão ser analisadas; só então se deve proceder ao exame dos tipos e da frequência dos crimes que um tipo particular de instalação está a experienciar. (Clarke; Eck, 2012, p. 10).

Por isso, para os autores, deve-se comparar as instalações de risco com outras instalações do mesmo gênero. As instalações são descritas por eles como locais com funções específicas, públicas ou privadas, como bares, lojas, restaurantes, centros comerciais, hospitais, parques, dentre outros. Tais instalações não estão expostas de maneira igual aos crimes, ainda que sejam do mesmo gênero (Clarke; Eck, 2012).

## **2.2 Os estudos sobre vitimização**

Desde seu surgimento na década dos anos quarenta, a Vitimologia tem realizado avanços que a colocam como um campo significativo e necessário de conhecimento e pesquisa. Esta é concebida como a disciplina que se ocupa do estudo científico das vítimas, sendo de grande utilidade para a compreensão de fenômenos complexos, como o crime e o sofrimento que ele produz (Colorado, 2006). É comum atribuir a Von Henting e Benjamim Mendelsohn o título de fundadores da Vitimologia. Indo na direção contrária à criminologia tradicional, na obra “The criminal and his victim” (1948), Von Henting buscou destacar a figura da vítima. Os trabalhos pioneiros tinham como objetivo estabelecer o papel da vítima na diáde ofensor-vítima e na gênese do delito (Tamarit, 2006; Domínguez, 2010, Almeida, 2011). Os estudiosos começaram a “formular explicações que dessem conta de colocar a vítima no centro do debate ou mesmo entender o crime sem cair no argumento único de ‘motivação individual’” (Azevedo, 2011, p. 26)”. A Vitimologia

emerge, então, como um ramo da criminologia dedicado ao estudo do outro elemento que compõe a díade criminal: a vítima. Os primeiros passos da disciplina foram orientados para o desenvolvimento das tipologias das vítimas e a análise dos fatores relacionados às vítimas que influenciaria a ocorrência do ato criminoso. Posteriormente, a disciplina também acabou lidando com as consequências das agressões causadas por outros, dando ênfase nas repercussões psicológicas e os traumas na vida dessas pessoas (Tamarit, 2006; Domínguez, 2010)

*Con posterioridad a estos estudios iniciales, la Victimología fue ampliando el objeto de sus investigaciones. Del estudio de la pareja criminal que era su idea inicial, pasa a ocuparse de aspectos tales como: actitudes y propensión de los sujetos para convertirse en víctimas del delito, las variables que intervienen en el proceso de victimización, los daños que padecen la víctima y la posterior intervención del sistema legal, las actitudes de la víctima respecto al sistema legal y sus agentes, el comportamiento de la víctima denunciante como agente de control social penal, los programas de prevención del delito, los programas de reparación del daño y asistencia a las víctimas del delito, la autoprotección, la psicología del espectador del delito y miedo al delito, etc. (Colorado, 2006, p. 142)*

A transformação do olhar sobre a vítima como precipitadora do ato criminoso para a compreensão das consequências do evento para a mesma representa um salto significativo no desenvolvimento da disciplina. Se em um primeiro momento a Vitimologia se ocupa das vítimas de atos criminosos, posteriormente, passa a englobar um conceito mais amplo de vítima, abrangendo as vítimas de outros eventos traumáticos de caráter não delituoso (Tamarit, 2006; Domínguez, 2010).

De fato, não há um consenso na literatura acerca da autonomia da disciplina em questão, isto é, para alguns autores, a Vitimologia é uma ciência autônoma da criminologia e para outros não:

*Para Fattah victimología no es una ciencia autónoma, sino que es una parte de la criminología. Para este autor la victimología es la rama de la criminología que se ocupa de la víctima directa del crimen y que designa el conjunto de conocimientos bio-psico-sociológicos y criminológicos concernientes a la víctima. Para Mendelsohn la victimología sí es una ciencia autónoma con objeto, método y fines propios. Se trata de la ciencia que estudia las víctimas y la victimidad. Para Jiménez de Asúa la victimología no sólo no es autónoma, sino que tampoco existe como ciencia. Considera que el asunto no consiste en crear una nueva ciencia sino en que las ciencias existentes colaboren entre ellas y establezcan el papel de la víctima en los delitos. (Alegría, 2011, p. 32)*

De acordo com Colorado (2006), a Vitimologia pretende se diferenciar da criminologia, dando ênfase na dinâmica própria da vítima, da vitimização e da sua prevenção. O autor destaca que esta disciplina busca, então, uma ressignificação do status da vítima levando em conta as relações da mesma com o agressor, o sistema jurídico, a sociedade, os poderes públicos, a ação política, os espectadores (Colorado, 2006). Neste sentido, Tamarit (2006) vai definir a Vitimologia como uma ciência multidisciplinar que se ocupa do conhecimento dos processos de vitimização e desvitimização (reparação), ou seja, propõe-se a analisar: a) a maneira pela qual uma pessoa se torna vítima; b) as diversas dimensões da vitimização (primária, secundária, terciária); c) as estratégias de prevenção e redução; d) o conjunto de respostas sociais, jurídicas e assistenciais que visam a reparação e reintegração social da vítima. Conforme Domínguez (2010), o Instituto de Vitimologia define a vítima como:

[...] qualquer pessoa afetada por um evento traumático, independentemente de sua natureza ou origem. Da mesma forma, uma vítima é aquela que sofre as consequências de uma agressão aguda ou crônica, intencional ou não, física ou psicológica, por parte de outro ser humano (Domínguez, 2010, p. 2).

Com o objetivo de fornecer conhecimento em relação às vítimas, a teoria vitimológica vem se desenvolvendo a partir de três tendências: a vitimologia positiva; a vitimologia radical; a vitimologia crítica (Colorado, 2006). A Vitimologia positiva propõe a identificação dos fatores precipitadores da vítima; enfatiza os aspectos socioculturais que estão presentes na produção das vítimas e visa compreender os motivos pelos quais algumas pessoas são mais propensas a se tornar vítima (Colorado, 2006). A Vitimologia Radical, iniciada com os trabalhos de Mendelsohn, fundamenta-se na concepção de que a sociedade é um cenário de conflito, onde a lei está desenhada para apoiar ou perpetuar a estrutura capitalista (Colorado, 2006). O principal instrumento de controle social é a lei e a justiça criminal, sendo o sistema repressor tanto para o ofensor como para a vítima (Colorado, 2006). A Vitimologia radical foca na vítima, no ofensor, na polícia e nos aparatos de controle social e informal (Colorado, 2006). O crime é reconhecido como um resultado das relações sociais que são afetadas pelos contextos micro e macro, deste modo, só poderia ser resolvido mediante a transformação da ordem social dominante (Colorado, 2006). Já a Vitimologia crítica examina o papel do contexto social da vitimologia, analisando as repostas policiais e o serviço prestado as vítimas de crimes. Tal perspectiva

destaca a agência dos indivíduos, entendendo-o como ator, um agente ativo e não um mero sujeito que se adapta às influências da estrutura social (Colorado, 2006).

Embora o conceito de vitimização não seja único e possa variar a depender o enfoque utilizado, há um consenso no que diz respeito aos três graus de vitimização: primária, secundária e terciária (Colorado, 2006). Os graus de vitimização se referem às consequências produzidas pela ação de um crime (Colorado, 2006). Conforme Colorado (2006), a vitimização primária se relaciona com os efeitos físicos, econômicos e psicossociais derivadas de um delito e que são mantidos ao longo do tempo. A vitimização secundária é originada das relações da vítima com o sistema de justiça, ou seja, é produzida pelo próprio sistema, que vitimiza aqueles que buscam justiça. Em diversas situações, as vítimas sentem que estão perdendo tempo e dinheiro ao passo que enfrentam o longo e tortuoso processo em busca de justiça (Colorado, 2006). Já a vitimização terciária é o resultado das consequências negativas das anteriores e consiste no comportamento que a vítima adota após a vitimização, tentando tirar proveito ou aceitando seu papel como tal (Colorado, 2006). A vitimização terciária às vezes surge como resultado das experiências anteriores e dos processos de estigmatização e rotulação (Alegría, 2011). Esta forma de vitimização é apontada por Domínguez (2010) como o conjunto de custos da penalização sobre quem a suporta pessoalmente ou sobre terceiros.

Segundo Cardia (s/d), a vitimização pode ser ainda direta ou indireta. A vitimização direta se caracteriza pela experiência direta com a violência, isto é, ser vítima de um ato violento, diz respeito ao indivíduo que é diretamente exposto ao evento traumático. Já a vitimização indireta envolve uma experiência indireta com a violência, como presenciar os atos ou quando tais eventos ocorrem com pessoas próximas (Cardia, s/d). As vítimas indiretas podem ter diferentes graus de relacionamento com a vítima direta, elas podem ser familiares, amigos ou vizinhos ou podem estar envolvidos profissionalmente no evento. A vitimização indireta ilustra uma das características fundamentais do trauma, que é sua "contagiosidade" (Domínguez, 2010). As vítimas não são necessariamente o sujeito passivo do ato criminoso, as vítimas também são: as pessoas próximas, os familiares de determinado grupo social, a comunidade (Colorado, 2006). Ambas as formas produzem efeitos negativos sobre os indivíduos. Cardia (s/d) ressalta ainda que a distribuição dos crimes e das vítimas não ocorre de forma aleatória, mas existem

pessoas que têm maior probabilidade de serem alvos repetidas vezes. Desta forma, a vitimização pode apresentar um caráter repetido ou múltiplo. A primeira se refere aos casos em que se é vítima de um mesmo tipo de crime várias vezes. A segunda ocorre quando uma pessoa é vítima de vários tipos de delitos em diferentes ocasiões (Cardia, s/d). Por fim, a vitimização também pode ser entendida do ponto de vista socioestrutural (crimes de ódio), institucional (de uma instituição ou por uma instituição), coletivo (contra grupos ou populações) e abuso de poder (Colorado, 2006).

Por conseguinte, entende-se por vitimização o fenômeno pelo qual uma pessoa ou um grupo se torna uma vítima (Alegría, 2011). Domínguez (2010) considera a vitimização um processo pelo qual o sujeito passa ao enfrentar um evento traumático, seja da ordem do crime ou não, e suas consequências. Baseado num entendimento mais recente da Vitimologia, este autor afirma que o estudo da vitimização, por ser um fenômeno extremamente complexo, precisa considerar os fatores (individuais, sociais e culturais) que condicionam e modulam o modo de viver a experiência referida (Domínguez, 2010).

Tamarit (2006) sintetiza alguns fatores que possuem relevância no entendimento do processo de vitimização nas suas vertentes, são eles: a) características individuais ou traços de personalidade; b) o comportamento da vítima e os fatores relativos ao estilo de vida, tais como exposição a situações de risco; c) características do ofensor, sua relação com a vítima, as motivações para escolher seus alvos; d) oportunidades ou elementos externos a vítima com maior poder de explicação, como a ausência ou escassez de recursos de segurança e o perigo em determinados espaços e tempos; e) fatores sociais, isto é, os riscos derivados da estrutura social, os elementos ambientais, a privação, a estigmatização e marginalização de determinados grupos, que permite identificá-los como possíveis agressores (Tamarit, 2006).

Compreender a forma como as pessoas lidam com o evento da vitimização e quais as consequências dessa experiência no cotidiano das vítimas, sejam elas diretas ou indiretas, é de suma importância, tendo em vista a forma como estes eventos repercutem nos vários âmbitos da vida das pessoas causando danos diversos, seja na saúde física, mental, nos relacionamentos interpessoais e profissionais, dentre outros (Azevedo, 2011).

### 2.3 Vitimização por roubos de rua

Uma série de recursos foram usados para estudar e compreender o roubo de rua como fenômeno social. Em seu trabalho, Walsh (s/d) aponta que alguns estudos discutem o roubo de rua como um "crime jovem", envolvendo desproporcionalmente jovens infratores adultos e vítimas adultas jovens. Outras vertentes sugeriram que o roubo de rua no Reino Unido é mais bem descrito como um crime "profissional", motivado pelo desejo de um ganho financeiro por parte de um agressor e mediado pela tomada de decisão custo / benefício (Walsh, s/d). Alguns estudos observaram ainda que, embora os fins instrumentais fossem a causa mais comum da rua assaltos, de acordo com os infratores, razões não instrumentais também eram comuns (Walsh, s/d). Essas razões incluem aproveitar o "zumbido / excitação" ou exercer poder sobre a vítima, satisfazendo uma raiva interna, obter "status e honra" aos olhos de pares e rivais ou para conseguir justiça informal (Walsh, s/d).

O roubo da pessoa diz respeito ao roubo de um ou mais itens da vítima e envolve o uso ou ameaça de uso da força (Thompson, 2017). Um assalto de rua é definido por Monk, Heinonen e Eck (2010) como um crime com as seguintes características: a) o infrator tem como alvo uma vítima; b) a vítima é um pedestre e um estranho; c) o agressor visa tomar as propriedades da vítima; d) o agressor usa a força ou a ameaça de força contra a vítima; e) o crime ocorre em um lugar público ou semipúblico. Importante dizer que um assalto não precisa envolver uma arma e não é necessário que o ofensor cause ferimento na vítima (Monk; Heinonen; Eck, 2010). A sensação de insegurança nas ruas está amplamente relacionada ao medo de ser vítima de um roubo, sendo este um tipo de crime que ocorre durante o curso das atividades de rotina das pessoas (Monk; Heinonen; Eck, 2010). O roubo pode resultar em dano fatal ou não fatal, como a perda de bens materiais e prejuízos emocionais para as vítimas (Viodres-Inoue, 2012).

Para Walsh (s/d), os roubos de rua são incidentes em que o roubo da propriedade de uma pessoa ocorre, em um lugar público, com a ameaça ou uso real de violência. Conforme já foi dito anteriormente, tornar-se vítima de tais incidentes pode ter impactos e danos maciços sobre um indivíduo. Paralelamente às óbvias implicações práticas e financeiras a serem consideradas, muitas vezes, são

profundas as consequências emocionais e psicológicas (Walsh, s/d). Talvez a preocupação maior daqueles que são alvos de um roubo de rua seja o medo de uma lesão física e a ameaça à vida. Se uma arma, como uma faca, está envolvida, a ameaça é ainda maior (Walsh, s/d).

Visando entender o roubo de bens eletrônicos portáteis, o estudo da Rebecca Thompson (2017) examinou os bens roubados durante assaltos na Inglaterra e País de Gales ao longo de quase duas décadas. Os resultados desta pesquisa mostram mudanças consideráveis nos bens roubados, isto é, itens mais tradicionais, como dinheiro, bolsas e carteiras foram sendo substituídos por itens eletrônicos portáteis, como telefones celulares (Thompson, 2017). A hipótese deste estudo é que o aumento dos roubos está relacionado à maior disponibilidade de novos bens valiosos (particularmente telefones celulares) que são atraentes para os ladrões e para as pessoas em geral (Thompson, 2017). Conforme a autora, explorar os atributos de produtos frequentemente roubados pode fornecer uma visão dos ladrões, em particular seus motivos, habilidades e métodos de ação. Esta informação pode ajudar na elaboração de políticas de prevenção do crime (Thompson, 2017).

De acordo com Monk, Heinonen e Eck (2010), diferentes tipos de rotinas podem influenciar nos padrões de roubo, isto é, rotinas variadas podem produzir diferentes padrões de roubo realizados ao longo da semana ou em feriados (Monk; Heinonen; Eck, 2010). Deste modo, compreender as rotinas é fundamental para a compreensão dos padrões de roubo. Conforme Monk, Heinonen, Eck (2010), uma abordagem útil é dividir o processo de roubo em quatro blocos de tempo: a) eventos que ocorrem muito antes do roubo; b) eventos que ocorrem pouco antes do roubo; c) eventos que ocorrem durante o roubo; e d) eventos que ocorrem depois do roubo. Após o roubo, por exemplo, os ofensores precisam escapar e dispor de bens roubados. Já as vítimas precisam agir para lidar com o roubo, como relatar o crime e atender aos ferimentos (Monk; Heinonen; Eck, 2010).

## **2.4 Interações entre vítimas e ofensores**

Em seus estudos, Goffman (2002) parte da perspectiva da representação teatral para compreender o comportamento humano. O autor considera o caráter dramático das interações, isto é, a maneira pela qual o indivíduo apresenta, em

situações do dia a dia, a si mesmo às outras pessoas, os meios pelos quais ele dirige e regula a impressão que formam sobre ele. Dentro desta perspectiva teórica, o palco seria o local onde ocorrem as simulações, ou seja, um ator representa um personagem para personagens representados por outros atores. Neste sentido, a plateia constitui mais um elemento da representação. A interação seria definida por Goffman como “a influência recíproca dos indivíduos sobre a ação uns dos outros, quando em presença física” (Goffman, 2002, p. 24).

[...] no palco um ator se apresenta sob a máscara de um personagem para personagens projetados por outros atores. [...] o papel que um indivíduo desempenha é talhado de acordo com os papéis desempenhados pelos outros presentes, e ainda, esses outros também constituem a plateia (Goffman, 2002, p. 9).

Os indivíduos partem de informações sobre os outros para definir a situação, isto é, “tornando os outros capazes de conhecer antecipadamente o que ele esperará deles e o que deles podem esperar” (Goffman, 2002, p. 11). Informados, eles saberão a melhor maneira de agir diante de outros para se obter uma resposta desejada. Se o indivíduo for desconhecido, os observadores podem obter indicações a partir de experiências anteriores ao analisar a conduta e a aparência do outro (Goffman, 2002). Portanto, a forma como as pessoas interagem em uma situação de roubo também pode ser influenciada por experiências anteriores, processos de socialização, aprendizagem social e interpretações da situação (Azevedo, 2011; Walsh, s/d).

Conforme Goffman (2002), o indivíduo visa regular a conduta dos outros, principalmente a maneira como o tratam. Tal controle seria realizado a partir da influência sobre a definição da situação que os outros podem formular. Quando em presença de outros, os indivíduos atuam de forma a transmitir para outros atores a impressão que lhe interessam transmitir (Goffman, 2002). Em um episódio de roubo de rua, por mais que a ação da vítima pareça passiva, ela buscará agir tomando como base a definição de situação proposta pelo agressor (Azevedo, 2011). De acordo com Goffman (2002, p. 18):

[...] quando permitimos que o indivíduo projete uma definição de situação no momento em que aparece diante dos outros, devemos ver também que os outros, mesmo que o seu papel pareça passivo, projetarão de maneira efetiva uma definição da situação, em virtude da resposta dada ao indivíduo e quaisquer linhas de ação que inaugurem com relação a ele”.

Walsh (s/d) destaca que, para entender melhor os padrões de ação que se desenvolvem durante um assalto, avaliar os elementos da interação social é um bom caminho. Em incidentes como as atividades criminosas ou interações violentas, a sequência em que os comportamentos são realizados pode ter grandes ramificações nos resultados (por exemplo, a aquisição bem-sucedida de uma propriedade em um roubo de rua); compreender a ordem temporal e a conexão entre os eventos comportamentais podem ser uma ferramenta fundamental na compreensão do tema (Walsh, s/d).

Os estudos interacionistas analisam o roubo como uma interação forçada que envolve a participação e a contribuição mútua de assaltantes e vítimas (Paes-Machado; Viodres-Inoue, 2015). A partir desta perspectiva, Luckenbill (1981) analisa o roubo como constituído por quatro estágios: o estabelecimento da co-presença; a coorientação e o enquadramento comum do roubo; a transferência de bens e a fuga do ofensor. Inicialmente e após selecionar a vítima, o criminoso a aborda buscando evitar reações incontrolláveis por parte do alvo. O perpetrador pode usar como estratégias: esconderijos, representação de comportamentos dentro da normalidade e punições imediatas. O enquadramento do roubo depende da participação mútua tanto da vítima quanto do ofensor. O ofensor busca que a vítima aja em conformidade, apesar do conflito de interesses, por meio da punição ou ameaça de punição (Luckenbill, 1981). Desta forma, “os envolvidos, reorientam suas interações, transformando seu encontro e suas respectivas condutas em uma definição comum de situação” (Azevedo, 2011, p. 30). Embora a coorientação geralmente seja estudada em situações de cooperação, ela também aparece em situações de conflito ou interações coercitivas (Luckenbill, 1981). A terceira etapa se direciona à transferência dos bens da vítima para o ofensor e pode ocorrer de duas formas: o infrator deseja bens específicos, deixando outros intocados; o ofensor toma qualquer objeto de valor encontrado. Na quarta e última etapa, o agressor se retira do local. O afastamento do cenário pode envolver estratégias, como: plano de fuga rápido; alterações na aparência física; contenção dos alvos por meio de ameaças para evitar que sejam seguidos (Luckenbill, 1981). O autor destaca ainda algumas condições para a cooperação voluntária da vítima em uma situação de roubo: a comunicação efetiva, havendo o risco de a transação falhar caso isto não se estabeleça; a

percepção da vítima que o enquadramento é convincente; e a habilidade do ofensor em aparentar capacidade punitiva (Azevedo, 2011).

O estudiosos interacionistas enfatizaram as habilidades necessárias para a viabilização de tais interações coercitivas, a exemplo de Luckenbill (1981) (Paes-Machado; Viodres, 2015). Outras vertentes desenvolveram análises acerca da manipulação do medo (Jacobs, 2013) e da gestão de cenas e circunstâncias (Copes et al, 2012). Para Jacobs (2013), o medo, identificado como um traço adaptativo, é um sentimento a partir do qual as pessoas recorrem para responder a uma ameaça percebida ou uma situação de perigo, sendo uma emoção exclusivamente antecipatória. (Jacobs, 2013). Nos roubos, os assaltantes manipulam o medo dos alvos e procuram transmitir a ideia de que a morte é um desfecho possível, mas que pode ser evitado, caso a vítima colabore. (Jacobs, 2013). Jacobs (2013) identifica o roubo como um processo coercitivo e transacional, isto é, para que transferência dos bens seja realizada com sucesso é necessária a cooperação da vítima. O encontro coercitivo é repleto de ambiguidades e perigos, uma vez que nenhuma das partes envolvidas tem certeza de como a outra reagirá. Desta forma, cada interpretação, movimento ou reação pode ter sérias implicações. A comunicação durante tais encontros é mediada pelo medo e coerção (Jacobs, 2013). Os ofensores também enfrentam a possibilidade de serem incapazes de gerenciar seus alvos, o que pode resultar em desfechos negativos (Jacobs, 2013). Provocar ou manipular o medo é uma forma de tentar reduzir a resistência e diminuir a necessidade de emprego da violência física. A ligação entre o medo e a cooperação dos alvos nas interações coercitivas é direta (Jacobs, 2013).

Os assaltantes trabalham com técnicas para “trabalhar com a mente” das vítimas (Caminhas; Beato, 2020). Os ladrões nem sempre irão agredir fisicamente, mas precisam criar a ideia de que a morte é uma possibilidade, garantindo a cooperação das vítimas (Caminhas; Beato, 2020). Paes-Machado e Viodres-Inoue (2015) destacam como os níveis de agressividade podem se intensificar de acordo com a aceitação e resistência das vítimas nas diversas etapas dos roubos (Paes-Machado; Viodres-Inoue, 2015). Através da manipulação do medo, os ofensores garantem a colaboração da maioria das vítimas, entretanto, algumas perdem o controle, demoram de entregar os bens ou resistem e, por isso, acabam sendo punidas (Paes-Machado; Viodres-Inoue, 2015). Já a gestão da cena e das circunstâncias está relacionada da aprendizagem e atualização de estratégias

para evitar ou reduzir o emprego de formas de resistência por parte dos alvos nos diversos estágios do roubo (Copes *et al.*, 2012). Os encontros forçados possuem um caráter incerto e cercado de riscos para todos os atores envolvidos, isto é, vítimas e criminosos. Deste modo, os infratores desenvolvem esquemas estratégicos para manter o controle da situação, reduzir os riscos e fazer com que as vítimas cooperem, garantindo o sucesso do roubo (Copes *et al.*, 2012).

O roubo também pode ser visto como uma performance que inclui técnicas e improvisos (Prado, 2020).

Assim, me valendo da expressão de Dawsey (2005), creio que o roubo se transforma em um teatro dentro do teatro da vida cotidiana, isto é, em um “metateatro cotidiano”. Isso porque são atores reais — no teatro da vida cotidiana — representando papéis de personagens reais do imaginário social (o bandido), mas que, em função da sujeição criminal, passam, de alguma maneira, a integrar a identidade social do próprio ator. (Prado, 2020, p. 687)

Nas palavras de Prado (2020, p. 686), o roubo “se apresenta como uma performance criativa, mas ao mesmo tempo ritualizada e situacionalmente desempenhada, a fim de manter uma ordem que não frustrasse as expectativas sociais já depositadas sobre o sujeito que o executa”.

O estudo de Amy Walsh, supervisionado por David Clarke, teve como objetivo avaliar os roteiros comportamentais e *scripts* do roubo de rua. Especificamente, este estudo fez comparações entre *scripts* para incidentes em que uma faca é usada para infligir lesões e incidentes em que não são. O estudo foi realizado a partir da aplicação de questionários com alunos de graduação da Universidade de Nottingham, a maioria era da Escola de Psicologia (Walsh, s/d). Walsh observou que os infratores estavam mais propensos a aumentar a violência quando as vítimas não eram conformes ou quando os primeiros temiam não poder controlar a situação, em vez disso, as armas seriam usadas como uma ameaça para obter conformidade em primeira instância. Assim, a escalada à violência não é necessariamente o principal objetivo de um roubo de rua, mas é um método que pode ser usado. No entanto, como uma vítima pode nunca estar realmente certa das intenções de seu agressor, a possibilidade de ser confrontada com uma faca é uma preocupação significativa (Walsh, s/d). Por essa via, os estudiosos apontam que a probabilidade de uma vítima reagir a um roubo com uso de arma é menor:

A arma de fogo representaria essas “disposições e meios” para concretização da ameaça. Ela tenderia a produzir uma sensação de ausência de controle do próprio destino, em que a morte é iminente. Ao passo que a arma de fogo pode garantir menor probabilidade de violência física aplicada a uma pessoa, a violência psicológica decorrente de sua utilização pode ser de extrema gravidade (Azevedo, 2011, p. 24).

Conforme Monk, Heinonen e Eck (2010), os roubos de rua ocorrem quando os infratores motivados encontram vítimas adequadas em um ambiente que facilita o roubo. Embora alguns estudos considerem o roubo de rua como sendo um crime de oportunidade que envolve pouco ou nenhum planejamento, os autores apontam que os ladrões de rua se envolvem em processos de tomada de decisão. Para implementar as intervenções mais adequadas nos locais e horários mais apropriados, os transgressores identificam os fatores que afetam seus processos de tomada de decisão (Monk; Heinonen; Eck, 2010). Desta forma, os autores destacam que os ladrões de rua utilizam quatro principais métodos de ataque. No primeiro, o criminoso exige as propriedades no momento do contato com a vítima. O agressor geralmente vai usar comandos verbais para ganhar a conformidade (“Dê-me seu dinheiro”). A violência física pode ser utilizada se a vítima não coopera. No segundo, o agressor usa a violência primeiro para ganhar o controle sobre a vítima (ou seja, estabelece “quem está no comando”). No terceiro, o agressor usa de uma distração para pegar a vítima desprevenida. Por exemplo, um criminoso pode pedir informação. Uma distração legítima permite que o ladrão entre em contato com a vítima, sem causar alarme. Por último, pode ocorrer também os furtos. Essa tática se desenrola muito rapidamente e nenhuma comunicação verbal é feita entre o agressor e a vítima antes do roubo. O infrator normalmente agarra propriedade visível (por exemplo, bolsas e telefones celulares) e, em seguida, escapa (Monk; Heinonen; Eck, 2010). Os autores destacam que os infratores podem escolher quais táticas funcionam e em quais situações com base na experiência anterior. Então, o que pode aparecer como um ato impulsivo, na verdade, envolve um plano desenvolvido a partir de experiências anteriores. As circunstâncias imediatas também podem afetar o planejamento. Por exemplo, um ladrão de rua pode planejar a seleção de alvos com base na disponibilidade de armas e cúmplices. A ideia é que os agressores usam um planejamento básico para superar alguns dos desafios situacionais de roubo de rua (Monk; Heinonen; Eck, 2010).

## 2.5 Risco e gestão do risco

Parte-se do entendimento que os atores não são recipientes passivos, mas gerenciam ativamente o “crime” por meio de diversas estratégias de proteção (SANDERS, 2005). Conforme Sanders (2005), a perspectiva construcionista social insere o agente racional no centro do gerenciamento de riscos, levando em consideração às restrições sociais do ambiente em que as ameaças prevalecem. Deste modo, a tomada de decisão dos atores envolve assumir ou evitar os riscos, ou seja, estes se engajam em práticas que demonstram agência e estratégias de controles dos riscos (Sanders, 2005). Wallman (2001), por exemplo, diferencia o risco como escolha pessoal (“assumido”) e o risco como um perigo imposto. Nos termos deste, “a realidade do gerenciamento de riscos é tal que cada estratégia é comprometida pelos custos de oportunidade, por outras prioridades e perigos e pelas ações e propósitos de outras pessoas” (Wallman, 2001, p. 77). Alguns indivíduos estão mais propensos a correr riscos, enquanto outros buscam evitá-los a todo custo a partir de precauções e estratégias de proteção para reduzir a chance de vitimizações (Sanders, 2005).

Inúmeras habilidades, técnicas e táticas são desenvolvidas entre os indivíduos para reduzir os perigos, ameaças e evitar situações arriscadas (Sanders, 2005). As defesas ou respostas aos riscos podem ser desenvolvidas a nível individual e grupal. A partir do seu estudo sobre profissionais do sexo, a autora destaca as estratégias de gerenciamento de risco a partir de três dimensões: precaução, discussão e proteção corretiva (Sanders, 2005). Sanders (2005) considera que as reações e respostas geradas por um indivíduo frente às ameaças se combinam com o ambiente social, econômico e cultural, ou seja, o risco depende da avaliação individual, bem como da estrutura e do contexto social.

A noção de segurança quotidiana proposta por Crawford e Hutchinson (2016) engloba a forma como os procedimentos de segurança são experienciados ou vivenciados por diferentes grupos e indivíduos, levando em conta as práticas empregadas por eles para governarem sua própria segurança. Tais práticas quotidianas vão além dos processos formais e oficiais, pois abrangem também os

projetos de segurança implementados por agentes privados e não estatais e revelam o papel central da sociedade civil e dos cidadãos nos processos de segurança. Além da ênfase nas relações entre as pessoas e grupos, o foco da segurança leva em consideração a influência das experiências vividas pelos atores nas práticas adotada por eles (Crawford,Hutchinson,2016). É através das práticas quotidianas de segurança que os cidadãos comuns organizam e promovem segurança para si e para outros. Portanto, observa-se uma produção de segurança “de baixo para cima” que inclui rotinas, práticas e rituais implementados pelas pessoas como sendo sua segurança (Crawford,Hutchinson,2016).

Na sua análise das práticas e redes nodulares, Paes-Machado e Nascimento (2014) apontam que os taxistas possuem uma concepção dinâmica do espaço e do gerenciamento de risco. Nessa linha, estes trabalhadores precisam pensar de um modo antecipatório para gerenciar e prevenir os riscos através de práticas individuais e coletivas de segurança: a seleção de espaços seguros, a triagem e filtragem de passageiros, a mobilização para apoiar colegas e oposição individual aos assaltantes (Paes-Machado; Nascimento, 2014). O gerenciamento dos riscos, entretanto, não depende exclusivamente das decisões dos atores, podendo ser comprometido pela necessidade de recursos financeiros e a sobrevivência na própria ocupação (Paes-Machado; Nascimento, 2014).

### 3 MÉTODOS E PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

#### 3.1 Metodologia qualitativa

A presente investigação está alicerçada em uma metodologia qualitativa e tem como objetivo compreender as respostas e reações das vítimas de roubo de celulares em Salvador, Bahia, bem como as características das interações que influenciam a intensificação da violência contra as mesmas. Embora também sejam comuns os roubos praticados em locais como estabelecimentos comerciais, bares, restaurantes e até escolas, este estudo focalizou os roubos efetuados nas ruas (*street robberies*). Conquanto a extorsão mediante roubo também tenha crescido drasticamente nos centros urbanos brasileiros, a presente pesquisa priorizou o roubo ou as características das interações coercitivas representadas por ele. O estudo adota como estratégia de coleta de dados as seguintes técnicas: entrevistas semiestruturadas e análise documental de matérias jornalísticas relacionadas ao tema. Nesta seção, pretende-se apresentar os percursos metodológicos da pesquisa, abordando as estratégias de coleta e análise dos dados, além das considerações e descrições do trabalho de campo e dos interlocutores.

A entrevista de natureza qualitativa foi a principal ferramenta utilizada na geração de dados desta pesquisa. Tais entrevistas visam a compreensão de acontecimentos sociais e de experiências pessoais tendo em vista a perspectiva dos próprios atores (Jovchelovitch; Bauer, 2004).

A entrevista qualitativa, pois, fornece os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação. O objetivo é a compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos. (Gaskell, 2008, p. 65)

Bauer, Gaskell e Allum (2008) destacam que a pesquisa com enfoque qualitativo se interessa na maneira como os atores pensam suas ações e as dos outros. Ou seja, “a pesquisa social, portanto, apoia-se em dados sociais – dados sobre o mundo social – que são o resultado, e são construídos nos processos de

comunicação (Bauer; Gaskell; Allum, 2008, p. 20).” Os passos da entrevista semiestruturada incluíram: a) a elaboração do roteiro; b) seleção dos participantes; d) realização das entrevistas ; e) transcrição; f) análise do corpus de texto (Gaskell, 2008).

### **3.2 Estratégias de coleta de dados**

No que diz respeito às entrevistas qualitativas, o estudo partiu das semiestruturadas, ou seja, tomou-se como ponto de partida um roteiro de perguntas, relativamente abertas, que funcionou como um guia. Esse não precisa ser seguido de forma rígida, podendo acontecer alterações e adaptações no decorrer da entrevista (Quivy; Campenhoudt, 2005). No desenrolar da realização das entrevistas semiestruturadas pode ocorrer a incorporação de questões não planejadas inicialmente. Conforme Gaskell (2004, p. 65):

O emprego da entrevista qualitativa para mapear e compreender o mundo da vida dos respondentes é o ponto de entrada para o cientista social que introduz, então, esquemas interpretativos para compreender as narrativas dos atores em termos mais conceituais e abstratos, muitas vezes, em relação a outras observações. A entrevista qualitativa, pois, fornece os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação. O objetivo é uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos.

O roteiro de entrevista é parte fundamental do processo de pesquisa e sua elaboração requer várias tentativas e testes, ou seja, ele deve ser utilizado com certa flexibilidade (Gaskell,2008). Ao passo que o roteiro inicial ou exploratório passou a ser testado e aplicado com os participantes na primeira etapa (Etapa A) desta pesquisa foi possível verificar até onde ele estava dando conta dos objetivos do estudo e as questões que precisavam ser incluídas, retiradas ou reescritas, visando também a elaboração de questões objetivas e de fácil entendimento. Deste modo, a construção do instrumento envolveu a união da revisão da literatura especializada, o reconhecimento inicial do campo, as entrevistas exploratórias e discussões (Gaskell,2008).

O roteiro de entrevistas iniciais ou exploratórias (Etapa A) buscou dar conta dos seguintes eixos temáticos: a) perfil sociodemográfico das vítimas; b) contexto socioespacial dos roubos; c) abordagem e postura dos ofensores; d) reações e

respostas das vítimas; e) danos e providências após o roubo; f) práticas de segurança. Já o roteiro de entrevista final (Etapa B) estrutura as perguntas a partir dos seguintes blocos temáticos: a) perfil sociodemográfico das vítimas; b) contexto socioespacial dos roubos; c) abordagem dos assaltantes; d) tipos e formas de vitimização; e) reações e respostas das vítimas; f) reações dos acompanhantes ou transeuntes; g) providências após o roubo e recuperação do bem; h) danos e transtornos; i) mudanças na rotina e práticas de segurança; j) relação da vítima com o objeto; l) padrão de utilização do celular no período pandêmico. O instrumento visou compreender o processo da vitimização partindo dos eventos que ocorrem antes, durante e depois do roubo (Monk; Heinonen; Eck, 2010). Além de contar com outros blocos temáticos quando comparado ao inicial, o instrumento final (Etapa B) conta com questões mais detalhadas que visam dar conta, dentre outros aspectos, do gradiente de uso e intensificação da violência durante as interações coercitivas.

A segunda estratégia de coleta dados consistiu no levantamento e análise de matérias jornalísticas sobre a temática, incluindo reportagens escritas e televisas. As fontes das reportagens incluem, em grande parte, jornais de grande circulação da capital baiana tais como: Jornal A TARDE e Correio da Bahia. Além de sites como IBahia, G1 Bahia e matérias televisivas exibidas em jornais locais, como Jornal da Manhã, Bahia Meio-Dia e BA TV, da emissora TV Bahia, do ano de 2018 em diante. Destaca-se que a escolha das matérias televisivas exibidas nos jornais da emissora citada são disponibilizados no site do veículo midiático, o que facilitou a seleção dos vídeos. Algumas matérias pontuais sobre a temática também foram selecionadas em outros veículos de comunicação nacionais como BBC, Correio Braziliense, Folha de São Paulo, InfoMoney, UOL e SBT News. Portanto, selecionou-se cerca de 65 reportagens, formando um arquivo com 106 páginas. Essa análise documental midiática buscou dar conta de compreender também as características do mercado ilícito de roubo de celulares. Pretende-se “maximizar a quantidade de informações incorporadas ao desenho de pesquisa, favorecendo o seu aprimoramento e elevando a qualidade das conclusões do trabalho” (Paranhos *et al.*, 2016, p. 390).

A título de esclarecimento, informa-se que, com o objetivo de compreender e complementar os dados acerca da intensificação da violência dos assaltantes contra as vítimas e a ocorrência de desfechos trágicos, foram selecionadas algumas matérias jornalísticas divulgadas entre 2020 e 2022, que tratam de homicídios seguidos de roubo de celular em Salvador, Bahia, e um espancamento não

resultante em óbito. Buscou-se a seleção de casos com maior riqueza de detalhes ou que continham imagens ou vídeos de câmeras de segurança. Os casos serão apresentados no decorrer dos capítulos e de acordo com as quatro situações identificadas.

### **3. 3 A seleção dos interlocutores**

No total, foram realizadas 93 entrevistas semiestruturadas com vítimas de roubo de celulares em Salvador, Bahia. A realização das entrevistas se deu mediante três etapas, que serão descritas a seguir. Os áudios tiveram duração média de 15 a 25 minutos cada um, totalizando cerca de 240 laudas de transcrição.

#### **3.3.1 Etapa A**

Na primeira etapa (Etapa A), que correspondeu ao período antes da qualificação e ocorreu entre os anos de 2018 e 2020, foram feitas 35 entrevistas exploratórias. A escolha dos interlocutores se deu a partir: a) do círculo de amizade da pesquisadora; b) da técnica “bola de neve”, isto é, primeiramente foram selecionados interlocutores que a pesquisadora já possuía contato e tais pessoas foram sugerindo outros novos participantes; c) a inserção em uma escola estadual e realização de entrevistas com estudantes maiores de 18 anos; d) aproximações diretas em um shopping de classe média alta da cidade. A diversidade dos espaços teve como objetivo lograr uma visão mais ampla e diferenciada de indivíduos e grupos, assim como aperfeiçoar o roteiro de entrevista. Conforme Domínguez (2010, p. 3), *“el estudio de la vitimización, en tanto que fenómeno complejo, obliga a considerar los factores (individuales, sociales, culturales) que condicionan o modulan el modo de vivir la experiencia referida”*.

Nesta etapa, inicialmente, as entrevistas foram sendo feitas com pessoas do círculo de convivência da pesquisadora e mediante indicações de interlocutoras que já haviam sido entrevistadas. As entrevistas foram realizadas, em sua grande maioria, com mulheres de classe média. Posteriormente, buscou-se selecionar interlocutores com outro perfil sociodemográfico e o trabalho de campo foi iniciado em uma escola estadual localizada no bairro de São Cristóvão, em Salvador, Bahia. A inserção na escola foi mediada por um contato chave, isto é, por um colega da

pesquisadora que lecionava na instituição. A realização do estudo neste espaço foi autorizada após reunião com a diretora da escola, onde o projeto foi apresentado, e a assinatura de documentos formais, como a solicitação de autorização e termo de consentimento direcionado aos interlocutores. As entrevistas foram feitas com jovens, com idades igual ou superior a 18 anos, moradores de bairros periféricos da cidade. Outras entrevistas exploratórias adicionais também foram feitas no Shopping Salvador, localizado na Tancredo Neves. A seleção dos participantes incluiu a apresentação do estudo e o interesse em participar da pesquisa, caso a pessoa já tivesse sido vítima de roubo de celular. Não se tratou de entrevistas extensas e, nesta última fase, os relatos foram sendo anotados pela pesquisadora. Vale destacar que as conversas informais que ocorreram durante as idas à campo também foram sendo registradas.

Percorrer esses caminhos foi fundamental para a construção do projeto e o desenvolvimento do estudo, tendo em vista que, além dos dados obtidos, tais entrevistas permitiram testar e aperfeiçoar o instrumento de pesquisa, bem como chamou atenção para a necessidade de buscar novos interlocutores levando em conta o grau de exposição nos transportes públicos. A comparação entre o bloco de entrevistas com vítimas de classe média e o dos estudantes, por exemplo, já sinalizava para algumas diferenças no processo e na experiência da vitimização, principalmente no que diz respeito às consequências dos danos materiais ou financeiros. Os relatos obtidos nesta fase também contribuíram de forma significativa para a compreensão do aparelho celular como “produto quente” (Clarke, 1999) ou alvo central nos roubos de rua; das abordagens dos assaltantes e a utilização de armas de fogo; das interações coercitivas entre vítimas e agressores; das reações das vítimas; dos danos e providências após o roubo e das práticas de segurança utilizadas pelas vítimas.

### 3.3.2 Etapa B

Na segunda etapa (Etapa B), que ocorreu entre os anos de 2021 e 2022, duas alterações importantes foram realizadas. Primeiramente, priorizou-se as entrevistas com pessoas que estão constantemente expostas aos roubos, principalmente em transportes públicos, além da análise da relação das vítimas com o objeto (o aparelho celular) e as possíveis modificações da mesma no período pandêmico.

Nesta segunda etapa, foram realizadas 48 novas entrevistas semiestruturadas com vítimas de roubos de celulares em Salvador, Bahia. Tais entrevistas são centrais na análise das situações de interações entre vítimas e assaltantes. A realização destas contou com o auxílio de um assistente de pesquisa habituado a realizar coleta de dados para outros estudos na área.

A coleta de dados foi realizada em dois shoppings de grande circulação de Salvador, conhecidos por serem populares e com localizações estratégicas: Shopping da Bahia e Shopping Center Lapa. Fundado em 1996, o Shopping Center Lapa fica localizado na Rua Portão da Piedade e atende, principalmente, as necessidades da população do centro da cidade. Está dividido em 03 pisos, contendo 01 cinema, 01 praça de alimentação, estacionamento coberto e 171 lojas. Estima-se que o número de frequentadores por dia seja de 50 mil pessoas por dia. O Center Lapa é um dos Shopping mais populosos e frequentado da capital baiana, isso graça a sua localização e, por estar ligado ao Shopping Piedade, a estação do CCR Metrô e a estação de ônibus da Lapa, uma das principais de Salvador. Já o Shopping da Bahia (Antigo Iguatemi), inaugurado em 1975, está localizado no Caminho das Árvores. Estima-se que o espaço recebe mais de 3,5 milhões de pessoas mensalmente. O Shopping é rodeado por escritórios e consultórios médicos, está próximo do Terminal Rodoviário da cidade e de duas estações de metrô, sendo uma delas interligadas com o shopping. Possui 421 lojas, 2 praças de alimentação com 7 restaurantes e 1 cinema com 12 salas.

A realização das entrevistas foi dividida entre os shoppings citados e feitas em horários e dias distintos e por meio da abordagem de pessoas nos espaços selecionados, principalmente nas praças de alimentação. Diversas estratégias precisaram ser pensadas, o que incluiu os horários e locais de abordagem, tendo em vista os períodos de pico e o fato de muitas pessoas estarem apressadas.

A maior dificuldade foi encontrar pessoas disponíveis para conversar. Acredito que, parte do obstáculo estava relacionado ao fato de abordar as pessoas que estavam circulando pelo Shopping e pelo horário escolhido, das 16h às 19h, final de tarde e início da noite. Esse horário é considerado de pico no transporte público, pois é o momento que a maioria dos trabalhadores e das pessoas no geral estão retornando para suas casas. Aqueles que frequentam as dependências do Shopping nesse horário, geralmente estão resolvendo pendências, fazendo um lanche ou realizando compras rápidas, gozam de pouco tempo e disponibilidade para responder questionamentos. Foram essas pessoas que criaram as maiores dificuldades ou foram ríspidas no momento das abordagens. Para superar esse obstáculo, a estratégia adotada foi mudar o horário e abordar apenas as pessoas que estiverem

sentadas na praça de alimentação. Adotei a estratégia de comprar um lanche e se sentar na praça de alimentação, e observar o movimento, tentando fazer uma leitura do espaço e dos frequentadores, aqueles que sentia ser mais receptivo, me aproximava e tentava manter um diálogo relacionado ao tema da pesquisa. (Anotações de campo, 07/12/2021)

O momento de seleção dos interlocutores incluiu a apresentação e explicação sobre o projeto de pesquisa; a confirmação se o participante já havia sido vítima de roubo de celular dentro do período de 24 meses e o interesse em participar da pesquisa, seguido do pedido para gravar a entrevista. O trabalho de campo foi extremamente rico, não somente pelas entrevistas realizadas, mas pelo contato com as pessoas e a riqueza de suas conversas. Isto é, mesmo aquelas que não se enquadravam no perfil exigido para as entrevistas, como as que não foram vítimas diretas ou não haviam tido os celulares roubados, enriqueceram o campo com relatos de pessoas próximas ou conhecidas ou por presenciarem situações de roubos de aparelhos móveis.

Dentre as situações em que não foi possível realizar a entrevista, destaca-se: a pessoa não passou pela experiência de roubo ou foi furtada; episódios que aconteceram há muito tempo; falta de tempo para conceder a entrevista (Um rapaz até tinha sido roubado, mas disse que não poderia falar, pois iria apenas terminar de fumar o cigarro e ir para o trabalho). Ainda assim, surgiram outros relatos. Uma moça que havia sido roubada há alguns anos fez questão de contar o episódio, pois ela disse que era engraçado. Outro senhor disse que não havia sido roubado, mas contou sobre os dois assaltos da filha, ambos com roubo de celular e no transporte coletivo. Ele disse que estava menos exposto por não andar muito de ônibus, ao contrário da filha. Outra senhora contou um episódio em que a vítima tomou um tapa no rosto por ter entregado um celular com a tela trincada. (Anotações de campo, 19/10/2021)

Em resumo, a diversidade dos espaços em que vem sendo realizada a pesquisa teve como objetivo selecionar participantes levando em conta o gênero, as classes sociais e as faixas etárias, uma vez que tais fatores podem influenciar no processo de vitimização. A seleção de interlocutores em shoppings populares da cidade, característica da etapa B da pesquisa, evidenciou a exposição de pessoas com menor poder aquisitivo e usuários de transportes públicos também. A exposição não resume ao interior dos coletivos, mas também nos pontos de ônibus e trajetos, como será discutido no decorrer dos capítulos.

Por fim, realizou-se mais 10 entrevistas, no ano de 2023, visando complementar dados acerca das práticas de segurança e do uso de tecnologias de segurança próprias do aparelho. Tratou-se de entrevistas curtas, realizadas em

residências e através de conversas *online* com interlocutores já conhecidos da pesquisadora. As conversas tiveram como foco os procedimentos de gerenciamento de risco adotados no cotidiano para prevenir os roubos de celulares.

### **3.4 Caracterização das vítimas**

#### **3.4.1 Etapa A**

Na primeira etapa (Etapa A) foram realizadas 35 entrevistas com vítima de roubo de celulares em Salvador, Bahia. Do total, 21 foram mulheres e 14 vítimas foram homens, com idades entre 18 e 64 anos. A maioria se encaixava na faixa etária de 18 a 29 anos. No que diz respeito ao grau de escolaridade, uma vítima informou ter o ensino fundamental, nove estavam com o ensino médio em andamento, cinco disseram ter o ensino médio completo, cinco possuíam o ensino superior incompleto, 14 afirmaram ter o ensino superior completo e em uma entrevista a informação não foi identificada. Com relação ao critério de cor e raça, uma vítima se declarou indígena, sete afirmaram ser brancas, 12 se declararam pretas, 13 pardas e duas não informaram. Apareceram as seguintes ocupações: estudante (8); psicóloga (3); técnica em enfermagem (3); professoras (2); jornalista; autônoma; aposentada; assalariada; bióloga; babá; empregada doméstica; dona de casa; ambulante; administrador de *lan house*; administrador; funcionário da Bobs; cabeleireira; vendedor de shopping; analista de sistema; analista; auxiliar de produção; desempregada. Duas interlocutoras informaram residir na Pituba, duas no Vale dos Lagos, duas na Federação, três no Rio Vermelho, duas no Itaipara, duas no Imbui, quatro no Stiep, cinco em São Cristóvão. As demais citaram as seguintes localidades: Suburbana, Vila Laura, Doron, Cajazeiras, Periperi, Costa Azul, Cidade Baixa, Bosque da Bromélias, Jardim das Margaridas, Fazenda Coutos, Vilas de Abrantes, IAPI, Brotas.

Gráfico 1: Gênero das vítimas (Etapa A)

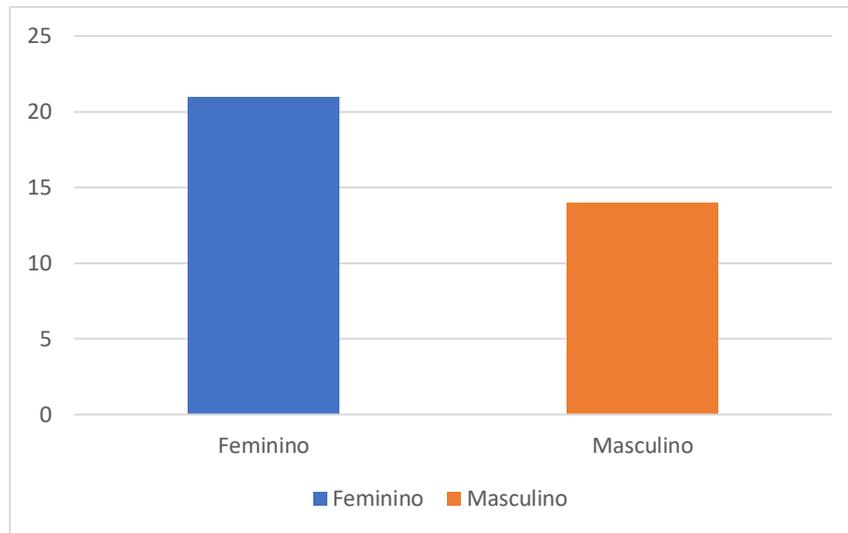


Gráfico 2: Cor ou raça informadas pelas vítimas (Etapa A)

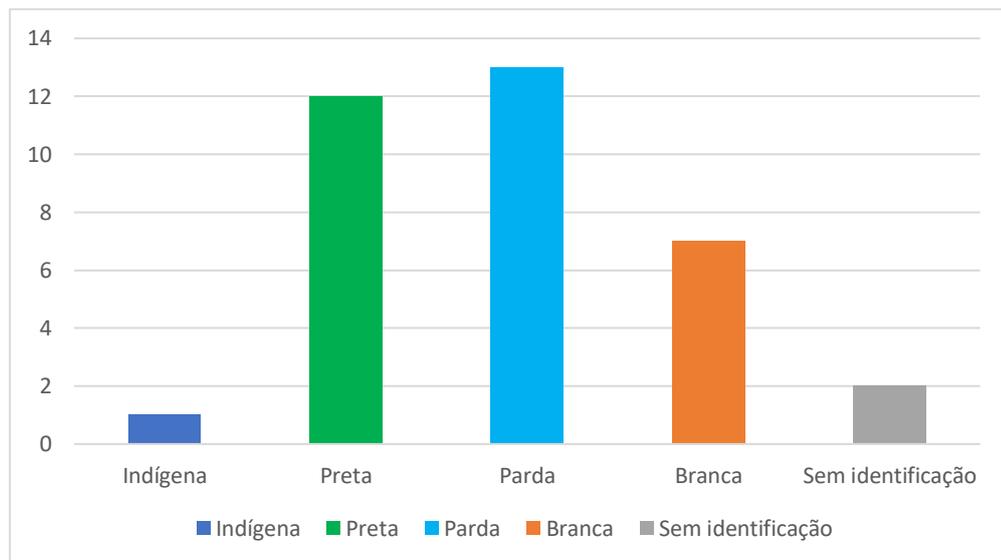
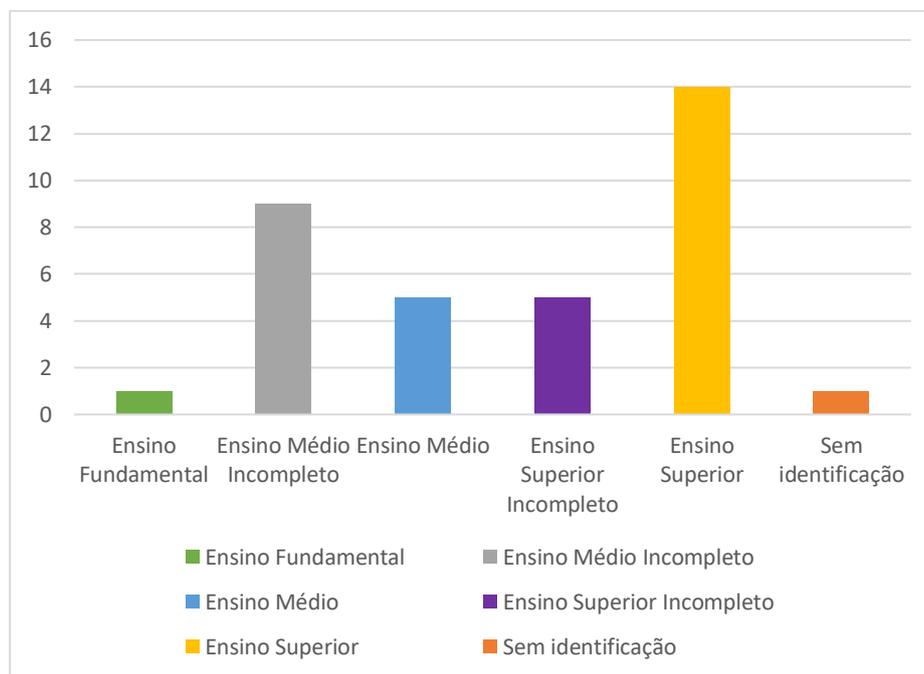


Gráfico 3: Grau de escolaridade das vítimas (Etapa A)



### 3.4.2 Etapa B

Na segunda etapa (Etapa B) da pesquisa foram realizadas 48 entrevistas divididas entre os Shoppings da Bahia e Center Lapa. Do total, 21 foram homens e 27 vítimas foram mulheres, com idades entre 18 e 67 anos. A maioria se encaixava na faixa etária de 22 a 38 anos. No que diz respeito ao grau de escolaridade, quatro informaram ter o ensino fundamental incompleto, quatro o ensino fundamental, três possuíam o ensino médio incompleto, 23 informaram ter o ensino médio completo, três afirmaram estar com o ensino superior em andamento, 10 possuíam o ensino superior completa e uma não informou. Com relação ao critério de cor e raça, uma se declarou indígena, 16 vítimas se declararam pardas, 22 informaram ser pretas e nove brancas. Apareceram as seguintes ocupações: a) promotora de vendas (2); b) vendedora (5); operador de máquinas (2); empreendedor (2); desempregada (2); técnica de enfermagem (3); professor (3); auxiliar de produção (2); técnico em Tecnologia da Informação (2); diarista (2) auxiliar de limpeza; recepcionista; conferente; doméstica; babá; auxiliar de farmácia; repositor; vendedor consignado; atendente; entregador de transportadora; jornalista; profissional de marketing; técnico de internet; aposentada; advogada; estudante; designer, caixa; modelo;

manicure; garçom; cuidadora de idosos; mototáxi. Sete informaram residir no Bairro da Paz, quatro em Brotas, quatro em Pirajá, três vítimas em São Caetano, duas na Federação, duas no Imbui e as demais citaram os seguintes bairros: Sussuarana, Boca do Rio, Tancredo Neves, Armação, Suburbana, Brasil Gás, Pernambués, Paripe, Rio Sena, Doron, Marechal Rondon, Cabula, Itinga, Pero Vaz, IAPI, São Marcos, Fazenda Grande 3, Barra, Águas Claras, São Rafael, Pau da Lima, Liberdade, Praia do Flamengo, Valéria, Itaipara, Trobogy.

Gráfico 4: Gênero das vítimas (Etapa B)

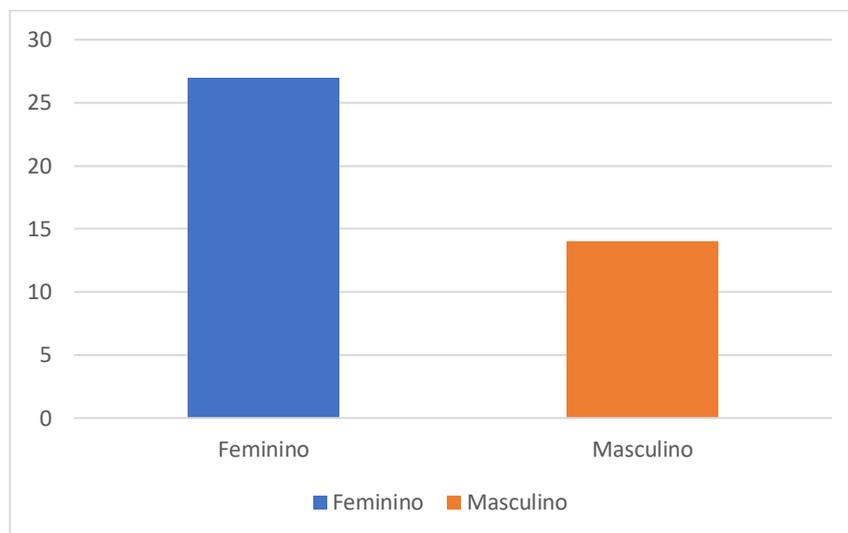


Gráfico 5: Cor ou raça informadas pelas vítimas (Etapa B)

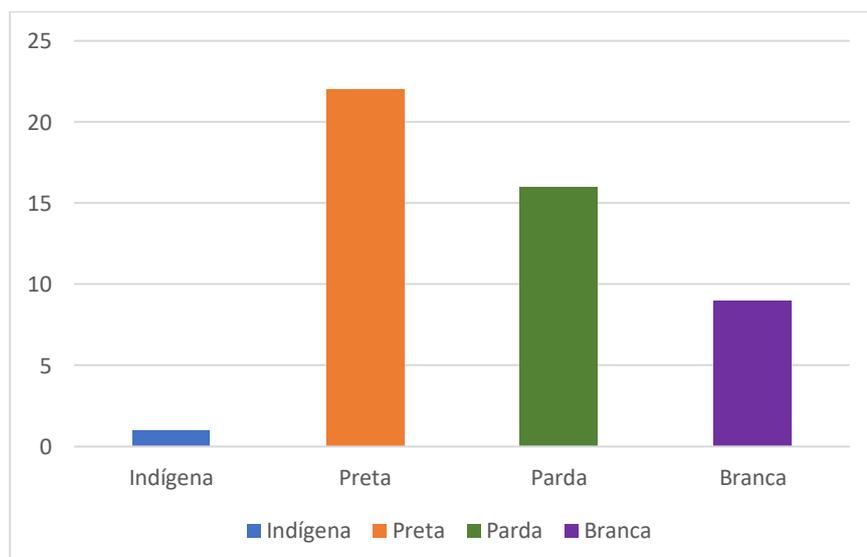
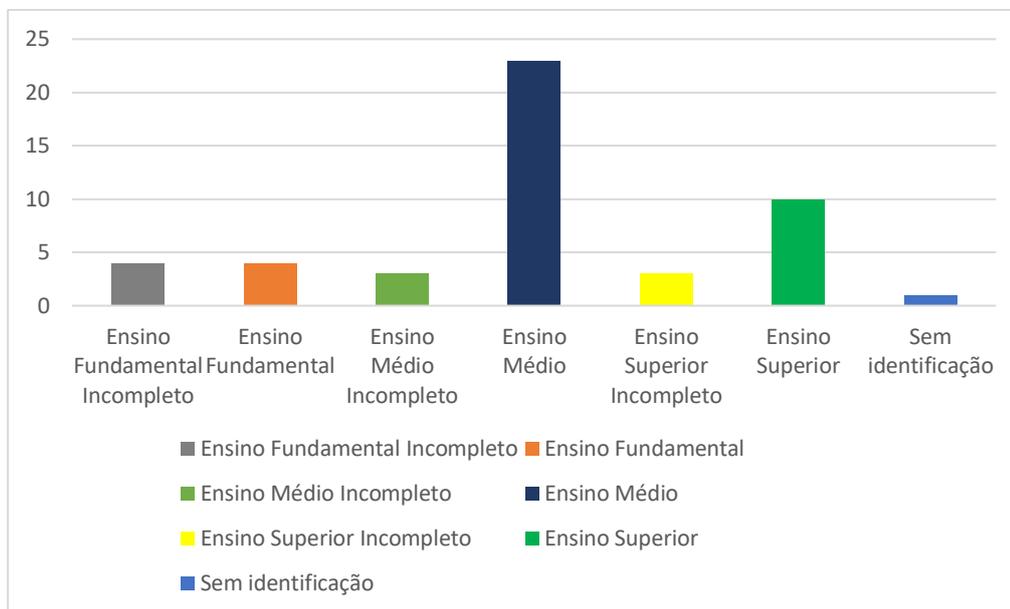


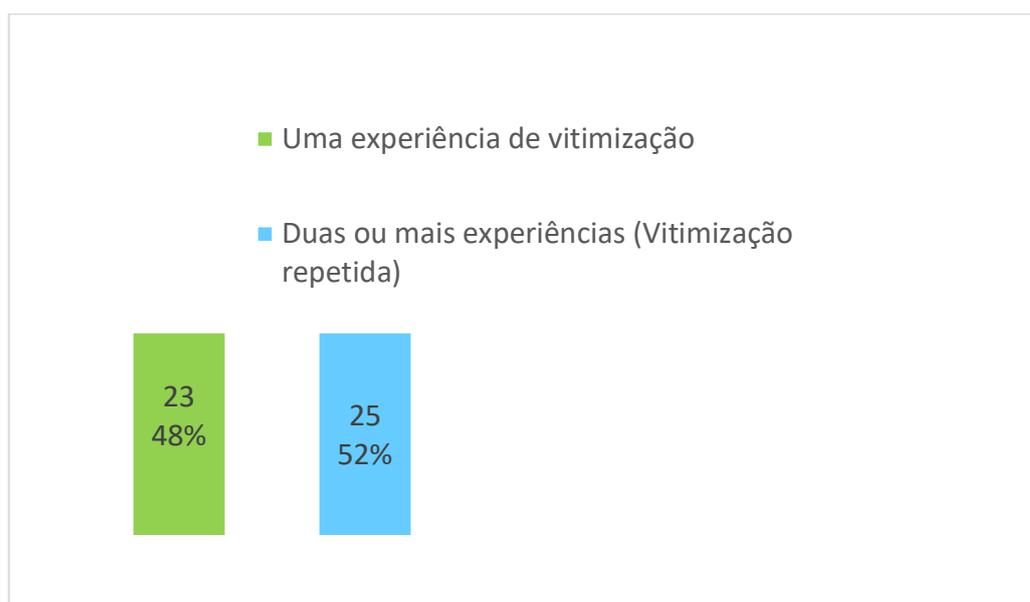
Gráfico 6: Grau de escolaridade das vítimas (Etapa B)



No que se refere a faixa de vitimização ou o número de vezes que cada vítima foi alvo de roubo de celular, identificou-se que estas foram assaltadas de uma a sete vezes, com predomínio da faixa de uma a três roubos por vítima. Na situação 1 (doze casos), que corresponde às vítimas sozinhas em espaços com poucos espectadores, os alvos foram assaltados de uma a sete vezes. No geral, trata-se de pessoas que sofreram a chamada vitimização repetida, isto é, foram vítimas de um mesmo tipo de crime mais de uma vez (Cardia, s/d). Na situação 2 (oito casos), que trata das vítimas sozinhas em espaços com espectadores também se identificou que estas foram assaltadas de uma a cinco vezes. Na situação 3 (nove casos), que discorre sobre as vítimas acompanhadas em espaços com poucos espectadores, observou-se que os alvos foram roubados de um a três vezes, predominando as situações em que sofreram o primeiro assalto. Na situação 4 (10 casos), que corresponde às vítimas acompanhadas em espaços com espectadores, notou-se o predomínio de alvos que sofreram o primeiro roubo. Apenas uma interlocutora relatou de ter sido vítima cerca de setes vezes. Na situação 5 (nove casos), que diz respeito aos roubos dentro de coletivos, identificou-se que as vítimas foram assaltadas de uma a sete vezes. Neste grupo também se observou o predomínio de pessoas que sofreram a vitimização repetida, ou seja, foram alvos de roubos de

celular mais de uma vez. No geral, os maiores números de vitimização por vítima estiveram associados às mulheres, incluindo as que foram alvos por sete vezes (3). No que se refere a faixa de vitimização, identificou-se que estas foram assaltadas de uma a sete vezes, com predomínio da faixa de uma a três roubos por vítima. Ainda sobre o número de roubos de celular sofridos por cada alvo, observou-se que 23 vítimas foram assaltadas uma vez; 14 interlocutores foram assaltados duas vezes; quatro foram roubados três vezes; duas vítimas foram assaltadas quatro vezes; duas foram alvos por cinco vezes e três informaram ter sido roubadas sete vezes. No geral, os maiores números de vitimização por vítima estiveram associados às mulheres, incluindo as que foram alvos por sete vezes.

Gráfico 7: Faixa de vitimização da Etapa B



### 3.4.3 Relatos complementares

Do total de 10 entrevistas, sete foram com mulheres e três com homens, com idades entre 25 e 59 anos. A maioria se encaixava na faixa etária de 28 a 35 anos. No que diz respeito ao grau de escolaridade, oito informaram ter o ensino superior completo, uma estava cursando o ensino superior e outra possuía o superior incompleto. Com relação ao critério de cor e raça, duas eram brancas, três pardas e

cinco pretas. Apareceram as seguintes ocupações: empreendedores (2), bióloga, técnica de enfermagem, consultora, nutricionista, enfermeira, pesquisador, recepcionista, autônoma. Duas informaram residir na Boca do Rio e as demais nas seguintes localidades: Pituba, San Martim, Mata Escura, Armação, Stiep, Marechal, Amaralina, Vale dos Lagos.

Gráfico 8 : Gênero das vítimas (Relatos complementares)

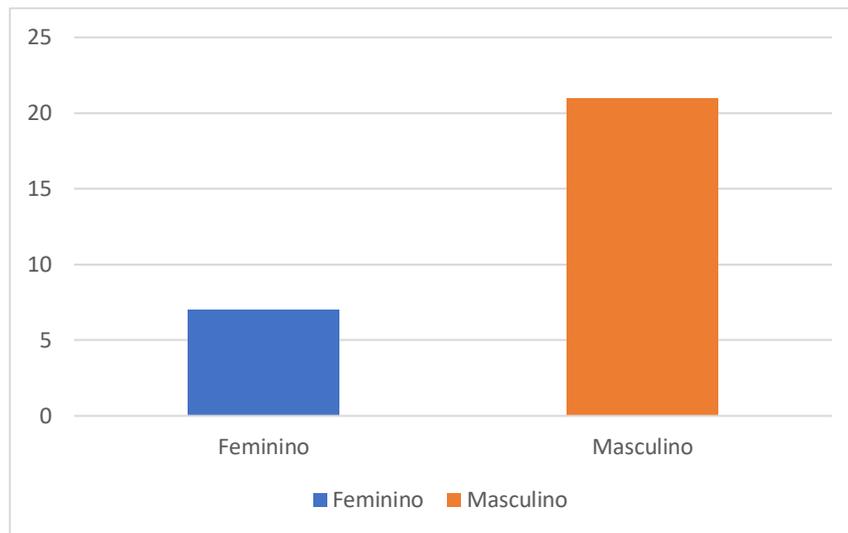


Gráfico 9: Cor ou raça informadas pelas vítimas (Relatos complementares)

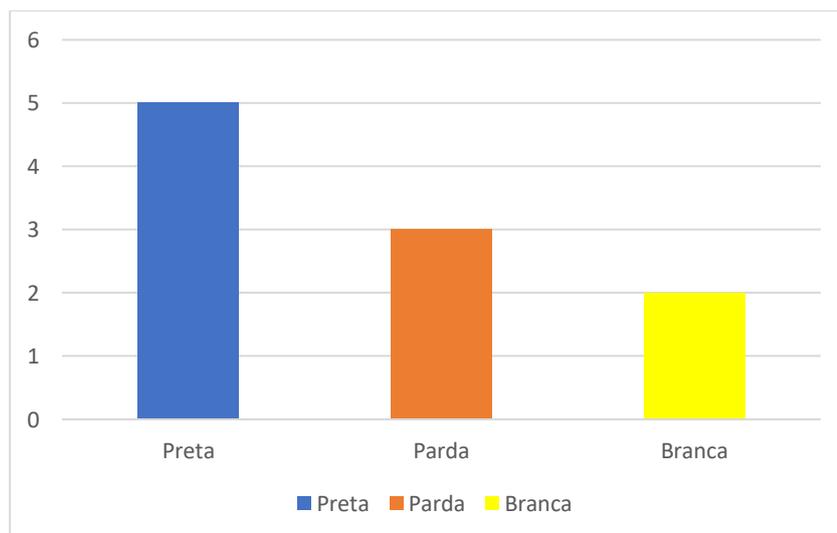
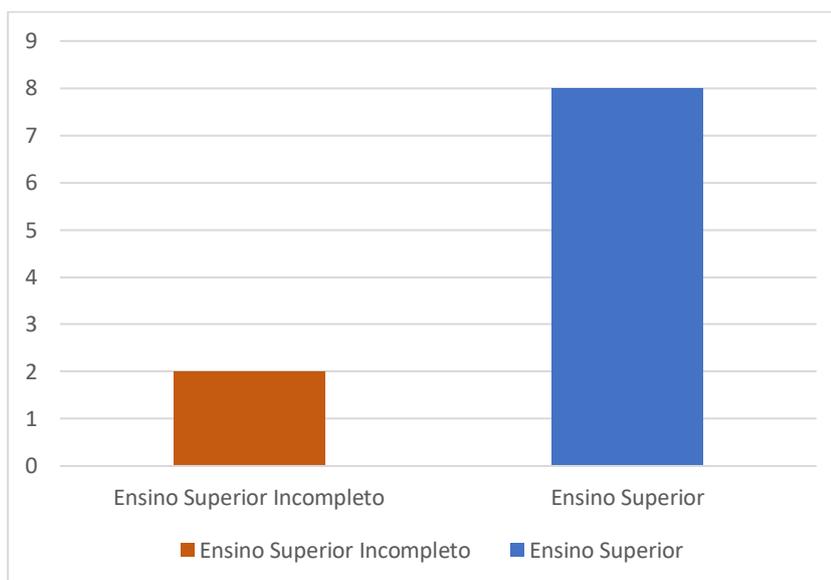


Gráfico 10: Grau de escolaridade das vítimas (Relatos complementares)



#### 3.4.4 Caracterização geral

Conforme já foi dito, foram realizadas 93 entrevistas com vítimas de roubos de celulares, em Salvador, Bahia. Esta seção procura dar um visão das características do total de vítimas. Deste total, 55 foram mulheres e 38 vítimas foram homens, com idades entre 18 e 67 anos. A maioria se encaixava na faixa etária de 18 a 38 anos. No que diz respeito ao grau de escolaridade, quatro vítima informou ter o ensino fundamental incompleto, cinco o fundamental completo, doze informaram ter o ensino médio incompleto, 28 disseram ter o ensino médio completo, dez possuíam o ensino superior incompleto, 32 afirmaram ter o ensino superior completo e em duas entrevistas a informação não foi identificada. Com relação ao critério de cor e raça, duas vítimas se declarou indígena, 18 afirmaram ser brancas, 39 se declararam pretas, 32 pardas e duas não informaram.

Gráfico 11: Gênero das vítimas (Caracterização geral)

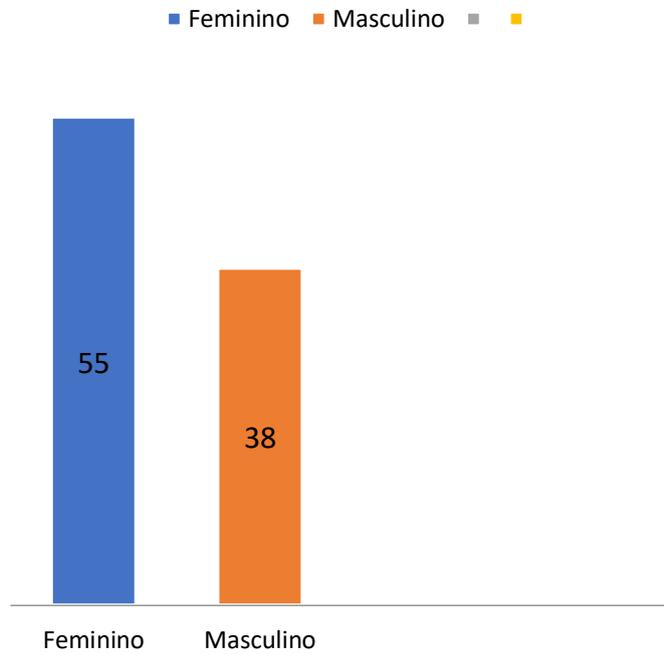


Gráfico 12: Grau de escolaridade das vítimas (Caracterização geral)

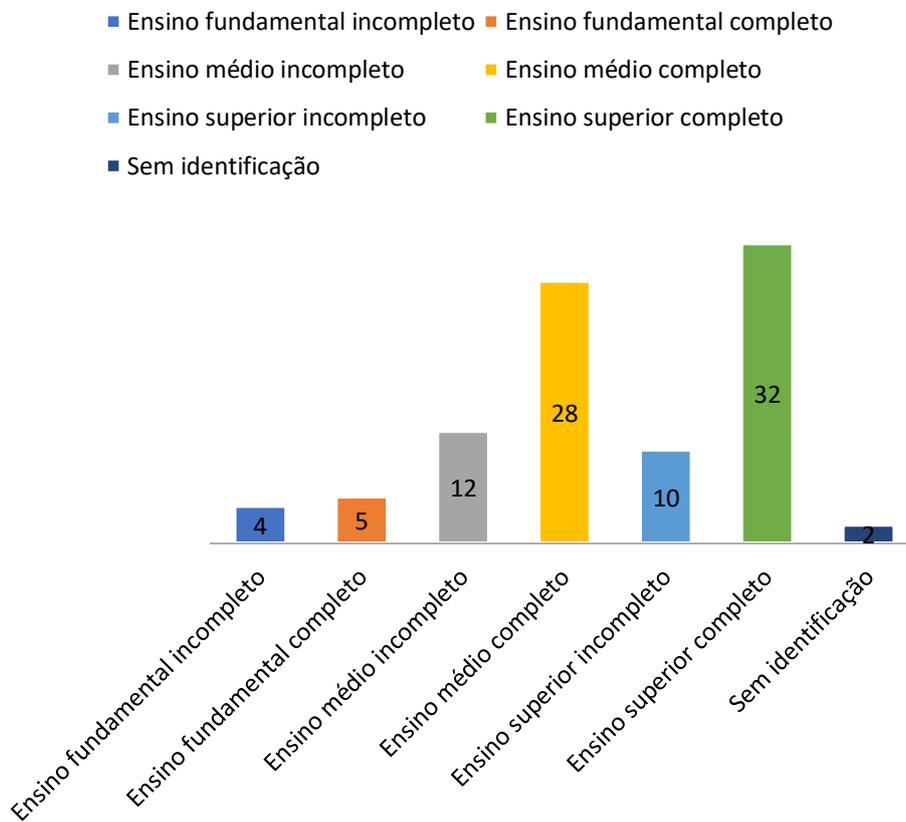
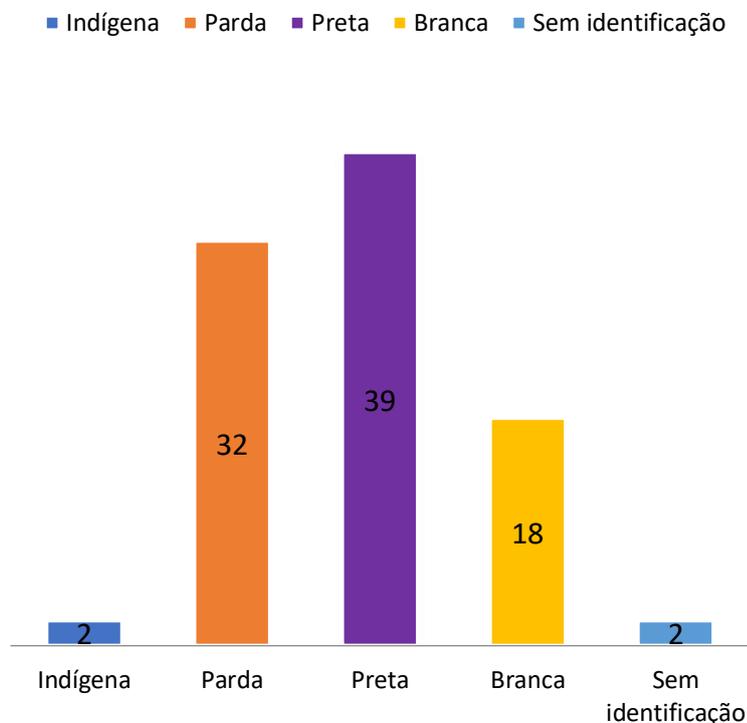


Gráfico 13: Cor ou raça informadas pelas vítimas (Caracterização geral)



### 3.5 Organização e análise dos dados

A fase de análise e interpretação requer um olhar concentrado nos dados coletados. Entretanto, é necessário atentar para o fato de que na pesquisa qualitativa, por exemplo, a análise já poderá ter se iniciado durante a fase de coleta de dados (Gomes, 1999):

Com base em Minayo (1992), podemos apontar três finalidades para essa etapa: estabelecer uma compreensão dos dados coletados, confirmar ou não os pressupostos da pesquisa e/ou responder às questões formuladas, e ampliar o conhecimento sobre o assunto pesquisado, articulando-o ao contexto cultural da qual faz parte. (Gomes, 1999, p. 69):

Inicialmente foi feita a organização e ordenamento de todos os dados coletados no trabalho de campo, o que inclui a transcrição das gravações, leitura do material e das anotações de campo. Vale ressaltar que do total de 93 entrevistas feitas, 65 foram gravadas, com a autorização dos participantes, e todo material foi

transcrito pela própria pesquisadora. No que diz respeito às entrevistas em que não foi utilizado o gravador (28), os dados coletados e os relatos obtidos foram salvos ou anotados em um caderno. A trabalhosa fase da transcrição foi central no desenvolvimento da pesquisa, pois funcionou como um momento inicial de análise do material recolhido. A escuta atenta e repetida dos áudios contribuiu para a identificação e a problematização de temas e categorias de análise. Além disso, as transcrições, proporcionaram uma visão crítica acerca daquilo que vem sendo perguntado e abordado no decorrer das entrevistas, bem como os erros e acertos, aparecendo, assim, como um momento crucial e de grande ajuda para o aperfeiçoamento das entrevistas posteriores.

Com o corpus de texto pronto, buscou-se, através do processo de leitura e releitura, levantar os elementos presentes nas falas dos entrevistados a fim de localizar pontos relevantes, bem como as semelhanças e diferenças entre eles. Posteriormente, os textos foram comparados tomando como referência os blocos temáticos: a) o celular como produto quente; b) contexto socioespacial dos roubos; c) abordagem dos assaltantes; d) tipos e formas de vitimização; e) reações e respostas das vítimas; f) formas de resistência; g) reações dos acompanhantes e espectadores; h) providências após o roubo, incluindo a comunicação, medidas formais e informais; i) danos, transtornos e sentimentos após o roubo; j) práticas de segurança individuais e coletivas, o que inclui as diversas medidas que emergiram; l) padrão de uso do celular; m) padrão de utilização do celular no período pandêmico. Além disso, os textos também foram agrupados a partir das quatro situações de interações coercitivas identificadas e os estágios do roubo seguindo o modelo já apresentado de Luckenbill (1981). Na fase de análise final, as interpretações dos discursos encontrados foram feitas, associando-os ao material teórico e aos demais dados obtidos. Em outras palavras, neste momento, a finalidade foi estabelecer as conexões entre os dados coletados e os referenciais teóricos do estudo, buscando responder às questões da pesquisa com base nos objetivos, ou seja, estabelecer relações entre o geral e o particular, entre a teoria e a prática (Gomes, 1999).

No que diz respeito ao material jornalístico, as matérias encontradas sobre o tema foram salvas e organizadas no computador, de modo a facilitar a análise posterior do material empírico. O material coletado foi submetido à análise de conteúdo clássica, tal escolha se deve ao tipo de material empírico, ou seja, consiste em textos que guardam relação com a realidade descrita. Partindo das

considerações de Bauer (2004), entende-se a análise de conteúdo como uma técnica de análise de texto utilizada para produzir inferências de um texto focal para seu contexto social de maneira objetivada. Conforme o autor, o texto é um meio de expressão, onde as pessoas usam a linguagem para representar o mundo como conhecimento e autoconhecimento, ou seja, um *corpus* de texto é a representação e a expressão da comunidade que escreve. Desta forma, a técnica de análise de conteúdo permite “reconstruir ‘mapas de conhecimento’ à medida que eles estão corporificados em textos”. (Bauer, 2004, p. 194). Para Bauer (2004), a análise de conteúdo trabalha tradicionalmente com dois tipos de materiais textuais escritos: os textos que são elaborados no processo de pesquisa, como as transcrições e observações de campo; e aqueles que já foram construídos com outras finalidades, como as matérias jornalísticas. O autor destaca que a “codificação e, conseqüentemente, a classificação dos materiais colhidos na amostra, é uma tarefa de construção, que carrega consigo a teoria e o material da pesquisa” (Bauer, 2004, p. 199).

No que tange às questões éticas, é importante destacar que os participantes do estudo tomaram conhecimento prévio do objetivo da pesquisa e tiveram a privacidade e o anonimato preservados, ou seja, seus nomes não são divulgados. A título de esclarecimento, a identificação dos interlocutores no decorrer do texto será feita através da identificação da idade e ocupação dos mesmos. Além disso, as entrevistas realizadas com estudantes no espaço escolar foram feitas com autorização da direção da instituição, mediante assinatura de documento, e todos os alunos participantes assinaram o Termo de Consentimento (ver Apêndice). Portanto pretende-se tomar os cuidados adequados para proteger também a identidade das instituições envolvidas.

## CAPÍTULO 4. PADRÃO DE USO DO CELULAR

### 4.1 Funções

Conforme vem sendo dito, a convergência e a mobilidade são características centrais dos aparelhos celulares (Ribeiro; Leite; Souza (2009)). Deste modo, os telefones moveis concentram diversas funcionalidades, tais como: a) comunicação; b) armazenamento de dados; c) entretenimento; d) gerenciamento das atividades no tempo e espaço das relações sociais (Ribeiro; Leite; Souza (2009)). Nas palavras dos autores:

[...] o fenômeno da convergência e as novas relações de comunicação e interação que vêm sendo construídas entre os indivíduos demonstram uma tendência a enxergarmos o celular para além da sua função de telefone, ou seja, além das inúmeras atividades que o dispositivo permite desempenhar como envio de mensagens, fotografia, vídeo, gerenciamento do tempo e das atividades, etc., novas formas de comunicação e cultura estão se formando em função da lógica da mobilidade, que favorece o fluxo de informações e a interação em pontos diversos do espaço e do tempo. (Ribeiro; Leite; Souza, 2009, p.192)

Levando em conta, dentre outros fatores, a expansão do serviço de telefonia móvel e os custos das assinaturas de linhas de telefonia fixas, o celular começou a ser o único telefone em uso para muitos brasileiros (Balbani; Krawczyk, 2011). Não à toa, o Brasil aparece como o quinto país que mais consome celulares no mundo (Souza,2021; Lopes, 2023). A substituição das linhas fixas pelo telefone móvel está amplamente relacionada ao acesso à Internet, ou seja, “as tecnologias da informação e telecomunicação – cujas manifestações de maior impacto social são a Internet e a telefonia celular – são convergentes” (Nicolaci-Da-Costa, 2004, p. 166). Nicolaci-Da-Costa (2005,p.50) chama atenção para duas semelhanças centrais entre telefonia celular e o serviço de Internet:

Primeiramente, ambas resultam da convergência de várias tecnologias da informação – a microeletrônica, as telecomunicações, a computação, a optoeletrônica, etc. – que partilham a mesma linguagem digital (Castells, 1996/2000). Em segundo lugar, ambas são multifuncionais na medida em que por elas podem circular diferentes tipos de mensagem – textos, fotos, gravações em áudio ou vídeo, filmes e congêneres – transformados em sequências de uns e zeros passíveis de serem transmitidas por cabos, fibras óticas, satélites, etc.

Cada vez mais modernos, os celulares concentram funcionalidades e reduzem a necessidade de dispositivos separados (Thompson, 2017), ou seja, praticamente tudo pode ser feito ou resolvido através destes aparelhos: “A gente precisa do celular até para saber as notícias, pagamentos, a gente troca mensagens, ligação pra família, tirar foto, faz vídeos, várias coisas...” (Operador de máquinas, 23 anos). O aparelho celular é visto pelos interlocutores como um item indispensável que “está sempre em mãos”, onde praticamente tudo pode ser resolvido, além de guardar informações valiosas sobre a vida dos seus usuários: “Tudo eu faço pelo celular...O uso do celular pra mim é constante” (Professor, 33 anos).

As funções e os aplicativos dos celulares permitem a realização de atividades com propósitos variados, incluindo desde entretenimento, comunicação, troca de informações, compras, movimentações financeiras às tarefas escolares, acadêmicas e profissionais: “Pagamentos , transferência, tudo eu faço pelo meu celular... Tem o aplicativo do banco no meu celular que eu resolvo as coisas...” (Recepcionista, 38 anos). Deste modo, os interlocutores destacaram utilizar o celular, principalmente, para as seguintes atividades: a) ligação (áudio e vídeo) ; b) aplicativos de mensagens (*WhatsApp*) c) redes sociais; d) estudos e atividades profissionais; e) captura de fotos e vídeos (câmera); f) música; g) assistir vídeos, jogos, filmes, séries ou programas televisivos; h) compras online e *delivery*; i) aplicativo de transportes; j) jogos; l) pagamentos e transações bancárias ;m) notícias; n) leitura de livros.

O aparelho móvel favorece a resolução de diversas tarefas e problemas do cotidiano de maneira prática, rápida e evitando deslocamentos físicos. Muitos dos interlocutores citaram a realização de transações bancárias por aplicativos como o principal exemplo: “Eu uso bastante [o celular]... Pagamento de contas que eu sempre faço, as vezes evito estar em fila de banco...Eu não tenho tempo, as vezes eu pago as faturas, faço Pix...”(Empreendedor, 23 anos). Tal função se intensificou ainda mais no período pandêmico, como será mostrado a seguir.

#### **4.2 Padrão de uso no contexto pandêmico**

O período pandêmico provocado pelo vírus SARS-Cov-2, causador do coronavírus (COVID-19), teve seu auge nos anos de 2020 e 2021 em escala

mundial. Conforme destaca Matta *et al* (2021), os desafios gerados pela pandemia não foram apenas sanitários, mas “socioeconômicos, políticos, culturais, éticos, científicos, sobremaneira agravados pelas desigualdades estruturais e iniquidades entre países, regiões e populações. (Matta *et al*, 2021, p. 17).” Por se tratar de uma doença infecciosa respiratória altamente transmissível, capaz de causar sérias complicações e até óbitos, o uso de máscaras, o distanciamento social, o isolamento e diversas medidas restritivas, como o fechamento do comércio, foram sendo implementadas por países e estados visando a propagação do vírus. Conforme destaca Pereira, Fortuna e Da Silva (2021, p. 404), o “isolamento implicou inúmeros tipos de problemas, uma vez que o indivíduo tem a necessidade de estabelecer conexões, de se comunicar e de se relacionar, de alguma forma, com outras pessoas”. Nesse contexto em que as interações físicas passaram a ser controladas ou evitadas, o padrão de uso dos celulares também sofreu alterações, adquirindo uma importância ainda maior: “Para evitar ir em banco, evitar ir em lotérica, eu fiz muita transação através do celular...” (Operador de máquinas, 35 anos). Ao passo que os aplicativos de celular permitiam a resolução de tarefas do cotidiano evitando os contatos físicos ou a necessidade de deslocamentos, eles também contribuíram para aproximar as pessoas: “Intensificou mais [uso do celular], porque com a pandemia e a dificuldade de sairmos, acabou que o celular foi uma mão na roda para tudo, principalmente, para pagamentos e transferências bancárias. Foi ótimo! Para as conversas também...” (Técnica de enfermagem, 22 anos). Ou ainda:

Eu acho que dentro da pandemia aumentou [o uso do celular] por causa que a gente parou de ter contato fisicamente com as pessoas e ficou com muitos amigos, parentes que a gente não podia visitar...A gente se comunicava muito pelo celular... Eu usei para alguns trabalhos que eu fazia de pintura... (Auxiliar de serviços geral, 31 anos)

Ribeiro (2020) discute a “sociabilidade do telefone” em rede como a nova sociabilidade comum e urbana no mundo contemporâneo. Essa forma de sociabilidade, gerada no desenvolvimento das novas tecnologias, pode ser caracterizada pela rapidez, instantaneidade e comunicação realizada através do celular e pela Internet. Cada vez mais consumido, o telefone móvel passa a ocupar espaço nos vários âmbitos da vida pessoal e profissional, estando ligado, sobretudo, às relações interpessoais (Ribeiro, 2020). A autora destaca como a sociabilidade do

telefone avançou significativamente desde aproximadamente o ano de 2013, principalmente, com a consolidação do *WhatsApp Messenger*, aplicativo que permite a troca de mensagens e arquivos, além de chamadas de áudio e vídeo através da conexão pela internet. A utilização das redes sociais, como *WhatsApp*, *Instagram* e *Facebook*, através do aparelho celular aparece como um importante meio de comunicação entre as pessoas (Ribeiro, 2020).

O uso pessoal da internet e o posterior surgimento das redes sociais no final do século XX e início do século XXI acarretaram mudanças significativas nas conexões entre os indivíduos. Estas se tornaram muito mais amplas e abrangentes. Redes sociais, tais como *Instagram*, *Facebook* e *WhatsApp*, não apenas interconectam pessoas, mas constroem contextos de interação, criando ambientes de troca de informações, com os mais variados propósitos, que vão desde negociações ou até mesmo estabelecimento de laços, ainda que temporários, entre os atores que participam de tais redes. (Pereira; Fortuna; Da Silva, p.404)

O período de isolamento e distanciamento social fez com que a sociabilidade do telefone em rede se tornasse ainda mais frequente na rotina das pessoas, isto é, a comunicação a distância passou a ser feita com o auxílio do telefone celular com acesso à Internet (Ribeiro, 2020). Em tempos de quarentena, as interações através da tela nos celulares foram as únicas para muitas pessoas que viviam sozinhas em casas ou apartamentos (Ribeiro, 2020). O telefone móvel com acesso à Internet foi um item central para manutenção dos contatos sociais e a realização de inúmeras atividades no contexto pandêmico, amenizando os efeitos do isolamento (Ribeiro, 2020).

Durante a pandemia [o uso do celular] aumentou significativamente, tanto para consumo das redes sociais, que a serviu como distração, um contato maior com as pessoas também. Foi o único meio que a gente teve para poder estar próximo dos amigos, dos familiares... E para estudo também, né? Lendo textos, livros também... Eu leio muito pelo celular, pois estou sem notebook... Tudo eu faço pelo celular... (Professor, 33 anos)

No auge da pandemia e nos períodos de quarentena, os aplicativos como o *WhatsApp Messenger* foram a única forma de contato para muitas pessoas que estavam em isolamento total (Pereira; Fortuna; Da Silva, 2021). Pereira, Fortuna e Da Silva (2021) destacam como as redes sociais, sobretudo, o *WhatsApp*, foram espaços interacionais capazes de fazer com que as pessoas, ainda que isoladas fisicamente, estivesse mais próximas umas das outras:

Por meio de mensagens informacionais, conversacionais e até mesmo de caráter lúdico, tal aplicativo serve de instrumento para que a socialização e a sociabilidade entre as pessoas continuem acontecendo em tempos de quarentena. (Pereira; Fortuna; Da Silva, 2021, p. 404)

Portanto, poucos interlocutores consideraram que a frequência e o uso do celular durante o contexto da pandemia permaneceram os mesmos: “A mesma coisa que eu fazia. Porque com a pandemia eu estava trabalhando do mesmo jeito. Então sempre foi isso. Lá na empresa e em casa. A mesma coisa” (Recepcionista, 38 anos). No geral, as vítimas informaram que o padrão de uso do aparelho móvel aumentou de forma significativa, intensificando a utilização de determinadas funções, tais como uso de redes sociais, transações bancárias e compras online, incluindo os serviços de delivery:

Para conversar no *WhatsApp*, bate papo, para fazer pagamentos como conta digital, para receber pagamentos também, para tirar fotos, para ligar... Outras coisas também, né? Passei a pedir mais coisa pelo delivery... Tipo assim um lanche, um almoço...Algo que eu queria comprar...Comprei muito pela internet...Lojas virtuais...Usei mais lojas virtuais pelo celular... (Conferente, 30 anos).

Os interlocutores relataram a intensificação dos usos das redes sociais; ligações por áudio e chamadas de vídeo; reuniões, cursos e aulas em plataformas online; lives (transmissões ao vivo de áudio e vídeo que englobavam de shows a seminários acadêmicos); transações e movimentações bancárias através dos aplicativos; além de serviços de compras, delivery de serviços variados. Consultas médicas e sessões de terapia passaram a ser feitas online e até mesmo os supermercados passaram a disponibilizar serviços de compras através de aplicativos e sites:

Sim [aumentou o uso do celular], porque devido a pandemia e o *lockdown* a gente ficou muito tempo em casa...Então, eu não estava saindo...A comunicação com amigades e o mundo exterior, além dos meios de comunicação e TV, foi mais com o celular...Aplicativos de mensagem.... Chamadas de vídeos em questão de consulta médica...Vídeos aula...Questão de estudo, cursos... Foi o que utilizei bastante nessa pandemia... (Professor, 32 anos).

A expressão “tudo eu faço pelo celular”, utilizada por alguns interlocutores, parece ter adquirido um peso ainda maior no período pandêmico, sobretudo, nos

contextos de isolamento. Ou seja, multiplicaram as interações por redes sociais, o consumo de aplicativos e a realização de atividades diversas por plataformas online. Nos termos de Gonçalves (2020), ocorreu uma “viralização” de tais fenômenos:

Alguns dos fenômenos comum e estridentemente lidos como grandes mudanças, por exemplo, são antes sinais do crescimento e da proliferação de elementos do cotidiano da classe média pré-pandemia: compras on-line, namoros on-line, séries on-line, reuniões on-line, notícias falsas on-line, comida entregue em casa, filmes assistidos em casa, teletrabalho em casa etc. Não há nada de realmente novo nisso; há, sim, uma multiplicação rápida – ou seja, uma viralização – de sintomas anteriores. (Gonçalves, 2020,p 485)

Em tempos de quarentena, o celular apareceu, não apenas como umas das principais fontes de entretenimento e distração para a população em isolamento, mas como uma fonte de renda e ferramenta de trabalho: “Usava quando não tinha nada para fazer...Aí eu ficava no celular olhando a vida dos outros... Eu usava mais...” (Doméstica, 36 anos), afirma uma das interlocutoras. Através do celular, alguns interlocutores alegam ter conseguido adquirir uma renda em um contexto de tantas dificuldades econômicas e instabilidades: “Passei [a usar mais o celular] sim. A função que eu mais utilizei foi porque comecei a trabalhar mais em casa com o celular... Vendendo o plano de saúde através do meu celular...” (Vendedor, 22 anos).

Eu vendo pastel frito na hora, eu vendo coxinha frita na hora, então como eu não podia sair, né? Estava na pandemia, aí eu usava meu celular, minha rede social, meu *WhatsApp* para divulgar meu trabalho... Para eu ter uma renda, para driblar a pandemia, né? (Desempregada, 52 anos)

“Ter o celular roubado já é um transtorno, imagine ter o celular roubado durante a pandemia? É para enlouquecer um (Relato informal)”; “Imagine ficar em casa e sem o celular?”, eram questionamentos comuns no decorrer das conversas informais. O celular apareceu como uma ferramenta essencial até mesmo para o enfrentamento da doença. Diversos serviços de consultas médicas online e monitoramento remoto dos casos suspeitos de Covid foram oferecidos por sites e aplicativos. Com a suspensão das visitas a pacientes internados com a Covid-19, as chamadas de vídeo através de tablets e celulares também foram realizadas visando estabelecer contato entre pacientes e os familiares. Ocorriam as chamadas “visitas virtuais”. O envio de fotos, vídeos e áudios e até boletins médicos também foram feitos através de aparelhos celulares. Em meio a tantos óbitos causados pela Covid-19, muitas famílias se despediram, tantas vezes, sem saber, de seus entes queridos

através da tela de celulares e tablets. Diversas matérias jornalísticas chamam atenção para o papel central de tais tecnologias na manutenção dos contatos entre as pessoas internadas e os familiares, uma forma de amenizar a dor da distância e a angústia gerada pela situação. Segue o trecho de um depoimento contido em uma reportagem do Correio Braziliense, em 2021:

“Recebia informações sobre o estado dele todos os dias. A equipe ligava e fazia videochamadas, muitas vezes do celular pessoal. Eles também me mandavam fotos do meu pai, com atualizações e progressos. Pude acompanhar meu pai graças à humanização da equipe. Foram dias muito apreensivos para mim. Ele entrou na UTI com 75% do pulmão comprometido. É, talvez, mais angustiante para a família do que para o próprio paciente. Não tenho nem palavras para agradecer à equipe do Base, ela precisa ser referência. Salvaram a vida do meu pai e do restante da família, porque tranquilizaram o nosso psicológico”, agradece a professora, moradora do Guará 2. (Mansur, 2021)

Em um país marcado por desigualdades sociais, deve-se considerar ainda o fato de que inúmeras famílias sequer possuíam dispositivos eletrônicos ou acesso à internet para se comunicar com os parentes internados, aumentando a angústia gerada pela distância e a dificuldade em obter informações sobre o estado de saúde dos pacientes. A matéria abaixo cita um projeto que buscou auxiliar pessoas que estavam nesta situação e não possuíam celulares:

O hospital pediátrico Martagão Gesteira, de Salvador, que atende crianças de todo o estado, adotou o projeto Conexão Psi, realizado em parceria com uma empresa de tecnologia, que doou seis tablets para serem usados no atendimento a crianças com covid-19 e também outras doenças. A Coordenadora da Humanização do hospital, a psicóloga Laís Damasceno, afirma: “As visitas são práticas de comunicação que possibilitam a manutenção dos laços afetivos e sociais em meio ao isolamento. Temos observado uma minimização dos impactos emocionais do adoecimento e hospitalização, promovendo saúde mental e repercussões no humor do paciente e no enfrentamento ao adoecimento, proporcionando cuidado integral e humanizado”. Ela explica, ainda, que muitas pessoas que não têm celular estavam sem comunicação alguma com suas famílias. Como conta a dona de casa Ana Gomes, 38, moradora de Campo Formoso, que acompanha o filho de cinco meses que está internado. Ela ficou 15 dias sem conseguir se comunicar com familiares e foi beneficiada pela ação: “já consegui falar duas vezes. Eu não tenho celular, mas consegui falar com meu esposo, minhas duas filhas e minha sogra. Ajudou muito”, afirma Gomes. (Gama, 2020)

#### **4.3 Controle do uso do aparelho móvel**

Alguns interlocutores alegaram que, ainda que não seja uma tarefa fácil, tentam controlar a frequência de uso do celular em certas ocasiões como: a) no

expediente de trabalho; b) momentos de diversão; c) durante afazeres ou obrigações; d) na presença de amigos ou familiares; e) próximo ao horário de dormir; f) horários de estudo. “Quando estou com minha família, minha esposa, a noite quando eu chego em casa... Evito bastante” (Vendedor, 22 anos), afirma um dos entrevistados. Já no relato abaixo, o interlocutor afirma tentar controlar o uso do celular e das redes sociais para não atrapalhar os seus estudos:

Me policio bastante, principalmente, por ser universitário. A gente tem que se policiar, porque a gente acaba, muitas vezes, tomando todo nosso tempo que era para ser dedicado ao estudo utilizando redes sociais e vai o diacho do celular no meio... (Auxiliar de farmácia, 24 anos)

Ainda assim, diversas atividades de trabalho e estudo, por exemplo, exigem que os interlocutores estejam conectados ao celular. Ao passo que facilita as atividades e interações cotidianas, o celular se torna, cada vez mais, um item essencial no dia a dia. Observou-se que a centralidade que os aparelhos móveis assume na vida de seus usuários acaba por dificultar o controle ou uma diminuição mais eficaz do uso de tais dispositivos: “Não consigo controlar porque eu trabalho com o celular, necessito do celular para trabalho, é minha ferramenta de trabalho...” (Vendedor, 22 anos). Alguns interlocutores citaram ainda o uso excessivo ou o vício relacionado aos aparelhos celulares: “Não tenho como controlar, porque eu uso muito pra jogos, sou muito viciado pra jogos...” (Empreendedor, 23 anos).

Entretanto, observou-se que a principal forma de controle do manuseio do aparelho móvel está relacionada, sobretudo, às tentativas de restringir ou diminuir essa utilização em locais específicos, o que se relaciona ao medo dos furtos e roubos e as práticas de segurança utilizadas pelos interlocutores, como será apresentado no capítulo destinado as práticas de segurança.

## CAPÍTULO 5. OS CELULARES COMO PRODUTOS QUENTES

### 5.1 O celular como item preferencial nos roubos de rua

Conforme já foi explicitado, o aparelho celular como *hot product* ou tem se tornado em vários lugares do mundo e também no Brasil um alvo preferencial nos crimes de rua. Ou seja, os itens mais tradicionais como dinheiro e joias, que eram os focos dos assaltantes, foram sendo substituídos progressivamente por itens eletrônicos, sobretudo, pelos aparelhos celulares (Thompson, 2017). Tal mudança está amplamente associada ao advento de novas tecnologias de pagamento, tais como o uso de cartões e o desenvolvimento de aplicativos que permitem transações bancárias (Thompson, 2017).

Na grande parte dos episódios relatados pelos interlocutores foi demandado especificamente o celular, o que demonstra como este item é amplamente cobiçado por assaltantes, sendo o alvo preferencial nos roubos de rua e transportes coletivos. Os roubos de celulares entram nas estatísticas como roubos a pedestres e passageiros (Mercado..., 2020). Conforme o relato da vítima abaixo, os assaltantes têm o aparelho como foco:

[...]ele [assaltantes] não pede mais dinheiro, não pede bem nenhum, é só o aparelho celular, é o que está sendo a derrota da gente, é em ônibus, em todo lugar que a gente vai tem esse medo. A primeira coisa que ele pede é o aparelho celular, mais nada... (Recepcionista, 38 anos)

Isto fica nítido ao analisar os relatos e observar que as frases “passa o celular”, seguida da expressão “desgraça” e “perdeu, perdeu” foram as mais utilizadas pelos assaltantes ao abordarem os alvos: “Ele [o assaltante] só ficava dizendo ‘passa o celular, passa o celular’” (Auxiliar de Farmácia, 24 anos); “[O assaltante] Só veio pedindo o celular mesmo. ‘Bora, bora, perdeu, passa o celular’. Eu fui e dei.” (Consignado, 26 anos).

Nos casos em que outros pertences são solicitados, ainda assim, os aparelhos móveis são exigidos: “Eles pediram tudo, carteira, celular, até a jarra de suco que eu também estava vendendo eles levaram” (Empreendedor, 29 anos).

Nos primeiros meses do ano de 2022, alguns relatos e imagens de câmeras de segurança foram obtidos pela pesquisadora dentro de um condomínio de classe média de Salvador. Sendo um condomínio residencial grande e com alta movimentação, os assaltos e roubos de celulares na entrada se tornaram frequentes. Moradores e visitantes que esperavam ou chegavam de Uber passaram a ser os alvos constantes, além dos motoristas. Os assaltantes costumavam chegar em carros ou motos e solicitavam apenas o aparelho móvel. O roubo de celular passou a ser o assunto mais comentado entre os vizinhos. O medo de se tornar uma vítima também estava sempre presente na fala dos moradores: “Não posso nem imaginar roubarem o meu celular que até seu frio...Minha vida toda, coisas de banco... Não gosto nem de pensar.” Algumas pessoas alegavam estar evitando ficar na entrada do prédio e até mesmo passear com cachorros, outras passaram a solicitar que os motoristas de Uber, serviço de motoristas por aplicativo, pudessem entrar no estacionamento. “Eu tomei uma bronca de senhor [nome de um dos porteiros do prédio], pois eu soltei do Uber lá fora. Ele disse que estava muito perigoso, que não estava para ficar dando bobeira e era melhor solicitar a entrada do carro”, afirmou uma das moradoras. Os condôminos passaram a se movimentar comunicando à polícia e cogitando a contratação de empresa de segurança privada. Após a exibição do vídeo de um assalto ocorrido em um local próximo nos meios midiáticos foi possível observar o aumento da frequência de viaturas no bairro.

Embora o estudo esteja utilizando os roubos de rua como recorte, deve-se salientar que os celulares vêm se tornando objetos cobiçados em roubos realizados em diversos locais, como estabelecimentos comerciais, bares, restaurantes e até escolas. Matérias jornalísticas escritas e televisas mostram a ação dos assaltantes capturadas em câmeras de segurança e os celulares são itens amplamente cobiçados: “Homem invade escola e rouba celulares de estudantes no bairro São Caetano. PM realizou rondas na região, mas o autor não foi localizado. (Homem...; 2022)”, diz a manchete de uma reportagem.

A série de assaltos a bares e restaurantes durante o segundo trimestre deste ano em bairros nobres da capital é apenas continuidade do número de roubos em estabelecimentos comerciais em 2021. Segundo dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, lojas, mercados, shoppings entre outros exemplos tiveram alta de 64,2% nos registros de roubo na Bahia. Foram registradas 1.795 ocorrências do tipo em 2021, contra 1093 assaltos a pontos comerciais em 2020. (Morais, 2022).

## 5.2 Panorama dos roubos

### 5.2.1 Dados

A análise das matérias jornalísticas também corrobora com os dados coletados através das entrevistas. A Anatel registrou 930 mil pedidos de bloqueios de aparelhos celulares por roubos ou furtos no ano de 2022. Deste total, 768 mil foram bloqueadas pelas operadoras telefônicas e 164 mil pelos órgãos de segurança pública. Os estados com maior número de pedidos foram: São Paulo; Rio de Janeiro; Minas Gerais; Bahia; Rio Grande do Sul. Deste modo, observa que a Bahia se encontra na quarta posição do ranking das solicitações de bloqueio (Com Alta...,2023). De acordo com matéria realizada por Croquer (2022), o Cadastro de Estações Móveis Impedidas (CEMI), criado em 2000, funciona como um banco de dados para que as operadoras de telefonia possuam acesso aos aparelhos que não devem ser mais usados. O bloqueio é feito pelas operadoras telefônicas através do IMEI, número de identificação de cada celular. Tal código é fundamental também para o rastreamento do aparelho. Mesmo se o chip for trocado, o celular registrado no CEMI não terá acesso às operadoras brasileiras, ligações ou acesso à internet móvel. Este sistema visa dificultar a revenda dos aparelhos no mercado ilegal, entretanto, através da clonagem e adulteração dos IMEIs, os criminosos ainda conseguem driblar as tecnologias de segurança (Croquer, 2022).

Com relação ao contexto baiano, de acordo com dados da Polícia Civil, celulares são levados em 95% dos assaltos registrados em Salvador (Celulares..., 2018a). De janeiro até setembro do ano de 2019, cerca de sete mil pessoas registraram queixa de roubo de celular em Salvador, o que representa uma média de vinte e sete roubos por dia na capital baiana. De forma mais precisa, foram registradas 7.540 denúncias de roubos de celular em Salvador e 15.590 em todo o estado da Bahia. Em 2017, foram contabilizadas 8.229 denúncias e, em 2018, um total de 11.809, o que representa um aumento de 43% nos roubos (Salvador..., 2019). O levantamento demonstra que, entre janeiro e outubro de 2020, foram registradas 20.641 ocorrências desse tipo (Salvador..., 2021). Os dados divulgados pela Secretaria de Segurança Pública do Estado da Bahia (SSP-BA), em janeiro de 2021, revelam que a capital baiana apresenta uma média diária de 68 celulares

roubados ou furtados. Entre janeiro e abril de 2021, cerca de 10 mil ocorrências foram registradas pela SSP-BA. Do total, apenas 3% dos aparelhos foram recuperados e devolvidos às vítimas (Aloísio, 2021). Ainda conforme os dados divulgados pelo 17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública, do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, em 2023, identificou-se que a Bahia registrou 48,9 mil casos de roubos e furtos de celulares em 2021, já em 2022 ocorreram 83,4 mil crimes deste tipo, totalizando um aumento de 70% (Pitombo; Zarur, 2023). Entretanto, a grande parte dos interlocutores, por exemplo, alegou não ter feito boletim de ocorrência, o que deve gerar uma alta subnotificação dos casos.

As reportagens midiáticas e os relatos dos interlocutores chamam atenção também para o aumento dos assaltos e da sensação de insegurança em determinados períodos do ano, tais como festas de final de ano e Carnaval:

Em relação aos roubos e furtos de celular, Erivaldo Vieira [Professor de Economia da Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado] explica que se trata de crimes sazonais. “Todos os anos, os dados demonstram que a modalidade cresce entre os meses de novembro e março”, afirma. “Nesse período, as pessoas vão mais para as ruas, festas, confraternizações, e o pico desse tipo de registro ocorre no Carnaval...” (Perez, 2021)

As matérias jornalísticas apontam que, em épocas festivas, como o Carnaval e final de ano, os roubos e furtos tendem a se intensificar: “Cuidados: roubos e furtos de celulares estão entre os perigos do carnaval” (Cuidados..., 2018), informa uma das matérias do programa televisivo Bahia Meio-Dia, exibido pela TV Bahia. Uma das reportagens do A Tarde, destaca que a venda dos aparelhos roubados no próprio circuito do carnaval ocorreria por preços bem inferiores. Segundo informações da Polícia Rodoviária Federal (PRF), os celulares seriam comercializados ilegalmente, ainda no circuito do evento, por uma média de R\$ 30,00 (Celulares..., 2019). “Festival Virada Salvador teve 320 ocorrências policiais; roubo e furto de celulares lideram, com média de 40 por dia” (Festival..., 2019), informa uma das manchetes jornalísticas.

Em 2017, uma análise de 25 mil boletins de ocorrência aponta que São Paulo teve uma média de 382 furtos em fins de semana comuns, e de 1.424 nos fins de semana de carnaval. Este índice indica aumento de 263% nos fins de semana de carnaval e pós-carnaval. (EM 5 DIAS..., 2018)

Nestes períodos, é comum os foliões receberem orientações de como se prevenir contra os roubos e furtos nos circuitos carnavalescos: “Vai levar o celular para o bloco de Carnaval? Veja dicas de segurança...” (Cruz..., 2020)”, alerta uma das matérias. Dentre as dicas de segurança sugeridas estão: a ativação do GPS do celular; a identificação do IMEI do aparelho; a verificação e backup dos dados. Diferentes tipos de rotinas, dias da semana ou feriados, além de festas e eventos podem influenciar nos padrões de roubo (Monk; Heinonen; Eck, 2010). Em outubro de 2019, por exemplo, a polícia conseguiu desarticular em Salvador uma quadrilha especializada em roubos e furtos de celulares em grandes eventos:

Em nota, a Secretaria da Segurança Pública da Bahia (SSP-BA) informou que através do localizador de um smartphone, os policiais militares encontraram os três criminosos, no bairro de Nazaré. [...] “Pela quantidade de aparelhos chegamos a uma quadrilha especializada em furtos durante grandes eventos. Infelizmente esse tipo de ação é motivada por outras pessoas que compram esses celulares de segunda mão, por preços mais baratos do que na loja”, disse o comandante do Policiamento na Região Integrada de Segurança Pública (Risp) BTS, coronel Nilton Cezar Machado. (Sinal..., 2019)

Os períodos festivos ou épocas específicas do ano intensificam os roubos dos celulares e também o medo e a sensação de insegurança por parte das pessoas, conforme o relato: “Chega final de ano e a insegurança cresce cada vez mais, todos nós devemos evitar o máximo possível de andar com celular, mostrar o que você tem...” (Microempreendedor, 55 anos).

### 5.2.2 Período pandêmico

Conforme os dados divulgados pelo 17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública, do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, em 2023, o Brasil teve quase 1 milhão de aparelho roubados e furtados no ano de 2022. Com relação aos números absolutos, os estados com maiores registros de furto e roubos foram: São Paulo; Bahia; Pará; Minas Gerais e Rio de Janeiro. Em 2022, foram registrados 508,3 mil casos de roubo de celulares e 490,8 mil ocorrências de furto (Pitombo; Zarur, 2023). Os altos índices contrastam com aqueles que foram registrados no período pandêmico, ou seja, desde 2020, os furtos e roubos apresentaram uma curva decrescente, períodos que costumam ampliar os números de roubos (Pitombo; Zarur, 2023). No período pandêmico, os furtos e roubos de celulares haviam

apresentado uma queda em virtude da menor circulação de pessoas e suspensão de festas de rua (Pitombo; Zarur, 2023). Ou seja, “Quando as restrições de mobilidade e circulação diminuíram as interações entre as pessoas dificultaram 'crimes de oportunidade'”, afirma Renato Sérgio de Lima, diretor-presidente do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (Perez, 2023).

Ainda conforme os dados divulgados pelo anuário, identificou-se que a Bahia registrou um aumento de 70% nas ocorrências de furto e roubo de celulares ao comparar os anos de 2021 e 2022 (Pitombo; Zarur, 2023). Este aumento estaria associado às flexibilizações das medidas restritivas e o retorno das festas de rua:

O aumento aconteceu em meio às flexibilizações de medidas restritivas com o arrefecimento da pandemia. Em 2022, a despeito de festas como o Carnaval terem sido suspensas, o estado viveu o retorno de festas privadas, eventos culturais e forte retomada do turismo. Uma das consequências foi uma escada de furtos e roubos em áreas turísticas, caso da região do Pelourinho, em Salvador. (Pitombo; Zarur, 2023)

Por outro lado, neste período, observou-se uma intensificação do uso dos aplicativos para realização de transações bancárias, fazendo com o que os celulares fossem usados pelos criminosos para realização de novos golpes virtuais (Pitombo; Zarur, 2023).

“O aparelho celular continua tendo um alto calor de hardware, mas a principal razão para os roubos é que o equipamento se transformou em porta de entrada para golpes e extorsões. Isso é uma tendência mundial”, avalia Renato Sérgio de Lima, diretor-presidente do Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Este tipo de crime ganhou mais força a partir da pandemia da Covid-19, que deu maior popularidade ao comércio eletrônico a partir dos aplicativos de celulares. No Brasil, o avanço também está ligado à criação do PIX, que facilitou operações de transferência de valor a partir de aplicativos dos bancos. (Pitombo; Zarur, 2023)

### **5.3 Contratação de seguro**

As matérias jornalísticas apontam ainda para um crescimento na procura pela contratação de seguro para os aparelhos celulares (Procura., 2022; Com aplicativo...,2018). O seguro é um serviço que visa minimizar o prejuízo financeiro da perda, quebra ou roubo do celular, já que restitui total ou parcialmente o valor do bem. Entretanto, deve-se levar em conta que os prejuízos e transtornos de outras ordens ainda existem, como a perda e roubo de dados e invasão de aplicativos bancários. A procura por seguro para celulares aumentaram três vezes nos últimos

cinco anos, ou seja, segundo a Federação Nacional de Seguros Gerais (Fenseg) existem cerca de dez milhões de aparelhos segurados no Brasil (Roubo de celulares..., 2022) . O preço do seguro gira em torno de 18% e 20% do valor total do celular e tem vigência de um ano ou 12 meses. Os planos de seguro podem variar de acordo com a necessidade do usuário, incluindo diversas coberturas, como quedas, quebras de tela, furto ou roubo (Santos, 2023). Embora os celulares apareçam como alvos preferenciais nos roubos de rua e tenha se identificado um crescimento na procura por seguro, apenas 11% dos usuários de smartphone contrataram o serviço, segundo a pesquisa do Panorama Opinion Box (Santos, 2023). Os dados apresentados acima estão em consonância com os coletados para esta pesquisa, ou seja, poucos interlocutores alegaram ter realizado o seguro do celular: “Não tinha botado no seguro. Estava quitado...A gente não liga assim para seguro, só quando começa a perder mesmo [ser roubado]...Aí [a gente] se preocupa com isso...No começo não...” (Auxiliar de Serviços Gerais, 31 anos).

Meu celular tinha seguro, aí, tive que prestar queixa, pra ver se eu tentaria reaver um novo celular...Estou aguardando agora pra dar 50% do valor que foi roubado, tem que levar o boletim de ocorrência até a loja...Aí é uma burocracia danada...Já tem um mês e eu estou aguardando o celular chegar e nada...Só foi uma coisa que foi demorada...Prestar queixa é aquele desgaste...Ir até a delegacia, ter que aguardar, ter que esperar, aquele maltrato do escrivão pra registrar o boletim de ocorrência, é tanta coisa... (Empreendedor, 23 anos)

Além da burocracia relatada pelo interlocutor acima, as vítimas relatam ainda a falta de condições financeiras no momento para contratar o serviço: “Eu ia até tentar fazer o seguro. Um amigo meu informou que eu botasse no seguro, que era bem melhor [...] E eu não quis, no momento não estava com condições de colocar”. (Vendedor, 22 anos). A baixa contratação do seguro para solucionar o prejuízo material da perda do celular entre os interlocutores requer uma intensificação de outros cuidados, como será mostrado no capítulo sobre as diversas práticas de segurança empregadas pelos alvos.

#### **5.4 Mercado ilícito de celulares roubados**

A capacidade de bloquear telefones celulares roubados, introduzida no Reino Unido em 2003, tem como objetivo impedir os benefícios do roubo para um infrator

ao tornar o telefone inútil (Thompson, 2017). No entanto, os aparelhos celulares ainda podem ser desbloqueados de forma relativamente fácil para serem revendidos no mercado ilícito (Thompson, 2017). A suspensão da linha do telefone roubado, por exemplo, não impede o funcionamento do celular, isto é, além de acessar o celular por rede Wi-Fi, os criminosos conseguem modificar o IMEI (número de identificação para cada telefone celular) para venda irregular (Galvão, 2019). Conforme Galvão (2019, s/p):

A ineficiência do bloqueio de celulares após furto ou roubo permite que os aparelhos continuem em circulação no mercado ilegal e em atividades criminosas. Pesquisa do Sindicato Nacional das Empresas de Telefonia e de Serviço Móvel Celular e Pessoal (Sinditelebrasil) aponta que, apesar de o usuário solicitar o serviço nas operadoras ou na Polícia Civil, o telefone ainda pode ser usado. Na semana passada, o **Correio** mostrou que 60% dos latrocínios ocorridos em 2018 tiveram o smartphone como motivo do roubo e que o comércio desses produtos sem procedência ocorre a qualquer hora em grandes pontos de movimentação de pessoas, como a Rodoviária do Plano Piloto e o centro de Taguatinga. O estudo do Sinditelebrasil detalha que celulares bloqueados servem apenas para proteger os dados do dono do aparelho. Mas os telefones continuam em funcionamento e têm apenas a linha suspensa. Dessa forma, o aparelho ainda pode ser usado para acessar a internet e aplicativos, bastando estar conectado a uma rede wi-fi. Entretanto, há criminosos que conseguem burlar esse sistema, mudando o código de identificação.

As notícias que tratam do comércio ilegal dos celulares informam que os aparelhos roubados são repassados por um valor bem inferior ao preço original: “Roubo de iPhone: aparelho de R\$ 6 mil é vendido por R\$ 100. Celulares roubados são comprados nas mãos dos assaltantes a preços muito baixos” (Roubo..., 2017). Hoje em dia, as “feiras de rolo” ocorrem, inclusive, nos ambientes virtuais, como grupos no *Facebook* (Souza, 2018). As “feiras do rolo”, como são conhecidos os comércios ilegais de rua onde são vendidos produtos falsos ou roubados, agora migraram também para a internet:

Como celulares roubados no carnaval são desbloqueados e desovados em ‘feiras do rolo’ no *Facebook*. Brasileiros viajam ao Paraguai para comprar aparelho que troca IMEI de aparelho bloqueado por um válido na Anatel [...] Depois, os assaltantes encontraram nas “feiras do rolo” do *Facebook* um caminho fácil para desová-los. (Souza, 2018).

Deve-se levar em conta os benefícios potenciais do roubo, não apenas para os ladrões, mas também para as pessoas que, sem saber ou não, compram bens roubados por valores mais acessíveis (Clarke, 1999): “Comprei de segunda mão e não consegui mais comprar um celular na loja. Aí acabei comprando de segunda

mão... No bairro mesmo onde eu moro. Na mão de terceiros... (40 anos, Auxiliar de produção)”. Embora os preços sejam menores, os bens comercializados sem procedência comprovada não possuem nota fiscal e demais garantias. Além disso, a compra desses aparelhos com origem duvidosa pode ser caracterizada como crime de receptação. O roubo também pode gerar lucros para as empresas, tendo em vista que as vítimas precisam substituir os bens roubados através da compra de novos itens (Clarke, 1999), já que o celular é tido como imprescindível atualmente.

Portanto, observa-se que os celulares são amplamente visados e podem ser facilmente revendidos no mercado ilegal. Em matéria exibida pelo telejornal BATV, informa-se que a polícia realizou ações na feira do rolo e na Praça da Mãozinha, em frente ao Shopping da Bahia, locais onde havia um grande volume de negociação de celulares de origem duvidosa (Mercado...,2020). Os roubos dos celulares visam alimentar o mercado ilícito através da revenda do aparelho funcional, apagando os dados da vítima, e até as vendas de partes do aparelho como peça de reposição (Mercado...,2020). Além disso, os celulares também são usados como moeda de troca.

[...] é fácil de desbloquear, é fácil de ser vendido. Eu acho errado a pessoa que compra celular na mão de segundos, terceiros e aí vai...É o meio dele ganhar mais dinheiro para consumir com droga...Que você paga mil e ele vende por quinhentos, a pessoa pega porque sabe que lá na loja ele é mil, dois mil, três mil e na mão deles é super barato. Para o consumo deles da droga, o meio dele consumir a droga é pegando o aparelho celular para vender mais barato... São vendidos mais baratos. Bem mais barato! (Recepcionista, 38 anos)

Em Salvador, durante o período carnavalesco de 2023, policiais infiltrados desarticularam um esquema de troca de celulares furtados por substâncias psicoativas no Porto da Barra. Conforme as informações divulgadas pelo Correio da Bahia, uma mulher era responsável por receptar os aparelhos celulares que seriam utilizados como moeda de troca por cocaína, maconha e crack. A quantidade destas substâncias estavam relacionadas a marca e qualidade do aparelho furtado (Três..., 2023). Em outra situação, após o período do Carnaval de 2023, a operação Desbloqueio Carnaval, que objetiva desmontar os esquemas de aparelhos celulares furtados e roubados nos dias da festa, prendeu um suspeito de revender os telefones móveis em uma loja de venda e manutenção de celulares no centro de Salvador (Suspeito...,2023).

Conforme uma matéria jornalística divulgada em 2019, uma casa que funcionava como ponto para revenda de celulares roubados foi localizada em Pirajá pela Rondesp, após duas vítimas informarem um roubo ao transporte coletivo na Jaqueira do Carneiro. A polícia chegou ao local através do GPS. As matérias chamam atenção também para o mercado ilegal de celulares roubados como o fator principal para a ocorrência desses assaltos e furtos: “É importante informar ao cidadão que adquirir um aparelho sem nota fiscal poderá configurar crime de receptação”, informou o delegado Nélis Araújo (Sinal..., 2019). Quatro interlocutores alegaram ter comprado outro celular na mão de terceiros após o roubo. Apenas um informou que o aparelho tinha nota fiscal: “Eu comprei na mão de um amigo meu...Tem nota fiscal e tudo direitinho...Era da esposa dele e ele pegou e vendeu...De terceiros... (Entregador de transportadora, 40 anos)”. A compra estava relacionada a urgência de se adquirir outro aparelho e os preços serem menores. “Comprei de segunda mão e não consegui mais comprar um celular na loja. Aí acabei comprando de segunda mão... No bairro mesmo onde eu moro. Na mão de terceiros... (Auxiliar de produção, 40 anos)”, alega a interlocutora. Em entrevista à Folha de São Paulo, Renato Sérgio de Lima, diretor-presidente do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, considera que é necessário dar uma atenção maior aos crimes de receptação de celulares roubados e sua associação com facções criminosas(Pitombo; Zarur, 2023).

O fato de os celulares serem amplamente visados pelos assaltantes, além de causar medo na população, acaba gerando uma mudança de comportamento entre as pessoas. Acessórios como *pop socket*, anel para celular, prometem evitar os roubos e movimentam o comércio. Um dos vendedores filmados em uma das reportagens televisivas exibidas pela Rede Record dizia: “Leva a mão, mas não leva o celular”. Em São Paulo, por exemplo, os comerciantes com o intuito de conter a ação dos assaltantes na região da Praça da República começaram a espalhar cartazes e placas avisando do perigo dos roubos de celular na localidade. As placas continham frases como “De olho no celular”, “Cuidado com seu celular. Local sujeito a roubo” (Soares, 2019; Conheça..., 2017).

Com a introdução das transações bancárias feitas por aplicativos de celulares como o Pix, observa-se ainda o roubo de celulares com intuito de extorquir as vítimas e acessarem seus dados pessoais, como será desenvolvido nas linhas posteriores.

## 5.5 Oportunidades para outros crimes

As matérias jornalísticas enfatizam o aumento dos roubos de celulares seguidos de extorsão, principalmente após a popularização do Pix. Desenvolvido em 2020 pelo Banco Central do Brasil, o Pix é um sistema de pagamento digital que permite transferências financeiras entre contas de maneira rápida e gratuita através de aplicativos bancários no celular. Além do aparelho que pode ser facilmente revendido, os celulares contêm uma variedade de informações valiosas, como os dados financeiros, que também podem gerar lucros para os ofensores. “Os smartphones se tornaram ‘caixas eletrônicos ambulantes’, pela facilidade de transferir dinheiro. Viraram a bola da vez dos assaltos”, afirma Rafael Alcadipani, professor da FGV e integrante do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (Freitas; Queiroz, 2022).”

O roubo do celular desbloqueado ou no momento exato de uso da vítima se torna um alvo interessante por facilitar o acesso aos dados do usuário e, conseqüentemente, a possibilidade de novas fraudes. Conforme o repórter Cesar Galvão, o *modus operandi* dos assaltantes inclui desde quebrar vidros de automóveis a “mergulhar” nos carros durante engarrafamentos para roubar os celulares desbloqueados. O objetivo é ter acesso as senhas e contas bancárias das pessoas (Lo Prete, 2022).

Outro modo de ação dos ladrões é quebrar o vidro do veículo, se lançar para dentro e levar o celular, muitas vezes aberto em aplicativos de troca de mensagens ou de rota de trânsito, o que torna mais fácil para os criminosos acessarem informações das vítimas. Com a vida facilitada pelo Pix e pelos aplicativos de bancos, os assaltantes também os dados das vítimas para aplicar golpes diversos, normalmente com o auxílio de hackers. [...] “Os chamados lanceiros, que passam de bicicleta, moto ou a pé, entregam o celular para um receptor. Aí entra a figura do hacker, que quebra as senhas, acessa a memória do aparelho e ajuda nos golpes”, diz o delegado Roberto Monteiro Junior. (Freitas; Queiroz, 2022,s/p)

O crescimento dos roubos e furtos de celulares é explicado a partir dos seguintes fatores: aceleração do acesso das pessoas aos serviços digitais no período pandêmico; migração de serviços físicos para o ambiente virtuais e aplicativos; os novos crimes gerados a partir do roubo de celular, como o estelionato, golpes virtuais e fraudes bancárias (Perez, 2023). Deste modo, “o furto e o roubo de celular passaram a ser a porta para os demais crimes. O advento do Pix [em

novembro de 2020] impulsionou essa tendência. Renato Sérgio de Lima, diretor-presidente do Fórum Brasileiro de Segurança Pública” (Perez, 2023,s/p). No trecho da matéria abaixo, é possível identificar os caminhos percorridos pelos aparelhos roubados que serão utilizados para outros golpes:

Segundo o presidente da Comissão de Privacidade e Proteção de Dados e Inteligência Artificial da OAB de São Paulo, Solano de Camargo, grande parte da população não precisa mais ir ao banco. "As pessoas carregam os bancos em suas mãos, nem mesmo o cartão de crédito usam mais." Com a migração dos serviços físicos para o ambiente virtual, aumenta o número de grupos e criminosos que se especializam nessa modalidade. Segundo ele, esses grupos subtraem os aparelhos, os levam para laboratórios, roubam dados e comercializam as peças. [...] O fluxo ocorre da seguinte forma: o aparelho é levado por uma pessoa e rapidamente passado para outra. Muitas vezes, passa por ao menos três pessoas até que a vítima perca o objeto de vista. Depois, o celular vai para os chamados "laboratórios". Nesses locais, os dados são acessados e a criptografia, quebrada. Nesse momento, podem ocorrer golpes de estelionato — quando os criminosos usam as redes sociais para pedir dinheiro ou anunciar falsos negócios, por exemplo. Depois, os aparelhos são vendidos — muitas vezes para países africanos — e reconectados a outras redes de telefonia. *Depois que acontece [o golpe] é praticamente impossível reaver o dinheiro. Para não cair em golpes, o ideal é verificar a procedência dos anúncios na internet, das mensagens recebidas nas redes sociais e evitar enviar fotos a desconhecidos.* Solano de Camargo, presidente da Comissão de Privacidade e Proteção de Dados e Inteligência Artificial da OAB-SP. (Perez, 2023)

Segundo o levantamento feito pelo Departamento de Pesquisas em Economia do Crime, da Fundação Escola de Comércio Álvares Penteados, o roubo de celulares seguidos de extorsão em São Paulo corresponde a 54% dos registros entre agosto e setembro de 2021, número oito vezes maior quando comparado ao mesmo período do ano anterior(Perez, 2021).

O coordenador do Departamento de Pesquisas em Economia do Crime da Fecap afirma que esse aumento, além de estar ligado à retomada das atividades, teria relação direta com a popularização do sistema de pagamento por meio de Pix. Com a explosão do número de ocorrências que envolvem esse tipo de transação bancária, as vítimas são obrigadas a ceder senhas de aplicativos de bancos para realizar transferências rapidamente. “Trata-se de um efeito dessa possibilidade de fazer operações instantaneamente. A criminalidade acaba inovando na forma de agir”, diz. (Perez, 2021, s/p)

Levando em consideração as informações valiosas que carrega, a invasão do celular é comparada a invasão da própria casa pelo especialista em desenvolvimento de ferramentas de segurança digital Thiago Ayub: “Ele fala da responsabilidade das empresas fabricantes e recomenda “pensar na proteção do celular assim como pensamos na proteção da nossa casa”, tamanha a importância das informações que ele carrega (Lo Prete, 2022).”

Conforme será apresentado no capítulo sobre as práticas de segurança, observa-se que as vítimas utilizam diversas estratégias para se tentar se proteger dos roubos. Em tempos de novos aplicativos e meios de pagamento digitais, tais estratégias também passam a ser repensadas e reelaboradas. A sua preocupação está para além da perda do aparelho em si, isto é, o medo gira em torno do roubo dos dados que constam no celular e o acesso dos ofensores a sua vida bancária.

Portanto, os dados coletados permitem afirmar que os aparelhos móveis se encaixam naquilo que Clarke (1999) denomina de *hotproducts* ou “produtos quentes”, ou seja, possuem as seis características que aumentam o risco sobre um alvo: ocultável (*concealable*), removível (*removable*), disponível (*available*), valioso (*valuable*), atraente (*enjoyable*) e descartável (*disposable*) (CLARKE, 1999). Os aparelhos celulares mudaram drasticamente desde o início da década de 1990. Ao comparar, por exemplo, as dimensões e o peso do Nokia 1011, lançado em 1992, com o Iphone fica nítido uma redução considerável no tamanho total dos aparelhos mais recentes (Thompson, 2017). Sendo, portanto, mais portáteis. Os celulares podem ser facilmente escondidos e transportados pelo assaltante (ocultáveis e removíveis). Estão amplamente disponíveis (disponíveis) e possuem valor para venda (valiosos). Conforme foi citado anteriormente, o Brasil, por exemplo, está entre os cinco países com maior número de usuários de celulares (Souza, 2021). Considerando as funções e a centralidade que assumem na vida das pessoas, os celulares se caracterizam como bens de consumo extremamente cobiçados e, portanto, mais prováveis de serem alvos dos roubos (atraentes). Os fabricantes, cada dia mais, trazem aparelhos novos e atualizados para o mercado, levando os consumidores a investirem na aquisição de modelos melhores (Thompson, 2017). Tais produtos se tornam altamente atraentes para ladrões e para as pessoas em geral. Os assaltantes visam os bens que são fáceis de vender (descartáveis). Os celulares podem ser facilmente convertidos em dinheiro, seja com a venda direta do aparelho e de suas peças ou, mais atualmente, através dos roubos seguidos de extorsão por meio dos aplicativos de transferências bancárias e acesso aos dados pessoais das vítimas. Desse modo, o roubo de celular pode produzir oportunidades para outros tipos de crimes (Felson; Clarke, 1998).

## **CAPÍTULO 6. INTERAÇÕES COERCITIVAS ENTRE VÍTIMAS E ASSALTANTES**

Esta seção analisa as interações coercitivas envolvidas nos roubos de celulares ou nos encontros forçados partindo da identificação de quatro situações: 1) vítimas sozinhas em espaços públicos com poucos espectadores; 2) vítimas sozinhas em espaços com mais espectadores; 3) vítimas acompanhadas em locais com poucos espectadores; 4) vítimas acompanhadas em espaços com mais espectadores.

### **6.1.VÍTIMAS SOZINHAS EM LOCAIS POUCO FREQUENTADOS**

#### **6.1.1 Contextos espaciais e temporais**

Esta seção analisa os casos de roubos de celulares que envolveram vítimas sozinhas ou solitárias em espaços públicos considerados pouco frequentados: “Nem tinha mais ninguém na rua [...] estava sozinha e Deus... Nem gente passando mais não tinha...” (Doméstica, 36 anos).

No que diz respeito aos roubos de celulares, tais contextos dificultam as reações ou pedidos de ajuda por parte das vítimas, além de favorecerem a abordagem e fuga de assaltantes: “Fiquei desorientada. Não tive como gritar, pois não tinha movimento de pessoas, só de carros e ele estava de bicicleta” (Recepcionista, 38 anos). Ou então, como afirmou outra pessoa: “Não teve como eu pensar em fugir, porque no lugar que eu estava no ponto de ônibus [que era] um lugar deserto, não tinha acesso para gente sair nem pedir socorro a ninguém...” (Empreendedor, 28 anos). A ausência de pessoas associada ao fato de as vítimas estarem desacompanhadas pode aumentar a exposição das mesmas, principalmente, quando elas são mulheres e também temem sofrer abusos sexuais.

As vítimas se referem aos roubos como eventos rápidos que, em vários casos, duraram minutos ou frações de minutos: “Eu fiquei sem acreditar no que estava acontecendo ali...Foi tão rápido que eu fiquei sem reação...” (Professor, 32 anos). Ou então: “Acho que [durou]dez segundos assim no máximo assim...Foi tudo muito rápido...” (Professor, 33 anos).

Os roubos se concentraram no início da manhã e da noite, justamente naqueles horários em que as vítimas estavam indo ou voltando do trabalho. Em um dos casos, a vítima retornava do trabalho de madrugada. Em dois eventos os alvos estavam se dirigindo ao hospital e retornando de um jogo de futebol. No último caso,

a vítima, que costumava retornar do jogo com os amigos, estava sozinha no momento. Para ele, o fato de estar sozinho em uma rua pouco frequentada facilitou o assalto:

Até hoje eu jogo esse baba [futebol] com meus amigos...A gente vem de galera, vem de dez homens, quinze homens, todos resenhando, conversando... Então jamais eles viriam para cima... Eles iam sentir até ameaçados... Inibe... Eles são todos putas...Me viu sozinho...Aí eu fico totalmente vulnerável. Essa rua é deserta... (Consignano, 26 anos)

### 6.1.2 Comportamentos das vítimas antes do roubo

Antes do roubo, as vítimas se deslocavam sem utilizar o celular, esperavam para atravessar a rua com o celular guardado, estavam na sinaleira em ligação telefônica ou no ponto de ônibus utilizando os fones de ouvido do celular e tentando chamar um Uber. Ou seja, embora a maior parte dessas pessoas estivesse com seus guardados em bolsos, bolsas ou mochilas, houve relatos de vítimas que estavam distraídas e utilizando o aparelho. Além de estarem sozinhas em lugares pouco frequentados, a postura distraída delas, a exemplo de estar fazendo uma ligação telefônica, fez com que elas fossem vistas como alvos fáceis de se aproximar e dominar (Monk; Heinonen; Eck, 2010) e depois acabassem se auto-culpabilizando (Azevedo, 2011) por considerarem que elas próprias facilitaram o roubo.

Eu estava saindo na época do trabalho quando eu estava falando no celular (...). Parei na sinaleira, distraído conversando e quando eu vi o rapaz já veio assim no susto...Eu nem vi...Eu vi que ele estava atravessando em minha direção e já foi pedindo o celular...Inclusive o sinal estava fechado para a gente [pedestre], mas ele passou mesmo assim, já foi me abordando e pedindo o celular mesmo assim...Com certeza [facilitou], porque além de estar só, eu estava distraído na ligação... (Professor, 32 anos).

Em um dos casos, o interlocutor estava saindo do trabalho sozinho, no período da madrugada, e tentou chamar um carro por aplicativo diretamente do ponto de ônibus:

Só tinha eu no local [do roubo] no caso. Estava tentando chamar um Uber, mas aí não consegui não, levaram o celular e eu nem chamei o Uber. [...] Era mais ou menos três horas da madrugada. [...] Você está esperando um ônibus para ir para casa depois de um dia cheio... A pessoa se sente vulnerável. Foi essa sensação que eu senti no momento, eu estava ali e poderia ter dado algo errado e ser pior. (Garçon, 27 anos)

### 6.1.3 Estabelecimento da copresença

Todos os assaltos foram cometidos por homens, aparentemente jovens, e apenas em uma situação teve a coparticipação de uma mulher. Neste último caso, a abordagem foi feita pelo homem enquanto a comparsa o aguardava na moto. Destaca-se que a utilização de máscaras e capacetes de moto por parte dos assaltantes, dificultou a identificação o rosto dos infratores por parte de algumas vítimas.

Os roubos foram cometidos por um número de assaltantes que variou de um a quatro indivíduos, que chegaram a pé, de bicicleta, motos e carro. Entretanto, na grande maioria dos casos, o estabelecimento da copresença e compartilhamento da definição da situação de roubo foram realizados apenas por um indivíduo. Em contraste, os roubos realizados com motos tendem a ser cometidos por duplas. Nestas interações, de modo geral, enquanto um indivíduo estabelece a co-presença, compartilha a definição da situação e realiza o roubo, o seu comparsa aguarda no veículo para viabilizar a fuga<sup>1</sup>.

Para o estabelecimento da co-presença, os assaltantes usam táticas como a ocultação, o disfarce, a representação de comportamentos normais e a manipulação de estereótipos socioraciais antes de abordarem as vítimas: “Ele estava escondido, aí quando ele me viu, ele veio até a mim, pediu o celular, me xingou [de “desgraça” e “puta”]”(Doméstica, 36 anos).

---

<sup>1</sup> O uso constante das motos para a prática de assaltos acaba fazendo com que as pessoas relatem, frequentemente, o temor inspirado por “dois caras em uma moto” se aproximando na rua. A expressão “dois caras em uma moto” viralizou nas redes sociais sendo colocada como um dos maiores medos da população brasileira. Uma série de “memes” podem ser encontrados utilizando a expressão: “O brasileiro tem dois medos: dois homens em uma moto e panela de pressão”; “Você não é dois caras em uma moto, mas meu coração acelera quando te vejo”. Tal visão favorece ainda o processo de demonização dos trabalhadores de moto-entrega, isto é, os motoboys são estigmatizados, dentre outras coisas, pela associação dos mesmos com a prática de delitos violentos (Paes-Machado; Riccio-Oliveira, 2009).

Por sua vez, em dois eventos os infratores abordaram os alvos com roupas e acessórios de entregador de alimentos e mototáxi, evitando suspeitas e surpreendendo as vítimas.

Eu estava com a mochila, escutando som no celular com o fone, aí veio dois meliantes em uma moto e eu achei que seriam entregadores de comida de lfood. [...] Foi justamente quando eles passaram com uma beca [roupa] de entregar alimentos. Eu achei que era algum entregador qualquer, eles pararam e eu sem escutar, sem entender direito, quando o outro desceu, já desceu com uma arma apontando para gente [...] Retornaram novamente com a moto, com aquela beca, pararam, eu achei que estava procurando saber informação, eu sem entender, eles mandando tirar, o outro veio com a arma, aí eu fiquei sabendo que era um assalto... (Empreendedor, 23 anos)

Em outro episódio, a visão estereotipada dos delinquentes como pessoas em situação de rua, levou um assaltado a não suspeitar e ser surpreendido por um rapaz branco, com estilo de surfista e portador de um semblante tranquilo.

Era um rapaz branco, estava com uma camisa amarela, bermuda, cabelo meio assim liso...Estilo surfista... É tanto que eu fiquei surpreso...Aqui a gente tem uma imagem de ladrão [que é] diferente disso...Então, acho que foi isso também que me deixou na dúvida se era um susto mesmo, uma brincadeira ou assalto de verdade...Eu não acreditei... Eu achei uma semelhança muito tranquila...Um cidadão comum...Não aparentava em nada aspecto de ladrão, de meliante... Então ele veio na minha direção, eu não suspeitei de nada [...].Até porque a aparência dele não passava nada de ladrão, coisa assim, né? Para o que a gente tem em mente...Normalmente pessoas de rua... Em situação de rua... [...] No que ele veio para cima de mim dizendo que era um assalto eu tomei aquele susto... (Professor, 32 anos)

Ainda com relação a fala acima, Misse (2010) constata a relação ou afinidade entre determinadas “práticas criminais – as que provocam abrangente sentimento de insegurança na vida cotidiana das cidades – e certos “tipos sociais” de agentes demarcados (e acusados) socialmente pela pobreza, pela cor e pelo estilo de vida”(Misse, 2010,p.18). Segundo o autor, tais autores de crimes, não são tidos apenas como criminosos, mas também “marginais”, “bandidos e “violentos” (Misse, 2010). Espera-se que alguns “tipos sociais” sejam “bandidos”, ao passo que outros não.

#### **6.1.4 Compartilhamento da definição de situação de roubo**

No compartilhamento da definição de situação de roubo a comunicação do assalto se deu através de frases como “perdeu, passa o celular” e “passa o celular desgraça” e a exibição ou simulação do porte de armas de fogo. Isto pode ser verificado nos seguintes trechos: “Só fez xingar, né? Que era para passar ‘passa o aparelho sua desgraça que eu estou armado” (Recepcionista, 38 anos). Ou então,

“quando eu acabei de saltar [do ônibus], ele parou uma moto com dois caras, suspendeu a camisa e disse ‘perdeu, tia’. Perdi o que? Aí ele mostrou o revólver, aí ele ‘perdeu o celular’...” (Aposentada, 67 anos).

A utilização de armas de fogo por parte dos ladrões foi predominante, havendo duas situações em que as vítimas alegaram não saber se seria mesmo uma arma ou uma simulação, já que o assaltante manteve a mão embaixo da camisa. De maneira geral, a abordagem dos perpetradores se deu mediante a exibição de arma de fogo e ameaça psicológica. Tal como em outras interações semelhantes, as vítimas manifestaram medo da morte (Walsh, s/d). Desse modo, a utilização da arma é “uma economia de esforço: ela introduz na relação um acréscimo brutal em relação ao grau de violência potencial, fazendo emergir, de modo imediato, um potencial de letalidade na relação” (Corrêa, 2020, p. 606).

O estabelecimento da fase da definição da situação de roubo se deu das seguintes formas: a) aproximando-se da vítima, pedindo para entregar o celular sem xingamentos e com exibição de arma; b) de maneira agressiva e colocando a arma no rosto; d) ameaça com arma e solicitando que a vítima não olhasse para o rosto; e) encostando ou imprensando o veículo, bicicleta ou moto, na vítima.

### **6.1.5 O roubo ou a transferência dos bens**

No que diz respeito ao roubo, os assaltados, na grande maioria das vezes, acabaram entregando os bens após serem comunicadas de que se tratava de um assalto ou após, o infrator intensificar as ameaças verbais, exhibir ou simular a posse de armas (Jacobs, 2013). “Ele estava armado e eu fui obrigada a entregar o aparelho a ela e eu não sei se a arma era de verdade ou de mentira. Não ia arriscar para ver, né? Exibiu a arma. Aí eu tive que entregar” (Recepcionista, 38 anos), afirma uma das vítimas. O interlocutor abaixo ainda tentou esconder o fone de ouvido, mas não teve tempo e acabou entregando em virtude da postura agressiva do assaltante, que já estava irritado com outra vítima:

Tentei tirar o fone do ouvido, tentei colocar o fone dentro da camisa, mas não deu tempo, aí eu peguei entreguei, tirei o celular da mochila e entreguei a ele. Eu não tentei negociar, nem conversar com eles, porque ele já chegou agressivo por conta dessa senhora [espectadora] que estava tão nervosa...(Empreendedor, 26 anos)

Em duas situações, os próprios assaltantes se encarregaram de tomar ou puxar o celular das vítimas: “Fiquei meio assim estático, ele pegou tomou o celular da minha mão, levantou assim a camisa para fazer a simulação que estava armado, eu vi algo, mas não deu para perceber realmente se era uma arma...” (Professor, 32 anos).

Por fim, no que se refere aos bens tomados durante o assalto, o celular foi o único alvo dos assaltantes neste grupo de pessoas, havendo um caso em que o infrator puxou a bolsa da vítima, retirou o celular e devolveu a sacola com os documentos : “[...] eles pediram o celular...Era o celular que eles queriam. Ele puxou minha bolsa, eu não podia fazer nada... Aí tirou o celular e largou a bolsa, por isso que ele não levou meus documentos...” (Aposentada, 67 anos). Em outro episódio, o assaltante levou somente o celular e deixou os outros bens do alvo: “O meliante veio com outra pessoa e falou “perdeu”. Eu fui lá, dei meus pertences a ele e ele só quis o celular, deixou a mochila e outras coisas lá” (Garçom, 27 anos).

#### **6.1.6 A fuga dos assaltantes**

As formas de fuga podem variar entre eventos em que os infratores fogem devagar ou simulam comportamentos normais à episódios em que os assaltantes correm ou aceleram os veículos. Neste sentido, as fugas ocorreram das seguintes maneiras: a) andando em passos acelerados; b) correndo a pé; c) de bicicleta; d) de moto em baixa velocidade; e) de moto em velocidade: f) de carro em velocidade.

Em um dos episódios, o infrator que, a princípio, saiu andando em passos acelerados precisou correr após perceber que a vítima estava no seu encalço. O fato do assaltante “olhar para trás” aparece como uma forma dele vigiar possíveis perseguidores como vítimas.

Ainda segui acelerando os passos, porque ele não saiu correndo logo de imediato, ele [assaltante] saiu andando em passo rápido, no que eu fui andando em passo rápido, ele olhou para trás e viu eu indo atrás, aí ele aí saiu correndo de forma mais rápida. Aí no que ele olhou para trás e viu que eu estava indo atrás, ele saiu correndo [...] Aí ele pegou e levantou a camisa...Não sei se tipo assim para dar o parecer daquela ameaça para que eu não fosse atrás ou reagisse... (Professor, 32 anos)

No que diz respeito às fugas em veículos, a maioria dos assaltantes utilizou motocicletas e, em apenas um evento, eles fugiram de carro.

[...] eu dei o celular, eles [assaltantes] montaram na moto e seguiram. E quando ele pegou o celular ele disse para eu não chamar a polícia, me xingou... Eu fui andando, ele montou na moto com a mulher e seguiu...E disse para eu nem olhar para trás...Eu andei normal, segui meu caminho... (Doméstica, 36 anos)

Em outro episódio, os infratores abandonaram o cenário do crime em alta velocidade, como observou a vítima ao afirmar: “A verdade que eu fiquei sabendo depois foi que eles fizeram um arrastão na Orla até chegar aqui na rua... E... estavam muito doidões, as pessoas pareciam estar muito doidas, o carro estava insano...” (Professor, 33 anos).

Entre os meios empregados para dificultar ou impedir os assaltados de notificar o crime, os infratores ordenaram que as vítimas andassem logo ou seguissem seu caminho, não olhassem para trás e não chamassem a polícia, chegando em um caso a vigiar, durante um curto lapso de tempo, se a vítima tinha obedecido a eles: “Saíram em baixa velocidade, olhando para trás...Estavam de moto... E aí que eles perceberam que eu não ia revidar em nada, aí entraram em rua de moto, saíram...” (Consignado, 26 anos).

### **6.1.7 Uso da violência psicológica e física**

Foram identificadas formas de vitimização verbal, psicológica e indireta, sendo esta última em menor número tendo em vista a característica dos espaços públicos pouco frequentados. A principal forma de violência descrita pelos interlocutores desse grupo é a verbal e psicológica, com xingamentos e ameaças endossadas pela exibição de arma de fogo por parte dos ofensores.

[...] estava indo para o ponto de ônibus pegar o buzú [ônibus] e um carro veio em direção e parou, quatro pessoas dentro, desceu um com arma, apontando já direto para mim, e solicitou o celular [...] Estavam meio transtornados [...] Aí entreguei, ele entrou no carro, ainda com a arma apontando para mim. Meu corpo acho que saiu o sangue total nessa hora [...] Eu estava pálido quando cheguei em casa...Eu voltei e encontrei umas pessoas que estavam aqui, estava abrindo o mercadinho, tremendo, o pessoal me deu água, eu fui e prestei queixa no mesmo dia... (Professor, 33 anos)

A manipulação do medo por parte dos ofensores e a percepção da mesma pelas vítimas constituem um aspecto central dos encontros forçados (Jacobs, 2013). Neste sentido, deve-se levar em conta o gradiente da manipulação e da percepção

do medo provocado pelo uso da violência psicológica e física contra os alvos: “Não tive reação para fugir nem nada. Com medo dele atirar ou fazer alguma coisa” (Atendente, 18 anos). Ao tempo que algumas vítimas tenham dito que ficaram tranquilas no momento do roubo, a visualização de armas apontadas para elas foi fundamental para elas cooperarem e entregarem seu celular.

Só que na hora não fiquei nervosa, eu fiquei anestesiada, está entendendo? Não consegui ter medo dele, minha reação foi não ter medo dele...Eu passei o celular porque eu vi que ele estava armado. Porque se eu sentisse que ele não estava armado, sincera e honestamente, eu não ia entregar meu celular não. (Desempregada, 52 anos)

O medo como um traço adaptativo e uma emoção antecipatória, é um sentimento que as pessoas desenvolvem para responder a uma ameaça percebida ou uma situação de perigo (Jacobs, 2013). Sob esta perspectiva, a manipulação do medo é um recurso utilizado pelos criminosos para reduzir a resistência, facilitar a cooperação e evitar o emprego da violência física contra os alvos. Nos roubos, os assaltantes manipulam o medo dos alvos e procuram transmitir a ideia de que a morte é um desfecho possível, mas que pode ser evitado, caso a vítima colabore. A ligação entre o medo e a cooperação dos alvos nas interações coercitivas é direta (Jacobs, 2013).

O medo também pode resultar do fato da vítima ter presenciado os xingamentos e agressões efetuados contra uma senhora que estava no mesmo ponto de ônibus vazio e foi roubada antes dela. Apavorado com o desfecho que o evento poderia vir a tomar, seja recebendo um tiro, seja vendo outras vítimas serem alvejadas, o interlocutor não somente entregou seu celular aos infratores, mas buscou convencer a outra vítima a fazer o mesmo.

Ela [outra vítima] começou a gritar e eu pedindo pra ela se acalmar, que ela entregasse o aparelho pra evitar mais uma tragédia ali, um acidente maior [e] eles chegaram atirar contra mim, contra ela ou contra outras pessoas que estavam ali no ponto de ônibus... [...] Fiquei bastante com medo por conta dessa senhora, ela estava muito desesperada, estava muito apavorada, estava muito nervosa...Xingou ela de cachorra, “bora sua cachorra, sua puta, entregue logo, entregue a porra do celular, bora sua desgraça”. E eu dizendo a ela “entregue senhora, entregue o celular que é bem melhor”. Eu entreguei logo o celular, uma arma, acho que era uma arma 38 [arma utilizada pelo agressor]...(Empreendedor, 23 anos)

Em outro episódio, após reação da vítima e de um espectador, o assaltante chegou a disparar a arma em direção da primeira, mas não a atingiu. Portanto, observa-se como fatores intensificadores da violência nesta situação: a) as formas de resistência da vítima que incluiu gritar, correr e pedir ajuda; b) a reação de um espectador, policial e morador da localidade, que efetuou um disparo por arma de fogo:

Eu corro, eu grito, é aquele pega para cá pá... [...] Minha reação foi gritar, correr e buscar ajuda. [...] Mas é minha reação... Correr, pular... Não sei o que rola comigo não... [...] Na luta corporal eu fui e joguei o celular do outro lado, mas ele conseguiu pegar. Idiota! [...] Na hora do assalto saiu um policial militar que morava na frente. Ele atirou para o chão e o ladrão se assustou. Mirou em mim! Ele atirou, mas eu enfraqueci das pernas e cai no chão. Depois eu não conseguia lembrar nem onde eu morava. (Estudante, 32 anos)

A seguir serão apresentados dois casos divulgados em jornais locais que tratam da intensificação da violência contra as vítimas sozinhas em locais com pouco espectadores, que resultaram em um espancamento e um óbito. Trata-se de casos de violência física extrema contra os alvos. Isto é, os casos serão apresentados respeitando a escala que vai dos fatos menos graves aos mais graves, como homicídio.

O primeiro caso ocorreu no mês de agosto de 2022. A vítima, uma mulher de 20 anos, estava caminhando sozinha em uma rua completamente deserta, em Lauro de Freitas, Região Metropolitana de Salvador. A vítima foi abordada por dois homens que chegaram em uma motocicleta. Ao reagir, gritando e tentando impedir insistentemente que o ladrão levasse seu celular, ela foi fortemente agredida/espancada pelos criminosos, que conseguiram realizar o roubo.

Uma mulher de 20 anos foi assaltada e espancada pelos ladrões na Rua Getúlio Vargas, no município de Lauro de Freitas, Região Metropolitana de Salvador, no último sábado (20). De acordo com a Polícia Civil, dois homens em uma motocicleta tomaram seu celular e ameaçaram-na. As imagens foram capturadas por câmeras de segurança. Enquanto tentava fugir, a vítima é perseguida pelos dois homens. Um deles, em seguida, desceu do veículo e passou a persegui-la. A mulher tentou impedir o homem de levar o celular dela. Ela foi agredida com joelhadas, puxões de cabelo e foi arremessada no chão. O segundo suspeito se aproximou e os dois homens conseguiram levar o celular da mulher. (Mulher...; 2022)

O segundo caso, por sua vez, foi no início do mês de maio de 2020, no período pandêmico. A vítima sem acompanhantes, um advogado aposentado de 71, encontrava-se em um ponto de ônibus com poucos frequentadores, no período da

noite, no bairro do Garcia. O idoso, que veio a óbito, foi alvo de disparos por arma de fogo, por um criminoso que estava em um veículo, após reagir ao roubo do celular. (Aloísio, 2020).

O advogado aposentado [nome da vítima], 71 anos, foi vítima de latrocínio - roubo seguido de morte -, na noite da última segunda-feira (4), em um ponto de ônibus no Garcia. Ele foi baleado após reagir quando os bandidos pegaram o seu celular. [...] Conforme informações preliminares [da Polícia Civil], o autor estava em um veículo e atirou após tentar roubar o celular da vítima", diz a nota. (Aloísio, 2020)

A intensificação da violência se deu no compartilhamento da definição de situação do roubo, isto é, na fase em que, antecedendo a transferência dos bens, o criminoso anunciou o assalto. Em ambos os eventos, as vítimas se negaram a entregar o pertence e foram severamente punidas. No primeiro evento, com puxões de cabelo, empurrões, socos, chutes e pancada com o capacete de moto, e no segundo caso, com disparos de tiros. Imagens de câmeras de segurança do caso um, por exemplo, mostram a vítima gritando intensamente, pedindo socorro, correndo e entrando em luta corporal com um dos assaltantes, enquanto o comparsa o aguardava na moto. Em seguida, ambos passam a agredir a vítima. A intensificação da violência ou a passagem das agressões verbais para as agressões físicas, incluindo os disparos por armas de fogo, possui relação direta com a resistência forçosa acionada pelos alvos no começo da interação.

#### **6.1.8 Formas de resistência das vítimas**

A percepção de medo pode ser fruto tanto de uma atitude deliberada e calculada dos infratores de manipular este sentimento entre as vítimas, como de condutas aparentemente involuntários e não racionais dos ladrões. Isto pode ser observado em um episódio em que o comportamento dos assaltantes, vistos como “doidões” e “transtornados”, intensifica o temor das vítimas e a preocupação com o que pode vir a acontecer (Paes-Machado, Viodres-Inoue, 2015).

A “falta de reação”, a paralização ou estado de choque, acompanhadas por tentativas de manter a calma também foram respostas relatadas: “Fiquei sem reação [...] Até porque se reagir a esse tipo de assalto eles atiram , né? Bate essa vontade [de reagir], mas a gente tem que se controlar, né?” (Consignado, 26 anos). Ou então: “Automaticamente pedi calma e falei que ia entregar o celular, entreguei o celular a

ele...”( Professor, 33 anos), conforme outro interlocutor. Entretanto, existem situações em que as vítimas demoram para entender, acreditar ou esboçar reações ao que está acontecendo. “Eu fiquei parado, estático...Porque eu fiquei sem acreditar no que estava acontecendo ali...Foi tão rápido que eu fiquei sem reação...” (Professor, 32 anos), afirma uma vítima.

Na realidade eu não consegui nem entender, porque quando eles passaram na moto [...] só que eles retornaram novamente com a moto, com aquela beca, pararam. Aí eu achei que estavam procurando saber informação, eu sem entender, eles mandando tirar, aí o outro veio com a arma, aí eu fiquei sabendo que ali era um assalto... (Empreendedor, 23 anos).

No que diz respeito as formas de resistência não forçadas, foram identificadas: a) entregar o bem e sair correndo ou se distanciar do assaltante; b) seguir o agressor após a transferência de bens; c) recuar ou se distanciar do assaltante; d) tentar esconder os bens. “O celular estava dentro da mochila, mas eu estava com o fone escutando música, eu tentei colocar o fone dentro da minha camisa, mas não deu tempo...” (Empreendedor, 23 anos), afirma uma das vítimas. No relato abaixo, o interlocutor alega ter tentado seguir o infrator após a transferência de bens:

Ainda segui acelerando os passos, porque ele não saiu correndo logo de imediato, ele saiu andando em passo rápido, no que eu fui andando em passo rápido, ele olhou para trás e viu eu indo atras, aí ele aí saiu correndo de forma mais rápida... (Professor, 32 anos)

No que diz respeito as formas de resistência forçadas, foram citadas: a) segurar o aparelho com força; b) dizer que não iria entregar; c) xingar o ofensor; d) gritar ou pedir ajuda; h) luta corporal; i) jogar o celular no chão: “Na luta corporal eu fui e joguei o celular do outro lado, mas ele conseguiu pegar. Idiota!” (Estudante, 32 anos), afirma a interlocutora.

As vítimas que resistem de maneira forçosa, parecem divididas entre a recusa da perda material e o medo de sofrer uma violência física ou até morrer: “O celular não estava quitado e tinha três dias de comprado. Claro que eu reagi, o celular valia 1.500 reais! Claro que reagi, tentei gritar, pedir ajuda, segurar, mas ele levou mesmo assim” (Vendedora, 30 anos). A ameaça com a arma de fogo é central para que as vítimas acabem por ceder e entregar o bem. Além do fato de estarem sozinhas ou vulneráveis, como alega a vítima abaixo, que ainda assim xingou o assaltante:

[...]ainda recusei, para trás, xinguei ele, mas vi que ele realmente estava armado e fui obrigada a entregar. Porque no momento eu estava só, só tinha movimento de carro passando, não tinha outras pessoas do meu lado que eu pudesse gritar[...] Me xingou de “la ela” [“desgraça”], o nome da desgraça, que ele estava armado, que era para eu passar o aparelho, eu ainda xinguei ele também e disse que não ia dar. Ele estava armado e eu fui obrigada a entregar o aparelho [...] Só fez xingar, né? Que era para passar “passa o aparelho sua desgraça que eu estou armado”. Eu aí recuei, xinguei ele também de “desgraça”, só que ele me mostrou o revólver, aí eu fui obrigada a entregar. Quando ele me abordou que ele me xingou falando que era para me passar o celular, eu xinguei ele também e disse que não ia dar nada a ele e dei para trás, só que ele se aproximou mais e realmente mostrou o revólver. Aí eu fui obrigada a tirar de dentro de bolsa e dei a ele... (Recepcionista, 38 anos)

### 6.1.9 Reações de eventuais espectadores

Entre as reações dos poucos espectadores presentes nos locais do crime estão o fato de não perceber que se tratava de um assalto, a indiferença daqueles que passavam de carro e a troca de tiros de um policial, residente em um prédio vizinho, com um ladrão: “Na hora do assalto saiu um policial militar que morava na frente. Ele atirou para o chão e o ladrão se assustou” (Estudante, 32 anos). Em outro evento, uma senhora que também estava em um ponto de ônibus vazio, gritou e segurou a bolsa visando evitar o roubo: duas formas de resistência forçosa – gritar e segurar a bolsa – por parte da mesma vítima. Destaca-se a posição prévia de observadores de alguns alvos, ou seja, deve-se levar em conta a passagem da posição ou status de espectador para a vítima de alguns presentes no momento do roubo:

Comigo não [foi violento], com a senhora que estava do lado porque a senhora revidou quando ele tomou o celular, ela ficou gritando para ele não tomar o celular dela [...] Ele começou a xingar ela com palavras de ofensas e botou a arma em cima dela, aí ela começou a gritar e eu pedindo para ela se acalmar, que ela entregasse o aparelho para evitar mais uma tragédia, um acidente maior. Eles chegaram e atirar contra mim, contra ela ou contra outras pessoas que estavam ali no ponto de ônibus... [...] E eu dizendo a ela “entregue senhora, entregue o celular que é bem melhor”. Eu entreguei logo o celular, uma arma, acho que era uma arma 38... [...] Ficou e mais outra senhora pedindo para ela entregar, mas ela queria revidar, ela revidando o assalto... [O assaltante] apontou a arma para gente [e disse] “Se não vou matar todo mundo aqui, vou atirar em todo mundo aqui, bora logo, passem logo essa desgraça desse aparelho logo”. Ela revidando e ele puxou a sacola dela...Puxou a bolsa dela, ele puxou porque ela tinha colocado o celular dentro da bolsa... [...] Eu não tentei negociar, nem conversar com eles, porque ele já chegou agressivo por conta dessa senhora [espectadora] que estava tão nervosa, gritando muito, aí eu evitei mais, para não ocorrer uma coisa pior... (Empreendedor, 23 anos).

Observa-se os seguintes elementos na cena descrita acima: a) uma vítima sem acompanhante conhecido; b) um ponto de ônibus deserto; c) espectadora (ou pessoa que foi vítima antes) reagindo de maneira forçosa ao roubo e irritando o infrator. A vítima se encontra em uma posição de vulnerabilidade levando em conta o contexto do roubo e a reação da espectadora. Tais elementos, além de aumentarem o temor da vítima em “ocorrer algo pior”, influenciou sua reação, fazendo com que a mesma entregasse o celular de imediato. Considerando o grau de irritabilidade dos ofensores, o interlocutor sequer cogitou ter qualquer reação diferente dessa.

Por fim, observou-se que, embora algumas vítimas resistam de maneiras forçadas e não forçadas, a grande maioria coopera com o roubo e entrega o bem de maneira mais rápida em tal contexto. A intensificação da violência psicológica ou a passagem para violência física se relacionam às formas de resistências empregadas pelas vítimas, como correr, ou situação em que os alvos (ex-espectadores) se recusam a entregar o bem. Os espaços pouco movimentados aumentam a vulnerabilidade das vítimas, dificultando os pedidos de ajuda, reações e favorecendo a fuga dos assaltantes, que ocorreram, de modo geral, sem grandes obstáculos.

## **6. 2.VÍTIMAS SOZINHAS EM LOCAIS FREQUENTADOS**

### **6.2.1 Contextos espaciais e temporais**

Esta seção analisa os roubos de celulares que envolveram vítimas sozinhas ou sem acompanhantes em espaços públicos com espectadores, observadores ou testemunhas do roubo em tela. Em alguns episódios estes sujeitos podem também ter sido vítimas do mesmo roubo, além de interagirem com os interlocutores. Deste modo, observa-se a posição prévia de observadores de alguns alvos, o que não permite a manutenção deles no status exclusivo de observador. Em algumas situações, o roubo destes (ex)espectadores não envolve o estabelecimento da copresença e do enquadramento na definição de situação do roubo, ou seja, alguns espectadores só viram vítimas na fase do roubo propriamente dito. A proximidade e a quantidade de observadores aparecem como aspectos relevantes na conversão destes em alvos.

Os assaltos ocorreram em vias públicas e pontos de ônibus. Os eventos aconteceram no período no final da tarde e à noite e, em grande parte, em momentos que os alvos estavam se deslocando do trabalho para a casa.

Eu estava saindo do trabalho e como é uma área que eles [assaltantes] sabem do fluxo de pessoas, eles aproveitaram e vieram dois caras de moto [...] Daí eles pediram o celular no primeiro momento, em seguida, ele viu que eu estava com a mochila; eu fiquei bem nervoso, tentei esconder a carteira, eles pediram a carteira também, xingaram, foram muito agressivos. Um estava com a faca, outro estava com a arma. Suspenderam a camisa e mostraram a arma. (Vendedor, 22 anos)

Assim como ocorre no período do início da manhã ou de ida para as atividades profissionais de rotina, os interlocutores fazem referência aos “horários de pico” ou de saída do trabalho como momentos preferenciais dos assaltantes em virtude do fluxo de pessoas, principalmente, aquelas que precisam se deslocar para pegar transportes em áreas de transbordo e pontos de ônibus.

### **6.2.2 Comportamentos das vítimas antes do roubo**

No que diz respeito ao comportamento das vítimas antes do roubo, observou-se as seguintes situações: a) vítimas em deslocamento com celular guardado e b) vítimas em deslocamento utilizando o aparelho; c) vítima parada utilizando o aparelho. “Peguei [ o celular] para poder ver o tempo que o ônibus ia chegar, mas

eu guardei na cintura e coloquei a mochila na frente, aí fui me sentei no ponto e logo depois vieram esses dois homens. Fui olhar o aplicativo do ônibus...” (Caixa e Modelo, 28 anos), afirma a interlocutora.

Neste grupo, as vítimas estavam, na sua grande maioria, saindo do trabalho: “Estava saindo do trabalho, estava vindo e quando atravessasse a pista eles vieram...Ele e a mulher dele...” (Atendente, 18 anos). Os roubos acontecem no decorrer da rotina das vítimas, isto é, nas vias ou pontos de ônibus, ao se deslocarem do trabalho para casa, conforme foi dito anteriormente (Monk; Heinonen; Eck, 2010). Efetivamente, em grande parte destes eventos, os aparelhos estavam guardados em bolsas ou bolsos de calça, com exceção de duas vítimas que utilizavam o celular para falar ou ouvir música através dos fones de ouvido: “Estava saindo do trabalho com o telefone na mão fazendo uma ligação e apareceu um homem e uma mulher na moto e me pediu o celular” (Atendente, 18 anos). Em um dos episódios, o interlocutor, que trabalha como mototáxi aplicativo, estava utilizando o aparelho celular para o trabalho.

### **6.2.3 Estabelecimento da copresença**

Todos os assaltos foram cometidos por homens, aparentemente jovens e até adolescentes, sendo comum as vítimas descreverem os últimos como “pivetes”, “moleques”: “[...] era um pivete, uma criança[...]minha reação de ver uma criança, um pivete, me assaltando com tanta violência... Mais ou menos seus assim seus 15 a 16 anos...” (Desempregada, 52 anos). Em apenas uma situação teve a coparticipação de uma mulher. Em tal situação também foi o homem quem deu voz de assalto e estava armado:

Ele [assaltante] e a mulher dele, ele [disse] “passa o celular, passa o celular” e eu peguei e passei o celular. [...] Não, estava com a mão na cintura, mas deu para perceber que era uma arma. [...] Ele estava e a mulher não [arma]. “Perdeu, , passa o celular”. (Atendente, 18 anos)

No que diz respeito as armas utilizadas pelos ofensores, foram identificadas armas de fogo e facas: “Um estava com a faca, outro estava com a arma. Suspenderam a camisa e mostrou a arma. Foi muito acalorante” (Vendedor, 22 anos). O uso de armas de fogo também foi predominante e, em apenas um caso, o interlocutor alegou não ter visto propriamente a arma. Os roubos foram cometidos

de um a dois assaltantes, que chegaram a pé ou em motocicletas, com predomínio destas últimas e a presença de dois assaltantes.

Os criminosos utilizam estratégias para diminuir a distância dos alvos sem causar desconfianças e evitando que estes últimos se retirem do local. Os infratores podem se aproximar e seguir as vítimas, encenando comportamentos normais. No depoimento a seguir, fica nítido que o fato de estar caracterizado como “bem-vestidos” faz com que os alvos não levantem suspeitas ou julguem que aquelas pessoas sejam ou “pareçam assaltantes”:

[...] vieram dois caras de moto, bem-vestidos, não parecia que eram assaltantes, estavam ambos de capacete e um deles estava com uma máscara que não dava para ver o rosto, bem fortes, capuz e bem-vestidos mesmo. Daí eles pediram o celular no primeiro momento, em seguida, ele viu que eu estava com a mochila; eu fiquei bem nervoso, tentei esconder a carteira, eles pediram a carteira também, xingaram, foi muito agressivo. Um estava com a faca, outro estava com a arma. Suspenderam a camisa e mostraram a arma. (Vendedor, 22 anos).

Embora esta situação trate de roubos em locais com maior movimentação, aqui foram observados, predominantemente, episódios de roubos direcionados à vítima entrevistada, em contraste com os roubos que podem ocorrer a grupos, como será discutido posteriormente: “Tinha muita gente porque foi na Estação da Lapa [...] [Mas o roubo] foi diretamente para mim...” (Atendente, 18 anos). Nestes casos, os ladrões podem ainda encenar comportamentos normais inicialmente ou evitar chamar atenção de espectadores.

#### **6.2.4 Compartilhamento da definição de situação de roubo**

De maneira geral, a abordagem dos perpetradores se deu mediante a exibição de arma de fogo e ameaça psicológica. No compartilhamento da definição de situação de roubo o anúncio de que se tratava de um assalto ocorreu através de frases como “perdeu, passa o celular”, “passa o celular desgraça” ou “perdeu viado”, além da exibição de armas: “Ele chegou, ele falou ‘perdeu viado’. Aí eu não botei fé não. Fiquei para ver o que ele ia fazer. Aí ele foi e mostrou a arma para mim, já foi mexendo nos meus bolsos” (Desempregado, 19 anos).

Física não, mas verbalmente sim [agressões]. Ameaçaram se eu não entregasse o celular, eles iam fazer algo...Provavelmente um tiro ou a faca,

porque estavam com a faca também. Xingaram muito... Desgraça, porra, filho da puta, né? Vários nomes que não vale descrever, falar aqui... (Vendedor, 22 anos)

O compartilhamento da definição de situação de roubo se deu das seguintes formas: a) aproximando-se da vítima, solicitando o celular sem xingamentos, mas com tom agressivo; b) abordando a vítima com armas, xingamentos e ameaças; c) de maneira agressiva, apontando armas para as vítimas (arma apontada para cabeça); d) ameaça com arma e solicitando que a vítima não olhasse para o rosto; e) abordando a vítima com armas e vasculhando os pertences.

É comum que os delinquentes ordenem que as vítimas não olhem para seus rostos ou abaixem as cabeças: “Por que está olhando para o meu rosto, viado?” (Desempregado, 19 anos), perguntou o agressor para o interlocutor. Além de dificultarem que as vítimas registrem seus rostos, a “ordem de abaixar a cabeça é um gesto despótico que serve para reforçar a hierarquia do mando e da obediência, mostrando quem tem o poder para controlar e punir (Paes-Machado; Viodres-Inoue, 2015, p. 19).”

Observou-se que os ofensores já chegaram com posturas mais agressivas quando comparado ao grupo anterior, o das vítimas sozinhas em espaços pouco frequentados. Esses comportamentos podem estar relacionados ao contexto de maior movimentação e a quantidade de alvos para dominar e assaltar. Destaca-se ainda que os níveis de agressividade podem se intensificar de acordo com a aceitação e resistência das vítimas (ou espectadores) nas diversas etapas dos roubos (Paes-Machado; Viodres-Inoue, 2015).

### **6.2.5 O roubo ou a transferência de bens**

Com relação a transferência dos bens entre vítimas e agressores, identificou-se que tal etapa se deu das seguintes formas: a) vítimas entregando o celular com ou sem resistência; b) assaltante toma ou puxa o pertence com violência; c) assaltantes que vasculham bolsa ou bolsos e tomam o bem.

O relato a seguir exemplifica e enfatiza um dos fatores determinantes na transferência dos bens da vítima para o infrator: a utilização de armas. A entrega do pertence se desenrola mediante o pedido de não ter violência. Identifica-se um processo de troca, ou seja, ao entregar o aparelho celular para o assaltante, a vítima

visa garantir sua integridade física: “Entreguei [o celular] assim que ele mostrou a arma... Eu pedi a ele para não ter violência, perguntei a ele por que tanta violência...Ele [disse] ‘cale a boca desgraça, não estou te perguntando nada” (Desempregada, 52 anos).Nota-se novamente que o objeto de desejo dos infratores é, predominantemente, o aparelho celular. Ou seja, no que se refere à vitimização material ou bens tomados durante assalto, o celular foi o principal alvo dos roubos. Entretanto, neste grupo apareceram relatos de outros pertences que foram tomados, como: pequenas quantias de dinheiro; mochila; relógio; pulseira; fone; lanches. “Aí enquanto ele foi mexendo no meu bolso, eu estava parado, o outro estava na moto pra ver se vinha alguém, aí ele foi tirou minha mochila, pegou celular, pegou fone, pegou o lanche...” (Desempregado, 19 anos), afirma um dos interlocutores.

A etapa da transferência dos bens ou do roubo especificamente marca a perda ou a passagens dos bens “obtidos com tanto suor e trabalho” para a mão de outrem. A necessidade de realizar a entrega visa garantir a própria integridade física. É comum os interlocutores narrarem os sentimentos de revolta e indignação com a perda de seus aparelhos, seja pelo valor material, ainda que não tenha sido adquirido por uma quantia alta, pela utilidade do aparelho e até por ter sido um presente, adquirindo um valor afetivo. Algumas vítimas sequer estavam com o celular quitado. Expressões como “pagando para o ladrão usar” e “ralar tanto para um ladrão tomar” são recorrentes. No relato abaixo, a vítima, que ainda tentou negociar com o assaltante, alega ter perdido um celular novo que recebeu de presente:

[...] meu celular era novo, certo? Foi um presente que eu tinha ganhado e achei um desaforo eu dar meu celular para um pivete daquele...Sincera e honestamente minha reação foi essa... Entreguei assim que ele mostrou a arma... Eu pedi a ele para não ter violência, perguntei a ele porque tanta violência...ele “cale a boca desgraça, não estou te perguntando nada”. Tentei dialogar, né? Para ver se eu ficava com meu bichinho, meu celular...Nunca tinha tido um celular digital...Foi meu primeiro celular digital... Então para mim ali era relíquia... (Desempregada, 52 anos)

Em contraste, o interlocutor abaixo cita o fato de portar um celular de qualidade inferior, porém, era o aparelho que estava facilitando a comunicação com sua família:

O celular era ruim, mas era o que estava me salvando...Porra mano sem necessidade levar esse aparelho...O celular estava com a tela trincada...Todo desmanchado... Era só para eu avisar para o pessoal [familiares] no *WhatsApp*... Mesmo assim levaram...Fizeram aquela coisa toda por nada...O celular eu paguei oitenta conto...Porque o meu quebrou... Fizeram isso

tudo...Se fosse um celular bom eu acho que nem estaria vivo...Os caras tocaram o terror... (Desempregado, 19 anos)

### 6.2.6 A fuga dos assaltantes

Já as fugas dos assaltantes após o roubo ocorreram: a) andando “normalmente”, ou seja, sem passos acelerados; b) correndo e entrando em uma rua estreita; c) de moto e acelerando. As fugas com a utilização de motocicletas foi predominante: “Como eles estavam de moto foi bem rápido. O outro que desceu, um estava na moto, pronto para sair, subiu na moto bem rápido e foi bem ágil” (Vendedor, 22 anos), afirma uma das vítimas. O trecho reforça a importância da utilização de motos para viabilizar as fugas, ao chamar atenção para a rapidez e a agilidade. Nota-se que os roubos realizados com motocicletas tendem a ser cometidos por duplas. De modo geral, enquanto um indivíduo estabelece a copresença, compartilha a definição da situação e realiza o roubo, o seu cúmplice aguarda no veículo para viabilizar a fuga.

Destaca-se ainda que, nesta fase da fuga, os agressores podem utilizar comandos verbais como ordenar que o alvo não olhe para trás, corra ou siga na frente: “Ai tirei o celular e dei a ele e ele disse “agora corra”. Ai eu disse “Não, você já tomou meu celular, pra que eu vou correr?”. Ai ele voltou no sentido descendo a passarela da Brasil Gás” (Desempregada, 52 anos). No episódio abaixo, além de solicitar que a vítima “siga na frente”, identificou-se que o assaltante acabou guiando o interlocutor para sair da localidade, já que o celular foi levado e a vítima, que trabalhava como mototáxi, ficou sem o GPS:

Aí eu peguei e entreguei o celular a ele e do nada ele me mandou seguir na frente, né? Seguindo na frente e foi atrás de mim, aí eu fiquei meio desorientado, nem sabia a rota que eu estava indo pelo GPS do aplicativo, bateu esse pânico, eu perguntei a ele “pô vei, já que roubou meu celular, não tem como você me guiar para eu sair desse bairro?”. Ai ele foi me guiando até a rótula que vai para Cajazeiras, esses outros bairros... Ele perguntou se eu sair, eu disse que sim, aí eu saí...Ele seguiu sentido BR. (Mototáxi, 25 anos)

### 6.2.7 Uso da violência psicológica e física

A principal forma de violência descrita pelos interlocutores desse grupo é a verbal e psicológica, com xingamentos e ameaças psicológicas através de arma de fogo por parte dos ofensores. A comunicação durante tais encontros é mediada pelo medo e coerção (Jacobs, 2013).

Não teve conversa com eles [assaltantes] não, mostrando um revólver na cintura, como [é] que tinha conversa? [...] Se eu corresse eu podia ser morta, né? Também não gritei, não fiz alarde nenhum...Fiquei quieta. [...] eu sei que se enfrentasse eu poderia morrer. (Aposentada, 67 anos)

Expressões como “desgraça”, “viado”, “filha da puta”, “vagabunda” foram citadas pelas vítimas. Além de serem roubadas, as vítimas falam com indignação sobre as ofensas recebidas: “[...] eu vi um desconhecido me xingar, me desmoralizar, me chamar de vagabunda, sendo que o vagabundo era ele; eu estava vindo do meu local de trabalho e ter que tomar nome de vagabunda, de ‘lá ela’ [desgraça], sem necessidade nenhuma...” (Desempregada, 52 anos). Deste modo, parece uma inversão de status entre os assaltantes e as vítimas, o que aumenta a indignação por parte dos alvos. A identidade das pessoas descritas como trabalhadoras se opõe a do criminoso e, nestes casos, aos assaltantes. A diferenciação entre trabalhadores e “bandidos” está amplamente associada ao valor do trabalho, bem como ao *ethos* ligado a posição de provedores de família, o que faz com que os trabalhadores assumam uma posição moralmente superior. Apesar das privações e dificuldades financeiras, o esforço e o trabalho “honesto” ainda é visto como fonte de diferenciação por parte dos trabalhadores (Zaluar, 1985).

Os interlocutores enfrentaram, na maioria dos casos, ofensas verbais, ameaças psicológicas com uso de armas de fogo. Através da manipulação do medo, os ofensores garantem a colaboração da maioria das vítimas, entretanto, algumas perdem o controle, gritam, choram, demoram de entregar os bens, resistem e, por isso, acabam sendo agredidas ou punidas (Paes-Machado; Viodres-Inoue, 2015). O encontro coercitivo é repleto de ambiguidades e perigos, uma vez que nenhuma das partes envolvidas tem certeza de como a outra reagirá. Desta forma, cada interpretação, movimento ou reação pode ter sérias implicações. Os criminosos também enfrentam a possibilidade de serem incapazes de gerenciar seus alvos, o

que pode resultar em desfechos negativos (Jacobs, 2013). Quando existe uma multiplicidade de vítimas essas preocupações se intensificam.

Além da violência psicológica, identificou-se episódios de intensificação da violência com: agressão física e disparos por armas de fogo. E um episódio em que a vítima foi agredida com socos no peito após olhar para o infrator.

Aí na hora ele rumou [jogou] a mochila no chão, eu olhei para o rosto dele, aí ele me deu dois socos no peito... “Porque tá olhando pro meu rosto viado?”. Aí o outro sacou outra arma também, ficou os dois apontando para mim...Aí o outro subiu na moto e se saiu... (Desempregado, 19 anos)

Em outro, o ladrão disparou diversas vezes contra a vítima que fugiu no seu carro, saiu ileso, mas teve seu carro atingido:

Não havia motivos para minha reação, meu celular tinha seguro. Mas na hora a adrenalina falou mais alto. Após a minha evasão, o ladrão atirou de duas a três vezes e um policial à paisana que estava no local trocou tiros com os assaltantes. Graças a Deus, eu não fui atingida e saí ileso. Só meu carro foi atingido por disparos. Outros carros foram atingidos e todos os alunos que estavam no local viram a situação e correram no desespero. (Advogada, 27 anos)

A intensificação da violência, em ambos os episódios narrados acima, esteve relacionada às reações ou formas de resistência dos alvos, como olhar para o rosto do assaltante ou protagonizar uma fuga individual.

### **6.2.8 Formas de resistência das vítimas**

Alguns assaltados procuram manter a tranquilidade e cooperar com o roubo, seja: a) entregando de imediato; b) levantando a camisa ou abrindo a bolsa para que o infrator pegue o bem; c) solicitando calma ou dizendo que não precisa violência; d) evitando olhar para o rosto e observar a ação dos assaltantes; e) colocando as mãos para cima e deixando o ofensor pegar o bem. A paralização ou “falta de reação” provocada pelo medo em virtude do uso de armas pelos infratores também é recorrente: “Não tive reação para fugir nem nada. Com medo dele atirar ou fazer alguma coisa. [...] Dei o celular imediatamente para ele” (Atendente, 18 anos). Em contraste com isto, um dos interlocutores que olhou para os agressores acabou sendo agredido com dois socos no peitoral: “Quando eu olhei para o rosto dele, ele me deu dois murros no peito e depois se saíram” (Desempregado, 19 anos).

As vítimas podem ter reações involuntárias ou mediadas pelo nervosismo da situação, outras resistem de diversas maneiras para entregar seus bens. Deste modo, foram identificadas as seguintes formas de resistência não forçosa empregadas pelos alvos: a) esconder bens, como a carteira; b) tentar negociar; c) solicitar a devolução de chips ou documentos; d) implorar para não levar; e) dizer que não tem celular; f) solicitar calma e olhar o rosto do assaltante. Por outro lado, no que diz respeito às formas de resistência forçadas, foram citadas: a) segurar o aparelho com força; b) dizer que não iria entregar, c) correr. Em um dos episódios, a interlocutora alegou ter corrido para pedir ajuda aos policiais após o roubo: “Eu não fiquei nervosa, minha reação foi logo chamar o policial para ver se eles conseguiram ir atrás...” (Manicure, 28 anos).

No relato abaixo, a vítima destaca alguns fatores que poderiam ter impedido sua reação julgada por ela como “inesperada”: a) sua experiência profissional com casos de latrocínio; b) o infrator armado com semblante de que tinha usado substância psicoativas; c) o celular tinha seguro; d) a rua com muitos carros e espectadores. Entretanto, a vítima acabou correndo, o que demonstra que em alguns casos, a manipulação do medo falha no sentido de fazer com que a vítima coopere com a transferência dos bens. Após a reação forçosa da interlocutora, o infrator efetuou disparos por armas de fogo, atingindo o carro da mesma. Um policial que estava no local também acabou trocando tiros com o criminoso. Observa-se como uma reação afeta todo o desenrolar da situação, gerando riscos e prejuízos até mesmo para espectadores, que também tiveram seus carros atingidos por disparos. A passagem abaixo demonstra ainda como o desenrolar do roubo é recheado de incertezas e perigos tanto para vítimas, quanto para os assaltantes.

A rua estava cheia de alunos, havia uma obra com caminhão de cimento e muitos carros de alunos chegando. Assim que estacionei, eu saí do carro e fui até o lado do carona para colocar o retrovisor para dentro já que a rua estava movimentada. Eu não dei nem cinco passos e passou um carro por mim, eu ouvi um barulho seguido de “Perdeu, passa tudo...” Quando eu olhei para trás o assaltante estava olhando para mim e apontando uma arma. O ladrão era branco e estava com semblante de quem usou drogas. Por ter trabalhado na Procuradoria Criminal, já analisei muitos processos de assaltos e latrocínios. No momento, eu tive a reação menos esperada por mim e corri. Não havia motivos para minha reação, meu celular estava tinha seguro. Mas na hora a adrenalina falou mais alto. Após a minha evasão, o ladrão atirou de duas a três vezes e um policial à paisana que estava no local trocou tiros com os assaltantes. Graças a Deus, eu não fui atingida e saí ileso. Só meu carro foi atingido por disparos. (Advogada, 27 anos)

Os sentimentos das vítimas que resistem de maneira forçosa parecem divididos entre o risco da perda material e o medo de sofrer uma violência física. Na ocorrência a seguir, fica bem nítida a forma como a vítima desiste de resistir após ter certeza de que o infrator estava armado. Inicialmente ela nega ter celular, mas após a exibição da arma passou a cooperar, pediu calma aos ladrões e disse que entregaria o aparelho aos mesmos. Ao descrever a vontade de atirar o criminosos de cima da passarela, a interlocutora enfatiza ainda os sentimentos de revolta e vingança por ter que entregar seu aparelho celular descrito como novo, que intensifica a indignação. Os sentimentos de insegurança e medo podem provocar outros sentimentos destemperados, como as paixões vingativas (Crawford,Hutchinson,2016).

[...] ele [assaltante] pareceu em mim e disse “passe o celular”. Aí eu disse “que celular?”. “Passe o celular, desgraça”. Eu disse “eu não tenho celular não”. Aí ele disse “tem sim desgraça, você já está me deixando nervoso”. Quando ele mostrou a arma, eu sim fiquei intimidada e disse “calma, não precisa violência”. Aí ele disse “por que você está me olhando? Não me olhe não desgraça, baixe a cabeça e me dê o celular”. Quando eu meti a mão na calça, ele disse “se você arrastar alguma coisa aí de dentro eu te mato”. Aí eu disse “não, não vou arrastar nada não. Você não pediu o celular?”. Tirei o celular e dei a ele e ele disse “agora corra”. Eu disse “Não, você já tomou meu celular, pra que eu vou correr?”. [...] Na minha cabeça ele estava mandando eu correr para ele atirar em mim, eu não corri...Foi na hora que ele deu as costas e saiu...Eu ainda pensei que bicho otário, se eu tivesse armada era eu agora que matava ele...[...] Não consegui ter medo dele, minha reação foi não ter medo dele...Eu passei o celular porque eu vi que ele estava armado. Porque se eu sentisse que ele não estava armado, sincera e honestamente, eu não ia entregar meu celular não. (...)A minha reação era jogar ele da passarela embaixo...Eu só tinha vontade, só vinha isso na minha cabeça...Quando eu olhava para ele, olha pra baixo, me dava vontade de jogar ele lá embaixo e sair correndo...Porque meu celular era novo, certo? (Desempregada, 52 anos)

Finalizando seu relato, a mesma interlocutora acrescentou que os infratores teriam as mulheres como alvos preferencias por acharem que estas não reagem: “Para eles é uma vítima vulnerável [...] Mulher é obediente, pensa mais que o homem e vamos que vamos...É assim que eles pensam...” (Desempregada, 52 anos). Entretanto, os depoimentos mostram uma série de formas de resistência que partem das vítimas mulheres, como segurar o aparelho com força, recusar entregá-lo e correr.

Portanto, além de considerar o perfil do assaltante, a utilização da força no decorrer dos roubos se relaciona, dentre outros fatores, ao contexto ou a forma como a vítima reage ou resiste ao roubo (Caminhas; Beato, 2020).

### 6.2.9 Reações dos espectadores

Dada a capacidade dos espectadores influenciarem a situação, eles tem reações que tanto procuram acalmar os atores e evitar desfechos trágicos, como gerar irritação e provocar agressões da parte dos assaltantes.

Neste grupo, foi possível identificar as seguintes reações por parte dos espectadores que acabaram se tornando vítimas: a) solicitar que as demais vítimas entreguem logo o celular; b) dizer que não tem celular; d) entregar o celular de imediato; e) ficar em silêncio e sem reação; f) correr atrás dos assaltantes. Neste último caso, a mulher correu atrás dos assaltantes e, ao derrubar no chão um deles, conseguiu recuperar sua carteira e tomar a faca que estava sendo utilizada como arma:

Olha assim que ele chegou perto de mim que eu percebi eu passei, sai correndo para poder chamar o policial, a reação dela foi correr atrás deles, não sei por que... Quando ela voltou ela já estava com a faca e a carteira dela, mas o celular foi [levado]... A gente ficou na viatura conversando com os policiais e o rapaz que resolveu ajudar a gente. O tempo todo foi assim... Ela foi atrás do ladrões, estavam a pé... Eles ficam ali naquela praça da Piedade, perto da Igreja de São Pedro... (Caixa e Modelo, 28 anos)

Por um lado, observa-se espectadores atentos que, segundo o interlocutor a seguir, “não ficam moscando”. Desta forma, ao perceber o assalto em andamento, os espectadores fugiram: Estava eu e umas galeras [grupos] que vinham sempre no mesmo ônibus. Só que estava de um lado e eu de outro...O tempo que o ladrão chegou em mim, deu tempo deles se saírem [correrem]...Essa hora ninguém fica moscando não” (Desempregado, 19 anos). Outros também gritaram frases como “é ladrão” e tentaram ir atrás dos assaltantes: “Dois rapazes ainda tentaram ir atrás para ver se conseguia localizar a moto, localizar eles, mas não conseguiram...” (Atendente, 18 anos). De outro, ocorreram episódios também nos quais os espectadores aparentemente não viram ou não suspeitaram do roubo:

A arma estava na cintura, mas ele exibiu...Ele chegou a tirar a arma... Ainda até pensei assim...Poxa tem gente passando, vai ver ele passando e vai me dar um socorro. O pessoal parecia que não estava vendo nada, parecendo que estava tudo cego... Eu disse "Jesus", tanto que quando eu desci a passarela que eu comuniquei...Ela [uma espectador]disse "onde [ocorreu o assalto], menina?". Fui assaltada ali agora, um pivete levou meu celular. Aí a moça perguntou por que eu não gritei...Eu não gritei porque ele estava armado. (Desempregada, 52 anos)

Em uma situação, observou que espectadores ajudaram a vítima ao perceber que se tratava de um assalto: um rapaz acionou a polícia e outro deu uma carona para a vítima que foi roubada:

Depois que eu fui assaltado eu dei um sinal com o olhar para um rapaz que estava vindo de carro. Então, esse rapaz viu que eu estava sendo assaltado e seguiu, foi tanto que ele avisou a polícia, esse mesmo rapaz me encontrou no posto de gasolina que eu pedi ajuda, outro rapaz que passou me deu uma ajuda e me levou para o posto de gasolina, o rapaz falou que o assaltante estava com um comparsa de carro, um Onix... (Mototáxi, 25 anos)

No relato abaixo, os espectadores que estavam próximos se afastaram ou até ficaram observando com certa normalidade ou como se os roubos já fossem frequentes no local. Conforme a interlocutora, em outra rua, os espectadores chegaram a correr atrás dos assaltantes, mas não tiveram sucesso.

Ninguém gritou, mas depois eu percebi que umas pessoas só fizeram se afastar. Tinha uma mulher que estava vendendo água de coco, ali ela ficou... Eu acredito que ela já esteja acostumada a ver aquilo ali todos os dias e conhecer quem são... Esses rapazes eles já ficam ali sempre... O policial chegou para mim e falou assim "está vendo aqueles pessoal ali? A gente já prendeu , mas a justiça solta, a gente não tem muito que fazer..." A outra moça correu atrás, voltou com a carteira e a faca, mas o celular foi... Um deles caiu. No que ele caíram a faca e a carteira dela caíram junto...Aí depois eles correram ali para o Dois de Julho...[...] A galera só se afastou, mas aí eu soube quando chegou ali perto da Igreja do São Pedro, eles perceberam aquela agonia e algumas pessoas correram atrás, mas depois voltaram todo mundo... Eu soube isso. Os que estavam no ponto não fizeram nada. Mais à frente... Acho que foi a mulher que deve ter gritado... (Caixa e Modelo, 28 anos)

Em um episódio, um policial à paisana que estava no local acabou, inclusive, trocando tiros com os assaltantes. Nesta ocasião, os espectadores conseguiram correr, embora alguns também tenham tido seus carros atingidos por disparos, além da vítima.

Após a minha evasão, o ladrão atirou de duas a três vezes e um policial à paisana que estava no local trocou tiros com os assaltantes. Graças a Deus, eu não fui atingida e sai ilesa. Só meu carro foi atingido por disparos. Outros

carros foram atingidos e todos os alunos que estavam no local viram a situação e correram no desespero. Como tinha um policial envolvido... Eu não fiz boletim de ocorrência e nem nada. Depois eu falei com ele e ele disse que havia sido realizado o procedimento. (Advogada, 27 anos)

Em resumo, o compartilhamento da definição de situação de roubo se deu, na grande maioria das vezes, a partir da violência psicológica e utilização de armas de fogo. Por sua vez, as agressões físicas estavam relacionadas às formas de resistência empregadas pelos alvos, como correr e o ato de olhar para o rosto dos assaltantes. Embora se trate de espaços com mais espectadores ou maior movimentação, grande parte dos roubos foram direcionados para as vítimas entrevistadas ou focados nestas pessoas. Os criminosos tiveram posturas mais agressivas durante a fase de compartilhamento da situação do roubo quando comparado ao grupo anterior, o das vítimas sozinhas em espaços pouco movimentados. A rapidez dos roubos e da fuga dos assaltantes parecem ser essenciais em locais com maior movimentação, ou seja, espaços onde os alvos têm mais possibilidade de pedir socorro, fazer com que a polícia seja chamada ou provocar respostas punitivas imediatas dos espectadores em termos de “pegas” ou linchamentos.

## 6.3.VÍTIMAS ACOMPANHADAS EM LOCAIS POUCO FREQUENTADOS

### 6.3.1 Contextos espaciais e temporais

Os espaços com poucos espectadores favorecem a abordagem e fuga dos assaltantes, além de dificultar as reações ou pedidos de ajuda por parte dos alvos: “Foi questão de dois minutos, ele desceu, apontou a arma e falou ‘bora porra, passa o celular, passa os pertences’ [...] Como era deserto a gente não gritou, só era a gente e o vagabundo naquele momento [...]” (Auxiliar em Farmácia, 24 anos).

O número de acompanhantes das vítimas variou de uma a duas pessoas conhecidas ou próximas, a exemplo de familiares (filha, genro, pai, mãe e irmã), colegas de trabalho ou amigos. No geral, os acompanhantes também eram pessoas adultas e, em apenas um evento, a filha da vítima era uma criança de sete anos de idade.

No que se refere ao contexto espacial e temporal dos roubos, os eventos ocorreram em ruas ou vias públicas com vítimas em movimento, ponto de ônibus com vítimas paradas e, em um episódio, na porta da casa da vizinha, em uma avenida principal. A ocorrência dos roubos predominou no período da manhã e noite (por volta das 20 horas), havendo um caso em que o assalto ocorreu “de tardinha”, em uma véspera de feriado: “Véspera de São João, de tardinha. Na porta da casa da vizinha. [...] Ele quis acabar com meu São João, mas não conseguiu não” (Babá, 45 anos). Os estudos apontam como diferentes tipos de rotinas, dias da semana ou feriados, além de festas e eventos podem influenciar nos padrões de roubo (Monk; Heinonen; Eck, 2010).

Em quatro casos, os roubos de celulares ocorreram no próprio bairro em que a vítima residia, o que acaba contrastando com a ideia que alguns interlocutores citaram do “bairro como local seguro” ou que teria uma maior segurança:

A gente nunca acha que as coisas vão acontecer com a gente. Esconde o celular aqui, esconde ali, tem umas técnicas para esconder, então a gente nunca acha que vai acontecer [...] Ali onde eu estava perto da minha residência, eu nunca imaginei que ia acontecer. A gente tenta acreditar que nosso bairro não é perigoso. (Técnica de Enfermagem, 22 anos)

Em um dos eventos, a interlocutora que estava acompanhada de uma amiga, destacou o aumento da vulnerabilidade em locais considerados desérticos e relata

ainda o medo ou preocupação de sofrer outras violências, preocupação que se intensifica entre as mulheres:

Eu acho que ele nem armado estava...Mas ele viu ali mulheres e disse "seria mais fácil". Não havia ninguém próximo então meu medo só aumentou, ser mulher estando ali sozinha e ele fazer alguma besteira, ele poderia estar drogado e fazer qualquer tipo de coisa, cometer uma violência...Eu tive bastante medo...Então, [o fato de] eu ser mulher facilitou bastante... (Técnica de Enfermagem, 23 anos)

### 6.3.2 Comportamentos das vítimas antes do roubo

Com relação ao comportamento das vítimas antes da abordagem dos assaltantes, identificou-se: a) vítimas em deslocamento com celulares guardados; b) vítimas paradas (porta de casa e ponto de ônibus) fazendo ligação ou mexendo no aparelho; c) vítimas paradas esperando o ônibus e com celular guardado.

Na grande maioria dos casos, as vítimas estavam caminhando com os celulares guardados em bolsos, bolsas ou mochilas, havendo dois eventos em que os alvos estavam parados e utilizando o aparelho. No geral, os alvos estavam em deslocamento para suas residências e locais como mercado, comércio e costureira. Em um evento, a vítima estava com amigos e familiares curtindo a véspera do feriado de São João e utilizando o aparelho. A vítima alegou que, inicialmente, achou que era uma brincadeira, tendo em vista que conhecidos costumam brincar e abordar as pessoas com dizeres de "perdeu, perdeu", imitando assaltantes: "Ele parou a moto, desceu, ele era o carona da moto, anunciou o assalto e eu ainda achei que era brincadeira. Os meninos têm essa mania de chegar nos lugares dizendo 'perdeu, perdeu' [...] Eu estava falando no celular, continuei falando" (Babá, 45 anos).

Além de estarem em locais com pouca movimentação, o fato de as vítimas estarem distraídas, entretidas em uma conversa ou interagindo com os acompanhantes, pode fazer com que elas sejam vistas pelos assaltantes como alvos interessantes para se aproximar e dominar (Monk; Heinonen; Eck, 2010). No relato a seguir, a interlocutora afirma que estava andando, conversando e brincando com os acompanhantes quando foi abordada sem notar que os criminosos já se aproximavam:

Na verdade a gente pensou até que não era verdade... Ela ficou [dizendo para o assaltante] "meu Deus, é verdade isso mesmo, moço?" Aí ele foi [e disse]

“bora desgraça que eu não tenho muito tempo”. [...] Realmente foi muito de repente, a gente estava conversando, brincando nós três, subiu conversando, foi quando eles pararam a gente. (Técnica de Enfermagem, 22 anos).

### 6.3.3 Estabelecimento da copresença

Os roubos foram cometidos por um número de assaltantes que variou de um a dois homens, aparentemente jovens, que chegaram a pé ou de motos. Em apenas um episódio, os assaltantes “supostamente de classe média” estavam de carro: “O carro dos assaltantes era um Honda Civic, eles eram brancos, aparência classe média (pelas roupas) não armados. Dá todo tipo ali, naquele bairro, mas a galera classe média rouba em alta [bastante] também, a gente já imagina que é para comprar droga” (Designer, 27 anos).

Os roubos realizados com motos foram cometidos por duplas e parecem seguir um padrão: “Um ficou na moto, outro desceu, muito nervoso, “me dá o celular”, a gente [respondeu] ‘calma’” (Auxiliar de Farmácia, 24 anos).

Novamente, por conta do uso difundido de motocicletas nos roubos de rua, as vítimas relatam o medo ou desconfiança que sentem ao avistarem duplas de indivíduos em uma moto se aproximando: “Aí quando a gente foi saindo passou dois rapazes de moto, eles passaram e seguiram. [...] eu vi que os dois na moto vinham com capacete, eu estranhei por causa do horário e vi dois homens na moto...” (Auxiliar de Produção, 40 anos).

Nesta etapa de estabelecimento da copresença, o ladrão seleciona e aborda a vítima visando evitar alguma resposta ou reação incontrolável por parte da mesma e uma das estratégias utilizadas é a representação de comportamentos normais (Azevedo, 2011). No relato abaixo, nota-se que, inicialmente, o assaltante desceu da moto e fingiu que estava pegando algo no chão e, ao se aproximar da vítima, utilizou a estratégia de abraçá-la como se fosse um conhecido dela:

Eles ficaram parados, um desceu da moto, o carona, ficou fazendo de conta que estava pegando um negócio no chão. Aí eu vi dois colegas meus, dois vizinhos, me deu vontade de chamar, mas na hora eu disse “às vezes não é o que eu estou imaginando, sabe?”. Aí segui, quando passei deles mais ou um pouco, ele veio encostou no meu ombro, botou a mão no meu ombro, tipo me abraçou, foi tanto que minha amiga pensou que era até amigo, encostou no meu ombro e pediu o celular, disse “passa o celular”. (Auxiliar de Produção, 40 anos)

Em outro episódio, o assaltante chegou discretamente, como se fosse realizar uma compra em um comércio, próximo ao ponto de ônibus em que estavam as vítimas:

Eles [assaltantes] estavam seguindo ônibus, como se fossem interceptar o ônibus, fizeram a volta e parou no ponto, ele chegou quieto, como se fosse comprar alguma coisa na barraquinha, eles pararam na frente da barraquinha, mas já voltaram sacando a arma e apontando na minha cabeça. Só um desceu da moto, demonstrou estar armado... (Caixa e Atendente, 18 anos).

Os assaltantes podem utilizar estratégias para simular ou gerenciar uma suposta normalidade. Tal simulação tem como objetivo se aproximar do alvo sem levantar suspeitas ou dificultar que a vítima impeça o encontro (Paes-Machado; Viodres-Inoue, 2015).

Ele encostou muito próximo, aí colocou o braço assim próximo [de mim] e disse "passa o celular", estava com a mochila e [ele] só queria o celular, abri a mochila, tirei o celular e passei para ele. Foi bem simples, não mostrou arma, não mostrou nada, só fez menção de que estava armado. Eu também não quis ver, já passei o celular, ele seguiu tranquilamente, nem correu, foi andando mesmo... Como estava pouco movimentado... Um homem só. Ele estava sozinho quando nos abordou, porém logo a frente havia outro com ele, ele foi ao encontro... (Técnica de Enfermagem, 25 anos).

Em algumas situações, as vítimas relataram ter percebido que se tratava de um assalto antes mesmo do anúncio dos criminosos (antecipação). No depoimento abaixo, a vítima relata que tentou despistar os ladrões entrando em um estabelecimento, entretanto não obteve sucesso:

Eu percebi que ele estava meio estranho quando me encarou de longe... Eu tentei entregar no açougue para despistar ele... Mas foram mais espertos que a gente, eles cercaram a gente, um do lado e outro do outro... Quando saímos eles cercaram a gente... (Estagiário, 20 anos)

Ao buscarem realizar os roubos de rua, os assaltantes escolhem quais táticas funcionam e em quais situações com base em experiências anteriores (Monk; Heinonen; Eck, 2010). A ideia é que os criminosos usam um planejamento básico para superar desafios situacionais dos roubos de rua. A seleção e abordagem das vítimas também levam em conta a atratividade e vulnerabilidade daquelas (Monk; Heinonen; Eck, 2010). Ou conforme o interlocutor destaca, os assaltantes também podem fazer uma triagem das vítimas que serão abordadas:

Em ruas, eu só tiro meu celular olhando para o lado e para o outro...Acredite se quiser, eu fico fazendo cara de maluco, porque isso intimida... Você fica como se tivesse retado, balançando a cabeça constantemente, porque infelizmente isso intimida...Quando o assaltante vai assaltar ele tem que fazer uma triagem da pessoa que ele vai assaltar...Quando ele olha alguém com cara de maluco, ele já pensa duas vezes, porque a pessoa pode reagir...Para um assalto nós somos escolhidos...Essa é uma das formas que eu faço para me desvencilhar do assalto... (Auxiliar em Farmácia, 24 anos)

Algumas vítimas mulheres trazem em seus relatos a ideia de que “foram alvos fáceis” para os assaltantes, principalmente em se tratando de localidades com pouca movimentação de pessoas.

Eu acho que ele nem armado estava...Mas ele viu ali mulheres e disse que “seria mais fácil”. Não havia ninguém próximo então meu medo só aumentou, ser mulher estando ali sozinha e ele fazer alguma besteira, ele poderia estar drogado e fazer qualquer tipo de coisa, cometer uma violência...Eu tive bastante medo...Então eu ser mulher facilitou bastante... (Técnica de Enfermagem, 25 anos).

No relato abaixo, por exemplo, a interlocutora destaca o fato de terem passado dois rapazes “grandes” e os ladrões não os assaltaram, abordando apenas ela:

Mas os meninos [espectadores] já iam mais na frente, inclusive [foram] os meninos que tinham passado por mim [...] Aí ele viu mulher, foi o alvo mais fácil que ele viu... Aí os meninos [disseram] “rapaz esses caras passaram por mim agora, eu vi que aqueles caras não estavam pra brincadeira, eles estavam querendo roubar”... Foi um alvo fácil, né? Porque como é que passa dois homens com celular na cintura e ele não roubou e ele roubou a mim...Fui um alvo mais fácil. Ele viu dois homens, os meninos são grandes, sabe assim que bairro como a gente mora, né? Geralmente tem pessoas que chamam atenção... Um estava sem camisa, um outro estava de camisa, então provavelmente eles acharam que era alguma coisa e seguiram...Passou por eles e quando foi lá na frente que se bateu comigo... (Auxiliar de produção, 40 anos).

#### **6.3.4 Compartilhamento da definição de situação de roubo**

No compartilhamento da definição de situação de roubo a comunicação de que se tratava de um assalto também se deu através de frases como “perdeu”, “passa o celular” e a exibição ou simulação do porte de armas de fogo:

Ele falou “porra”, “bora porra me dá o celular”, utilizou a palavra desgraça, “bora desgraça”, “vou atirar” ... Não, gestos não houve, mas ele estava armado, logo de cara a gente já viu logo a arma, ficou o tempo todo com a arma apontada para gente, era até um oitão na verdade... Alegando que ele ia atirar se a gente não desse o celular... (Auxiliar de Farmácia, 24 anos)

Alguns assaltados afirmaram ter achado que se tratava de uma brincadeira, demorando para processar e entender a situação de roubo. No relato a seguir, a interlocutora afirma que o “ladrão” era conhecido e, em tom de revolta, cita que ele a chamou de “tia”:

O desgraçado do ladrão que ainda me chamou de tia... Não sei se está nesse mundo mais, mas já deve ter partido para outra. [...]E ele era morador do final de linha [do bairro]. Que fique por lá, sei nem que fim já levou. Estudava na escola que eu trabalhava. (Babá, 45 anos).

Em uma situação, os criminosos utilizaram facas e uma abordagem discreta, intensificando as ameaças somente após a resistência dos alvos:

Quando um saiu, o que estava do outro lado enquadrou a gente, pedindo calmamente para passar o celular para não chamar atenção, mandando a gente passar o celular, a gente apresentou a resistência para passar o aparelho, aí ele começou a falar palavrões, a xingar a gente. (Estagiário, 20 anos)

A utilização de armas de fogo por parte dos ladrões foi predominante, havendo dois eventos em que as vítimas alegaram não saber se realmente era uma arma de verdade ou uma simulação, já que o assaltante estava com a mão embaixo da camisa, o que acaba por gerar um sentimento de incerteza nos alvos. Em um caso, o fato de os criminosos não estarem armados estimulou a resistência por parte dos alvos. De maneira geral, a abordagem dos perpetradores se deu mediante a exibição de arma de fogo e ameaça psicológica. As vítimas manifestaram medo da morte ou o temor de que os ladrões disparassem as armas. Entre estes assaltados, observou-se duas formas distintas de estabelecimento da definição da situação de roubo por parte dos ladrões: uma mais tranquila ou menos agressiva, a outra mais nervosa e agressiva. Nesta segunda forma, verificou-se que os assaltantes intensificaram as ameaças e agressões verbais até obterem os bens das vítimas.

Um ficou na moto, outro desceu, muito nervoso, “me dá o celular, me dá o celular”, a gente “calma, calma, calma”. [...]“Bora, passa o celular senão eu atiro”...Acredite a gente ficou mais com medo que a arma tremia tanto, dele atirar acidentalmente, porque ele só ficava “passa o celular, passa o celular”... (Auxiliar de Farmácia, 24 anos)

Em outros casos, como se observou no relato acima, o nervosismo do assaltante aparece como a principal causa do medo das vítimas e da consequente

preocupação com o desfecho da interação. A produção do medo pode surgir, assim, como um efeito involuntário ou não antecipado pelo próprio infrator, fazendo com que o nervosismo do assaltante aumentasse o temor e levasse as vítimas a tentarem sair rapidamente daquela situação.

### **6.3.5 O roubo ou a transferência dos bens**

No que diz respeito ao roubo propriamente dito, a maior parte dos entrevistados acabou entregando os bens após serem comunicadas ou entenderem de que se tratava de um assalto ou, após, o criminoso intensificar as ameaças verbais ou com armas. Sobre o último ponto, em um dos eventos, a vítima que não queria entregar o celular acabou cedendo após o assaltante fazer menção de jogar o capacete nela e também pela preocupação com o pai, que o acompanhava.

Em outros roubos, os próprios assaltantes se encarregaram de tomar ou puxar o celular das vítimas: “Ele parou a moto, desceu, ele era o carona da moto, anunciou o assalto e eu ainda achei que era brincadeira. [...] Ele tomou na tora, não chegou a me ameaçar não. Puxou o celular e já foi aí que eu vi que era assalto. Aí eu caí na real” (Babá, 45 anos).

Em um dos relatos, as vítimas correram e o roubo propriamente não foi realizado. O episódio a seguir também diz respeito a uma etapa de transferência de bens sem cooperação e com grande resistência das vítimas. Neste caso, em que os assaltantes estavam desarmados, as acompanhantes não cederam, seguiram com a resistência: “Um deles desceu do carro e pediu o celular e a bolsa da minha mãe, ela segurou a bolsa com força e disse que não ia dar. Ele insistiu e ela continuou negando, ele tentou puxar e ela continuou segurando com força” (Designer, 27 anos).

Com relação à vitimização material, o celular segue como o objeto principal tomado nos roubos, isto é, os ladrões anunciam o assalto e solicitam, principalmente, o aparelho. Em alguns casos, as vítimas também perderam itens como: bolsa; documentos; relógio; carteira. Ainda assim o foco dos ladrões é o aparelho celular:

Eu estava realmente com dinheiro no bolso, mas eles só queriam o celular. Parece que ele já vem mesmo pelo celular, eu estava com a quantia de 190 reais no bolso e ele nem perguntou por dinheiro, só perguntou do celular. (Auxiliar de Produção, 40 anos).

Nesta etapa do roubo, identificou-se dois casos em que as vítimas, após entregarem os pertences pediram a devolução do chip e o cartão de memória e foram atendida pelo assaltante. A interlocutora abaixo solicitou a devolução do chip a partir de xingamentos:

Aí quando ele foi saindo, eu disse “ô sua desgraça, pelo menos joga o chip”. Aí ele abriu o celular, eu pensei que ele não ia nem jogar, ele abriu ligeiro e jogou os dois chips e o cartão de memória. (...) Nem falou muita coisa. Não sei se pelo jeito que eu falei com ele. Eu perguntei a ele se ele não tinha vergonha de estar roubando um celular. Ele não respondeu nada. A única coisa que ele falou foi para me passar o celular. Aí adiantou mais assim, sentou na moto, jogou o chip no chão e arrastou a moto. (Auxiliar de Produção, 40 anos).

### **6.3.6 A fuga dos assaltantes**

As fugas ocorreram com certa naturalidade e sem maiores impedimentos ou dificuldades por conta dos locais considerados desérticos e da utilização de motos pelos criminosos. As fugas com motocicletas foram predominante e, em um evento, o assaltante saiu andando a pé e tranquilamente, enquanto um cúmplice o aguardava mais à frente, em outra, a fuga ocorreu de carro. O assaltos com utilização de motocicletas seguem um padrão: “Fugiram na moto mesmo. Eles ficaram na moto e no mesmo caminho que estavam eles desceram... Desceu da moto, abordou a gente, depois subiu na moto e seguiu o caminho” (Técnica de Enfermagem, 22 anos). Conforme foi dito em linhas anteriores, em uma situação o assaltante jogou o chip e o cartão de memória do celular da vítima antes de prosseguir com a fuga.

### **6.3.7 Uso da violência psicológica e física**

A principal forma de violência descrita pelos interlocutores desse grupo é a psicológica, com xingamentos e ameaças endossadas através de arma de fogo ou simulação de porte da mesma, conforme se observa no relato a seguir. A simulação do assaltante de que teria uma arma embaixo da roupa gera incerteza e reações variadas das vítimas. Isto é, enquanto algumas reagem justamente por não terem visto a arma, outras acabam recuando e considerando que “na dúvida é melhor não fazer nada”:

Só fez suspender a camisa, como que ele estivesse mostrando que estava com o revólver, aí ele suspendeu e pediu o celular, eu entreguei também. Ali no momento eu era indefesa para eles, se ele estava com revólver eu não tinha como saber... Tipo deu sinal que estava armado. Mas como tinha dois [na moto], ele não ia sair uma hora daquela desarmado, né? (Auxiliar de produção, 40 anos)

Algumas vítimas relatam que embora os assaltantes tivessem tomado os seus bens com força ou agressividade, elas não tiveram ferimentos físicos. Ameaças de disparo e exibição de armas próximas ao rosto também foram relatadas pelas vítimas. Em um episódio, o interlocutor afirmou que o assaltante ameaçou jogar o capacete contra ele em virtude da recusa inicial para entregar o bem. O relato abaixo sintetiza alguns elementos significativos: a) o xingamento “desgraça” como sendo preferencial dos assaltantes; b) a ameaça insistente de disparo até a vítima entregar os bens; c) o medo de morrer ou tomar um tiro como o fator principal para transferir os bens para o assaltante; d) o aumento do temor gerado pela proximidade da arma no rosto da vítima; e) os sentimentos de revolta e raiva pela perda material.

Nos chamou de desgraça, disse que ia matar a gente. Sim, sim...Encostaram a arma praticamente no nosso rosto, né? E pegaram a bolsa com bastante força da mão de minha amiga [...] Na verdade a gente pensou até que não era verdade... Ela ficou “meu deus, é verdade isso mesmo moço?” Aí ele foi “bora desgraça que eu não tenho muito tempo”. Aí pegou a bolsa dela, pegou o celular e o relógio do meu amigo e o meu celular. [...] Sim. Disse que ia atirar na gente... Quando fugiu não, mas antes até darmos o celular a ele, ele gritava bastante e dizia que ia atirar na gente, pediu o celular... Raiva, pois a gente está perdendo um bem, né? Um bem material da gente, foi raiva, foi tristeza e medo...Pois no momento que eles estavam assaltando a gente o que predominou foi o medo, depois que veio a raiva. Medo dele atirar, né? Ele estava com a mão no gatilho, ele poderia atirar a qualquer momento. (Técnica de Enfermagem, 22 anos).

Ainda com relação ao medo narrado pelos interlocutores, observa-se a intensificação do temor em momentos em que os assaltantes aparentam nervosismo e o desfecho do evento parece preocupante e incerto:

A gente ficou mais com medo que a arma tremia tanto, dele atirar acidentalmente, porque ele só ficava “passa o celular, passa o celular”...E olhava constantemente os arredores, mas mesmo assim ele não se importava...Super nervoso, exibiu a arma...Utilizou alguns palavrões, “bora sua ‘la ela’, não estou brincando não, passa o celular”. [...]Ele utilizou ‘porra, bora porra, me dá o celular’, utilizou a palavra desgraça, bora desgraça, vou atirar, vou atirar... Não, gestos não houve, mas porém ele estava armado,

logo de cara a gente já viu logo a arma, ficou o tempo todo com a arma apontada para a gente, era até um oitão na verdade... Alegando que ele ia atirar se a gente não desse o celular... (Auxiliar de Farmácia, 24 anos).

O medo está amplamente relacionado ao temor em sofrer violência física ou de morrer: “Na verdade a gente só tentou se livrar daquela situação...Se ele pegasse tudo e entrasse na moto e saísse pra gente seria tranquilo...Porque naquele momento o que importava pra gente era não tomar um tiro...” (Auxiliar de Farmácia, 24 anos). Os interlocutores falaram de “se livrar da situação logo” e também tinham pressa. O caso a seguir expressa bem à amplificação da violência e das ameaças. Os criminosos que, inicialmente, fizeram uma abordagem discreta, falando baixo e sem exibição de armas, passaram a proferir xingamentos e fazer ameaças com facas após a resistência do alvo:

Eles xingaram quando a gente apresentou a resistência de entregar o aparelho. Ele falou “bora porra, entrega o celular”. Começou a ameaçar a gente com uma faca. Ele não ia puxar, mas como a gente apresentou a resistência ele puxou de forma discreta perto da gente... Faca de açougue... De cabo branco.. [...] Se aproximou, perguntou de onde a gente era também, que era do centro também, com medo de falar um bairro e fazer uma perversidade com a gente... [...] Não queria entregar o aparelho, mas quando ele puxou a faca e ameaçou a gente eu entreguei...Eu apresentei resistência primeiro.... Ainda estou pagando as parcelas, não queria entregar o aparelho que eu ia continuar pagando sem usufruir do aparelho... [...] Pensei em fugir...Aí ele falou “está vendo aquele cara ali atrás? Ele está armado. Você não tem saída”. (Estagiário, 20 anos)

Ainda sobre a intensificação do medo e da preocupação, destaca-se o caso em que a interlocutora e acompanhante estão grávidas:

Eu fiquei sem acreditar que eu estava sendo roubada. E... Eu fiquei aliviada por não ter acontecido outra coisa. Além de eu estar grávida, ela também estava grávida. Ele podia ter feito outra coisa. [...] Bastante [medo], porque o susto é uma coisa que pode causar aborto. Então...Eu fiquei bastante preocupada, no dia foi a minha maior preocupação. Na mesma semana eu fiz um exame para saber se estava tudo bem, mas estava, graças a Deus. Ela eu não sei se ela fez, ela estava de boa... Com dois meses [a interlocutora] de gestação, minha cunhada com cinco meses. (Manicure, 22 anos)

A exibição de armas, principalmente com tanta proximidade ao rosto, por parte dos ofensores aparece como central na transferência dos bens e cooperação do alvo. A ligação entre a manipulação do medo e a cooperação dos alvos nas interações coercitivas é direta (Jacobs, 2013).

Com relação a intensificação da violência que resultou em óbito, observa-se caso de roubo seguido de morte a seguir tomou conta dos veículos midiáticos em agosto de 2022:

### **CASO 3 (Vítima acompanhada em local com poucos espectadores):**

O caso 3 ocorreu no início do mês de agosto de 2022. A vítima, uma adolescente de 15 anos, estava a caminho da escola acompanhada de sua mãe e irmã, de 12 anos, no período da manhã, no bairro do Campo Grande. A vítima e as acompanhantes foram abordadas por duas mulheres a pé. De acordo com as imagens divulgadas, o local estava com pouca movimentação de pedestres. Uma das mulheres anunciou o assalto, a adolescente foi baleada na região do coração e logo em seguida veio a óbito (Suspeita...;2022). “[Uma das suspeitas] Foi atrás da menina que estava com a com o celular na mão. Mas só que a menina recolheu de dar o celular. Aí, quando ela recolheu, [a suspeita] disparou o tiro. A gente começou a correr...(Suspeita...; 2022)”, afirma uma das testemunhas na matéria. Nota-se que a intensificação da violência se deu na fase do compartilhamento da definição de situação do roubo, em que o criminoso anuncia o assalto. A vítima teria hesitado em entregar o pertence e foi alvo de disparo por arma de fogo. A intensificação da violência ou a passagem das agressões verbais para as agressões físicas, incluindo os disparos por armas de fogo, possui relação direta com formas de resistência, em especial, as forçadas empregadas pelas vítimas. Portanto, os níveis de agressividade podem se intensificar de acordo com a aceitação e resistência das vítimas (ou dos espectadores) (Paes-Machado; Viodres-Inoue, 2015).

#### **6.3.8 Formas de resistência das vítimas**

Portanto, o medo é o sentimento mais relatado pelas vítimas durante o roubo, principalmente ao se depararem com armas de fogo, ameaças de disparo e agressões verbais. Além de ser capaz de influenciar na reação dos alvos: “[...] no momento que eles estavam assaltando a gente o que predominou foi o medo, depois que veio a raiva. Medo dele atirar, né? Porque ele estava com a mão no gatilho, ele poderia atirar a qualquer momento” (Técnica de enfermagem, 22 anos). Dentre outros fatores, as vítimas que narram o episódio como o primeiro assalto sofrido na

vida também citam uma intensificação do medo relacionada ao fato de estar vivendo aquela experiência assustadora pela primeira vez: “Eu fiquei muito nervosa, pois eu nunca tinha passado por uma coisa dessas e fiquei muito nervosa mesmo” (Auxiliar de produção, 40 anos). Destaca-se que esta vítima anterior sofreu outra tentativa de assalto após o ocorrido, mas conseguiu escapar ao correr. A reação dela foi colocada como um fator que aumentaria o risco do acompanhante que não correu, ficando na mira do assaltante:

Ele [assaltante] fez a volta lá embaixo e cercou a gente. Eu estava com a bolsa, minha colega estava com bolsa com celular dentro, mas ele só visou o celular que estava na mão do meu colega... A gente correu e ele nem esboçou nada de mandar a gente voltar...A gente saiu correndo e já é errado a gente correr, mas na hora do pânico [...] Até o rapaz da loja falou que era errado, que a gente podia até achar que a gente ia fazer alguma coisa e acabar ferindo nosso amigo, mas na hora da intenção eu já tinha passado por uma dessa... Minha tensão foi correr mesmo... (Auxiliar de Produção, 40 anos)

Conforme foi descrito no capítulo anterior, os alvos relatam o temor sentido ao se depararem com assaltantes aparentemente transtornados. Neste grupo também foi identificada a intensificação do medo das vítimas em situações que os assaltantes aparentam nervosismo e o desfecho do evento se torna ainda mais preocupante e incerto. Nestes casos, a cooperação do alvo com o roubo ou a transferência dos bens aparece relacionada a vontade de se livrar rapidamente daquela situação de perigo, principalmente se tratando de um infrator armado e nitidamente nervoso.

A “falta de reação”, a paralização ou estado de choque, solicitação de calma e a demora para entender que se tratava de um assalto foram reações relatadas pelos interlocutores: “Eu só perguntei “é sério?”. Eu não estava nem acreditando que estava acontecendo aquilo. Entreguei e ele seguiu. Demorei um tempo para cair na real que aquilo havia acontecido...” (Técnica de Enfermagem, 25 anos). Algumas vítimas demoraram para processar o que estava ocorrendo e não esboçaram outras reações. Outras acharam que se tratava de uma brincadeira.

Levando em conta o risco de correr ou dar as costas a assaltantes armados, algumas vítimas alegam que até pensaram em correr, porém o medo de serem alvos de disparos impediu tais reações, o que demonstra a presença de armas de fogo como um fator determinante na cooperação de boa parte dos alvos: “A vontade foi de correr...Mas primeiro eu não acreditei e eu disse ‘meu deus, é sério isso, moço’?”

Depois entreguei o celular mesmo, não tinha o que fazer...Eles estavam com uma arma” (Técnica de Enfermagem, 23 anos).

Além das reações citadas anteriormente, os alvos também reagiram de modo a resistir frente ao roubo. As formas de resistência não forçadas por parte dos assaltados foram: a) tentar negociar; b) inicialmente, dizer que não tinha o aparelho; c) não acatar a ordem do assaltante de “colocar a mão na cabeça”; d) oferecer o relógio ao invés do celular. “Ele chegou [e disse] ‘bora, mão na cabeça’. Só que aí a gente não botou a mão na cabeça... (Repositor, 22 anos)”; “Toma aqui o relógio [disse o interlocutor]... Aí ele [o ladrão] disse ‘não, eu sei que você tem o aparelho””(Marketing, 23 anos), afirma os interlocutores. Por sua vez, as formas de resistência forçada foram: a) segurar o aparelho; b) dizer que não iria entregar; e, c) xingar e/ou questionar o agressor; d) correr e gritar para informar as outras pessoas sobre o assalto. A vítima a seguir, que já foi vítima de tentativa de sequestro e roubo de celular, afirma que sempre tem a reação de correr, gritar e alamar para outras pessoas sobre o crime. Conforme se observa no relato abaixo, ela também demonstrou preocupação com as amigas que estavam no local. A interlocutora buscou se esconder dentro de um mercado, próximo à localidade.

Ele disse “é um assalto” eu comecei a correr e a gritar “corre todo mundo que é um assalto”. O ato de gritar... Devido meu treinamento da real eu já alarmo para todo mundo que estamos em perigo, qualquer situação de perigo eu já começo a gritar...A reação foi tive foi correr, mas gritar também.... Porque eu pensei “minhas amigas estão ali, elas vão ser assaltadas”... Minha amiga é meio lentina, ela vai estar no caminho ruim... [...] A rua estava vazia, só tinha a gente que estava no ponto...(Caixa e Atendente, 18 anos).

### 6.3.9 Reações e papel dos acompanhantes

Além dos aspectos mencionados, outro fator que influenciou na reação das vítimas foi o fato destas estarem acompanhadas por familiares ou pessoas queridas. Ou seja, os interlocutores falam da preocupação com a integridade física dos parentes também:

Eu não queria dar o aparelho, [mas pensei] eles vão querer fazer alguma coisa em mim e meu pai...É melhor prevenir e eu peguei e dei...A única coisa que eu pensei mesmo foi isso, de não soltar e ele querer fazer alguma coisa em mim e meu pai...(Repositor, 22 anos).

Em outro evento, a vítima que estava com a filha, uma criança de sete anos, alega ter pensado em correr, mas desistiu justamente por conta da criança. Ao lado desta postura, a assaltada chegou a indagar ao ladrão se ele não tinha vergonha de roubar e depois pediu a devolução do chip e foi atendida sem dificuldade pelo ladrão, que permaneceu calado.

Me deu vontade de voltar correndo. Mas só que eu estava com minha filha e não teve como. Eu vou aguentar correr, mas ela não vai. Aí a gente seguiu. [...] ele encostou no meu ombro e pediu o celular, disse “passa o celular”. Virei para ele assim e perguntei se ele não tinha vergonha de roubar um celular. Peguei o celular que estava no bolso e passei para ele. Quando ele foi saindo, eu disse assim “ô sua desgraça, pelo menos joga o chip”. Ele abriu, eu pensei que ele não ia nem jogar, e jogou os dois chips e o cartão de memória. Eu segui para casa normal, com o corpo todo tremendo... [...] Nem falou muita coisa. Não sei se pelo jeito que eu falei com ele. Eu perguntei se ele não tinha vergonha de estar roubando um celular. Ele não respondeu nada. Calado estava... Só quando a gente adiantou eu disse “ladrão, ladrão” e pronto. (Auxiliar de Produção, 40 anos)

Nem todas as formas de resistência, entretanto, culminam ou desembocam em intensificação da violência contra os alvos. A resistência desta mulher, mediante pedido de devolução, endossado por uma ofensa, do chip e do cartão de memória do celular foi bem-sucedida.

Os acompanhantes também possuem a capacidade de influenciar a situação através de reações como paralisação, solicitação de calma, nervosismo e demora para entender que se tratava de um assalto. Na grande maioria, os acompanhantes também tiveram seus bens roubados e acabaram realizando a transferência de forma rápida. No caso a seguir, a reação do pai de entregar os bens em conjunto com a preocupação com a integridade física do seu familiar, fez com que a vítima, que inicialmente não queria entregar o celular, acabasse cedendo: “Meu pai ficou parado, olhou para mim, olhou assim vendo da qual foi dele [...] Aí ele já pegou os negócios e soltou...” (Repositor, 22 anos). Portanto, a presença de familiares ou pessoas amigas durante o roubo pode fazer com que as vítimas repensem suas reações visando proteger os parentes:

Eu estranhei por causa do horário e vi dois homens na moto...Aí a gente continuou [andando] e na hora que eles pararam me deu vontade de voltar correndo, porque eu senti logo que ia ser assalto... Mas só que eu estava com minha filha e não teve como. Eu vou aguentar correr, mas ela não vai... (Auxiliar de produção, 40 anos).

Um amigo que esboçou ter uma reação, só que pensou nas meninas que estavam com a gente e desistiu. Estava eu, um amigo e três garotas. A rua estava deserta... (Estudante, 20 anos)

Neste episódio, a filha de sete anos da mulher inicialmente, não compreendeu que se tratava de assalto e a achou que o assaltante era um amigo da mãe. Além disso, a vítima relata que o seu desejo era sair logo dali:

Minha reação foi entregar e sair dali. Minha vontade era sair dali. [Estava] Com minha filha. Ela achou que ele era um amigo meu. Do jeito que ele botou a mão no meu ombro, ele riu, riu mesmo assim, com um cinismo, quando eu virei...Aí ela falou assim “ mãe eu pensei que era um amigo seu, mas quando eu vi você tirar o celular eu vi que ele estava roubando seu celular”. (Auxiliar de produção, 40 anos).

Em outro episódio, o interlocutor alegou ter ficado com medo, pois seu acompanhante não queria entregar um pertence: “Fiquei com bastante medo, meu colega que ainda ficou indeciso com o relógio dele, mas acabou entregando. Era um relógio de valor. Meu amigo não quis entregar o celular, ficou um pouquinho receoso...” (Técnica de Enfermagem, 22 anos).

Identificou-se situações em que as vítimas entrevistadas alegaram ter ficado com medo em virtude da reação dos acompanhantes em resistir para entregar o aparelho ou correr: “Ela ia correr. Eu ainda falei com ela “não corra”. Meu medo era ela correr e ele podia atirar nela ou na gente...Ela queria correr , ficou muito nervosa mesmo... Aí só ela tirou o celular e deu...” (Auxiliar de Produção, 42 anos); “Fiquei com bastante medo, meu colega que ainda ficou indeciso com o relógio dele, mas acabou entregando. Era um de relógio de valor. Meu amigo não quis entregar o celular, ficou um pouquinho receoso...” (Técnica de Enfermagem, 22 anos).

Observou-se também um caso em que as acompanhantes reagiram, correram e, uma delas, pegou um pedaço de madeira. Neste relato, a interlocutora afirma que gritou para que as amigas que a acompanhavam também corressem:

A minha amiga uma correu para dentro mercado, a outra correu para o outro lado da pista e passou pelo meio dos carros , não sei como não foi atropelada...[...] A minha supervisora correu para o outro lado da pista, pegou um pedaço de madeira, como se fosse parar uma bala, eu e minha amiga corremos para o mesmo sentido, entramos no mercado que tinha um monte de segurança armado... (Caixa e Atendente, 18 anos).

Em outro, a acompanhantes chegou a dizer que “ninguém tinha celular”, mas o assaltante já tinha visto o aparelho da interlocutora: “Estava com minha cunhada. Ele veio pediu o celular, minha cunhada disse que a gente não tinha, só que ele já tinha visto no meu bolso, ele falou, aí eu puxei o celular e entreguei do bolso. Ela não entregou, pois ela não tinha” (Manicure, 22 anos). Em outro episódio, em que uma mãe entrou em luta corporal com um ladrão, a filha mandou este último parar de agredir a primeira e ainda por cima puxou o infrator por um braço.

Como a entrada do nosso prédio é mais isolada, não tinha ninguém ao redor. Um deles desceu do carro e pediu o celular e a bolsa da minha mãe, ela segurou a bolsa com força e disse que não ia dar. Ele insistiu e ela continuou negando, ele tentou puxar e ela continuou segurando com força. Ele deu um murro na cara dela, ela caiu no chão, ele foi em cima dela e continuou dando murros no rosto dela com ela caída. Minha irmã se desesperou, mandou ele parar e puxou ele pelo braço. Ele deu um murro que partiu o lábio dela... (Designer, 27 anos).

Ainda sobre este último caso, a interlocutora destaca a revolta sentida por sua mãe, que assume que reagiria de novo: “Ela conta com muita, diz que reagiria de novo, pois ela acha um desaforo a cara de pau do cara, chega o sangue sobe. Mas minha mãe é invocada, diz que ficou com a cara toda quebrada por semanas, mas ela só lembra com raiva mesmo...” (Designer, 27 anos).

### **6.3.10 Reação de eventuais espectadores**

Entre os poucos espectadores presentes nos momentos dos roubos foram observadas reações em que estes apenas olharam mas não se intrometeram, recuaram ao perceber que era um assalto e correram: “Só tinha umas duas pessoas no ponto... Correram... As duas pessoas...” (Repositor, 22 anos).

Logo depois quando ele saiu passou um carro de corporativa que passa pelo local, aí a gente tentou pedir ajuda, mas o cara não parou, passou um taxi também, mas não pararam também, aí foi isso. [...] Não, pelo horário e pelo local e ela falar que teve um roubo eles nem quiseram ficar no local, nem pararam para saber [ espectadores ] . (Manicure, 22 anos)

Observou-se relatos em que os espectadores correram e outros, como os seguranças do mercado no episódio abaixo, ficaram alarmados, mas não tiveram reação, já que o ocorrido era fora da área do mercado em que trabalhavam:

O rapaz da bicicleta que eu lembro correu até a metade do trajeto com a bicicleta e jogou a bicicleta no chão... A minha amiga uma correu para dentro mercado, a outra correu para o outro lado da pista e passou pelo meio dos carros , não sei como não foi atropelada... [Os seguranças do mercado] ficaram alerta, mas não saíram para resolver, tanto que não era dentro do mercado, então eles não teriam jurisdição. (Caixa e Atendente, 18 anos)

Em resumo, observou-se que as ameaças psicológicas, como o nervosismo dos infratores influenciam na intensificação do temor dos alvos e na preocupação com o desfecho da interação. Neste sentido, a manipulação do medo pode surgir como um efeito involuntário ou não planejado pelos próprios assaltantes. O fato de as vítimas estarem acompanhadas por pessoas conhecidas e próximas pode influenciar nas suas reações como, por exemplo, se preocuparem com a segurança daquelas. Quanto aos efeitos das diferentes modalidade de resistência, observou-se que a resistência não forçosa via negociação pode gerar resultados positivos como a redução dos prejuízos materiais provocados pelos roubos, a exemplo da situação em que o assaltante devolveu o chip da vítima. A intensificação da violência esteve associada às formas de resistência, como recusa para entregar o bem.

## 6. 4. VÍTIMAS ACOMPANHADAS EM LOCAIS FREQUENTADOS

### 6.4.1 Contextos espaciais e temporais

Esta seção analisa os casos de roubos de celulares que envolveram vítimas acompanhadas em espaços públicos com muitos espectadores. Destaca-se novamente que estes podem ser observadores ou testemunhas do roubo relatado pelos interlocutores, influenciando a situação, e, em alguns episódios, tais sujeitos também se tornam vítimas do roubo, o que não permite a manutenção deles no status único de observador. São fatores relevantes na conversão destes em alvos: a proximidade e a quantidade de observadores no local. Algumas vezes, estes espectadores só viram vítimas na fase do roubo propriamente dito, não envolvendo o estabelecimento da copresença e do enquadramento na definição de situação do roubo.

As vítimas se referem aos roubos como interações rápidas, principalmente quando existe a cooperação dos alvos, daí a importância de os assaltantes conseguirem fazer com que as vítimas colaborem através da manipulação do medo: “É tudo muito rápido...Um minuto a dois minutos e meio assim...Não passou de três minutos...Muito rápido” (Operador de Máquinas, 23 anos). A necessidade de uma ação ligeira pode estar relacionada a intensificação dos obstáculos para os assaltantes em espaços com maior movimentação e possíveis reações de espectadores:

Tinha muita gente porque esse horário de trabalho e o ponto fica muito cheio, foi uma correria, o pessoal começou a gritar arrastão, muita gente correndo... [...]Eu não sei dizer o tempo, porque eles foram muito ligeiros. Na verdade eles sabem que ali é um movimento, tem movimento que sempre está passando viatura, esse horário sempre passa viatura, eles fizeram já sabendo provavelmente era gente de perto, eles fizeram assim sabendo já o tempo que eles iam ficar... A população que estava de parte começou a gritar “pega ladrão”...Eles ficaram mais nervosos, tinha muita gente... (42 anos, Auxiliar de Produção, 42 anos)

O número de acompanhantes das vítimas variou de uma a duas pessoas, sendo familiares (irmã), colegas de trabalho ou amigos: “Eu, minha irmã e uma amiga de minha irmã...Todo dia [vamos] nós três para o trabalho, .para o mesmo lugar” (Entregador em transportadora, 40 anos). De modo geral, os acompanhantes são pessoas adultas conhecidas ou próximas. Em apenas uma situação, a vítima estava acompanhada de seus filhos com idades de seis e oito anos.

No que se refere ao contexto espacial e temporal dos roubos, os eventos ocorreram nas vias públicas, incluindo paradas de ônibus. Os eventos ocorreram em períodos variados do dia: de manhã cedo, ao longo da manhã, no final da tarde e à noite. Ou seja, os horários conhecidos como “horários de pico”, de ida dos trabalhadores para seus serviços e da volta para casa são apontadas pelos interlocutores como períodos já visados pelos criminosos. Observa-se ainda a exposição daqueles que utilizam o transporte público, estando expostos dentro dos coletivos, nos pontos de ônibus e também nos trajetos:

O foco deles são pontos de ônibus, trabalhadores de manhã cedo ou cinco horas da tarde, seis horas quando vem do trabalho...O foco deles sempre são celulares... Porque são a hora que os trabalhadores estão saindo para trabalhar e estão voltando do trabalho...Esses horários não têm muita polícia circulando na rua, são poucas viaturas. São as horas que a cidade está cheia dos trabalhadores mexendo nos celulares... Aí eles não aguentam ver e querem roubar... (Operador de Máquinas, 23 anos)

#### **6.4.2 Comportamentos das vítimas antes do roubo**

Antes da abordagem dos assaltantes, a grande maioria das vítimas estava em deslocamento com os celulares guardados em bolsos, bolsas ou mochilas, havendo um evento em que o alvo estava parado e utilizando o aparelho. Em duas situações, as vítimas estavam esperando o ônibus conversando com seus acompanhantes: “Eu estava na padaria comprando o café para seguir para a empresa e foi nesse momento que eu cheguei no ponto e fui assaltado. Eu estava descendo mais a minha irmã, as amigas dela, a gente conversando...” (Entregador em transportadora, 40 anos). Portanto, observa que antes do roubo, os alvos estavam indo ou voltando do trabalho ou faculdade; em um episódio, a interlocutora estava indo para uma festa de rua (Lavagem do Bonfim) e, em dois outros, as vítimas estavam indo e voltando da praia com amigos.

#### **6.4.3 Estabelecimento da copresença**

Todos os assaltos foram cometidos por homens, aparentemente jovens, não sendo identificadas participação ou coparticipação de mulheres. Os interlocutores falaram sobre a dificuldade de caracterizar o rosto dos assaltantes pelo porte de

máscaras, capacetes e a própria rapidez dos eventos: “Não dava, porque ele estava de máscara, de capacete e é tudo muito rápido...” (Operador de máquinas, 23 anos).

Os roubos foram cometidos por um ou dois assaltantes, que chegaram em motos ou a pé. As abordagens de moto tendem a ocorrer em duplas e, neste grupo, foi identificada um roubo em que o assaltante estava sozinho na motocicleta e conduziu todas as etapas do roubo. Conforme o relato da vítima, o ladrão já chegou agressivo e colocando a arma no rosto do alvo: “Só botou a arma na minha cara, se eu não desse o celular que ele me baleava, me dava tiro... Com ele só tinha ele só na moto...” (Entregador em transportadora, 40 anos).

De maneira geral, o estabelecimento da copresença não envolveu disfarces ou encenações de comportamentos normais para se aproximar dos alvos, mas de modo claro e direto: “Eles já chegaram muito nervosos dizendo que se a gente não desse iam atirar, aí eu tive que dar logo...” (Operador de Máquinas, 23 anos). Em apenas um episódio, os criminosos, que estavam a pé, aproximaram-se dos alvos simulando comportamentos normais ou solicitando informações, como as horas: “Ai vieram três elementos, não cismei, passou por mim e perguntou as horas, quando o cara pegou o celular para dizer as horas ele falou que era um assalto” (Serviço de Internet, 27 anos) . No que diz respeito às armas utilizadas, foi identificado o predomínio de armas de fogo. Em apenas uma situação, a interlocutora alegou não ter visto a arma e se sentiu motivada a resistir, como será mostrado a seguir.

#### **6.4.4 Compartilhamento da definição de situação de roubo**

O compartilhamento da definição de situação foi feito mediante uma ordem ou voz de assalto, acompanhada pela exibição de arma de fogo, ofensas e ameaças. Tal anúncio de assalto foi acompanhado por expressões como “passa o celular”, “passa o celular, desgraça”, além da exibição de armas: “Bora passa a mão, passa o celular, desgraça! Isso é um assalto” (Operador de Máquinas, 35 anos). Os ladrões também colocavam as armas próximas ao rosto das vítimas para aumentar o temor das mesmas: “Ele meteu a arma na minha cara... [...] Só fez me ameaçar, se eu não desse o aparelho que ele ia atirar...” (Entregador em transportadora, 40 anos).

Entre as agressões físicas sofridas pelos integrantes deste grupo, uma vítima levou um tapa e um espectador foi agredido com um soco no peito por resistir a entregar o celular. Tais comportamentos parecem estar relacionados à contextos de

maior presença de pessoas e quantidade de alvos para dominar e assaltar, onde também são maiores os riscos de apreensões, reações ou possíveis linchamentos por vítimas e espectadores. Em um episódio, por exemplo, o assaltante foi pego e agredido. Em outro caso, dois espectadores tentaram ajudar as vítimas e chamaram a polícia. A viatura chegou, foi atrás dos ladrões, mas sem sucesso: “Dois rapazes ainda tentaram ajudar, chamaram a polícia. A viatura chegou e foi atrás dos ladrões, mas não conseguiram pegar” (Autônoma, 34 anos). Tais assaltos ocorreram em vias públicas.

#### **6.4.5 O roubo ou a transferência de bens**

Com relação a transferência dos bens entre vítimas e ofensores, identificou-se as seguintes formas: vítimas entregando o celular com ou sem resistência e assaltantes que tomam ou puxam os pertences dos alvos. Em um dos casos, a vítima tentou negociar para reaver os documentos e a farda, porém não teve sucesso e o infrator não fez a devolução. Destaca-se ainda um episódio em que a vítima recuperou o celular dela e o criminoso não obteve êxito. No geral, os acompanhantes também tiveram os celulares tomados no roubo.

No que se refere à vitimização material ou bens tomados durante assalto, o celular foi o principal alvo dos roubos. Além dos celulares, as vítimas também perderam itens como: bolsas, documentos, alimentos que seriam consumidos no café da manhã e farda de trabalho. É comum os interlocutores narrarem os sentimentos de revolta e indignação com a perda de seus aparelhos. Além do fato de ainda serem ofendidos moralmente pelos criminosos. Apesar das privações e dificuldades financeiras, o esforço e o trabalho “honesto” é visto como fonte de diferenciação por parte dos trabalhadores (Zaluar, 1985), o que gera uma grande indignação nas vítimas que são chamadas de “vagabundas” pelos assaltantes:

A gente sai para trabalhar, dar um duro, compra um celular, divide de várias parcelas e você ver levar assim, sem você puder fazer nada, ainda chamar ser chamado dos nomes que ele chama, de vagabundos, sendo que os vagabundos são eles, eles chamam a população que estava indo trabalhar de vagabundos... (Auxiliar de Produção, 42 anos)

#### **6.4.6 A fuga dos assaltantes**

Já as fugas dos assaltantes após o roubo ocorreram através de motocicletas, a pé ou correndo. Aqui também foi identificada a importância das motocicletas na fase de fuga dos assaltantes: “Eles foram pela principal mesmo de moto...De moto correndo...Muito rápido...” (Operador de Máquinas, 23 anos).

O papel das motocicletas também aparece como fundamental nos roubos que ocorreram em vias públicas. A rapidez da fuga dos assaltantes aparentam serem essenciais também em contextos com mais espectadores, tendo em vista o aumento dos riscos de apreensões e reações por parte das vítimas e espectadores como, por exemplo, acionar a polícia.

Nesta fase da fuga, cabe destacar uma tentativa de roubo e fuga sem sucesso. Em um local de grande movimentação, a vítima reagiu, correu atrás do assaltante, conseguiu alcançá-lo e depois agredi-lo com ajuda de um espectador, e reaver o celular: “Muita gente ao redor, eu saí correndo atrás dele, não era uma pessoa robusta não, era um magrelo, alto, cabeludo, eu dei um pontapé na boca do estômago dele e disse que era ladrão” (Jornalista, 54 anos).

#### **6.4.7 Uso da violência psicológica e física**

A principal forma de violência descrita pelos interlocutores desse grupo é a psicológica, com xingamentos e ameaças através de arma de fogo. Os ladrões utilizaram como xingamentos as expressões “desgraça”, “vagabundo”, “viado”, “viadinho”. As duas últimas expressões possuem caráter homofóbico uma vez que pretendem desqualificar a vítima do gênero masculino ao associá-la com a homossexualidade. Os sujeitos buscam reforçar sua masculinidade e atingir a do outro através da inferiorização de elementos ligados a figura feminina ou homossexual. “Eles já foram me xingando de vagabundo, desgraça, me chamando de viado...Roubaram o celular das outras pessoas” (Operador de máquinas, 23 anos), afirma um interlocutor.

Conforme se observa no relato a seguir, também foram identificados casos de violência indireta, isto é, a vítima também presenciou agressões contra espectadores. Deste modo, os agressores podem intensificar a violência, física ou

verbal, contra um ou mais espectadores para influenciar ou conter os demais (Paes-Machado; Violdres-Inoue, 2015).

Eles já foram me xingando de “vagabundo”, “desgraça”, me chamando de “viado”...E pediram o celular, eu tive que dar...Roubaram o celular das outras pessoas... [...]Tinha um rapaz do meu lado que eles deram murro no rapaz por que o rapaz não quis dar o celular... (Operador de Máquinas, 23 anos)

Ameaças de disparo e exibição de armas próximas ao rosto e no peito também foram acionadas: “Ele meteu a arma na minha cara...Não gritei porque eu fiquei com medo dele atirar em mim...” (Entregador de transportadora, 40 anos).

Em um dos episódios, o uso da violência física contra o assaltado parece resultar da frustração ou decepção causada pelo fato daquele não dispor à mão de um celular para entregar. Vale destacar que o depoimento a seguir se configura como uma tentativa de roubo, já que o interlocutor não estava com o aparelho no momento. A vítima alegou ter tomado um “tapa” no ouvido, o que prejudicou sua audição por uma semana:

Eu estava de camisa azul no dia e ele [assaltante] disse “ei de camisa azul, venha cá”. E eu não maldei e fui até ele. Achei que era besteira e eu devia ter percebido. Ele já estava com a faquinha, apontando no punho e falaram “bora passa o celular”. [...] Eles me revistaram e acabaram revistando esse meu amigo também. Quando eu disse que não tinha, eles disseram “ah vaza, vaza” [para ir embora]. Quando eu virei para sair, eles me deram um tapa [no ouvido]... (Estudante, 18 anos)

Aqui o terror psicológico e a intensificação do medo também foram amplamente relacionados ao fato de ter muitos espectadores nos locais, isto é, o receio da reação das outras pessoas, e em situações em que os criminosos apresentam nervosismo:

A gente na hora fica assim né? Porque a gente não sabe o que vem pela frente...O jeito que eles vem nervoso, vem com raiva [...] Uma pessoa que está ali de junto reage a um assalto desse e eles acabarem atirando... [...]Estavam nervosos, estava muito mesmo... O que estava na moto o tempo todo arrastava a moto e voltava, arrastava a moto e voltava, ele não ficou parado...Ele ficava arrastando a moto e voltando o tempo todo...E o outro recolhendo o celular com o revolver na mão... (Auxiliar de Produção, 42 anos)

#### **6.4.8 Formas de resistência das vítimas**

Ainda sobre o medo, este é o sentimento mais relatado pelas vítimas durante o roubo, principalmente ao se depararem com a exibição de armas de fogo

acompanhadas por agressões verbais e ameaças de disparo. As reações no momento de desespero envolvem, inclusive, orar. A presença da arma de fogo é crucial na decisão da vítima em entregar o bem e cooperar com o roubo, ou seja, a utilização de armas de fogo é um ponto fundamental no processo de manipulação do medo ou na desistência em continuar com a resistência.

Na hora eu não tive nem reação...Só esperava pela polícia e a polícia nada de chegar...Ficamos lá, ligamos para polícia e a polícia nada de aparecer... o coração aflito, orando por dentro, agradecendo a Deus que não deixou acontecer o pior...Mas fiquei com muito medo (Operador de Máquinas, 23 anos).

Entre estes assaltados, as respostas mais comuns foram a “falta de reação”, o medo, desespero e as atitudes de orar, entregar de imediato o pertence e mesmo demorar para entender a situação de assalto: “Ele parou a moto e falou ‘bora seu viadinho, me dê o celular vá’. Eu pensei que eram uns amigos meus e quando fui ver era verdade, que ele estava com a arma, botou a arma na minha cara, eu disse a ele que não tinha o celular...” (Entregador em transportadora, 40 anos). Inicialmente, o interlocutor achou que era uma brincadeira, mas após entender que se tratava de um assalto disse que não tinha celular. O alvo só entregou o aparelho após sua irmã, que o acompanhava, pedir a ele para fazer: “Minha irmã gritou “dê o celular a ele” e eu falei para ele que ia tirar o celular da mochila e vou te entregar o celular...” (Entregador em transportadora, 40 anos).

Enquanto duas vítimas entregaram seus bens de forma imediata, nos demais episódios elas resistiram de modo não forçoso, como dizer que não tinham celular, guardar este aparelho ou negociar a devolução de algum bem: “Não, eu disse para ele ‘você leva o celular e devolve meu documento, que meu documento e minha farda estão aí dentro [da mochila]’. Ele disse que não ia dar não, não devolveu nada...” (Entregador em Transportadora, 40 anos).

No que diz respeito as formas de resistência forçosas, um interlocutor alegou ter segurado o aparelho ou dado uma “travadinha na mão”: “Não tinha como esconder, pois os caras estavam na minha frente. Dei uma “travadinha” na mão, mas depois soltei [o celular]”(Serviço de Internet, 27 anos). Este mesmo interlocutor afirmou também ter pensado em correr, mas a localização desfavorável ou bem à frente dos assaltantes juntamente com a presença de armas de fogo impediu a

reação: “Não tinha como fugir, eu era o segundo, o cara estava na minha frente, se eu fosse correr ia levar um tiro...” (Serviço de Internet, 27 anos).

Outra vítima relatou ter corrido atrás do assaltante, gritado que se tratava de um ladrão, e, ao alcançar o criminoso, deu um pontapé no mesmo. Tal reação foge ao padrão do que vem sendo observado. A interlocutora destaca que tal reação veio do fato de não ter visto arma de fogo. Ela contou com o apoio de um espectador e o celular dela foi recuperado. Essa interlocutora, que já foi vítima várias vezes apresenta um histórico de reações e agressões contra os assaltantes, afirmou ainda que entraria em aulas de boxe e defesa pessoal para aperfeiçoar suas habilidades de luta corporal:

(...) As duas vezes eu consegui tomar de volta e ainda dei porrada no ladrão... Ele [o assaltante] não levou porque eu reagi e fui ajudada também [...] Eu saí correndo atrás dele, era um magrelo cabeludo, não era uma pessoa robusta não, era um magrelo, alto, cabeludo, eu dei um pontapé na boca do estomago dele e disse que era ladrão [...] Ninguém venha se botar para cima de mim não, porque se brincar eu dou porrada, se eu ver que tem espaço para dar porrada eu dou, eu não [faço nada] se eu ver que tem um cara com a arma apontada para minha cabeça, que eu não sou maluca... Agora eu estou esperando melhorar um pouco do joelho, semana que vem eu vou voltar para o boxe... Esse professor meu de boxe ele vai me dar umas aulas de defesa pessoal também... A aula ao invés de boxe, mas vai ser de defesa pessoal, para aprender a desarmar vagabundo, deixar vagabundo lá no chão com saco estraçalhado. (Jornalista, 54 anos)

Portanto, alguns interlocutores buscam aperfeiçoar mecanismos de defesa pessoal, elaborando um conjunto de métodos que buscam neutralizar um ataque ou agressão (Paes-Machado; Nascimento, 2014). Em algumas situações e contrariando avaliações estabelecidas, observou-se também que nem todas as formas de resistência culminam ou desembocam em intensificação do uso da violência contra alvos e a ação dos assaltantes podem falhar.

#### **6.4.9 Reações e papel dos acompanhantes**

Além dos espectadores, os acompanhantes também possuem a capacidade de influenciar a situação de diversas formas, inclusive convencendo a vítima a colaborar com o roubo. Na situação abaixo, a acompanhante da vítima correu, porém solicitou ao irmão que entregasse o aparelho ao assaltante:

[...] botou a arma na minha cara, eu disse a ele que não tinha o celular... Minha irmã gritou “dê o celular a ele” e eu falei para ele que ia tirar o celular da mochila e entregar... Ele aí pegou e disse “não quero o celular não, vou

levar tudo”. Levou minha mochila, com o documento dentro, minha farda e meu café da manhã. [...] Minha vontade foi eu ir para cima dele... Quando eu ia para cima dele minha irmã gritou...Eu ainda subi correndo pra Campinas para ir atrás dele...Foi quando ele estava roubando o pessoal que estava indo para o trabalho... (Entregador de transportadora, 40 anos)

Ainda sobre o episódio anterior, destaca que as acompanhantes da vítima correram e não tiveram seus pertences roubados. Entretanto, no geral, os acompanhantes também tiveram o celular levado. Neste caso, as acompanhantes do alvo fugiram, deixando-o sozinho na mira dos assaltantes. Deste modo, a reação de parte do grupo de acompanhantes ou espectadores acabaram deixando as vítimas entrevistadas na mira dos assaltantes sem oportunidades de escapar. Outras pessoas que estavam no ponto também protagonizaram uma fuga coletiva, evitando o assalto:

Eu, minha irmã e uma amiga de minha irmã...Todo dia vamos nós três para o trabalho, no mesmo lugar. Uma correu e a minha irmã ficou entre dois carros, só ficou eu na via, na mira da arma só foi eu. Elas duas correram, uma correu gritando, que era a amiga dela e a irmã ficou entre dois carros. (Entregador de transportadora, 40 anos)

Inversamente, observa-se episódios em que as vítimas procuram interferir na situação tentando convencer o acompanhante a entregar os bens: “Ela ia correr [a colega]. Eu ainda falei com ela “não corra”. Meu medo era ela correr e ele podia atirar nela ou na gente...Ela queria correr , ficou muito nervosa mesmo...” (Auxiliar de Produção, 42 anos). A interferência também se relaciona ao receio do que pode vir a acontecer como consequência de tais reações.

Choro, nervosismo, solicitar que a vítima entregue os bens, entregar de imediato, correr e correr gritando foram reações relatadas no que se refere aos acompanhantes.

Ela [acompanhante] ficou bastante nervosa, quase que desmaia...Ela nunca tinha passado por isso, nem eu, mas ela ficou bastante nervosa... Roubaram o celular novo dela, tinha acabado de comprar...Um mês de comprado, ela ficou bastante nervosa e chorava muito...Não, porque a maioria das pessoas também foram assaltadas. (Operador de Máquinas, 23b)

Paralisação, nervosismo, solicitação de calma e a demora para entender que se tratava de um assalto também foram reações relatadas no que se refere aos acompanhantes. Na grande maioria, os acompanhantes também tiveram seus bens

roubados e acabaram realizando a transferência de forma rápida ou cooperando com o roubo.

Identifica-se ainda que demora de processar o que está ocorrendo ou demorar para entregar o bem são episódios que acabam gerando a irritabilidade e agressões por parte dos assaltantes: “Tinha um rapaz do meu lado [no ponto de ônibus] que eles deram murro no rapaz porque o rapaz não quis dar o celular...” (Operador de Máquinas, 23 anos).

A presença de acompanhantes que também são pessoas próximas ou familiares é capaz de gerar uma preocupação maior para as vítimas no desenrolar do roubo. Conforme se observa no relato a seguir, a preocupação maior do alvo eram seus filhos, duas crianças de seis e oito anos:

Uma sensação ruim, a gente fica com medo do pior acontecer, só pensei no meus dois filhos na hora, não queria saber de celular, só pensei nas duas crianças.... Eram muitos violentos, xingando muito, com medo também, porque estava com muito movimento de gente na hora... (Vendedora, 38 anos)

#### **6.4.10 Reação de espectadores**

Em alguns episódios os espectadores podem também ter sido vítimas do mesmo roubo, além de interagirem com os interlocutores. A proximidade e a quantidade de observadores aparecem como aspectos relevantes na conversão destes em alvos. As vítimas relatam, frequentemente, o medo e a preocupação com o desfecho do roubo, principalmente por se tratar de espaços que possuem um elevado número de espectadores, que também podem reagir e influenciar na definição da situação. Ou seja, o desfecho do roubo sem tragédias pode envolver a colaboração das vítimas, dos ofensores e dos espectadores, além dos acompanhantes, conforme foi dito. A preocupação com a reação dos outros é bastante citada pelos interlocutores. Observa-se que, em alguns episódios, estes espectadores procuram acalmar a situação e favorecer um desfecho sem incidentes graves, mas também têm reações que irritam e favorecem agressões por parte dos infratores. Tais agressões estiveram associadas ao fato de os assaltados não quererem entregar seus celulares.

Eu estava no ponto de ônibus esperando o ônibus, aí chegaram dois caras em uma moto, de máscara e capacete...Eles estavam pedindo o celular de

todo mundo...Eu rapidamente dei o meu já que não se pode reagir a assalto...Eles já foram me xingando de vagabundo, desgraça, me chamando de viado...E pediram o celular, eu tive que dar...Roubaram o celular das outras pessoas...Tinha um rapaz do meu lado que eles deram murro no rapaz porque o rapaz não quis dar o celular... Comigo não [ agressão física ], mas com as pessoas que estavam do meu lado que demoraram de passar o celular sim... (Operador de Máquinas, 23 anos)

Entre estes assaltados, ou espectadores que também passaram a ser vítimas, as reações foram de nervosismo, choro e não querer entregar o aparelho. Outros correram, chamaram a polícia e até chegaram a agredir um assaltante, auxiliando a interlocutora na recuperação do celular. Seguem alguns relatos: “[...] um senhor mais velho careca puxou o celular e tascou um soco nele...Me deu o celular e eu saí feliz da vida...” (Jornalista, 54 anos). Aqui se observa nitidamente o papel ativo do espectador.

Em espaços públicos com mais frequentadores é possível identificar também reações coletivas de espectadores, como fugas em grupo: “O pessoal do ponto de ônibus correu para o lado da pista, do lado esquerdo que foi o lado que ele não estava roubando, entrou dentro da academia, depois que ele fez o assalto o pessoal retornou para o ponto de ônibus” (Entregador de transportadora, 40 anos). As fugas coletivas estão amplamente associadas às vantagens ecológicas de espaços abertos, com rotas de fugas e que dificultam a ação dos assaltantes para efetuar os roubos e adotar represálias contra os alvos. A dispersão coletiva dificulta a ação dos assaltantes, tanto para efetuar o roubo como para aplicar punições contra as vítimas.

Em duas situações, as pessoas que não foram roubadas conseguiram ligar para a polícia, embora não tenham tido sucesso: “O que a gente pode fazer foram as pessoas que não foram roubados ligaram para polícia, mas não adiantou de nada...” (Operador de Máquinas, 23 anos).

No que se refere a esta situação, em que os alvos estão acompanhados de pessoas próximas ou conhecidas em locais movimentados, destaca-se uma sobreposição entre grupos de conhecidos e grupos de desconhecidos . Tais episódios foram identificados, por exemplo, em pontos de ônibus nos chamados “arrastões”. Aqui as vítimas e seus acompanhantes são roubados juntamente com um grupo maior de pessoas desconhecidas. Nestes casos, observou-se: a) a interação entre alvos e acompanhantes conhecidos e a preocupação mútua entre estes; b) a preocupação com as reações dos outros alvos e o desfecho do roubo; c)

em grupos maiores, alguns espectadores conseguem escapar do roubo após correr sem serem alvos de agressões por parte dos assaltantes; d) que a localização dos alvos ou a ordem de abordagem dentro desses subgrupos podem dificultar ou facilitar reações; d) a reação de acompanhantes ou espectadores podem deixar outras vítimas sozinhas na mira dos assaltantes.

No caso abaixo a vítima estava acompanhada da irmã e de uma amiga da irmã em um ponto de ônibus. Além de alguns espectadores, as acompanhantes também correram, deixando-o na mira dos assaltantes. A irmã da vítima pediu para que ele entregasse logo o aparelho para evitar disparos:

Tinha gente no ponto de ônibus e tinha outro pessoal que já estava sendo assaltado depois, depois de mim [...]Eu não queria dar meu celular a ele, mas minha irmã gritou “dê, pra ele não atirar”. [...] Eu peguei e dei o celular a ele. Elas duas correram, uma correu gritando, que era a amiga dela e a irmã ficou entre dois carros. [...] O pessoal do ponto de ônibus correu para o lado da pista, do lado esquerdo que foi o lado que ele não estava roubando, entrou dentro da academia, depois que ele fez o assalto o pessoal retornou para o ponto de ônibus. (Entregador de transportadora, 40 anos)

No depoimento a seguir, o interlocutor estava acompanhado de uma colega em um ponto de ônibus, onde outros espectadores correram e conseguiram se livrar do roubo sem sofrerem agressões:

Eu pensei em correr, mas parei. Quem estava atrás de mim correu. Ele veio para cima de mim, pediu o celular, eu tive que dar o celular a ele e fui embora. [...] Não tinha como fugir, eu era o segundo, o cara estava na minha frente, se eu fosse correr ia levar um tiro... [...] Não tinha como esconder, pois os caras estavam na minha frente. Dei uma “travadinha” na mão, mas depois soltei [o celular] [...] Estava acompanhado. Entrou em choque, só sabia o chorar e entregou o celular...[acompanhante]. (Serviço de Internet, 27 anos)

No episódio que segue, a vítima estava acompanhada de uma amiga quando ocorreu o arrastão no ponto de ônibus. Alguns espectadores conseguiram correr e outros alarmaram que se tratava de um assalto ao gritar “pega ladrão”, o que causou o aumento do nervosismo dos assaltantes. Nesta situação, a vítima ainda pediu para que a acompanhante, sua colega de trabalho, não corresse com receio do assaltante atirar nelas:

Eu estava indo trabalhar, estava eu e uma colega minha, quando houve o arrastão. Nesse arrastão, tinha dois caras na moto, o ponto estava muito cheio, ele acabou levando por volta de dez celulares por aí, inclusive o meu e de minha amiga de trabalho. [...]Tinha muita gente porque esse horário de

trabalho e o ponto fica muito cheio, foi um corre-corre, o pessoal começou a gritar arrastão, muita gente correndo... [...] Algumas pessoas que estavam próximas conseguiram correr, que estavam no ponto de frente, mas quem estava no ponto, a maioria foi levou o celular...[...] Todo tempo eles [assaltantes] só falavam assim que se não passasse o celular ia morrer, xingavam nomes brabos como desgraça... Aí o pessoal foi tirando o aparelho e dando e outras pessoas que conseguiram correr [...] Depois que tomou o celular das pessoas aí o pessoal começou a gritar “pega ladrão”, eles aí sentaram na moto e seguiu sentido Pirajá. A população que estava de parte começou a gritar “pega ladrão”...Eles ficaram mais nervosos [assaltantes], tinha muita gente... [...]Estavam nervosos, estava muito mesmo... Ele ficava arrastando a moto e voltando o tempo todo... [...]Teve um rapaz que tentou falar com ele, ele xingou mandou calar a boca... A única coisa que tem que fazer é entregar o celular mesmo a ele... [...]. O pessoal que gritou “pega ladrão” estava do lado de lá, do ponto da frente [...] Só com o rapaz que ele xingou muito... O rapaz falou “para que isso? Roubando uma hora daquela”...Ele [assaltante] agiu de muita agressividade... Ele [outra vítima] estava tentando falar com ele [assaltante], dizendo que somos trabalhadores...[...] Estava eu e uma colega de trabalho. Levou o celular dela também. Ela ia correr. Eu ainda falei com ela “não corra”. Meu medo era ela correr e ele podia atirar nela ou na gente... (Auxiliar de Produção, 42 anos).

Em síntese, o compartilhamento da definição de situação do roubo ocorreu, no geral, de forma direta, sem tantas encenações de comportamentos normais e com uma postura verbal mais agressiva. A abordagem dos ladrões se deu mediante a ameaça psicológica e exibição de armas de fogo, inclusive próxima aos rostos das vítimas, o que aumenta o temor dos alvos. A presença de acompanhantes e espectadores pode influenciar a situação, seja convencendo a vítima a entregar o bem logo, dificultando o roubo ou irritando os criminosos. Deste modo, os ladrões precisam ter mais controle e diminuir os riscos em espaços mais movimentados e, por tanto, com maior probabilidade de a vítima solicitar socorro, os espectadores chamarem a polícia, agirem por conta própria ou contra-atacarem fisicamente os ladrões. Em algumas situações, contrariando as avaliações estabelecidas, as formas de resistência podem garantir ganhos positivos para as vítimas e dificultar a ação dos ladrões. O emprego de formas de resistência estão intimamente relacionada com a presença de armas de fogo, isto é, ao passo que a exibição de armas inibe reações ou fazem com que os alvos desistam de resistência, a sua ausência pode encorajar os alvos a não cooperarem com os roubos.

## 6.5 SÍNTESE COMPARATIVA

A análise das interações coercitivas envolvidas nos roubos de celulares partiu da identificação de quatro situações: 1) vítimas sozinhas em espaços públicos com poucos espectadores; 2) vítimas sozinhas em espaços com mais espectadores; 3) vítimas acompanhadas em locais com poucos espectadores; 4) vítimas acompanhadas em espaços com mais espectadores (Quadro 1). A análise a partir destas esteve atrelada aos objetivos de verificar os fatores capazes de evitar, reduzir ou intensificar a violência acionada pelos infratores contra os alvos; de aumentar a vulnerabilidade das vítimas ou os obstáculos para os assaltantes; bem como os papéis de acompanhantes e espectadores em tais encontros forçados.

No que tange às semelhanças encontradas, observou-se que os roubos se apresentam como interações coercitivas rápidas, porém capazes de provocar medo intenso e grande preocupação com o seu desfecho, tanto para as vítimas, como para os assaltantes. Os criminosos têm pressa para concluir o roubo e fugir, e as vítimas, muitas vezes, desejam que aquela situação se encerre logo e sem maiores consequências. Os assaltos foram cometidos, na sua maioria, por homens, aparentemente jovens, que chegaram a pé, em bicicletas, carros ou em motocicletas, com predomínio das últimas. Apenas dois episódios tiveram a coparticipação de mulheres. O papel das motos em tais encontros forçados é central, pois pode reduzir o risco de apreensões e proporciona uma proteção maior aos ladrões contra possíveis reações ou linchamentos por parte dos transeuntes.

Os assaltos foram realizados, na grande maioria, em vias públicas e pontos de ônibus, no curso das atividades de rotina das pessoas, sobretudo, no deslocamento da casa para o trabalho e do trabalho para casa, no início da manhã e final do dia ou a noite. Os considerados “horários de pico”, caracterizado pelo aumento do fluxo de pessoas indo ou voltando de atividades profissionais, são períodos já visados pelos criminosos. Identificou-se ainda o aumento do nível de exposição daqueles que utilizam o transporte público, estando expostos não somente dentro dos coletivos, mas em pontos de ônibus e também nos trajetos.

Nestes roubos, ainda que outros pertences sejam subtraídos, o celular aparece como o objeto principal tomado. Isto se expressa na forma como muitos ladrões anunciam o assalto ao pedirem os aparelho celulares, mediante o emprego de frases como: “passa o celular”. O compartilhamento da definição de situação de

roubo se deu mediante a exibição aberta ou velada de armas de fogo ou brancas, com predomínio das primeiras, além da utilização de violência psicológica contra os assaltados. Na maioria dos episódios, a transferência dos bens foi realizada sem o emprego de agressões físicas. A intensificação da violência psicológica ou a passagem da violência verbal para a física foram provocadas por condutas das vítimas no sentido de demorar para entregar os bens e resistir ou desobedecer aos ladrões, a exemplo de olhar ou encarar o rosto destes últimos, além de correr.

A manipulação do medo através de ameaças psicológicas e com armas de fogo possui relação direta com a cooperação da vítima e a realização da transferência dos bens. Ameaças de disparo, a exibição de armas próxima ao rosto das vítimas, assim como o nervosismo dos assaltantes ou sinais de transtorno apresentados por estes foram apontados como fatores que intensificam o temor dos alvos e a preocupação com o desfecho da interação. Neste sentido, a produção do medo pode surgir como um efeito involuntário e não antecipado pelo próprio assaltante.

Embora, em muitas das situações, os alvos acabem transferindo os bens para os assaltantes de maneira rápida, foram identificadas formas de resistência não forçadas e forçadas por parte das vítimas. As formas não forçadas compreenderam: a) dizer que não tem celular; b) tentar negociar (solicitando a devolução de algum bem); c) guardar ou esconder o celular; d) não acatar a ordem do assaltante de “colocar a mão na cabeça”; e) entregar o bem e sair correndo; f) seguir o infrator depois do evento; g) recuar ou se distanciar do assaltante; h) implorar para não levar o pertence; i) olhar para o assaltante (considerando os casos em que tais ações são realizadas de forma deliberada ou com intenção) (Quadro 2).

No que diz respeito as formas de resistência forçadas foram citadas: a) segurar o aparelho; b) dizer que não iria entregar; c) xingar ou questionar o agressor; d) gritar ou pedir ajuda; e) segurar o aparelho com força; f) agredir o ladrão; g) correr (Quadro 2). Em alguns casos, as formas de resistência podem garantir ganhos positivos para as vítimas, como através da devolução de chips ou cartão de memória. Em outro, contrariando avaliações estabelecidas, a resistência forçada extrema pode dificultar a ação dos ladrões, conforme se observou no episódio em que a vítima reagiu, agrediu o ladrão e conseguiu recuperar o aparelho com apoio de espectadores.

Com relação aos aspectos particulares das situações, os espaços públicos pouco frequentados por pessoas, sobretudo, quando as vítimas estão sozinhas, dificultam reações ou pedidos de ajuda por parte dos alvos, intensificam o medo das vítimas, principalmente as do gênero feminino quanto a sofrer também ataques sexuais, e favorecem a fuga dos assaltantes. Além da ameaça com a arma de fogo, o fato de os alvos estarem sozinhos aumenta a vulnerabilidade e facilita a cessão ou entrega dos bens exigidos.

Os criminosos tiveram posturas mais agressivas ou nervosas durante a fase de compartilhamento da situação do roubo nas situações verificadas em espaços com uma presença maior de frequentadores. Tais comportamentos podem estar associados a quantidade de alvos para dominar e assaltar (roubos a grupos) ou pelo aumento dos riscos para os criminosos em espaços mais movimentados, onde os alvos têm mais possibilidade de pedir socorro e as reações de espectadores podem ocorrer, seja chamando a polícia, gritando, indo atrás dos ladrões ou até provocando respostas punitivas, com os linchamentos.

Em contextos com maior movimentação em que ocorreram roubos a grupos maiores, observou-se a ocorrência de mais episódios em que as vítimas também foram alvos de violência indireta, isto é, presenciaram agressões contra espectadores (outras vítimas). O significado da violência indireta aqui é exatamente mostrar para os demais o que acontece com alvos que recusam cooperar. Tais agressões decorreram de reações como demora em repassar os pertences, olhar para o assaltante ou recusar entregar o celular. Por outro lado, em grupos maiores, alguns espectadores conseguem escapar do roubo após correr sem serem alvos de agressões por parte dos assaltantes. Ao passo, que aqueles localizados mais próximos dos ladrões acabam ficando na mira sem tantas possibilidades de reações, como fugir ou esconder os aparelhos.

Por sua vez, na situação 4, o compartilhamento da definição de situação do roubo ocorreu de forma direta, sem encenações de comportamentos normais e mediante posturas verbais mais agressivas. A abordagem dos ladrões se deu mediante a ameaça psicológica e exibição de armas de fogo, inclusive próxima aos rostos das vítimas. A rapidez dos roubos e da fuga dos assaltantes parecem essenciais em contextos com mais espectadores, tendo em vista o aumento dos riscos e obstáculos para os ladrões, conforme foi dito. As motocicletas seguem com importância fundamental durante as fases do roubo, incluindo na facilitação das

fugas. Em espaços com mais presença de pessoas, os alvos têm mais possibilidade de pedir socorro, fazer com que a polícia seja chamada ou provocar respostas punitivas imediatas dos espectadores em termos de “pegas” ou linchamentos contra os assaltantes.

Nos episódios em que foram identificados a presença de acompanhantes e espectadores também se observou relatos que destacam o status ativo de tais atores. Ou seja, estes podem ser observadores ou testemunhas do roubo e tela e, em algumas situações, também se tornam alvos ou participam ativamente do encontro forçado. Deste modo, os papéis não fixos ou estáticos.

No que diz respeito aos roubos em que as vítimas estavam acompanhadas, destaca-se que os acompanhantes eram amigos, colegas de trabalho e parentes. Os acompanhantes são conhecidos, com todas as implicações que isto tem em termos de afetividade, lealdade e compromisso. O fato de as vítimas estarem juntas com pessoas conhecidas e próximas pode influenciar nas suas reações, como a preocupação com os familiares acompanhantes, por exemplo. Com relação aos acompanhantes, identificou-se que, a grande maioria, também tiveram seus bens roubados, com exceção de casos em que, por exemplo, as pessoas correram ou eram crianças. Observou-se ainda que presença de acompanhantes (1 e 3) pode influenciar a situação, seja convencendo a vítima a entregar logo o bem ou reagindo e irritando os infratores.

Já o grupo dos espectadores é formado por desconhecidos com os quais os interlocutores não têm laços, sendo desconhecidos ou estranhos. A definição de espectador também está relacionada a distância ou o distanciamento físico ou espacial da cena do crime. Podem ser entendidos como vítimas potenciais das investidas criminosas, ou seja, a pessoa que poderá ser vítima pelo simples fato de possuir celulares e estar na cena, no entorno imediato ou no perímetro do crime. Esta se diferencia da noção de vítima efetiva, da pessoa que foi ou está sendo roubada. Em alguns casos, o roubo dos ex-observadores não envolve o estabelecimento da copresença e do enquadramento na definição de situação do roubo, ou seja, alguns espectadores só viram vítimas na fase do roubo propriamente dito. A proximidade e a quantidade de observadores aparecem como aspectos relevantes na conversão destes em alvos. A presença de espectadores pode influenciar a situação, seja: a) convencendo a vítima a entregar logo o bem ou dificultando o roubo; b) reagindo e irritando os infratores, o que é capaz de

intensificar o medo e preocupações das vítimas com o desfecho; c) através de reações, ajudas direcionadas às vítimas; d) perseguição aos assaltantes; e) e até disparos por armas de fogo. Portanto, o desenrolar dos encontros forçados e o desfecho dos mesmos dependem da participação mútua de vítimas e agressores, e, em determinados casos, são influenciados também pela participação de espectadores e acompanhantes, que podem assumir um papel ativo e serem roubados (tornando-se vítimas) ou não.

Observou-se uma sobreposição entre grupos de conhecidos e desconhecidos. Ao lado dos assaltos a grupos de desconhecidos, há os roubos a grupos menores de conhecidos e parentes. Estes assaltos evidenciam a influência dos vínculos afetivos em procedimentos de segurança, controle e proteção dos integrantes dos mencionados grupos, como: advertir, aconselhar, ativar o autocontrole e fazer contenção física do acompanhante para evitar represálias dos ladrões. Estes grupos de conhecidos e parentes, cujo número de integrantes variava de duas a três pessoas por evento, eram formados por colegas de trabalho, amigos e familiares, incluindo três crianças.

Deste modo, conclui-se que alguns fatores podem influenciar as interações e o desenrolar dos encontros forçados, além de aumentar a vulnerabilidade das vítimas ou os obstáculos para os assaltantes, tais como: a) grau de frequência dos espaços (menos ou mais frequentados) ou a presença de mais ou menos espectadores; b) o fato de as vítimas estarem solitárias ou não; c) a presença de pessoas próximas ou conhecidas durante o roubo; d) a reação de acompanhantes e espectadores ou o status ativo dos mesmos.

A intensificação da violência ou a passagem das agressões verbais para as agressões físicas contra os alvos (e também contra acompanhantes ou espectadores), incluindo os disparos por armas de fogo, possui relação direta com formas de resistência empregadas pelas vítimas, principalmente, as forçadas. Observou-se que em alguns casos de espancamento e homicídio, divulgados pela mídia, as vítimas resistiram para entregar o aparelho celular. Dentre as formas de resistência que resultaram no reforço da violência pode-se destacar: a) recusa ou demora para entregar o aparelho; b) olhar para o rosto do assaltante; c) gritar; d) correr. Ambos os episódios em que as vítimas protagonizaram fugas individuais tiveram como consequência o disparo por arma de fogo. Portanto, grau de violência pode variar de acordo com a cooperação da vítima.

Quadro 1. Síntese comparativa acerca das quatro situações identificadas

<b>Relação de aspectos semelhantes</b>			
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Interações coercitivas rápidas e apressadas</li> <li>- Geradoras de medo intenso e incertezas</li> <li>- Predomínio de assaltantes homens</li> <li>- Centralidade do uso de motocicletas</li> <li>- Tendem a ser cometidos em duplas</li> <li>- Contexto espacial: Predominante, vias públicas e pontos de ônibus</li> <li>- Contexto temporal: Deslocamento das vítimas trabalho ↔ casa, início da manhã e final do dia/noite</li> <li>- O celular como objeto mais cobiçado pelos criminosos</li> <li>- Predomínio da manipulação do medo através da utilização de armas de fogo e violência psicológica</li> <li>- Relação estreita entre intensificação da violência e as resistências dos alvos</li> <li>- As vítimas empregam formas de resistência não forçadas e forçadas (Quadro 2).</li> </ul>			
<b>Focalização de aspectos distintos</b>			
<b>1) Vítimas sozinhas em locais pouco frequentados</b>	<b>2) Vítimas sozinhas em locais com mais frequentadores</b>	<b>3) Vítimas acompanhadas em locais pouco frequentados</b>	<b>4) Vítimas acompanhadas em locais com mais frequentadores</b>
<p>Dificultam reações ou pedidos de ajuda por parte dos alvos.</p> <p>Facilitam a fuga dos assaltantes.</p> <p>Intensificam o medo das vítimas, principalmente as do gênero feminino quanto a ocorrência de outras vitimizações, como crimes sexuais.</p> <p>Tal combinação pode gerar uma situação de vulnerabilidade ainda maior para as vítimas.</p> <p>Ocorrência de disparo por arma de fogo (fuga individual).</p>	<p>Predomina roubos direcionados a vítima entrevistada (focado em uma pessoa).</p> <p>Assaltantes com posturas mais agressivas ou nervosas, quando comparado ao grupo anterior.</p> <p>Encenações de comportamentos normais para evitar chamar atenção de espectadores.</p> <p>A rapidez dos roubos e da fuga dos assaltantes parecem ser essenciais em locais com maior movimentação, ou seja, espaços onde os alvos têm mais possibilidade de pedir socorro, fazer com que a polícia seja chamada ou provocar respostas punitivas imediatas dos espectadores em termos de “pegas” ou linchamentos.</p>	<p>Roubos a pequenos grupos de conhecidos.</p> <p>Dificultam reações ou pedidos de ajuda por parte dos alvos.</p> <p>Facilitam a fuga dos assaltantes.</p> <p>Intensificam o medo das vítimas, principalmente as do gênero feminino quanto a ocorrência de outras vitimizações, como crimes sexuais.</p> <p>Os acompanhantes eram, no geral, amigos, colegas de trabalho e parentes.</p> <p>A presença de pessoas conhecidas e próximas pode influenciar nas suas reações, como a preocupação com os familiares.</p> <p>A presença e reações de acompanhantes podem influenciar a situação, seja aconselhando a vítima a cooperar com o roubo, tendo reações</p>	<p>Ocorrência de roubos a grupos. Sobreposição de grupos de conhecidos e desconhecidos.</p> <p>Assaltantes com posturas agressivas ou nervosas.</p> <p>Ocorrência de violência indireta (agressão física a espectador)</p> <p>A rapidez dos roubos e da fuga dos assaltantes são essenciais em contextos com mais frequentadores, tendo em vista o aumento dos riscos e obstáculos para os ladrões.</p> <p>A rapidez dos roubos e da fuga dos assaltantes parecem ser essenciais em locais com maior movimentação, ou seja, espaços onde os alvos têm mais possibilidade de pedir socorro, fazer com que a polícia seja chamada ou provocar respostas punitivas imediatas dos espectadores em termos de “pegas” ou linchamentos.</p> <p>Os acompanhantes eram, no geral, amigos, colegas de trabalho e parentes.</p> <p>Ao lado dos assaltos a grupos de desconhecidos, há os roubos a grupos menores de conhecidos e parentes. Estes assaltos evidenciam</p>

	<p>Alguns espectadores conseguem escapar do roubo após correr sem serem alvos de agressões por parte dos assaltantes.</p> <p>Ocorrência de disparo por arma de fogo (fuga individual).</p>	<p>que irritam os ofensores ou até correndo e deixando a vítima entrevistada na mira dos assaltantes.</p>	<p>a influência dos vínculos afetivos em procedimentos de segurança, controle e proteção dos integrantes dos mencionados grupos, como: advertir, aconselhar, ativar o autocontrole e fazer contenção física do acompanhante para evitar represálias dos ladrões.</p> <p>Roubos a grupos: Em grupos maiores, alguns espectadores conseguem escapar do roubo após correr sem serem alvos de agressões por parte dos assaltantes.</p>
--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

(Fonte: Autoria própria)

Quadro 2. Formas de resistências empregadas pelas vítimas

Situações	Formas de resistência das vítimas	
	Não forçosas	Forçosas
<b>1) Vítimas sozinhas em locais pouco frequentados</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Distanciar-se do assaltante</li> <li>-Esconder o bens</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Segurar o aparelho</li> <li>-Dizer que não iria entregar</li> <li>-Xingar o assaltante</li> <li>-Gritar, correr e entrar em luta corporal</li> </ul>
<b>2) Vítimas sozinhas em locais com mais frequentadores</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Esconder os bens</li> <li>-Tentar negociar ou entregar outro bem no lugar do celular</li> <li>-Solicitar a devolução de chips ou documentos</li> <li>-Implorar para não ser roubado</li> <li>-Dizer que não tem celular</li> <li>-Olhar para o rosto do criminoso</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Segurar o aparelho com força</li> <li>-Dizer que não iria entregar</li> <li>-Correr</li> </ul>
<b>3) Vítimas acompanhadas em locais pouco frequentados</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Tentar negociar</li> <li>-Dizer que não tem aparelho</li> <li>-Solicitar a devolução do chip</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Não acatar a ordem do assaltante de “colocar a mão na cabeça”</li> <li>-Segurar o aparelho</li> <li>-Dizer que não iria entregar</li> <li>-Xingar e questionar o agressor por estar roubando</li> <li>-Luta corporal</li> <li>-Correr e gritar</li> </ul>
<b>4) Vítimas acompanhadas em locais frequentados</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Dizer que não tem celular</li> <li>-Tentar negociar ou solicitar a devolução de algum bem</li> <li>-Guardar ou esconder o celular</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Travar a mão que segurava o aparelho</li> <li>-Gritar e correr</li> <li>-Agredir o ladrão e tomar o bem (Ladrão aparentemente desarmado + ajuda de espectadores)</li> </ul>

(Fonte: Autoria própria)

## **CAPÍTULO 7. ROUBO DE CELULARES DENTRO DE COLETIVOS**

Esta seção analisa os roubos de celulares ocorridos dentro de ônibus coletivos em movimento. Neste grupo, os interlocutores afirmaram estar sozinhos ou sem acompanhantes nas situações relatadas. Os espaços foram descritos com a presença de espectadores, isto é, observadores ou testemunhas no momento do roubo em tela. Em grande parte das situações, estes também se tornaram alvos da mesma ação dos criminosos, além de interagirem com os interlocutores. Em determinados casos, o roubo destes ex-observadores não envolve o estabelecimento da copresença e do enquadramento na definição de situação do roubo, ou seja, alguns só viram vítimas na fase do roubo propriamente dito. A proximidade e a quantidade de espectadores em um espaço fechado, com o transporte coletivo, aparecem como fatores relevantes na conversão destes em alvos. O espectador pode virar vítima e esta pode se tornar espectador, ou seja, estes papéis não são fixos.

### **7.1 Contexto espacial e temporal**

Além das diversas deficiências e precariedades, os roubos e os episódios violentos que ocorrem no interior dos coletivos estão amplamente relacionadas com a qualidade de vida urbana, tanto dos usuários como do trabalhadores do transporte (Paes-Machado; Levenstein, 2002). Paes-Machado e Levenstein (2002) destacam como o uso do transporte público reforça a distância material e simbólica entre aqueles que possuem automóveis particulares e os que não possuem, sendo estes últimos os mais prejudicados pelas condições precárias dos coletivos, além de estarem expostos frequentemente a tais roubos. Deve-se levar em conta ainda a exposição não somente no interior dos ônibus, mas nos trajetos e pontos de ônibus.

Os coletivos são considerados alvos relativamente fáceis e amplamente visados pelos criminosos por uma série de fatores, como: a manipulação de dinheiro pelos trabalhadores dos transportes públicos (os cobradores) e a quantidade de pertences dos passageiros; os horários de circulação dos ônibus, como no turno da noite e logo no início do dia; o fato dos ônibus poderem ser roubados e, simultaneamente, utilizados para viabilizar as fugas (Paes-Machado; Levenstein, 2002). Diferentemente dos assaltos realizados em vias públicas ou espaços abertos,

os coletivos são fechados e perigosos, com pouca segurança ou sem policiamento (Paes-Machado; Levenstein, 2002). Levando em conta sua arquitetura espacial e fechada, a ação de policiais ou de espectadores podem colocar em risco a vida de todos os presentes, o que acaba por gerar uma preocupação maior por parte dos usuários de tais transportes. Como salienta Paes-Machado e Viodres-Inoue (2015), as características dos coletivos, como a possibilidade de serem utilizados como arma e escudo, a velocidade e o caráter transitório, constituem um desafio para o combate de tais crimes e aparece como uma oportunidade para os criminosos. Conforme destaca os autores, o uso de armas de fogo, reações de espectadores, o uso da força por particulares ou agentes de segurança dificultam o controle dos desfechos, criando interações imprevisíveis e perigosas para todos os envolvidos: “O pessoal já [entrou] em pânico, né? O medo de que eu fiquei que podia ocorrer uma troca de tiros dentro do ônibus ali” (Vendedor, 22 anos).

Os coletivos e os pontos de ônibus são amplamente citados pelos interlocutores como espaços para se evitar estar com o celular, ou seja, são locais onde se intensificam as práticas de segurança. Os ônibus são descritos pelas vítimas como espaços cercados de medos, traumas e desconfianças, ou, nas palavras do interlocutores:

O ônibus é um local bem arriscado para ter esse tipo de assalto, né? Porque é um local que eles sabem que todo mundo vai tem celular, é um local que não tem segurança nenhuma, então entra e sai qualquer uma pessoa...A gente não sabe quem é quem...Então, é esse o local mais fácil deles cometerem os assaltos... (Conferente, 30 anos)

Você fica muito vulnerável dentro dos ônibus, não tem segurança...Entra gente demais...Tem gente que lhe aborda e você não sabe nem quem é...Não sabe se é um vendedor de verdade, não sabe se é uma pessoa de bem, então você fica exposto...Eu acho que devia existir mais segurança principalmente dentro dos ônibus... (Desempregada, 52 anos)

Destaca-se que os assaltos ocorreram no interior de ônibus em movimento. Os interlocutores afirmaram que os coletivos estavam “razoáveis” ou “com todos os passageiros sentados”, o que significa que tais espaços não estavam lotados no momento: “[...] Estava razoável! Estava vazio. Não estava cheio não [o ônibus]. Estava todo mundo sentado” (Conferente, 30 anos). O fato de os ônibus não estarem completamente lotados, com passageiros em pé e os corredores vazios facilitam a ação dos criminosos: “Quando ônibus está muito cheio, eles colocam quem está em pé sentado, para o corredor ficar livre para eles, para sacarem tudo que tiver...”

(Diarista, 44 anos). Os assaltos ocorreram no interior de coletivos em movimento, no período da tarde (final do dia) e noite e, na grande parte, em momentos que as vítimas estavam se deslocando do trabalho para a casa.

## 7.2 Comportamentos das vítimas antes do roubo

No que diz respeito ao comportamento das vítimas antes do roubo, observou-se as seguintes situações: a) vítimas sentadas no ônibus com celular guardado; b) vítima dormindo ou distraídas no ônibus, com ou sem fone de ouvido; c) vítima no ônibus em ligação telefônica. Os roubos acontecem no decorrer da rotina das vítimas, isto é, nas vias dentro de transportes públicos, ao se deslocarem do trabalho para casa, por exemplo (Monk; Heinonen; Eck, 2010). Em grande parte dos casos relatados, os aparelhos estavam guardados em bolsas ou bolsos de calça. Nas demais situações, as vítimas utilizavam o celular para ligação ou ouvir música através do fone de ouvido.

No momento eu estava utilizando o celular, conversando com meu pai e alguns clientes. Como eu trabalho com venda de planos de saúde da Hapvida, estava conversando com alguns clientes e justamente quando eu avistei esse assaltante lá na frente com o revólver, eu coloquei o celular dentro das calças e tentei esconder para ver se eu conseguia escapar desse assalto. (Vendedor, 22 anos)

## 7.3 Estabelecimento da copresença

A partir das descrições feitas pelas vítimas, todos os assaltos foram cometidos por homens, aparentemente jovens. No que diz respeito as armas utilizadas pelos ofensores, foram identificadas armas de fogo, facas (as chamadas peixeiras) e facões. O uso de armas de fogo também foi predominante:

No sentido indo para casa [...] então, quando parou no ponto entrou três meliantes, dois passou e um ficou na frente... Até aí tudo bem. Quando começou a prosseguir o ônibus eles anunciaram o assalto. O que estava com o motorista estava armado, estava com um 38 [arma]...E os outros dois que passaram a borboleta estavam com a peixeira, peixeira é tipo faca, aquela peixeira de açougueiro, aí começou a pedir o celular de todos... (Conferente, 30 anos).

Os roubos foram cometidos por dois a quatro assaltantes, havendo uma situação em que o interlocutor alegou parecer um “arrastão” dentro do ônibus,

referindo-se ao maior número de assaltantes. Isto é, no interior dos coletivos, os assaltantes não agiram sozinhos, contabilizando de dois a quatro ofensores. Em uma situação, a vítima relata a utilização de um carro para seguir o ônibus que seria assaltado e viabilizar a fuga. Ao passo que dois ladrões entraram no coletivo e efetuaram o assalto, dois comparsas seguiram o ônibus com um carro e facilitaram a fuga:

A gente viu um carro preto, perto da quadra, um carro preto ali parado, mas ninguém maldou que era o carro que ia seguir o ônibus. Quando eu entrei no ônibus, tinha um rapaz de camisa vermelha... Assim que eu passei a catraca, eu fiquei naquela porta ali no meio, aí eu ouvi o barulho, ele dizendo que era um assalto, para ninguém olhar, se não ia estourar o miolos... [...] Antes dele chegar do viaduto, ele mandou o motorista parar, abriu a porta do meio, aí eles saíram...Quando eles saíram, ao invés de ficar no ônibus, eu soltei também, eu estava desesperada e confusa e saltei também...Quando eu vi o carro preto que estava na quadra vinha atrás, eles entraram e fugiram... No carro preto tinham duas pessoas, quando eu soltei eles se dirigiram ao carro preto e entraram... [...] Não foi um lugar deserto não, tinha várias pessoas e tinha até um ponto de ônibus perto...Tinha vários desvios de saída, fuga...Vários desvios de fuga, mandaram parar, correram ligeiro e fugiram por outra pista...(Diarista, 44 anos).

Sobre a utilização de carros para interceptar coletivos, também foram encontrados episódios semelhantes em matérias jornalísticas:

Pelo menos sete ônibus foram assaltados na manhã desta terça-feira (11) em Salvador e Região Metropolitana. [...] Em Santo Inácio, um ônibus que fazia a linha Estação Pirajá-Itapuã foi roubado por um grupo armado. Os seis ladrões atravessaram um carro na Avenida Cardeal Dom Avelar Brandão Vilela com intenção de interromper a passagem do ônibus. Quando o coletivo parou, eles entraram e roubaram pertences dos passageiros. Na fuga, um dos bandidos ainda jogou a chave do ônibus pela janela, mas o motorista conseguiu encontrar depois. O Grupo Especial de Repressão a Roubos em Coletivos (Gerrc) investiga o crime e já solicitou as imagens das câmeras de segurança. Na Avenida Barros Reis, o coletivo da linha Mirante de Periperi-Boca do Rio foi roubado também com um carro sendo atravessado na via. Cinco homens armados usaram essa estratégia para parar o ônibus e depois quatro entraram para roubar os passageiros e um ficou vigiando do lado de fora. (Salvador...; 2021)

Os assaltantes podem se infiltrar no ônibus a partir da simulação ou gerenciamento de comportamentos normais. Tal estratégia visa favorecer a aproximação dos alvos sem que estes percebam ou tentem evitar o encontro (Paes-Machado; Viodres-Inoue, 2015). Os criminosos acessam os coletivos como passageiros ou até como se fossem vendedores. Em um episódio, por exemplo, um dos ofensores entrou no coletivo como se fosse vendedor de picolé, uma forma de não levantar suspeitas.

Peguei o ônibus e quando estava já na Jaqueira do Carneiro, o motorista parou, era um ponto de parada, aí entrou um pessoal, entrou um cara com uma caixa de picolé e chegou outro na frente. Quando eu já maldei logo e entrou o cara correndo no fundo, entrou na frente como se fosse pagar a passagem. (Vendedor, 22 anos)

Os interlocutores partem de visões estereotipadas do que consideram como uma pessoa com “cara de ladrão” e, caso o criminoso esteja fora de tal padrão, a surpresa é maior. Misse (2010) constata a afinidade entre determinadas práticas criminais, capazes de provocar o sentimento de insegurança nas ruas, e certos grupos sociais estigmatizados pela pobreza, raça e estilo de vida. Espera-se que alguns “tipos sociais” sejam “bandidos”, ao passo que outros não. Deste modo, buscando se protegerem, as vítimas desconfiadas buscam decifrar e identificar suspeitos a partir de experiências anteriores, percepções visuais e estereotipadas, que atribuem mais periculosidade a determinados grupos sociais do que a outros, deixando escapar, muitas vezes, as ameaças que não se encaixam nesses padrões (Paes-Machado; Nascimento, 2012).

Eu abri minha bolsa e dei [o celular]... Foi questão de minutos, eles [assaltantes] são estrategistas... E não foram pessoas negras, pessoas pretas, malvestidas, foram homens brancos, esse mesmo que deu a voz de assalto era branco, alto, cabelo grisalho, tudo direitinho... [...] Eles não tinha biotipo... O que deu voz de assalto estava com a mão na tipoia, ele tinha algum um problema na mão, alto, forte e gordo, era uma pessoa normal... (Cuidadora de Idosos, 36 anos)

Observa-se relatos de vítimas que, após serem assaltadas em coletivos, começaram a desconfiar ou ter medo de pessoas que entram nos veículos para realizar vendas: “No coletivo quando abre a porta do fundo que entrava aqueles caras vendendo, fazendo zuada, eu já pensava que era assalto, aquele frio na barriga, já largava o celular assim, quando ia ver e não era [assalto]...” (Auxiliar de serviços gerais, 31 anos), afirma o interlocutor que considera ter ficado “preconceituoso” após ser vítima tantas vezes de roubos.

#### **7.4 Compartilhamento da definição de situação de roubo**

De maneira geral, a abordagem dos perpetradores se deu mediante a exibição de arma de fogo e ameaça psicológica ou verbal. No compartilhamento da definição de situação de roubo o anúncio de que se tratava de um assalto ocorreu

através de frases como “é um assalto” e “passa o celular desgraça”, além da exibição de armas:

Na hora da abordagem não utilizou com violência, só ficou xingando “bora desgraça passa o aparelho , bora miséria, é um assalto”. [...] Só fez me xingar e dizer que eu estava comediando ele, comediando o ladrão, “está comediando o ladrão é desgraça? Bora passa o celular para não dá tiro aqui” e tomou meu celular. (Vendedor, 22 anos)

O compartilhamento da definição de situação de roubo se deu das seguintes formas: a) aproximando-se da vítima, solicitando o celular sem xingamentos, mas com tom agressivo; b) abordando a vítima com armas, xingamentos e ameaças; c) de maneira agressiva, apontando armas para as vítimas (arma apontada para cabeça); d) ameaça com arma e solicitando que a vítima não olhasse para o rosto; e) abordando a vítima com armas e vasculhando os pertences; f) abordando vítimas no fundo do veículo de forma discreta. É comum que os ofensores ordenem que as vítimas não olhem para seus rostos ou abaixem as cabeças. Além de dificultarem que as vítimas registrem seus rostos, a “ordem de abaixar a cabeça é um gesto despótico que serve para reforçar a hierarquia do mando e da obediência, mostrando quem tem o poder para controlar e punir (Paes-Machado; Viodres-Inoue, 2015, p. 19).”

Eu dei queixa [...] fui à Delegacia de Furtos da Baixa do Fiscal, chegou lá , eles fazem umas perguntas como se a gente conhecesse o ladrão, perguntou como era a cor dos olhos, a cor do cabelo, raça...O perfil completo...Se eu soubesse tudo eu mesmo procurava... A primeira coisa que eles [assaltantes] pedem é que você não encare, baixe a cabeça, entregue o celular, não se levante, não tenha reação nenhuma... “Baixe a cabeça, vai olhar? Vai perder a vida...” (Auxiliar de Serviços Gerais, 31 anos)

Observou-se que os ofensores tiveram posturas mais agressivas e tais comportamentos podem estar relacionados também ao contexto com mais espectadores e a quantidade de alvos para dominar e assaltar, como ocorre nos coletivos. A utilização da violência física ou psicológica por parte dos ofensores nos ônibus está amplamente associada a multiplicidade das vítimas e a uma interação de maior duração entre assaltados e ofensores, além das características dos próprios veículos (Paes-Machado; Viodres-Inoue,2015). Os de agressividade podem se intensificar de acordo com a aceitação e resistência das vítimas (ou espectadores) nas diversas etapas dos roubos(Paes-Machado; Viodres-Inoue,2015): “Teve um rapaz que estava na minha frente que ele deu até soco no

rapaz, para o rapaz dar o celular dele... Ele agrediu o rapaz ainda, porque o rapaz demorou de dar o celular a ele” (Conferente, 30 anos).

Conforme foi dito, os roubos que realizados em ônibus contavam com a ação de dois a quatro ofensores com armas de fogo e facas. Os ofensores se posicionam em locais diferentes no veículo e tentam controlar a situação. No relato a seguir, observa-se que enquanto um assaltante armado se posicionava com o motorista do veículo, os demais saqueavam os passageiros portando facas. Nota-se uma divisão de tarefas que pode incluir vigilância, triagem, revista, coleta e transporte dos itens roubados (Paes-Machado; Viodres-Inoue,2015). “O que estava com o motorista estava armado, estava com um 38 [arma de fogo]...E os outros dois que passou a borboleta estava com a peixeira [...]” (Conferente, 30 anos), alega uma dos interlocutores.

Os assaltantes podem ainda escolher espaços específicos do ônibus para praticar o roubo ou selecionar alvos determinados. No caso a seguir, observa-se que os assaltantes efetuaram o assalto somente no fundo do veículo e roubaram apenas mulheres. Isto está relacionada a voz de assalto discreta, ou seja, os assaltantes falaram baixo e procuraram não chamar atenção dos demais passageiros da frente:

Aquele momento parecia eterno, ninguém na frente percebeu o assalto... Eu não posso gritar, vai que ele estava com arma... Uma moça ficou nervosa e não conseguia tirar o celular, ele [assaltante] falou “bora sua la ela, tá enrolando aí?”... Falou baixinho... [...] Quatro pessoas sentadas e uma em pé, no fundo do ônibus. [...] Sim, aí teve uma menina que estava sentada aí ele “bora passe o celular, tá escondendo esse celular, por quê?” Não assaltou nenhum homem, só as mulheres... (Cuidadora de Idosos, 36 anos)

Ainda considerando a multiplicidade de vítimas no interior dos coletivos e a utilização de armas de fogos como um fator central para a reação das vítimas, destaca-se a matéria jornalística abaixo que mostra um caso em que um assaltante foi agredido por passageiros após as vítimas identificarem que a arma do mesmo era falsa:

Um assaltante foi rendido pelos passageiros de um ônibus durante uma tentativa de roubo, na manhã desta sexta-feira (20), em Salvador. O caso aconteceu no coletivo que fazia a linha Engomadeira x Lapa. [...]Testemunhas contaram à polícia que o homem anunciou ele anunciou o assalto no Vale dos Barris, mas os passageiros perceberam que a arma era falsa. Em seguida, algumas pessoas começaram a agredir o assaltante. [...] Segundo a polícia, com ele foram encontrados sete celulares e o simulacro de arma. (Passageiros...; 2022)

Também foram identificadas situações em que os assaltantes procuraram intimidar os passageiros ao questionarem quem são, onde moram ou se são policiais. Paes-Machado e Viodres-Inoue (2015) apontam como os infratores podem realizar uma espécie de triagem das vítimas, isto é, os tripulantes podem ser inspecionados ou questionados sobre sua identidade profissional, caso pareçam policiais.

Aí eles entraram bem mais agressivos mesmo, com facão... Quase arrastão...Teve que tinha dito que me conhecia de alguma coisa... “Te conheço de algum lugar”...Não sei se ele queria me amedrontar...Eu fiquei com um desespero retado, ele com facão na mão e disse “Eu te conheço rapaz. Você mora onde?”. Falei a ele que estava morando no subúrbio, estava indo trabalhar, não tinha briga com ninguém, que ele podia estar enganado...Ele ficou assim indeciso assim como se me conhecesse, mas mesmo assim estava com pressa e soltaram logo... (Auxiliar de Serviços Gerais, 31 anos)

### **7.5 O roubo ou a transferência de bens**

Com relação a transferência dos bens entre vítimas e ofensores, identificou-se as seguintes formas: a) vítimas entregando o celular com ou sem resistência; b) ofensores que tomam o celular; c) assaltante puxa o pertence com violência; d) assaltantes que vasculham bolsa ou bolsos e tomam o bem. Neste grupo apareceram as situações em que os assaltantes vasculham as vítimas: “Aí ele [assaltante] me vasculhou e encontrou o celular... Aí pegou, tomou o celular, botou a arma em minha cara assim e balançou e ‘não fique tirando onda não, querendo encurralar o ladrão não viu’”. (Vendedor, 22 anos)

No que se refere à vitimização material ou bens tomados durante assalto, o celular foi segue como sendo o principal alvo dos roubos:

Levantei a mão, mostrei para ele [assaltante] que era só o celular, levantei a camisa, ele mesmo sacou o celular , botou na mochila e terminou de saquear o resto das pessoas...Todo mundo ele só queria o celular... (Auxiliar de Serviços Gerais, 31 anos)

Entretanto, neste grupo apareceram relatos de outros pertences que foram tomados, como: pequenas quantias de dinheiro; mochila; relógio; pulseira; fones de ouvido. Em uma situação, o assaltante tomou o celular e devolveu o carregador e a mochila da vítima: “[...] dei a mochila com tudo, ele foi lá pegou o celular, arrancou o carregador e disse ‘tome aí de presente aí’, disse alguma coisa assim e jogou a

mochila, saiu logo na porta do fundo...”( Auxiliar de serviços gerais, 31 anos). Portanto, o alvo dos ofensores é, predominantemente, o aparelho celular. É comum os interlocutores narrarem os sentimentos de revolta e indignação com a perda de seus aparelhos, tanto pela valor material, quanto pela utilidade e necessidade de usar o aparelho para diversas funções. Algumas vítimas sequer estavam com o celular quitado. Expressões como “pagando para o ladrão usar” e “ralar tanto para um ladrão tomar” são recorrentes. Neste grupo também se observou o predomínio de pessoas que sofreram a vitimização repetida, ou seja, foram alvos de roubos de celular mais de uma vez: “Logo depois...Aí fui assaltado de novo...Esse eu parcelei no cartão em cinco vezes de 200 e fui assaltado com três meses de uso...” (Auxiliar de serviços gerais, 31 anos), afirma o interlocutor que foi vítima de roubo de celular quatro vezes em dois anos.

## **7.6 A fuga dos ofensores**

Já as fugas dos assaltantes após o roubo ocorreram: a) soltando do ônibus, correndo e entrando em uma rua estreita; b) solicitando que o motorista encoste o ônibus em um ponto estratégico para facilitar a escapatória; c) descendo do veículo, correndo e seguindo por áreas de matagal; d) com a utilização de carro que interceptava o ônibus.

Ele [assaltante] mandou o motorista [...] parar o ônibus depois do ponto, ainda mais, onde tivesse um lugar deserto para ele descer, foi nessa hora que o motorista encostou o ônibus, eles desceram correndo e seguiram sentido do mato. Só que um estava com a caixa de picolé e não conseguiu correr tanto [...] o pessoal começou a gritar, a viatura chegou e conseguiu esse que estava com a caixa de picolé.[...] quando entraram no mato o policial conseguiu pegar o que estava com a caixa de picolé e o outro que levou o saco de celular com a mochila de celular não conseguiu resgatar. (Vendedor, 22 anos)

## **7.7 Uso da violência psicológica e física**

A principal forma de violência descrita pelos interlocutores desse grupo é a verbal e psicológica, com xingamentos e ameaças psicológicas através de arma de fogo por parte dos ofensores. A comunicação durante tais encontros é mediada pelo medo e coerção, além da transmissão de que a morte ou um desfecho trágico é uma possibilidade(Jacobs, 2013). No relato a seguir, além das ameaças de disparos por

armas de fogo, os criminosos tentavam manipular o medo dos passageiros alegando que iriam sequestrar o ônibus para determinado bairro e matar as vítimas:

Tinha outro [assaltante] e começou a tocar o terror, dizendo para passar tudo, que ia olhar tudo, se alguém estiver sentado em cima do celular que ia estourar os miolos...Eles fizeram a catarse... [...] A gente não podia levantar a cabeça e olhar para eles... [...] Ele olhou para mim e disse “ me dê o celular sua desgraça, se não me der eu vou estourar seus miolos”. Eu enfiei a mão na bolsa e dei o celular a ele...Ele disse ao outro e disse que ia para Itinga, que ia levar a gente pra Valéria e matar...Eu disse pronto, estamos mortos...E agora? [...] Ninguém reagiu, fomos ameaçados o tempo todo... [...] Eles tocaram o terror, ameaçam o tempo todo, xingamentos terríveis... [...]Sabem que as pessoas estão à mercê deles, porque estão com armas... Nem se mexer a gente se mexe... A gente fica parada com a cabeça baixa... Eles colocam os pertences na mochila deles e soltam e ainda dizem para gente não olhar...Dizem a mesma coisa para o motorista e cobrador... A gente só tem paz quando eles vão embora....(Diarista, 44 anos).

Expressões como “desgraça”, “viado”, “filha da puta”, “vagabunda” foram utilizadas pelos assaltantes contra os alvos. Além de serem roubadas, as vítimas falam com indignação sobre as ofensas direcionadas a elas ou até serem agredidas fisicamente. Destaca-se ainda outro episódio em que a vítima foi agredida no rosto por não ter entendido imediatamente que se tratava de um assalto, ou seja, atos de violência resultante de incompreensão. A agressão ocorreu logo no estabelecimento da co-presença. Portanto, a intensificação da violência por parte dos assaltantes se relacionam as formas de resistências empregadas pelos alvos, mas também por ações sem intenção:

O ladrão chegou e falou passa o “celular desgraça”, mas eu não tinha entendido, estava sentada no ônibus, na segunda vez ele falou passa o “celular desgraça” com raiva e me deu um tapa na cara, quando ele deu um tapa na cara e pediu o celular, o cobrador acho que já tinha percebido que era voz de assalto e viu que eu não tinha percebido, o ônibus todo já tinha percebido, olhou para mim, morrendo de pena, mas ficou todo mundo quieto. Mas eu peguei e disse “tá bom” e entreguei o celular para ele, continuei olhando para frente e continuei observando o espetáculo do assalto. (Professora, 25 anos)

As vitimizações físicas envolveram: a) ferimento na mão por resistir para entregar o celular; b) arranhão na pele em decorrência da forma que o assaltante tomou os bens; d) puxão na camisa da vítima; e) tapa no rosto; Segue alguns relatos: “Eu tenho uma cicatriz de tanto que eu segurei o aparelho” (Promotora, 22 anos); “Só pegaram [assaltantes] o celular, quebrou a pulseira, pegou minha carteira...Tive

que entregar...Puxou assim de vez, tanto que me arranhou ainda...Só essa ignorância...” (Microempreendedor, 55 anos).

Os interlocutores também informaram terem presenciado agressões verbais e físicas contra espectadores (outras vítimas do roubo). Por se tratar de espaços com espectadores, notou-se a ocorrência de mais episódios em que as vítimas também foram alvos de violência indireta. Conforme se observa no primeiro relato abaixo, a violência indireta adquire uma função para os ofensores, que é exatamente mostrar para os demais o que acontece se elas não cooperarem (Paes-Machado; Viodres- Inoue, 2015):

Não sei se ele bateu nela [outra vítima] com o cabo da faca na cabeça, mas aí ela foi tirou o celular e deu...Os outros viram e já estavam todos com o celular na mão...Mais agressivo... Eles ficam muito agressivos, xingando, ameaçando dar facada...Sem respeitar mulher, idoso, vice-versa... (Auxiliar de serviços gerais, 31 anos)

Xingou uma mulher [outra vítima] lá no fundo, a mulher não quis dar o celular a ele... Ele xingou, bateu na mulher e pegou o celular da mulher. Só ameaçou o cara que estava na frente que pensou que era polícia e disse “se for polícia eu vou matar”. Falou, só isso... Ninguém falou nada, ficou calado... (Microempreendedor, 55 anos)

Em determinadas situações, os ofensores podem intensificar o grau de violência sobre um ou alguns espectadores (vítimas) para conter os demais (Paes-Machado; Viodres-Inoue,2015). Através da manipulação do medo, os ofensores garantem a colaboração da maioria das vítimas, entretanto, algumas perdem o controle, gritam, choram, demoram de entregar os bens, resistem e, por isso, acabam sendo agredidas ou punidas (Paes-Machado; Viodres-Inoue,2015). O encontro coercitivo é repleto de ambiguidades e perigos, uma vez que nenhuma das partes envolvidas tem certeza de como a outra reagirá. Desta forma, cada interpretação, movimento ou reação pode ter sérias implicações. Os ofensores também enfrentam a possibilidade de serem incapazes de gerenciar seus alvos, o que pode resultar em desfechos negativos (Jacobs, 2013). Quando existe uma multiplicidade de vítimas, como nos transportes coletivos, essas preocupações se intensificam.

Por fim, a matéria jornalística a seguir chama atenção para um episódio de intensificação da violência por parte do assaltante em virtude do alvo portar um aparelho celular antigo: “Vítima é agredida por assaltante na Bahia por ter celular

antigo: 'Momento terrível'" (Vítima...:2018). Durante o roubo, ocorrido no interior do ônibus, o assaltante teria jogado o aparelho contra a cabeça da vítima:

Na ação, uma das vítimas foi agredida por ter um aparelho antigo, segundo relatou testemunha que preferiu não se identificar. "Um momento terrível nas nossas vidas. Companheiro agredido. Inclusive, tinha um colega com um celular que não era digital, que não era de bom uso, de certa forma, e o meliante jogou o celular na cabeça dele. Agrediu ele. (Vítima...,2018)

Em outra reportagem, verificou-se a intensificação das ameaças por parte dos ladrões ao lembrarem que não querem celulares quebrados: "Ônibus são alvos de assaltantes em Salvador e rodoviário cita ameaça: 'Não querem celular quebrado ou vão dar tiro'" (Ônibus..., 2021).

A fala de um dos interlocutores deste estudo também corrobora com o que foi dito ao destacar a prática adotada por assaltantes de jogar o celular na cabeça de vítimas que entregam celular com qualidade inferior:

Ela [a esposa] estava ali no transbordo, no Imbuí, chegaram dois caras para assaltar o pessoal no ponto de ônibus, pediram o celular dela também e ela foi lá e deu. Deu um celular simples e com a tela um pouco trincada e ele falou que não queria aquilo não. Essa história é tão comum... Muitas pessoas conhecidas e amigas acabam contando que foram roubadas e o ladrão não gostou... Aí eles jogam o celular na cabeça, jogam o celular no chão... Aí não levaram, porque o celular era simples. É o que mais ocorre isso... Um amigo meu contando que uma prima, parente, estava sendo assaltada, o ladrão olhou, ainda xingou a pessoa e mandou comprar um celular melhor. (Empreendedor, 30 anos).

## 7.8 Formas de resistência das vítimas

Os interlocutores relatam a sensação do medo do desfecho do roubo, principalmente por se tratar de espaços que possuem um número maior de espectadores, ou seja, o desfecho do roubo envolve a colaboração das vítimas, dos assaltantes e dos espectadores, que por vezes são outras vítimas. A preocupação com a reação dos outros e o desfecho do roubo é bastante citada.

No momento, eu fiquei nervoso, preocupado, com medo de rolar um tiro, um tiroteio, como hoje em dia a gente assiste muita TV e vê esse negócio de tragédia de assalto, que ocorre troca de tiro, às vezes, tem uma pessoa que está armado dentro do coletivo, as vezes tem aquela troca de tiro..(Vendedor,22 anos)

Algumas vítimas procuram manter a tranquilidade, ao menos externamente, e cooperar com o roubo, seja: a) entregando de imediato; b) levantando a camisa ou

abrindo a bolsa para que o ofensor pegue o bem; c) solicitando calma ou dizendo que não precisa violência; d) evitando olhar para o rosto e observar a ação dos assaltantes; d) colocando as mãos para cima e deixando o ofensor pegar o bem. “Eu nem reagi, fiquei na calma... Geralmente quando vai reagir os caras [assaltantes] querem bater, ele pegou levou tudo, não falei nada com ele, aí foi de boa...” (55 anos, Microempreendedor), afirma uma das vítimas.

A partir dos relatos, identificou-se as seguintes formas de resistência não forçadas: a) esconder os bens; b) tentar negociar ou entregar outro bem no lugar do celular; c) solicitar a devolução de chips ou documentos; d) dizer que não tem celular:

Eu estava no celular conversando e ligado no movimento, quando eu vi ele [o assaltante] com a arma lá, puxou a arma, aí eu coloquei o celular dentro das calças. Deixei os dez reais na mão e o cartão, aí eles já acenou já, “bora, é um assalto, é um assalto, passa o celular”. Ai quando chegou na minha vez, eu disse só estou com dez reais só e o cartão que vou tirar um dinheiro que tenho que pagar umas faturas ali. Ai ele “levanta aí, tá me tirando como otário é?” Aí ele me vasculhou e encontrou o celular... Aí pegou, tomou o celular, botou a arma em minha cara assim e balançou e “não fique tirando onda não, querendo encurralar o ladrão não viu”. Aí eu peguei e deixei, ele tomou o restante do celular dos outros passageiros. Aí deixei... Perdi dez reais, tentei jogar o jogo dos dez reais para ver se dava certo, dando os dez reais seria a maneira dele não focar muito em mim, no meu celular, mas mesmo assim ele agrediu e para evitar uma coisa pior, eu deixei. Aí pronto, eu cheguei e segui diante, peguei outro ônibus... [...] Só fez me xingar e dizer que eu estava comediando ele, comediando o ladrão, “está comediando o ladrão é desgraça? Bora passa o celular para não dá tiro aqui” e tomou meu celular. Estavam usando arma. Um só estava armado. (Vendedor, 22 anos)

No que diz respeito as formas de resistência forçadas, foram citadas: a) segurar o aparelho com força; b) dizer que não iria entregar, c) segurar o braço do assaltante (no susto). As vítimas que acabam por resistir de maneira forçada parecem divididas entre a perda material e o medo de sofrer uma violência física ou até morrer. A ameaça com a arma de fogo é central para que as vítimas acabem por ceder e entregar o bem. O fato de não observar a presença de arma de fogo acaba por encorajar a vítima a seguir com a resistência: “Eu tenho uma cicatriz de tanto que eu segurei o aparelho. A mulher do lado chorava mandando eu entregar, mas não vi arma. Eu disse que não tinha também, mas ele abriu a mochila” (Promotora, 22 anos). Através da manipulação do medo dos seus alvos, os ofensores procuram fazer com que as vítimas apelem para a escolha racional, cooperando com o roubo avaliando a vida como mais importante que os bens

materiais (Jacobs, 2013). A presença de armas de fogo é fundamental para tal processo.

A vítima abaixo, que se arrependeu de não ter tido alguma reação durante a fuga dos assaltantes ou quando “eles deram as costas”, alegou ter comprado uma série de itens para serem utilizados para autodefesa, que incluem spray de pimenta, soqueira ou soco inglês, canivete e alarme de pânico e choque.

Hoje eu fiz uma compra na Shoope [site de vendas], não vou mentir para você não... Na minha compra tem: um negócio de soco que bota na mão, um spray de momento, um alarmezinho que bota de pânico, um canivete que parece um chaveiro... Hoje se tiver a oportunidade de reagir um assalto com certeza eu vou reagir... Quando eles desceram do ônibus eles deram as costas, eu podia ter dado... Eu comprei um negócio de choque também para andar dentro da minha bolsa... Se eu tivesse spray eu picava na cara dos dois... (Cuidadora, 36 anos)

O desejo da interlocutora em reagir em uma próxima oportunidade, o arrependimento ou o fato poder “picar um spray na cara dos assaltantes” chamam atenção para as emoções como centrais no entendimento dos processos de segurança e na forma como as pessoas gerenciam sua própria segurança ao levar em conta as percepções da insegurança e dos eventos traumáticos. As emoções são intensificadas ou amplificadas a depender da interpretações sobre insegurança. As pessoas adotam práticas de segurança específicas ou compras tecnologias motivadas pelos sentimentos de medo e insegurança. Os sentimentos de insegurança e medo podem provocar outros sentimentos, como as paixões vingativas (Crawford, Hutchinson, 2016).

## **7.9 Reações dos espectadores**

Conforme vem sendo dito, faz-se necessário observar a reação dos espectadores, uma vez que tais atores também possuem a capacidade de influenciar a situação. Tais atores não possuem papéis fixos ou estáticos, podendo se tornar vítima do roubo em tela. Observou-se que tanto as vítimas, como os espectadores, procuram acalmar a situação e favorecer um desfecho sem incidentes graves, mas também têm reações que irritam os assaltantes, o que acaba resultando em agressões. No relato a seguir, a vítima relata que uma das passageiras do ônibus não cumpriu a ordem do assaltante e insistiu em olhar para o rosto dele: “Perto do meu aniversário [o roubo]. O ladrão mandou não olhar para ele e a mulher [outra

vítima] que estava do meu lado ficou olhando para ele. Faltou empatia da parte dela! Ele dizia que estourar nossas cabeças!” (Promotora, 20 anos), afirma uma das interlocutoras.

Teve um que uma menina [espectadora] que estava do meu lado, estava no carro, ela teve uma reação assim , ela pensou que eu não queria devolver o celular, mas eu estava cochilando... [...]ela disse “menino dê o celular a ele, pelo amor de deus”. Eu estava acordando ainda , entendeu? Minha reação foi que segurei ele, não consegui largar ela, aí ele avançou em cima dela com a faca como se fosse furar, aí eu peguei e soltei ele, dei a mochila com tudo. (Auxiliar de serviços gerais, 31 anos)

Identificou-se relatos de espectadores, que se tornaram vítimas, que foram agredidos verbal e fisicamente com xingamentos, ameaças, chute e soco. Tais agressões estavam associadas às reações de olhar para o assaltante, demora em repassar os pertences ou negar entregar o celular.

O outro veio por trás com uma arma, com toda violência, chutou a mulher ainda, pegou o celular da mulher...Fiquei na minha calma...[...] A mim não...Xingou uma mulher lá no fundo, a mulher não quis dar o celular a ele... Ele xingou, bateu na mulher e pegou o celular da mulher.(Microempreendedor,55 anos)

Neste grupo, foi possível identificar as seguintes reações no que se refere aos espectadores que se tornaram alvos: a) olhar para o assaltante; b) não conseguir abrir a bolsa ou demora para entregar o bem; c) solicitar que as demais vítimas entreguem logo o celular; d) tentar amenizar a situação e pedir que os ofensores não sejam violentos; e) negar entregar o celular; f) choro e desespero de mulheres, senhoras e crianças; g) entregar o celular de imediato; h) ficar em silêncio e sem reação; i) gritar que é ladrão. Ocorreram situações também que os espectadores, que não foram roubados, aparentemente não viram ou suspeitaram do roubo. Em um relato informal, identificou-se uma situação em que uma das passageiras, uma senhora idosa, jogou os bens pela janela do coletivo, o que acabou gerando uma agressão por parte do criminoso. Tendo em vista que o ônibus é um local fechado e em movimento, correr ou fugir não aparece como opção viável. Deste modo, arremessar os objetos pela janela apareceu como uma saída:

Eles [assaltantes] olharam quem estava com o celular e foram pedindo tudo. Uma senhora de idade jogou a bolsa dela pela janela do ônibus. O ladrão viu e disse “minha tia, a senhora merecia um tiro, mas vai ganhar uma tapa”. Ele deu um tapa na senhora que tinha idade para ser mãe dele. No rosto... Deus

me perdoe eu não dou risada não, mas teve gente no ônibus que se acabou na risada. (Cuidadora de Idosos, 57 anos)

Portanto, identificou-se que o compartilhamento da definição de situação de roubo se deu, na grande maioria das vezes, a partir da violência psicológica e utilização de armas de fogo e facas, com predomínio das primeiras. A intensificação da violência contra as vítimas esteve relacionada às reações ou formas de resistências empregadas pelas mesmas, tais como a demora de entregar os bens ou para entender que se tratava de um assalto (incompreensão). Situações de agressões resultantes do fato da vítima portar um modelo inferior do celular foram identificadas em reportagens e em um dos relatos. Notou-se a ocorrência de episódios em que os interlocutores também foram alvos de violência indireta, isto é, presenciaram agressões contra espectadores (outras vítimas). A violência indireta adquire uma função, que é exatamente mostrar para os demais o que acontece quando os alvos não cooperam, como ocorre nos coletivos. Os criminosos tiveram posturas mais agressivas durante a fase de compartilhamento da situação do roubo tais comportamentos podem estar relacionados ao contexto fechado e perigoso, com a presença de espectadores e a quantidade de alvos para dominar e assaltar. A característica dos coletivos contribuem para a intensificação do medo, pânico e preocupação das vítimas com o desfecho da situação. Trata-se de espaços fechados, apertados, em movimento, sem segurança e com um número considerável de espectadores, os quais não se pode prever as reações também.

## **CAPÍTULO 8. PROVIDÊNCIAS E TRANSTORNOS APÓS O ROUBO**

### **8.1 Medidas tomadas após o roubo**

Nesta seção serão discutidos os eventos do pós-roubo tomando como referência os seguintes pontos: a) as medidas formais e informais tomadas por vítimas e espectadores após o assalto; b) a comunicação sobre o roubo; c) os danos e transtornos; d) e os sentimentos gerados nas vítimas em decorrência do episódio.

#### **8.1.1 Medidas formais**

No que diz respeito às providências formais após o roubo, ressalta-se que foram poucas as vítimas que procuraram ou comunicaram à polícia sobre o incidente. De maneira geral, os interlocutores demonstram um descrédito e sugerem que a realização do boletim de ocorrência “não resolve nada”, portanto, acabam optando por não ir registrar a queixa. As vítimas relatam uma descrença no que diz respeito à recuperação do aparelho celular através da prestação da queixa policial. Poucos interlocutores alegaram ter dado queixa, ainda que sem esperanças de reaver o aparelho. Nestes casos, a decisão de ir à delegacia e registrar o Boletim de Ocorrência teve como motivação ou justificativa: perda de documentos e comprovação do roubo para solicitar o seguro do celular ou de outro bem perdido.

Meu celular tinha seguro, aí eu prestei queixa, tive que prestar queixa, para ver se eu tentaria reaver um novo celular, mas só que na seguradora do celular elas não dão totalmente...Estou aguardando agora para dar 50% do valor que foi roubado, tem que levar o boletim de ocorrência até a loja...Aí é uma burocracia danada...Já tem um mês e eu estou aguardando o celular chegar e nada... (Empreendedor, 23 anos)

De princípio eu prestei queixa por causa do seguro, se eu não prestasse a queixa eu não conseguir obter o seguro ... Mas da primeira que eu fui assaltado do celular eu não dei queixa por saber que não daria em nada, só ia ser mais uma B.O feito ali, o meliante não seria preso ou se fosse seria solto... Mototáxi, 25 anos)

Conforme destaca Farrell (2015), o benefício resultante da denúncia do roubo pode ser maior para a sociedade ou para o coletivo do que para a vítima em si. No caso dos alvos que possuem seguros, as seguradoras talvez possam incentivar de alguma maneira a ida a delegacia e o registro dos boletins de ocorrência. Aquelas

que não possuem seguro dos seus bens não se sentem incentivadas a denunciar o roubo e não visualizam vantagens. Vale ressaltar que as empresas de seguro exigem os boletins de ocorrência como requisito para a reivindicação do seguro, ou seja, é necessário comprovar o roubo para ter o valor ressarcido. Aqui este ponto é observado também em casos de perda de documentos.

A ideia de que “não dará em nada” e que dificilmente o aparelho será reavido é unânime entre os interlocutores: “Aqui em Salvador, a polícia tem coisa mais grave para se preocupar... Com essas guerras de facções, coisa na rua, paredões, esses negócios...[...] Não vale a pena ir para lá dar queixa...” (Desempregado, 19 anos); “É algo que não tem solução...Não dá em nada, sabe? Os caras [assaltantes] normalmente pegam o celular e vende...” (Vendedor, 22 anos). Os interlocutores justificam o não registro de diversas formas, indo da burocracia, ao descrédito e a humilhação:

Não cheguei a prestar queixa não. [...] Presta queixa, uma humilhação, leva muito tempo, tem que ficar lá aguardando para registrar um boletim de ocorrência... É uma perda de tempo, ninguém que vai dar queixa nunca se resolve, nunca consegue adquirir o aparelho de volta. (Marketing, 23 anos)

Portanto, foram identificadas as seguintes razões para não ir à delegacia: a) falta de esperança em reaver o aparelho; b) descrença com a relação à instituição policial; c) trabalho ou outros compromissos; d) queixas sobre a burocracia e desgastes no processo de registro do boletim de ocorrência. “Prestar queixa é aquele desgaste...Ir até a delegacia, ter que aguardar, ter que esperar, aquele maltrato do escrivão para registrar o boletim de ocorrência, é tanta coisa...” (Empreendedor, 23 anos), alega a vítima. O interlocutor abaixo, destaca ainda o processo de descrição dos assaltantes para as autoridades policiais como complicado em virtude da ordem dada por estes para que as vítimas abaixem a cabeça ou não olhem para o rosto dos mesmos:

Eu dei queixa [...] Chegou lá , eles fazem umas perguntas como se a gente conhecesse o ladrão, perguntou como era a cor dos olhos, a cor do cabelo, raça...O perfil completo...Como se eu soubesse tudo eu mesmo procurava... A primeira coisa que eles pedem que você não encare, baixe a cabeça, entregue o celular, não levante, não tenha reação nenhuma... Baixe a cabeça, vai olhar? Vai perder a vida... (Auxiliar de Serviços Gerais, 31 anos)

Nenhum interlocutor teve seus bens reavidos após realização de boletim de ocorrência. Em uma episódio, a vítima teve seu celular devolvido por policiais que encontraram o celular na mão do suposto assaltante. A recuperação ocorreu da seguinte forma: Policiais disseram que viram um dos rapazes, considerado como suspeito por eles, com celular na mão no centro da cidade e desconfiaram que era fruto de roubo. Estes entraram em luta corporal e recuperaram o aparelho. Após uma ligação do avô da vítima para o celular roubado, os policiais se identificaram e o celular foi devolvido no Batalhão Turístico do Pelourinho. Na ida até o local, a vítima ainda presenciou um casal de turistas que tinha acabado de ser roubado também.

Quando cheguei em casa toda agoniada, eu disse a gente tem que ir à delegacia com o celular da minha prima para poder rastrear. Aí meu avô ouviu a confusão, ligou para meu celular, um policial já estava com o celular. De início a gente até achou que era trote. Aí ele [policial] disse que estaria no batalhão turístico do Pelourinho. A gente entrou no batalhão e ligou para esse policial. Ele disse que um colega viu um “sacizeiro” com esse celular na mão e desconfiou que era assalto. Eles entraram em luta corporal com esse rapaz e conseguiram pegar celular. (Caixa e Modelo, 28 anos)

De acordo com dados divulgados pela Secretaria de Segurança Pública da Bahia, entre janeiro e abril de 2021, cerca de 10 mil ocorrências foram registradas pela SSP-BA. Deste total, apenas 3% dos aparelhos foram recuperados e devolvidos às vítimas (Aloísio, 2021), uma taxa extremamente baixa e que reforça a fala dos participantes do estudo. Diante deste quadro, em 2021, foi lançado o Alerta Celular, sistema que pretende facilitar a devolução dos aparelhos roubados aos donos. O sistema também tem como foco a redução da taxa dos crimes desse tipo e a compra e venda de celulares no mercado ilegal (Aloísio, 2021).

O sistema é similar a outros existentes em estados brasileiros, no qual as pessoas cadastram seu aparelho e comunicam à polícia em caso de roubo. Só em Pernambuco, dados da Secretaria de Defesa Social (SDS) mostram que, com a implantação do programa, houve uma redução de 32,44% de roubos e furtos de aparelhos no estado. Durante a pandemia, em outubro de 2020, um mutirão foi feito para devolver 462 celulares apreendidos e recuperados naquele ano. [...] Com o Alerta Celular, caso a polícia consiga recuperar o aparelho, vai identificar o dono e fazer a devolução. “Temos centenas de aparelhos custodiados e não devolvidos atualmente. Com esse serviço, vamos conseguir localizar com mais facilidade”, disse o major Rubenilton Andrade, diretor de Avaliação Operacional da Superintendência Integrada da ação policial, durante o lançamento do Alerta Celular. (Aloísio, 2021)

Em matéria exibida no Bahia Meio-dia, da TV Bahia, em 19 de dezembro de 2019, a delegada Maria Selma Pereira procurou rebater a ideia de que “procurar a polícia não resolve nada” e ressaltou a importância das denúncias no combate aos roubos (Número..., 2019). Deve-se lembrar que a não realização da queixa também pode gerar uma subnotificação das ocorrências:

As pessoas que têm celular roubado precisam procurar a delegacia para prestar ocorrência [...] A gente bloqueia, a gente faz muita batida, tanto a polícia militar, a polícia civil... A gente prende essas pessoas e recupera o celular. Depois disso a gente verifica se foi roubado, se tem o dono e se tem dono devolve o aparelho. Nós temos a delegacia especializada em repressão a roubos em coletivos e eles já recuperaram vários... A gente devolve depois de um mês, duas semanas... A gente faz as batidas, olha se o celular é roubado, vai na lista ver quem é o dono e devolve... (Número..., 2019).

Um dos interlocutores também alegou ter recebido tal orientação por parte dos policiais após ter sido roubado, porém ainda assim optou por não registrar a queixa. Os motivos apresentados por ele foram: realizar a denúncia não dará em nada e já possuía um compromisso:

[O policial disse]Que ajudaria a combater esse crime de assalto dentro do ônibus, mas eu vi que não ia dar em nada, a gente ver várias vezes, cada dia mais assalto em ônibus e não dar em nada... Não quis não. Desde quando eu teria um compromisso e não ia descer agora aqui, sei que não ia reaver o aparelho, não ia poder deixar de ir ao compromisso certo, já tinha o ingresso para o cinema, sabia que ele não ia dar certo, ir para delegacia e não ia dar em nada...Realmente não ia dar em nada! (Vendedor, 22 anos)

### 8.1.2 Medidas informais

Nem sempre as vítimas ou espectadores procuram as autoridades policiais ou legais após o roubo. Identificou-se relatos de interlocutores e espectadores (que visavam ajudar) que buscaram, por conta própria, seguir ou ir atrás dos criminosos na esperança de recuperar algum bem: “Dois rapazes ainda tentaram ir atrás para ver se conseguia localizar a moto, localizar eles, mas não conseguiram” (Atendente, 18 anos). No depoimento abaixo, a própria vítima tentou encontrar o assaltante no bairro em que reside, visando a recuperação dos seus documentos:

Eu me senti com vontade de ir atrás dele [do assaltante], como eu fui... De ir embora para casa, procurei ele onde eu moro...Pelo bairro e não achei... O pessoal mandou eu deixar para lá e deixei para lá. Tentei reaver e meus documentos...Eu fui mais atrás de meus documentos que ele podia jogar em

algum lugar...Só que, infelizmente, ele não fez isso. (Entregador de transportadora, 40 anos)

Outras situações como checagem de placas dos veículos utilizados pelos criminosos e utilização de câmeras de segurança para identificação dos mesmos também foram citadas: “Estava a pé. Anotei a placa , cheguei a checar a placa , mas era carro roubado. Nunca recupera esses celulares!” (Promotora, 22 anos); “[O chefe de trabalho] ainda foi lá no local, meu patrão... [...] Ele só fez a pedir a filmagem lá na Honda... [...] Aí eu dei as descrições a ele e tal, mas aí não conseguiu resgatar o celular...” (Doméstica, 36 anos). Novamente as vítimas não tiveram sucesso na recuperação dos bens.

Tais medidas envolvem componentes formais, como nos casos em que espectadores acionam a polícia, e informais, à exemplo dos “pegas” ou linchamentos praticados por grupos de cidadãos como moradores de bairros e pessoas em situação de rua. Conforme destaca Cerqueira e Noronha (2004), os linchamentos podem estar associados às práticas de controle social, bem como às mobilizações por mais segurança. Ou seja, a motivação destas ações estariam amplamente relacionadas à descrença nas instituições de controle social e a insegurança(Cerqueira; Noronha, 2004). Vistas como “perigosas”, as vítimas de linchamentos estão envolvidas em delitos e, portanto, a violência sofrida não gera comoção social e midiática (Cerqueira; Noronha, 2004). Os linchamentos também expressam uma naturalização dos meios violentos como forma de controle social(Cerqueira; Noronha, 2004). Nos termos de Cerqueira e Noronha (2004, p. 171) o entendimento do linchamento como uma resposta naturalizada para a violência da criminalidade torna-se perigosa, por permitir laços de sociabilidade baseados em controles violentos e difusos.

No relato que segue, a vítima, que foi assaltada nas proximidades do local em que trabalha, conta sobre a mobilização popular para encontrar o assaltante e realizar “o pega”, uma forma de retaliação ou punição em decorrência do roubo cometido na localidade. O “pega” está relacionado com controle social e as justiças informais realizadas nas ruas de diferentes bairros da cidade.

A galera ficou muito mobilizada, [afirmaram] que iria pegar ele [o assaltante], que não pode assaltar ninguém onde trabalha, que tinha muito equipe saindo de lá, desse território por conta disso... [...] O que eles chamam de pega é essa retaliação, inclusive dois meninos saíram atrás [...] Minha preocupação era mais sobre esse pega, de noite não consegui dormir direito, preocupada,

porque o pessoal estava muito mobilizado...Eu vinha de situação de trabalho em que um pega ocasionou de uma morte, porque eles não tem muito controle...O pega, pelo que a galera fala, é muito isso, né? De retaliar, de se vingar, mas ao mesmo tempo eles não tem muito controle sobre esse pega... [...] Uma mulher é super conhecida das antigas chegou lá [do local de trabalho da vítima], praticamente invadiu a reunião, disse que não era justo, que não podia me roubar, que ela tinha feito pega, que a galera fez o pega com a pessoa que fez isso, que foi leve, que não foi como eles esperavam, porque rolou um pessoal da polícia perto, mas que iriam fazer um outro pega... (Psicóloga, 35 anos)

Além disso, por intermédio de relatos dos entrevistados e também informais foi possível identificar que algumas vítimas de roubos de celulares recorreram as organizações do tráfico de drogas do próprio bairro, visando à resolução, punição do envolvido ou recuperação do celular roubado. No relato abaixo, a interlocutora alega ter procurado os meninos, referindo-se aos jovens que integravam o tráfico de drogas da localidade, ao passo que afirma que não procurou a polícia, pois não daria em nada:

Na hora eu avisei aos meninos que tinha acabado de ser assaltado lá na frente, aos meninos que fica lá na frente... [...] Eu não acionei a polícia, eu não sabia quem era, de onde era...Não ia dar em nada...[...] Quando aciona o pessoal do bairro às vezes consegue, teve muitos que conseguiram... Quando eu falei com os meninos, descrevi ele, pois eu tinha visto o rosto dele... (Estudante e Técnica de Enfermagem, 18 anos)

Tal situação é possível quando ocorre no próprio bairro ou em áreas pertencentes a determinadas facções:

Qualquer assaltante antes de assaltar tem que saber o lugar que estão assaltando, porque até ele pode ser penalizado se ele pertencer a mesma facção... [...]Por ser um local que não era no meu bairro, não pude utilizar esse recurso, porque infelizmente a área onde eu fui roubado, como eu tinha contado, era pista, então não pertencia a uma criminalidade, não pertencia a ninguém, a uma facção, era um pouco aberto, então não tinha a quem recorrer... (Auxiliar em farmácia, 24 anos)

Na verdade, aqui no bairro que a gente mora as pessoas sempre acabam recorrendo a alguém, né? Eu não recorri, mas só que o boato como esses caras já estava roubando muito no bairro, eles já estavam já visado de roubar [...] depois eu fiquei sabendo que eles foram pego, eram dois irmãos, foram pegos dentro de casa e o tráfico não considerou... Segundo a gente ficou sabendo que foram os traficantes mesmos do bairro que acabou... Um conseguiu correr e o outro foi morto dentro de casa mesmo. (Auxiliar de produção, 40 anos)

Conforme se observa na fala anterior, ainda que a vítima não tenha recorrido aos operadores do tráfico de drogas, o fato de os assaltantes já estarem visados por cometer outros roubos na área resultou em punições severas: a morte. Em um dos

relatos, o interlocutor alegou ter procurado os rapazes supracitados do seu bairro, visando à resolução, punição do envolvido ou recuperação do celular roubado:

Procurei [atores informais]... [...] Os caras [operadores do tráfico] deu pau nele. Ele falou que ia pagar e até agora não chegou nada... Falaram que o que acontece dentro da favela tem que ser resolvido...[...] Deram pau no pivete e o aparelho até hoje não chegou na minha mão... Que ele falou que ia chegar... (Repositor, 22 anos)

Nota-se que os operadores do tráfico visam afastar os roubos nas comunidades. As punições com níveis variados de violência são realizadas buscando “dar o exemplo” para que outros não cometam tais crimes dentro das localidades.

Só para você ter noção, um dia desses um roubou aqui próximo [celular], ele era de outro lugar, mas estudava aqui, os traficantes souberam e mataram [...] Ele foi assaltar um celular na comunidade onde eu moro e os traficantes souberam disso, pois ele já tinha assaltado o celular de uma pessoa e, em seguida, roubou o de uma garota que também mora lá. Foram atrás dele e aí chegando lá conseguiram capturar, pegaram ele, levaram para uma laje na casa de um deles e como a lei da comunidade, da favela é se roubar dentro da área paga, infelizmente paga com a vida muitas vezes. Levaram para a laje e o mataram.[...] E serve como aviso, né? Para que os demais não roubem, pois eles não aceitam de modo nenhum que tenha assaltos na comunidade. Quando ocorre, que é algo muito difícil, é quando a maioria estão presos, aí os bandidos de outras áreas vão roubar para afrontar, fazem de propósito... Mas, no geral, não aceitam de modo nenhum os assaltos na área.(Secretário, 24 anos)

O relato abaixo mostra ainda que a proibição dos roubos se dirige às áreas específicas ou dentro das comunidades, sendo liberados nas vias principais, que estariam fora dos limites de domínio das organizações do tráfico de drogas. Nas palavras do interlocutor “na principal é terra sem lei”, referindo-se ao controle territorial implementado por estes grupos:

Na principal, na rua que não é favela [dentro], comunidade, aí os caras [operadores do tráfico] não ligam não. Os caras ligam pouco, se você comete um assalto e você é da comunidade muito provavelmente a galera vai te ver de novo, vai ver a moto de novo, isso vai chamar polícia, aí os caras retam...Mas a regra clara mesmo é não roubar dentro da comunidade. De resto pode tudo... [...] Na principal é terra sem lei [...] Na principal é uma coisa, na favela é outra... (Policial, 25 anos)

Conforme Grillo e Martins (2020), o tráfico de drogas procura estabelecer limites às atividades dos assaltantes e impõem punições para aqueles que não respeitam as condições impostas, levando problema para a localidade. O roubo

dentro das comunidades é tido como uma prática inaceitável. Em algumas situações, os assaltos nas proximidades da favela também não são permitidos e está relacionado à proteção que os traficantes visam oferecer aos moradores locais. Já a proibição dos roubos dentro das favelas busca evitar a presença de policiais nessas áreas, o que prejudica o mercado de drogas (Grillo; Martins, 2020). O relato a seguir sintetiza pontos centrais: a) aqueles que roubam dentro de territórios dominados pelo tráfico são penalizados de formas diversas; b) tal proibição visa afastar a polícia dessas áreas; c) as punições funcionam como exemplos ou avisos para outros:

É muito difícil acontecer porque já existe essas punições. Na comunidade que você for todos sabem disso. Do ladrão à polícia, de mãe de família ao morador de rua... Quem rouba é penalizado. Além do desrespeito com a comunidade, faz com que a polícia vá para a comunidade e atralhe o tráfico. Eles falam, além da fala tem o aviso. Tá ligado, né? Se roubar na favela o bonde corta (risos)... Os caras metem o pau no rabo, cabo de vassoura, tiro em mão, tiro no corta mão, os caras são sem dó... Nas paredes das ruas, nos becos... Lá onde moro mesmo tem várias paradas escritas: paz na favela, paz morador... Eles são muito tementes a deus, na maioria os pais e familiares são evangélicos. Tanto que quando vão evangelizar, falar de Deus, eles param e ouvem e tudo, com arma na mão de boa. O caso é que traficante são pessoas normais [...] o problema é que são más, matam mesmo sem dó, se for roubar, aperta o gatilho sem pensar duas vezes... Quando vão invadir pedem proteção à Deus. Eu falo saia dessa vida... Eles, que nada, não vamos largar a batalha...(Empreendedor, 28 anos)

## 8.2 Comunicação sobre o roubo

Após os assaltos, alguns espectadores se colocam a disposição para ajudar ou acalmar as vítimas, seja acolhendo, emprestando dinheiro para retornar para casa ou até oferecendo um copo de água: “Eu estava pálido... Eu voltei e encontrei umas pessoas que estavam abrindo o mercadinho, aí tremendo, o pessoal me deu água... (Professor, 33 anos)”; “Eu fiquei muito mal, porque eu estava indo para casa, inclusive, chamei o Uber, estava sem dinheiro... Minha sorte foi que próximo ao meu trabalho tem um segurança que me emprestou o dinheiro, peguei o ônibus e fui para casa” (Vendedor, 22 anos).

A comunicação da ocorrência do roubo por parte das vítimas foi dirigida, sobretudo, aos familiares, parentes próximos e chefes de trabalho. A informação para estes últimos estiveram associadas as justificativas de atrasos no trabalho. A notícia foi recebida pelos familiares das seguintes formas: a) susto; b) preocupação;

c) agradecimento pela integridade física do parente; d) chacota (a normalidade do roubo); e) culpabilização da vítima. De maneira geral, predominou o susto e agradecimento pela integridade física do familiar. Seguem alguns relatos: “Minha mãe ficou completamente abalada... Mas deu graças a deus, pois cheguei em paz em casa. Bens materiais a gente trabalha e conquista novamente” (Operador de Máquinas, 35 anos). Fugindo à regra, alguns fizeram chacota ou encararam o ocorrido com certa normalidade: “Está vivo? Graças a deus”. “Só levou um celular? Ainda bem”. Ainda fizeram ainda chacota. “Só levou um celular? Graças a Deus. Era para ter levado os três, então saíram no lucro, não foi?” (Auxiliar em farmácia, 24 anos).

Predominantemente, observou-se o alívio pela vida e integridade física dos familiares e a visão do “vão-se os anéis, ficam-se os dedos”. Além disso, nota-se o caráter contagioso do medo e da sensação de insegurança (Domínguez, 2010), isto é, os familiares e pessoas próximas também passam a ficar mais receosos ou assustados: “Então, não é insegurança só para pessoas que estão sendo assaltadas, mas também para os familiares que recebem isso com medo” (Técnica de Enfermagem, 23 anos). O interlocutor abaixo destaca o fato de sua irmã ter passado a ficar assustada, preocupada e receosa ao andar nas ruas:

Até minha irmã mesmo sai para rua ela fica “rapaz, cuidado com o celular, não leve com esse celular, bota o celular no bolso, bota o celular na sacola, fica com celular na mão toda hora, evita tá ligando”...[...] Ela fica naquele pânico para não estar atendendo, “evita ficar com o celular assim exposto, tá tendo assalto toda hora, já passou por isso, evita, para não tornar passar novamente...” Ela fica no pânico quando sai mais ela na rua, fica coisando toda hora, assustada, ela tem um medo horrível de passar por assalto, ela deixa o celular dela em casa... (Vendedor, 22 anos)

Identifica-se que alguns familiares ou pessoas próximas procuram aconselhar e exigir que as vítimas reforcem os cuidados: “Minha mãe falou que era para eu ter mais atenção, não ficar com celular na rua para não acontecer esse tipo de coisa, minha tia também ficou muito espantada...” (Atendente, 18 anos). O interlocutor que segue alegou ainda não ter comentado com os familiares justamente para não os assustar: “Eu nem comentei até para não , até para não assustar, entendeu? Essas conversas assim sempre deixa a família preocupada e tal...Passou pelo risco, que eu podia reagir e tal, morrer, essas coisas” (Consignado, 26 anos).

Em muitas situações, as vítimas também precisam fazer com que tal notícia do assalto chegue ao ambiente de trabalho ou ao seu chefe, inclusive para justificar

atrasos. Mesmo após a ocorrência os interlocutores alegaram ter seguido no trabalho:

Ficaram todos preocupados pela situação [...] cheguei atrasei o horário do trabalho, expliquei ao patrão o que ocorreu, pedi o telefone do amigo lá do trabalho e comuniquei a minha família que fui assaltado... Ele [o chefe] indagou querendo saber com detalhes...[...] Ele “rapaz tem que evitar o máximo estar pegando, indo pra ponto de ônibus que esteja deserto”... Mas é minha primeira opção de pegar ônibus para vim para empresa é naquele local... (Empreendedor, 23 anos)

Ela [chefe] me deu um copo de água, porque eu estava me tremendo, mandou eu ficar calma e aí eu bebi a água, fiquei calma e aí voltei a trabalhar, mas ela primeiro mandou eu esperar um pouquinho, porque eu estava me tremendo muito. (Recepcionista, 38 anos)

### 8.3 Danos e prejuízos após o roubo

#### 8.3.1 Comunicação e interação

Os resultados apontam que a vitimização por roubo de celulares causa impactos maciços e de diversas ordens sobre as vítimas. Fora as consequências práticas, financeiras e psicológicas, os aparelhos móveis contém uma riqueza de informações, dados e arquivos pessoais. Além, é claro, dos transtornos causados na comunicação e interação das pessoas, capazes de afetar do lazer as relações de trabalho ou estudo, por exemplo. A vítima a seguir destaca os prejuízos para realização de diversas atividades e destaca que a comunicação com seus filhos foi significativamente afetada:

Muito prejuízo... Através do celular eu fazia muitas coisas, inúmeras coisas, pagava contas, boletos...Tudo pelo celular [...] Meu celular estava avaliado em 1.200 reais...Muitas informações...Tinha fotos com a família, tinha e-mail... Tudo isso aí...Era tudo pelo celular que eu fazia, entendeu? [...] Um dos problemas, né? Porque aí é contato com filhos que você tem...No meu caso eu tenho três filhos, todo dia mantinha contato, já ficou difícil ter esse contato, entendeu? Então...Me abalou muito a perda do celular, os primeiros dias foi completamente ruim...Acostumado a chegar em casa e falar com meus filhos... (Operador de Máquinas, 35 anos)

Nota-se que os aparelhos móveis são capazes de proporcionar mudanças relevantes no cotidiano daqueles que os utilizam por meio de inúmeras funcionalidades associadas ao “gerenciamento das suas atividades, ao entretenimento, à aquisição de informações, à comunicação e às interações sociais diversas” (Ribeiro; Leite; Souza, 2009, p. 198).

### 8.3.2 Perda de dados

O roubo de celulares pode acarretar ainda um transtorno significativo sobre as vítimas por guardar uma riqueza de informações, dados e arquivos pessoais, que englobam desde o âmbito profissional aos registros afetivos, como nos casos das fotos (Thompson, 2017). O roubo, muitas vezes, não é apenas do aparelho móvel, mas dos dados, dos arquivos profissionais, das lembranças e dos registros. O interlocutor abaixo chama atenção ainda para a preocupação com dados e fotos íntimas:

Eu não adquiri um chip, porque eles levaram com tudo e desligaram o celular [...] Tinha muita foto de momentos bons, maravilhosos com a família, fotos de filho, muita coisa boa... Infelizmente foi tudo... Acabei perdendo, pois não tinha salvado no e-mail, em PDF, nem nada...Rapaz... Eu me sinto assim envergonhado até pelo país que a gente se encontra com essa injustiça. As pessoas que fizeram com a gente não foram presos, né? Estão por aí fazendo mais vítimas. Tinha umas duas fotos (íntimas). Eu fiquei até com medo dessas fotos vazarem , mas graças a deus não vazou não. (Operador de Máquinas, 35 anos)

### 8.3.3 Materiais

No que diz respeito ao prejuízo material, os valores dos celulares giraram entre 900 e 2.400 reais, entretanto, a grande maioria valia em torno de 1.500 reais. Os transtornos materiais e financeiros foram fortemente enfatizados pelos interlocutores, adquirindo tons de revolta e indignação. Deve-se considerar ainda um prejuízo financeiro maior para aqueles que têm o aparelho celular como ferramenta de trabalho e vendas ou geração de renda. Além disso, algumas vítimas sequer estavam com seus aparelhos quitados, isto é, estavam “pagando para o ladrão usar”, como elas próprias dizem: “O aparelho tinha pouco tempo de comprado, ainda estou pagando ainda o aparelho, eu dividi em 12 vezes....Custou 2.400 reais.... Pagando em 12 vezes...” (Marketing, 23 anos); “Esse [celular] eu parcelei no cartão em cinco vezes de 200 e fui assaltado com três meses de uso...Estava pagando...” (Auxiliar de Serviços Gerais, 31 anos).

A necessidade de se ter um celular nos dias de hoje se choca, muitas vezes, na falta de condição financeira de se obter outro logo após o roubo. Em um dos

relatos abaixo, o interlocutor alega que conseguiu comprar outro aparelho somente após três meses e recebendo ajuda financeira dos familiares. A outra informa que a dificuldade em obter outro aparelho estava associada à condição financeira e ao estabelecimento de prioridades “ou você compra um celular ou você compra comida”.

Levei uns três meses para poder juntar um dinheiro ... Pagar o que eu já estava devendo e comprar outro celular, entendeu? [...] Foi um melhor [ celular novo ]... Demorei um pouco para pagar , mas consegui pegar um melhor, graças a Deus. Alguns parentes ajudaram também, viram a situação e me ajudaram a comprar outro celular também. (27 anos, Garçom)

Demorei um tempinho para adquirir outro, até porque com a situação atual, temos essa dificuldade mesmo para comprar algo, você prioriza um celular, que é uma prioridade hoje para a maioria das pessoas, ou você prioriza alimento, luz, água, tanta coisa... (Técnica de Enfermagem, 23 anos)

Alguns passaram a utilizar um celular inferior, de segunda mão ou celulares antigos doados pelos familiares.

Quitei e depois fui assaltado. Não tive facilidade para adquirir outro não, porque eu fiquei três meses sem celular, entendeu? Três meses. Inclusive até minha linha acabou bloqueando nesse período que fiquei sem utilizar a linha. Acabou bloqueando, estou usando outro chip... [...] Ele é inferior. O outro era melhorzinho. [...] Na verdade esse novo celular aqui foi meu primo que me deu, entendeu? Ele soube...[...] Ele se comoveu, como ele tinha um celular em casa parado, ele me deu o celular dele... (Operador de Máquinas, 35 anos)

A dificuldade para aquisição de um novo aparelho e a preocupação com uma nova vitimização fazem com que alguns interlocutores optem por evitar adquirir aparelhos caros. Embora a grande maioria das vítimas tenha alegado que adquiriu um aparelho igual/melhor que o roubado e em lojas oficiais, quatro vítimas alegaram ter adquirido outro aparelho de segunda mão:

Adquiri um mais inferior, né? Comprei de segunda mão e não consegui mais comprar um celular na loja. Aí acabei comprando de segunda mão... No bairro mesmo onde eu moro. Na mão de terceiros...Acabei alterando porque a gente pensa dez vezes em comprar um celular bom, a gente pensa dez vezes em sair com o celular e várias outras coisas que a gente acaba, querendo ou não, alterando... (Auxiliar de produção, 40 anos)

Dos quatro interlocutores que alegaram ter comprado outro celular na mão de terceiros após o roubo, apenas um informou que o aparelho tinha nota fiscal: “Eu comprei na mão de um amigo meu...Tem nota fiscal e tudo direitinho...Era da esposa

dele e ele pegou e vendeu...De terceiros...” (Entregador de transportadora, 40 anos). A compra estava relacionada a urgência de se adquirir outro aparelho e os preços serem menores. “Comprei de segunda mão e não consegui mais comprar um celular na loja. Aí acabei comprando de segunda mão... No bairro mesmo onde eu moro. Na mão de terceiros...” (Auxiliar de produção, 40 anos), alega uma interlocutora.

Como vem sendo salientado no presente estudo, os roubos de rua envolvendo os aparelhos celulares proporcionam ainda novas oportunidades para outros tipos de crime, o que pode incluir roubo de dados e fraudes bancárias através dos aplicativos. Em um episódio, a interlocutora fala que um dos principais medo foi perder o dinheiro que estava em um dos seus aplicativos:

Foi nesse momento que eu comecei a chorar...Primeiro, por ter sido assaltada, claro, não estava conseguindo falar com minha tia...Comecei a imaginar várias coisas, eu estou fazendo uma vaquinha para poder ir para São Paulo e já tem algumas doações que não estavam na minha conta da Caixa, estava no Nubank, que não tem conta física, inclusive já troquei... (Caixa e Modelo, 28 anos).

Em outro caso, o interlocutor afirma que houve uma tentativa de transferir dinheiro da conta do aplicativo em que ele trabalhava, mas sem sucesso:

A plataforma do aplicativo não me deu nenhum suporte não... A conta ela ficou bloqueada , porque o meliante tentou mexer na conta para transferir o dinheiro que estava lá... A princípio eu não consegui utilizar a conta... O meliante tentou tirar , mas não conseguiu... Ele tentou fazer a transferência, não foi para ele , pois não tinha opção de colocar para outra conta e a conta era minha... (Mototáxi, 25 anos)

A vitimização, por ser um fenômeno extremamente complexo, precisa considerar os fatores (individuais, sociais e culturais) que condicionam e modulam o modo de viver, a experiência referida (Domínguez, 2010). Ou seja, “o mesmo tipo de acontecimento traumático será vivido de forma diferente por pessoas inseridas em contextos distintos, ainda que com possíveis similitudes em muitos aspectos”. (Noronha; Dourado, 2014, p. 626-627). Aqui se observou como a os prejuízos materiais estão amplamente associados aos sentimentos de revolta sentidos pelos interlocutores, como será descrito a seguir.

### 8.3.4 Psicológicos

De tal modo, tornar-se vítima de tais incidentes pode gerar impactos maciços sobre um indivíduo. Muitas vezes, as consequências emocionais e psicológicas são profundas, como o aumento do medo da vitimização, o desenvolvimento de ansiedade e, em casos particularmente graves, os diagnósticos de transtorno de estresse pós-traumático (Walsh, s/d). Dentre os relatos obtidos, notou-se que os transtornos psicológicos e emocionais foram colocados, para alguns (em menor número), como maior que a perda material:

Isso me causou diversos traumas, síndrome do pânico... Toda vez que eu vejo um carro, eu fiquei um período assim, toda vez que eu via um carro, uma moto mais perto de mim, eu ficava já com meu coração acelerado, já batia aquele medo, aquele pânico... (Professor, 33 anos)

Eu já tenho ansiedade crônica. Já tive depressão e isso só fez aumentar mais. [...] bandido não tem cara, mas se você ver uma pessoa diferente você já fica olhando e tal, eu carrego o celular, porque eu não posso deixar de carregar, mas eu carrego com medo [...] E esses transtornos só aumentam, você fica mais ansioso quando entra no ônibus... Você não sabe quando vai acontecer , é a qualquer momento, a qualquer hora e depois da pandemia aumentou bastante...Aí sim como eu faço uso de remédio , teve que aumentar dosagem de remédio, aumentar tudo... (Diarista, 44 anos)

Em alguns relatos, as vítimas chegam a alegar que evitam sair de casa devido ao trauma. A lembrança do roubo aparece como um gatilho para a ansiedade e a intensificação do medo:

Falaram [os familiares] que aconteceu [o roubo], [mas] vida que segue... Mas para mim foi muito mais que isso, foi trauma e gatilhos. É muito ruim [...] Até sonhar eu sonhei com ele invadindo minha casa. Foi depois que aconteceu... Diminui os pesadelos só que ainda tenho trauma de sair e levar o celular... (Estudante, 18 anos)

Em um episódio, a intensificação do medo e dos transtornos foi intensificado em virtude da gravidez, tanto da vítima entrevistada como de sua acompanhante:

Bastante, porque o susto é uma coisa que pode causar aborto. Então...Eu fiquei bastante preocupada, no dia foi a minha maior preocupação. Na mesma semana eu fiz um exame para saber se estava tudo bem, mas estava, graças a Deus. Ela eu não sei se ela fez, ela estava de boa... Com dois meses [a interlocutora] de gestação, minha cunhada com cinco meses. (Manicure, 22 anos).

As vítimas narram o roubo como um episódio traumático ou gerador de traumas, capaz de alterar o comportamento cotidiano das mesmas. Com relação aos traumas, os interlocutores relatam situações diversas, desde o fato de terem se tornado pessoas assustadas, desconfiadas e hiper vigilantes ao medo de andar na rua e passar pelo local onde ocorreu o episódio. A experiência do roubo também acaba fazendo com as vítimas passem a adotar práticas de segurança e mudem seus hábitos ou rotinas, como será abordado no capítulo posterior.

É um trauma... Fiquei com preocupação, fico com medo...Passou perto de mim eu estou com medo...Chegou perto na minha frente eu já penso que é um ladrão que está me roubando já... [...] Eu sou mulher, sou uma senhora de idade, já fico na rua a disposição dele chegar e até me empurrar para eu cair lá e tomar as coisas...[...]Com certeza eu fico com medo...Quem não fica com medo de sair na rua? (Aposentada, 67 anos)

Outra mudança comportamento amplamente citada pelas vítimas diz respeito aos estados de alerta e desconfiança constantes, além da atenção reforçada e direcionada à movimentação de pessoas ao redor nos mais diversos locais. Ainda com relação as mudanças de comportamentos, as vítimas alegam terem se tornado pessoas desconfiadas, em constante alerta e até “preconceituosas”, nas palavras do interlocutor a seguir. Tal desconfiança é bastante citada nos ônibus:

Mas eu acabei ficando preconceituoso, quando via uma aparência assim eu já escondia, já saía de perto...Na rua e no coletivo...No coletivo quando abre a porta do fundo que entrava aqueles caras vendendo, fazendo zuada, eu já pensava que era assalto, aquele frio na barriga, já largava o celular assim, quando ia ver e não era...E a pessoa sentia e dizia “calma gente eu não vou roubar não”... Ai a pessoa perceber essa reação nossa e falar “não vou roubar não, calma...” Ai eu até já pedi desculpa e explicar que já passei por isso...Parecendo um preconceito, mas não é... (Auxiliar de Serviços Gerais, 31 anos)

Deste modo, compreender a forma como as pessoas lidam com a experiência da vitimização e quais as repercussões desse processo a curto, médio e longo prazo no cotidiano das vítimas é fundamental. As consequências e os danos desses eventos podem afetar diversos âmbitos da vida daqueles que sofreram atos violentos, seja no bem-estar emocional, físico e psicológico, nos relacionamentos interpessoais e profissionais, dentre outros (Azevedo, 2011).

### 8.3.5 Físicos

Tais crimes podem provocar danos de níveis variáveis, seja na integridade física, emocional ou material das vítimas, havendo ainda casos extremos que resultam em óbitos, os roubos seguidos de morte, conforme vem se observando nos noticiários locais. A matéria a seguir ocorreu no período pandêmico e destaca a vitimização sofrida também pelos familiares da vítima, que foi assassinada após o roubo do seu celular:

Além da perda do pai, a filha [nome da filha] ainda tem que conviver com outras dores, como enterrar seu pai sem a presença de todos os filhos e até mesmo receber um abraço dos amigos e familiares. O advogado aposentado (nome da vítima), 71 anos, foi vítima de latrocínio - roubo seguido de morte ,na noite da última segunda-feira (4), em um ponto de ônibus no Garcia. Ele foi baleado após reagir quando os bandidos pegaram o seu celular. (Aloísio, 2020)

O roubo pode gerar danos físicos de diversos graus para as vítimas. Uma das vítimas que sofreu uma tentativa de roubo de celular, alegou ter sido agredido no ouvido após informar que estava sem o aparelho. Segundo ele, o tapa prejudicou sua audição por uma semana: “Quando eu virei para sair, eles me deram um tapa [no ouvido]... Eu fiquei sem audição por uma semana...O tapa foi forte. Foi muito chato isso. Ficava sem ouvir nada em um ouvido. Ouvindo um zumbido. (Estudante, 18 anos). Nos relatos abaixo, observa-se que uma das interlocutoras, por exemplo, alegou ter ficado com um ferimento na mão; já a outra, uma senhora idosa, teve um aumento de pressão após o ocorrido. A experiência de vitimização pode impactar tanto na saúde mental, como na saúde física das vítimas:

Nunca recupera esses celulares! Eu tenho uma cicatriz de tanto que eu segurei o aparelho. A mulher do lado chorava mandando eu entregar, mas não vi arma. Eu disse que não tinha também, mas ele abriu a mochila. (22 anos, Promotora)

Na idade que eu tenho, para sair sozinha e ser assaltada assim no meio da rua... Eu quando eles me assaltaram eu fiquei nervosa assim... [...] Cheguei lá e contei para o médico, a menina que estava na enfermaria, ela me deu minha pressão estava muito alta, a açúcar estava muito alta...Eu tive que passar por isso, esperei o médico, liguei para minhas filhas e falei que aconteceu isso...Fui para casa, mas foi tudo bem...Não deu para morrer dessa vez... (Aposentada, 67 anos)

## 8.4 Sentimentos gerados pelo roubo

Portanto, tornar-se vítima de um crime e, neste caso, de um roubo, transforma a visão e também o comportamento das pessoas, gerando sentimento variados (Azevedo, 2011). Os interlocutores costumaram utilizar as seguintes expressões para descrever o que sentiram após o ocorrido: medo; trauma; choque; raiva e revolta; insegurança; impotência; impunidade; medo de ser vítima novamente, dentre outros.

As vítimas narram os sentimentos de insegurança ao andar nas ruas e o medo, tanto da morte como de perder o bem novamente, isto é, de tornarem-se vítimas mais uma vez: “Agora sou uma pessoa assustada. De ser assaltada de novo...E ter passado por aquela violência...” (Desempregada, 52 anos).

Ando com muito com medo mesmo... A gente vê tanta coisa [...] as vezes tem gente que rouba o celular e ainda tira a vida [...] na hora quem sofre não é quem morreu, quem sofre é quem fica, filho, mãe, pai, mulher, marido e quem sofre é quem fica... (Auxiliar de produção, 40 anos)

A sensação de impotência e impunidade também é amplamente citada pelos alvos. Neste sentido, prevalece o sentimento de que a qualquer momento poderão ter seus bens tomados, com facilidade, e não dará em nada: “Sentimento de impunidade... [...] A gente não tem o direito de ter muitas coisas... Você não pode nem ter nada...Um celular que você tem e vem um vagabundo de lá para cá e leva na maior facilidade...” (Operador de Máquinas, 35 anos).

A revolta e a indignação das vítimas está amplamente associada ao prejuízo material, ao fato de terem conquistado o bem através do esforço e do próprio trabalho e, em questão de minutos, perderem com tanta facilidade: “Demorei para conquistar e perdi com facilidade!” (Técnica de Enfermagem, 22 anos). Os interlocutores narram a aquisição do bem através do trabalho, “ralar”, “com suor”, “batalha”:

Eu fiquei muito indignada, com muita raiva mesmo...[...] você trabalha tanto para ter um celular, rouba, leva, chega lá na frente e vende por bagatela, vende barato ou então chega no tráfico e entrega. É de você ficar indignada mesmo, não tem como não ficar...( Auxiliar de produção, 40 anos)

Raiva, porque a gente está perdendo um bem, né? [...] De raiva porque acabei perdendo algo que conquistei com meu suor, o suor do meu trabalho e acabei perdendo tão rapidamente, um roubo que foi uma questão de cinco minutos ,

muito rápido, perdi com facilidade. Demorei para conquistar e perdi com facilidade! (Técnica de Enfermagem, 22 anos)

A revolta e frustração se amplifica ainda quando o bem sequer está quitado:

Eu tinha dividido em seis parcelas... Levaram meu celular novo, não tinha nem um ano o celular... Fica aquela revolta dentro de você... Eu tenho que agradecer que não levei um tiro, eu sei disso, só foi um bem material, no outro dia eu comprei um celular, mas é aquela sensação de impotência, é uma coisa sua e a pessoa chegar “passe, me dê” e levar e você não puder fazer nada... Chega na justiça , um homem desse vai preso, depois vai pra rua e vai fazer a mesma coisa... Se eu tivesse oportunidade de encontrar com ele na mão , eu ia estar com um machado na mão e arrancar os dedo dele tudo, é uma sensação de medo e ódio, eu nunca senti isso na minha vida... É muito ruim, horrível... (36 anos, Cuidadora de idosos).

Conforme se observa no relato a seguir, os interlocutores, além de lidarem com a frustração e o sentimento de perda, por diversas vezes, acabam enfrentando o processo de culpabilização por outros e também de autoculpabilização pelo ocorrido:

Aquela sensação de frustração, de perda, né? Só tinha dois meses de comprado, parcelado, estava pagando ainda...Mas depois eu busquei pensar positivo para tentar tirar aquela sensação de culpa por eu estar falando naquele horário no celular na rua [...] Comecei a pensar em coisas do tipo, as vezes é uma pessoa necessitada, passando por necessidade, por mais que eu tivesse aquele prejuízo... (Professor, 32 anos)

Além do processo de autoculpabilização pelo ocorrido, o depoimento que segue também chama atenção para os processos de culpabilização das vítimas por parte de outros. A interlocutora considera que cometeu um “deslize”, além de gerar até irritação entre familiares:

Ficaram sem acreditar [familiares]. [Ficaram] Um pouco irritados comigo pelo deslize que eu dei. Eu sempre vivo falando com minha irmã para não colocar o celular no bolso da calça, e foi exatamente o que eu fiz nesse dia, dei esse deslize e ele aproveitou essa oportunidade. [...] Às vezes quando eu estava de bolsa eu colocava o celular dentro da bolsa, mas eu andava bastante com o celular na cintura ou na mão. Nesse dia estava no bolso. [...] Eu me sinto bastante chateada, por ter vacilado em uma coisa que eu sempre falava e me sinto impotente por não ter conseguido fazer nada naquela situação. [...]Pode ser que sim [se não tivesse visto o aparelho], pode ser que não, mas do jeito que ele falou ele já sabia onde estava o celular, mas se ele não soubesse eu hesitaria mais de dar o celular...Como minha cunhada que ele não sabia se tinha ou não o celular. Ela não tinha, mas se tivesse ele não teria como saber. (Manicure,22 anos)

Por fim, observou-se que, de maneira geral, as vítimas relatam uma descrença no que diz respeito à recuperação do aparelho celular através do registro

do boletim de ocorrência. A decisão de ir à delegacia teve como motivação: a perda de documentos; comprovação do roubo para solicitar o seguro do celular. Além das autoridades policiais, os atores podem recorrer a atores ilegais visando a resolução ou punição dos assaltantes. Em nenhuma das situações a vítima teve o celular reavido. Tais crimes podem provocar danos de níveis variáveis, seja na integridade física, emocional ou material das vítimas, havendo ainda casos extremos que resultam em óbitos, os homicídios seguidos de roubo, conforme vem se observando nos noticiários locais. Tornar-se vítima transforma a visão das pessoas, gerando sentimento de insegurança, vulnerabilidade, medo de novas vitimizações e até autculpabilização pelo ocorrido (Azevedo, 2011).

## CAPÍTULO 9. PRÁTICAS DE SEGURANÇA CONTRA ROUBOS DE CELULARES

A segurança dos aparelhos celulares possuem dimensões que envolvem os fabricantes, as empresas de telefonia, os usuários e policiais, além dos atores informais e ilegais. Aqui, a análise se concentra nos usuários e nos procedimentos utilizados por estes para gerenciar e governar os riscos no cotidiano. Parte-se do entendimento que os atores não são recipientes passivos, mas gerenciam ativamente o “crime” por meio de diversas estratégias de proteção (Sanders, 2005). Diversas habilidades, técnicas e táticas, tanto a nível individual como grupal, são desenvolvidas entre os indivíduos para reduzir os perigos, ameaças e evitar situações arriscadas (Sanders, 2005). Destaca-se as interações e as relações entre as pessoas e grupos, levando em consideração que as experiências vividas pelos atores interagem com as práticas de segurança adotadas por eles (Crawford, Hutchinson, 2016). Portanto, observa-se uma produção de segurança que vem “de baixo” e inclui uma série de rotinas, práticas e rituais implementados pelas pessoas para promover a segurança para si e para (Crawford, Hutchinson, 2016).

O medo de ser alvo de um roubo e a sensação de insegurança nas ruas por si só já são capazes de modificar os comportamentos das pessoas no dia a dia. Quando o indivíduo passa por uma experiência de vitimização isto tende a se intensificar, ou seja, tal evento acaba fazendo com que as vítimas alterem suas rotinas e reforcem os mecanismos de defesa e proteção, buscando minimizar os riscos de uma nova vitimização. Observou-se que foram poucos os interlocutores que alegaram não adotar nenhum cuidado ou seguir “a vida normalmente”. Ainda que seja difícil evitar os roubos, no geral, as vítimas relatam diversas medidas de segurança utilizadas no cotidiano:

Sempre coloco [o celular] próximo ao corpo, mesmo sabendo que pode acontecer o roubo e eles [os assaltantes] levaram de qualquer forma, mas eu tento proteger, sempre coloco dentro da roupa, sempre junto ao corpo...[...] Ando com medo, sempre visando se tem alguém próximo, se tem alguém observando, tentando evitar [o roubo] ao máximo, apesar que é um pouco difícil se evitar, mas eu tento de todas as formas me manter segura de alguma forma... (Técnica de Enfermagem, 25 anos)

As medidas de segurança fazem parte da rotina das vítimas de maneira tão recorrente que se tornam rituais diários comuns e normalizados pelos próprios

interlocutores: “São uns cuidados que nem parecem mais cuidados, porque já se tornou normal. O celular só anda dentro das calças, por dentro do short e na cintura...”(30 anos, Empreendedor). A seguir, serão apresentadas as práticas de segurança adotadas em a) espaços privados; b) espaços públicos, considerando aquelas individuais e coletivas empregadas pelos interlocutores deste estudo.

## 9.1 ESPAÇOS PRIVADOS

Embora as vias públicas e o transporte público, focos deste estudo, sejam considerados pelos interlocutores como mais arriscados e propícios para ocorrer os assaltos, observou-se que algumas medidas de segurança também passaram a ser empregadas em espaços fechados e privados por alguns. Desde os primeiros meses do ano de 2022, por exemplo, Salvador viveu uma onda de roubos em estabelecimentos, como bares e restaurantes (Após...;2022). Tal situação foi amplamente mostrada na mídia, inclusive com divulgações de imagens de câmera de segurança (Câmera...;2023). Uma série de “arrastões” ocorreram em espaços fechados e privados, onde dois ou mais assaltantes adentravam os estabelecimentos e recolhiam celulares e pertences de clientes e funcionários: “Quatro homens armados assaltaram o Boteco do Caranguejo [...]. Os assaltantes promoveram uma espécie de arrastão no local e roubaram pertences de clientes e funcionários” (Homens...; 2022), informa uma das matérias. Em abril de 2022, ocorreu uma operação policial chamada “Noite Segura”, que tinha como objetivo identificar e prender pessoas envolvidas com furtos e roubos praticados em estabelecimentos da capital baiana(Após...; 2022). A operação contou com a realização de abordagens nas proximidades de locais com grande concentração de bares, restaurantes e lanchonetes, incluindo bairros de classe média e alta, como Pituba, Itaipara, Costa Azul e Rio Vermelho (Após...; 2022). Em um caso ocorrido em junho de 2023, as imagens das câmeras de segurança divulgadas pelos veículos midiáticos, mostra o assalto cometido por dois homens em um bar, no bairro de Brotas, em Salvador, onde um cliente acaba sendo agredido com coronhadas após tentar esconder seu aparelho celular. Os dois assaltantes adentraram o local com capacetes na cabeça, o que dificulta o reconhecimento através das câmeras e solicitaram os pertences e celulares dos clientes:

O cliente de um bar na Avenida Heitor Dias, no bairro de Brotas, em Salvador, levou duas coronhadas na cabeça ao tentar esconder o celular em um assalto na noite de terça-feira (6). O caso foi registrado por uma câmera de vigilância. As imagens mostram o momento em que dois homens armados chegaram até o local e começaram a roubar seis clientes que estão no estabelecimento, e assistem a uma partida de futebol na televisão. Os suspeitos tomaram celulares e outros pertences das pessoas. Na mesma gravação é possível ver que a vítima agredida chega a ser revistada e em seguida esconde o celular no bolso de trás da bermuda. Um dos suspeitos percebe e o agride com o revólver na cabeça, seguido do segundo homem que faz a mesma coisa. (Vídeo...; 2023)

A recorrência desses tipos de assaltos levou alguns interlocutores a reduzirem as saídas ou intensificarem as práticas de segurança em tais espaços também. Ou seja, as ondas de assaltos acabam influenciando a percepção de risco das pessoas: “Hoje em dia evito até ir para certos lugares, como barzinho, restaurante... A gente praticamente não vai devido a insegurança... (Enfermeira, 59 anos)”. Os interlocutores citaram empregar medidas de segurança em locais como: bares, restaurantes e academias. Deve-se considerar que os bares e restaurantes também passam por uma avaliação de risco, ou seja, as vítimas consideram aqueles que são mais abertos, com mesas na área externa e sem segurança privada nas entradas como menos seguros: “Eu não deixo em cima da mesa, em bares, restaurantes... Exceto se for um lugar totalmente fechado, mas aqueles tipo boteco com mesas para fora eu não curto (Bióloga, 33 anos)”.

Depende do espaço... Por exemplo: Tem um barzinho aqui que rola shows ao vivo, não tem nenhuma segurança. A frente do estabelecimento permite que alguém passe de moto ou carro e faça um arrastão. Então, lugares como esse, geralmente eu tomo um certo cuidado. Não fico com celular em cima da mesa. Não deixo carteira... Pois sei que pode acontecer... Mas se for em um espaço fechado, onde tem segurança na entrada, não permite a fuga imediata ou a passagem de carros e motos, eu fico mais tranquilo... (Pesquisador, 35 anos)

Embora alguns interlocutores afirmem buscar brechas para utilizar o celular em locais fechados e supostamente mais seguros. Outros, mantêm as práticas de segurança também no interior destes locais, principalmente, bares e restaurantes:

[Nestes locais fechados] eu adoto cuidados bem semelhantes com as da rua... Isso é muito devido ao risco de assalto ao estabelecimento e nisso levarem os celulares das vítimas... Celular fica sempre escondido dentro das roupas, sempre na opção de vibrar, a diferença é que pego com um pouco mais de frequência para ver mensagens e ligações. Mas sempre ligado em tudo e olhando para tudo antes de realizar as ações Ainda mais que toda hora

tem assalto nesses estabelecimentos, bares e restaurantes... Ah... E nada de celular em cima da mesa. É o mundo que deixa a gente assim... (Empreendedor, 30 anos)

A interlocutora abaixo, afirma ainda ocultar o celular entre as pernas ou no banco quando está em seu veículo:

Só uso o celular em locais seguros entre aspas, como shopping, clínicas, prédios, condomínios ou ruas com pouco movimento de pessoas... Mas sempre rápido e olhando atentamente ao redor. Dentro do carro ao reduzir a velocidade ou parar no sinal, coloco o celular entre as minhas pernas, no banco também. (34 anos, Nutricionista)

Em locais privados e fechados, como bares e restaurantes, uma prática amplamente citada pelos interlocutores é “não deixar o celular em cima da mesa”: “Evito largar em cima de mesa, quanto menos tempo com o celular a mostra é melhor, né? Na academia fica inteiro na minha pochete, tiro uma foto as vezes, mas acabou a foto, eu coloco na pochete...” (Enfermeira, 59 anos). Conforme se observa no relato abaixo, a restrição do uso e exposição do aparelho também pode estar relacionada a locais e momentos com utilização de bebidas alcoólicas e maior distração. Neste caso, os aparelhos podem ficar guardados em bolsas ou pochetes:

Hoje em dia, meu celular fica em minha pochete, não deixo em cima da mesa, evito ao máximo ficar pegando em lugares que tenha distração, se eu tiver bebendo, fico mais distraído... [...]Dentro da mochila é mais seguro, na pochete também, pois eu coloco para frente.... Eu já fui furtado com meu celular no bolso em uma festa... Qualquer tipo de estabelecimento, bar, restaurante, meu celular vai estar na minha mochila ou pochete... Em bolso não, em cima da mesa não... (Recepcionista, 28 anos)

Estes espaços privados são avaliados como menos inseguros que as vias públicas. Por isso, embora adotem algumas medidas, alguns interlocutores não deixam de tirar fotos ou verificar mensagens que sempre que possível. Conforme a interlocutora abaixo afirma, tais medidas seriam formas de prevenção, mas o risco é tido como menor:

Geralmente em restaurante fechado e mesa dentro de salão eu deixo o celular na mesa perto de mim. [...] Eu pego tiro foto e tal, mexo nele mas se não estou mexendo, eu guardo. Mas me sinto segura para mexer. [...] E fico tentando reparar no movimento mas de forma tranquila mais por prevenção do que por acreditar que realmente estou em risco. (Autônoma, 34 anos)

Portanto, os interlocutores destacaram as seguintes medidas de segurança em espaços fechados: a) restrição de uso; b) restrição exposição, com esconderijos em

roupas, pochetes e compartimentos internos; c) a restrição de exposição relacionada a não deixar os aparelhos em cima de mesas ou pendurar bolsas em cadeiras; d) redução de saídas ou idas à bares e restaurantes.

## 9.2 ESPAÇOS PÚBLICOS

Esta seção trata das práticas de segurança acionadas em espaços públicos, foco deste trabalho, por usuários de telefones celulares e examina os procedimentos gerais e específicos, individuais e coletivos empregados para proteger os aparelhos e os aplicativos sensíveis destes das ações de assaltantes (Quadro 3). Discute-se tais medidas levando em conta também seus limites e possibilidades da eficácia.

Quadro 3. Práticas de segurança empregadas pelas vítimas de roubo de celulares em Salvador, Bahia

<b>PRÁTICAS DE SEGURANÇA EM ESPAÇOS PÚBLICOS</b>	
<b>Práticas individuais</b>	<b>Práticas coletivas</b>
<p><b>Utilização de tecnologias próprias do sistema do aparelho</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Antecede as interações em espaços públicos</li> <li>• Medidas para evitar novos golpes após o roubo</li> <li>• Bloqueio de tela e acesso inicial ao celular</li> <li>• Senhas, biometria, reconhecimento facial</li> <li>• Película de privacidade</li> <li>• Bloqueio de aplicativos sensíveis (bancários)</li> <li>• Brechas: Falhas de segurança, roubos com a tela desbloqueada ou aplicativos desbloqueados, necessidade de fazer transações fora do ambiente da casa.</li> </ul>	<p><b>Deslocamento em grupo</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Para locais isolados ou pouco movimentados</li> <li>• Nos trajetos e permanência em ponto de ônibus</li> <li>• A presença de grupo de homens como um fator intimidador</li> <li>• Brechas de segurança: Relativizar a eficácia quando existe assaltantes armados ou estes focam em vitimizar grupos maiores de pessoas.</li> </ul>
<p><b>Seletividade temporal e espacial</b></p> <p><i>Temporal</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Alterações de horários (evitar o período da noite ou aqueles com menor movimento)</li> </ul>	<p><b>Ajuda mútua</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Envolve conhecidos e desconhecidos</li> <li>• Alarme que se trata de um assalto</li> <li>• Companhia e caronas</li> </ul>

<ul style="list-style-type: none"> <li>• Momentos do ano: feriados, Carnaval, festas de final de ano.</li> </ul> <p><b>Espacial</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Avaliação de risco: espaços fechados X espaços públicos</li> <li>• Locais pouco frequentados ou isolados</li> <li>• Bairros considerados “visados” ou perigosos</li> <li>• O local em que ocorreu a vitimização</li> <li>• Pontos de ônibus</li> <li>• Diminuição de saídas (“evitar sair de casa”)</li> <li>• Diminuição do uso de transporte público (ônibus)</li> <li>• Brechas de segurança: A necessidade de estar com o celular.</li> </ul>	
<p><b>Restrição de uso</b></p> <p><b>Porte</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Não levar o aparelho para a rua</li> <li>• O uso do celular reserva</li> <li>• Utilização de dois celulares, um para rua e um para casa</li> <li>• O “celular do ladrão”: celular mais simples para ser utilizado na rua</li> <li>• Novos significados: o celular que guarda os aplicativos bancários</li> <li>• Reduzir danos: Ter algo para entregar do que sofrer punições.</li> </ul> <p>Brechas de segurança:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Necessidade de utilizar o aparelho</li> <li>• Contramedidas de assaltantes</li> </ul> <p><b>Exposição</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Locais para evitar exposição: rua, festas de rua, pontos de ônibus e ônibus.</li> <li>• Simulação de falta de porte ou ocultação.</li> <li>• Os alvos procuram esconder o aparelho em locais diversos, como: a) bolsas, bolsos, mochilas ou sacolas; b) embaixo de outros objetos que estão nas bolsas ou enrolado em panos; c) dentro de roupas, até mesmo íntimas como calcinha e sutiã.</li> <li>• Não utilizar adereços e acessórios (como bolsas) chamativos, caros ou que deixe o celular visível.</li> <li>• Exposição visual e sonora</li> <li>• Os fones de ouvido</li> </ul> <p><b>Funções</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Restrição de funções básicas do aparelho: não atender ligações ou colocar no silencioso</li> <li>• Restrição total: desligar o aparelho</li> </ul>	<p><b>Comunicação eletrônica</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Uso de grupos de <i>WhatsApp</i> para troca de informações de segurança</li> <li>• Grupos de colegas de trabalho (caso do mototáxi)</li> <li>• Grupos de bairro</li> </ul>

<ul style="list-style-type: none"> <li>• Restrição de funções dos aplicativos sensíveis ou bancários</li> </ul>	
<p><b>Evitação de suspeitos</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Atenção à movimentação ao redor</li> <li>• Estereótipos/Triagem de suspeitos</li> <li>• Afastamento ou distanciamento de suspeitos</li> <li>• Brechas de segurança: A filtragem ou evitação de suspeito parte da percepção visual e de estereótipos, porém, deixam escapar as ameaças e os perigos que não se enquadram nestes perfis (Paes-Machado; Nascimento, 2012). Tal situação foi tratada, inclusive, nos capítulos anteriores ao identificar que alguns criminosos procuram encenar comportamentos normais, utilizar vestimentas de empresas, dentre outras estratégias, para evitar levantar suspeitas imediatas.</li> </ul>	<p><b>Outros procedimentos de segurança</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Mobilização ou defesa coletiva</li> <li>• Socorro ou ajuda às vítimas: dar caronas ou acionar a polícia.</li> <li>• Apoio em lutas corporais ou agressões aos assaltantes</li> <li>• Pode envolver familiares ou espectadores desconhecidos.</li> </ul>
<p><b>Ocultação pessoal</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Esconderijos para evitar ficar em pontos de ônibus ou em paradas tidas como perigosas: Ficar atrás ou dentro de prédios, por exemplo.</li> <li>• Auxílio de aplicativos que mostram os horários dos transportes.</li> </ul>	

(Fonte: Autoria própria)

## 9.2.1 Práticas individuais

No que se refere as práticas individuais empregadas pelos interlocutores, destaca-se o a) uso de dispositivos do aparelho; b) seletividade temporal e espacial; c) restrição de uso, dividida em restrição de porte, exposição e funções; d) evitação de suspeitos; e) ocultação pessoal.

### 9.2.1.1 Uso de dispositivos do aparelho

O uso dos dispositivos de segurança do aparelho antecede as práticas que envolvem as interações dos usuários em espaços públicos. Ao concentrarem inúmeras funções, os smartphones guardam uma série de informações pessoais e valiosas que os tornam visados pelos criminosos. Portanto, além de se protegerem dos roubos de rua, os usuários procuram reforçar as medidas de segurança do próprio

aparelho para evitar serem alvos de vazamento de dados, fraudes bancárias e golpes virtuais. O depoimento abaixo demonstra uma preocupação recorrente das vítimas: ter suas contas bancárias invadidas após o roubo. Os roubos de rua envolvendo os celulares podem proporcionar oportunidades para outros tipos de crimes, gerando novos prejuízos e transtornos para as vítimas:

O pior é levar o celular com os aplicativos e você ter todo tipo de dor de cabeça, até da pessoa entrar em sua conta sabe se lá como, porque eles têm arte para golpe...Igual quando leva a carteira ou a bolsa de alguém, o pior é a dor de cabeça de bloquear todos os cartões, ter que tirar todos os documentos de novo, é o estresse que isso gera... (Jornalista, 54 anos).

Entre estes mecanismos estão senhas, biometria, reconhecimento facial, desenhos padrões feitos com o dedo e películas de privacidade. O bloqueio de tela é um dos primeiros dispositivos utilizados: Eu uso o PIN [“Personal Identification Number” ou “Número de Identificação Pessoal”] E biometria. Para aplicativos de banco e para acessar o celular. Uso biometria e PIN para ter acesso ao celular mesmo. Deixo a senha direto... (Bióloga, 33 anos). São tecnologias de segurança que impedem que outros tenham acesso ao aparelho.

O bloqueio do acesso ao celular é um dispositivo significativo, mas não é o único que é empregado por conta das falhas operacionais de segurança e dos roubos do celular com a tela desbloqueada. Deste modo, o acesso restrito a aplicativos específicos, principalmente, os bancários, também é amplamente usado. Muitas vezes, o que ocorre é uma sobreposição de senhas: “Eu uso biometria e senhas nos aplicativos de banco...” (Técnica de Enfermagem, 25 anos); “Coloco senhas, principalmente, em aplicativos de banco e informações que possam ser usadas por criminosas” (Empreendedor, 30 anos). Deve-se mencionar ainda que as senhas dos usuários podem ser apropriadas por outros dispositivos que as salvam em redes inseguras, através das ações de *hackers* e mediante os ataques *pishing*, onde os criminosos tentam obter dados confidenciais, como senhas e números de cartões de crédito, fingindo serem empresas, órgãos e instituições. Os usuários também utilizam outras ações preventivas como: limite para transações bancárias; senhas, biometria e reconhecimento facial nos próprios aplicativos de banco; criação de diferentes perfis no celular, como os perfis no “modo rua”. O perfil que contém os dados valiosos podem ser utilizados somente em casa, por exemplo. O interlocutor abaixo, que também é técnico em tecnologia da informação, fala sobre esta medida:

Na verdade, é uma tecnologia bem parecida com a de computador. Computadores sempre tem um usuário administrador que permite fazer tudo no aparelho...Adicionar, excluir, instalar...e permite criar uma outra conta como convidado que não tem muitos privilégios sobre o sistema. Cria documentos separados, são duas pastas, só você tem acesso a sua e o outro usuário tem acesso a dele. É o mesmo sistema, separa os arquivos por usuários. É uma proteção, tem uma senha definida. Normalmente o administrador pode resetar a senha do convidado. É como se fosse um computador de empresa... cada usuário pode utilizar o mesmo computador, acessando documentos diferentes... tem alguns aplicativos que tem algumas restrições nesse tipo de processo, porque a instalação é feita na memória do celular, sendo uma única raiz. Então, tem aplicativos que não permitem que existam duas extensões no mesmo aparelho, alguns aplicativos já permitem... Outros não permitem por questões de segurança e limitação no desenvolvimento mesmo. (Gerente de Tecnologia da Informação, 33 anos)

Além das medidas citadas, há usuários que colocam uma película de privacidade que impede a visão lateral da tela do celular, ou seja, somente quem se posiciona em frente ao aparelho consegue ver o que está exibido na tela. Este item visa garantir maior privacidade e impede que outras pessoas visualizem a digitalização de senhas e outras informações valiosas:

Eu uso todas: biometria, senhas, película especial, que é para quem está ao lado [do celular] não enxergar... Eu comprei essa película na Shopping, é um tipo de película para que quem está do seu lado não enxerga, só enxerga estando de frente, se estiver de lado não consegue ver... (Empreendedor, 30 anos).

Conquanto tais dispositivos de segurança do próprio aparelho não impeçam furtos ou roubos de rua, eles evitam ou reduzem novos transtornos. Ao pensar as brechas de segurança, deve-se levar em conta que as tecnologias de segurança dos celulares também estão sujeitas a falhas que acabam permitindo acessos não autorizados, resultando em golpes e fraudes (Lemos, 2022) e os celulares que são tomados de assalto com a tela desbloqueada, já que algumas vítimas são abordadas exatamente enquanto utilizam o aparelho. Os prejuízos podem ser diversos, indo desde vazamento de dados valiosos e íntimos, fraudes bancárias e compras em aplicativos.

### **9.2.1.2 Seletividade**

A seletividade temporal e especial está relacionada a restrição de circulação e a intensificação das práticas de segurança em determinados períodos do ano,

horários e espaços. Deste modo, a seleção temporal e espacial perpassa por diversas medidas, tais como a restrição de uso do aparelho.

### **9.2.1.2.1 Seletividade temporal**

#### 9.2.1.2.1.1 Momentos do ano

Identificou-se a intensificação de práticas de segurança em determinadas épocas ou momentos do ano. As vítimas apontam, principalmente, o período de final do ano, com datas comemorativas como Natal e Ano Novo, como um intervalo conhecido pelos altos índices de roubo e que requer um reforço dos mecanismos de proteção: “Chega final de ano e a insegurança cresce cada vez mais, todos nós devemos evitar o máximo possível andar com celular, amostrar o que você tem, esconder para as pessoas não observarem você...” (Microempreendedor, *55 anos*). Em tais períodos, os coletivos também são tidos como alvos da ação dos criminosos:

Final de ano] aumenta [os roubos], né? Aumenta, com certeza, eles [os assaltantes] querem ir para rua para roubar, inclusive são os coletivos que sofrem, os trabalhadores que acordam cedo para trabalhar com seus celulares...O foco deles são pontos de ônibus, trabalhadores de manhã cedo ou cinco horas da tarde, seis horas quando vem do trabalho...O foco deles sempre são celulares... (Operador de Máquinas, 23 anos)

Conforme se observa no relato abaixo, no período de final ocorre uma maior circulação de dinheiro (o “décimo terceiro”) e um aumento das compras no comércio, por exemplo:

Como está chegando o final do ano, já estou pensando em deixar o celular dentro de casa mesmo. [...] Vou deixar ele dentro de casa. Está tendo assalto demais [...] Tem décimo [terceiro], final de ano, os assaltos ficam piores, eles roubam mesmo... (Auxiliar de Produção, 40 anos).

Períodos festivos, como o Carnaval, festas de rua e feriados, também são intervalos considerados amplamente visados pelos assaltantes e, por isso, procuram reforçar os cuidados. Conforme já foi dito, os estudos apontam que diferentes tipos de rotinas, dias da semana ou feriados, além de festas e eventos podem influenciar nos padrões de roubo (Monk; Heinonen; Eck, 2010).

#### 9.2.1.2.1.2 Alteração de horários

A seletividade temporal inclui a troca ou alteração dos horários de atividades diárias. As vítimas procuram evitar, principalmente, os períodos de pouco movimento e noturnos. Conforme se observa no relato a seguir, o interlocutor mudou seus horários e não passa mais pelo local em que ocorreu o roubo, o que demonstra como as medidas de segurança podem ser interligar ou se cruzar: “Mudei horário [...] O local que eu passava mais cedo eu não passo mais por lá...” (Entregador de transportadora, 40 anos). As vítimas modificam comportamentos e a rotina, incluindo horários de trabalho: “Eu gostava de trabalhar a noite, estudava pela manhã, hoje em dia já trabalho mais pela manhã, eu não fico mais em ponto sozinho, se ficar eu fico em alguma lugar escondido para que não ocorra da mesma maneira, entendeu?” (Garçom, 27 anos). Observa-se a modificação dos horários de trabalho do período da noite para a manhã, ou, nas palavras do interlocutor abaixo, “o sol foi embora eu não trabalho mais”:

Eu evito sair à noite, porque as duas vezes que fui assaltado foi a noite, eu já tomei trauma. Em alguns bairros eu não entro nem de noite nem de dia. De noite eu não trabalho... Se tiver sol eu fico [na rua], caiu o sol, mesmo que seja cinco horas, o sol foi embora eu não trabalho mais... [...] Eu sempre paro em lugares movimentados, observo tudo antes de parar, movimentação, se tem alguém suspeito, eu não julgo ninguém assim, mas olho se eu achar cismado eu dou um volta, volto...[...] (Mototáxi, 25 anos)

#### 9.2.1.2.2 Seletividade espacial

##### 9.2.1.2.2.1 Vias públicas e avaliação de risco

A “rua” de modo amplo ou o fato de “estar na rua” por si só já trazida a cena por pelas vítimas como um local repleto de perigos e propício para se evitar o uso de celular, ainda que seja uma tarefa reconhecida como difícil pelos entrevistados. Ou seja, as medidas de segurança esbarram, frequentemente, na centralidade que os celulares assumem no cotidiano. Para utilizar o aparelho, alguns afirmam buscar brechas ou entrar em locais fechados, como shoppings, mercados e lojas. Estes foram

colocados como espaços que passariam uma certa sensação de segurança para utilizar os celulares: “Geralmente em shopping...Algum lugar, loja que eu esteja...Estabelecimentos comerciais eu utilizo...Já passa uma certa confiança, né? Agora lugares abertos, tipo rua, praia, praça...Eu evito o máximo de utilizar... (Professor, 32 anos)”. Os interlocutores fazem uma avaliação de risco com relação aos espaços mais ou menos seguros para utilização do aparelho: “ Eu uso o celular somente em lojas, supermercados...Em lugares que tem bastante pessoas. Não uso mais celular no ponto, em ônibus, guardo na mochila, deixo para usar só em casa...” (Operador de Máquinas, 23 anos). Observa-se uma oposição entre locais fechados e abertos, além de locais públicos e privados. Um exemplo disso é o fato de o ônibus ser amplamente citado como um espaço para se ter todos os cuidados:

Na rua eu procuro não utilizar [o celular]...Se eu tiver que utilizar, eu entro dentro de alguma loja, entro no shopping, tento entrar em lugar para poder usar o celular, nunca assim visivelmente para as pessoas conseguirem ver... [...] Na rua, lugares abertos, lugares pouco movimentados, quando estou dentro de ônibus, locais públicos assim eu tento evitar o máximo... [...]...Só uso em extrema necessidade... (Técnica de enfermagem, 25 anos)

#### 9.2.1.2.2.2 Áreas consideradas de risco

Os alvos fazem uma seleção espacial (Paes-Machado; Nascimento, 2014) dos locais onde podem transitar ou permanecer, excluindo aqueles que são pouco frequentados ou isolados: “Agora eu ando mais alerta e evito andar em lugares desertos” (Manicure, 22 anos). Isso é feito, principalmente, quando os indivíduos estão se deslocando sozinhos: “Eu evito muito andar sozinho [...] Não ando cem metros se eu ver que está vazio... Se eu ver qualquer movimento errado, eu volto no mesmo caminho...Quem me conhece sabe que eu sou cismadão mesmo...”(Desempregado, 19 anos).

Além de ruas pouco frequentadas, os pontos de ônibus com poucas pessoas e mais isolados também são evitados ou suscitam a tomada de outra medida que ainda teremos oportunidade de verificar: a ocultação pessoal para se proteger: “Eu não fico mais em ponto sozinho. Se ficar, eu fico em algum lugar escondido para que não ocorra [outro assalto] da mesma maneira, entendeu?” (Garçom, 27 anos).

Os interlocutores também procuram evitar áreas e bairros considerados por eles como “perigosos” ou mal afamados por conta de experiências diretas e indiretas

de furtos e roubos de celulares e da cobertura estigmatizadora dos meios de comunicação: [Evito o] Centro da cidade, Comércio, Liberdade, Sete portas, Nazaré, Água de meninos, que uma vez o amigo meu foi assaltado lá... Pirajá... Os locais que está tendo mais assalto (Entregador em transportadora, 40 anos). No geral, os interlocutores procuram intensificar a restrição em locais desconhecidos, pouco frequentados e avaliados como visados por assaltantes:

Eu ando muito ali pela Avenida Sete, na Lapa, no Center Lapa... Eu evito muito estar usando [o celular] [...] Avenida Sete é o lugar onde tem mais os bandidos, aqueles bandidos que passa ali, sempre o pessoal avisa [sobre os assaltos] ali...Eu fui mesmo colocar a película nesse celular mesmo, a 3D, aí o rapaz [vendedor] falou “evite estar usando o celular aqui, porque tem uns caras aqui que são danadinhos pra roubar o celular”. (Empreendedor, 23 anos)

Observa-se a ideia que alguns interlocutores têm do seu “bairro como local seguro” ou como um espaço que passaria maior segurança: “Lá no meu bairro eu posso andar com meu celular onde eu quiser ali que no meu bairro ninguém rouba ninguém no meu bairro...” (Desempregado, 19 anos);“Utilizo no bairro, pois eu fui nascido e criado no bairro então eu sei que a probabilidade de ser assalto é mínima” (Operador de Máquinas, 35 anos). Conforme discute Focás (2021), o bairro aparece como um local seguro, sustentando pela confiança entre vizinhos e comerciantes locais e, muitas vezes, quando o crime ocorre eles são colocados como cometidos por pessoas de fora do bairro. Considera-se também a atuação dos operadores do tráfico no controle dos roubos em determinados territórios, como foi demonstrado no capítulo anterior. Por outro lado, outros interlocutores não se sentem mais seguros nem mesmo no próprio bairro ou nas proximidades de casa, inclusive tendo relatos de roubo próximos a residência: “Eu não pego um ônibus com meu celular, praticamente nem no bairro que eu moro eu ando de celular...” (Auxiliar de Produção 40 anos).

Esconde o celular aqui, esconde ali, tem umas técnicas para esconder, então a gente nunca acha que vai acontecer...Sempre acha que está guardadinho. Ali onde eu estava perto da minha residência, eu nunca imaginei que ia acontecer. A gente tende a acreditar que nosso bairro não é perigoso. (Técnica de enfermagem, 22 anos)

#### 9.2.1.2.2.3 Locais da vitimização

Algumas vítimas alteram seus trajetos visando não transitar novamente pelo local em que foram roubadas, o que está relacionado ao medo de passar por uma nova vitimização, principalmente em se tratando de locais já conhecidos pelos assaltos recorrentes, conforme foi dito anteriormente: “Eu parei de passar pelo local que eu fui assaltado. Não passo por lá mais...” (Entregador de transportadora, 40 anos); “Depois que aconteceu eu não passo mais pelo lugar que eu fui roubada na Piedade, inclusive me parece que é um lugar visado para assalto...Então, eu não passo, eu mudo todo meu itinerário...” (Psicóloga, 35 anos).

#### 9.2.1.2.2.4 Pontos de ônibus

Além das áreas visadas, os pontos de ônibus, em especial, aqueles que estão situados ao longo de grandes avenidas, são locais onde os sujeitos restringem o uso do aparelho celular e acionam aplicativos, que mostram os horários de circulação dos veículos, para diminuir o tempo de permanência e os riscos de roubos nos mesmos: “Não uso mais celular no ponto, em ônibus, guardo na mochila, deixo para usar só em casa...” (Operador de Máquinas, 23 anos). Ou então, eu “Evito usar em ponto de ônibus [...] Por medo de ser assaltado de novo... Agora com o Pix agora, né? O medo aumenta mais ainda...” (Internet, 27 anos).

Quanto ao uso dos aplicativos que mostram os horários de circulação dos ônibus, estes são usados antes das pessoas saírem de casa justamente para evitar a utilização do aparelho no ponto de ônibus.

Evito usar [o celular] na rua. No ponto de ônibus mesmo eu uso o aplicativo para olhar quando o ônibus vai passar... Só que agora eu olho antes de sair de casa para não usar no ponto, [porque] rola muito assalto, pessoas de moto chegam para assaltar outras... Evito o máximo [utilizar], para a pessoa não ver e querer me roubar naquele momento... (Técnico de Informação, 20 anos)

#### 9.2.1.2.2.5 Redução de saídas e utilização de transporte público

Os sujeitos podem chegar ao ponto de evitarem “sair de casa” ou diminuírem o número de idas à rua: “Tenho trauma de sair e levar o celular... (...) Fico mais atenta ao redor, aos lugares que eu vou, as vezes até evito sair de casa...Não vou mentir...”

(Estudante, 18 anos). Esta redução de saídas podem incluir até mesmo aquelas direcionadas ao lazer e entretenimento, como idas a bares e restaurantes.

Alguns usuários afirmaram evitar, quando possível, a utilização de transportes públicos como ônibus e metrô. As vítimas avaliam o metrô como um meio transporte que passa uma sensação maior de segurança devido à: a) poucos relatos de assaltos; b) proximidade das estações ou viagens mais curtas; c) presença de agentes e seguranças; d) dificuldade de fugas para os ladrões.

No metrô sim [se sente seguro], no ônibus não... O metrô passa uma certa segurança com os agentes. O fluxo de pessoas indo e vindo é frequente, porque as estações são próximas...Então, sempre o pessoal está entrando e saindo do trem...E no ônibus geralmente o pessoal faz viagem mais longa... (32 anos, Professor)

Tal medida que está mais direcionada aos ônibus é fruto da insegurança objetiva e subjetiva relacionada a este meio de transporte por causa do fluxo de estranhos, dos furtos e roubos praticados no interior dos mesmos e de confrontos entre assaltantes e passageiros armados.

Se eu tiver de ir em um lugar e eu puder ir a pé, eu prefiro ir a pé ou então usar o metrô, que é uma forma ainda segura ainda de se andar em Salvador... [...] O que eu puder evitar [andar] de ônibus eu estou evitando por causa dos assaltos. Você fica muito vulnerável dentro dos ônibus, não tem segurança...Entra gente demais...Tem gente que lhe aborda e você não sabe quem é...Não sabe se é um vendedor de verdade, não sabe se é uma pessoa de bem, você fica exposto...Eu acho que devia existir mais segurança, principalmente, dentro dos ônibus... (Desempregada, 52 anos)

Observa-se que os ônibus são amplamente citados como sendo espaços fechados cercados de riscos e onde se deve restringir ao máximo o uso de tais aparelhos: “Se alguém me ligar eu não atendo se eu estiver na rua ou no ônibus...”(Recepcionista, 38 anos). Os coletivos são descritos como locais sem segurança, com alta rotatividade de pessoas e onde a presença de celulares entre os passageiros é certa, sendo assim um alvo dos assaltantes:

O ônibus é um local bem arriscado para ter esse tipo de assalto, né? Porque é um local que eles [assaltantes] sabem que todo mundo tem celular, é um local que não tem segurança nenhuma, entra e sai qualquer uma pessoa...A gente não sabe quem é quem...Então, esse é o local mais fácil para eles cometerem os assaltos... (Conferente, 30 anos)

A utilização do Uber, serviço de motoristas por aplicativo, é tida por alguns como uma opção mais segura para se deslocar, principalmente para determinados locais e em determinados horários, embora seja uma alternativa que nem sempre é viável em virtude das limitações financeiras. Para uns, a utilização do Uber seria supostamente mais seguro: “Só saio com meu celular por causa do trabalho , mas quando eu vou a passeio, se eu for de UBER eu levo, se eu for de ônibus eu não levo...” (Recepcionista, 38 anos).

Sem pretender comparar os graus de exposição, informa-se que também foram identificados relatos de alvos que já estavam visados devido a utilização do aparelho em mãos para chamada de carros por aplicativo, ou seja, o uso do celular é indispensável para acompanhamento da solicitação. Nos início do ano de 2022, por exemplo, alguns relatos e imagens de câmeras de segurança foram obtidos pela pesquisadora dentro de um condomínio de classe média de Salvador. Sendo um condomínio residencial grande e com alta movimentação, os assaltos e roubos de celulares na entrada se tornaram frequentes. Moradores e visitantes que esperavam ou chegavam de Uber passaram a ser os alvos constantes, além dos motoristas. Os assaltantes costumavam chegar em carros ou motos e solicitavam apenas o aparelho móvel. Portanto, a utilização deste serviço é tida como uma opção mais segura quando comparada aos coletivos, por exemplo.

Entretanto, ela também apresenta brechas de segurança devido à necessidade de estar com o celular em mãos para efetuar e acompanhar as solicitações de motoristas. Diante disto, há usuários que pedem aos motoristas para entrarem no estacionamento: Hoje em dia eu vou chamar o Uber para ir para casa ou eu chamo lá da minha loja ou chamo da portaria e já saio próximo ao Uber já e evito bastante (Vendedor, 22 anos).

### **9.2.1.3 Restrição de uso**

A tentativa de controlar ou restringir o uso dos celulares está amplamente relacionado ao medo dos assaltos, isto é, os interlocutores procuram limitar o uso do celular em determinados locais, momentos ou contextos considerados arriscados: “Ponto de ônibus, no meio da rua, ônibus, esses lugares assim eu não uso... As vezes pego [o celular] dentro do metrô [...]Eu acho que no metrô é mais seguro, mas como tem gente que fica de olho para quando descer [do transporte], né?”

(Doméstica, 36 anos). A “rua” de modo geral é trazida como um local repleto de riscos. Desse modo, além de restringir a utilização de funções e evitar a exposição fora do espaço doméstico, os interlocutores também podem optar por não portar ou simular a falta de porte do celular em espaços públicos.

#### 9.2.1.3.1 Restrição de porte

A restrição de porte envolve estratégias como não transitar com o celular em espaços públicos ou utilizar um celular reserva. Ainda que seja uma tarefa avaliada como difícil nos dias de hoje, alguns interlocutores alegam evitar de sair com os aparelhos ou usá-los fora do espaço doméstico: “Às vezes eu evito de sair e levar o celular e quando eu saio eu tomo bastante cuidado...” (Atendente, 18 anos).

Falaram [familiares] que aconteceu, vida que segue... Mas para mim foi muito mais que isso, foi trauma e gatilhos. Assim, é muito ruim, qualquer lugar que você vai... Antes de sair de casa, eu nem levo meu celular, só quando não necessito mesmo, o trauma é muito grande. Até sonhar eu sonhei com ele [o assaltante] invadindo minha casa. (Estudante, 18 anos)

As vítimas buscam restringir o uso do celular “na rua” de maneira geral. Entretanto, esta prática se esbarra frequentemente na centralidade que os celulares assumem no cotidiano. Em diversos momentos, as vítimas precisam estar com os aparelhos para as mais variadas atividades fora do ambiente da casa e, por isso, utilizam estratégias como o uso do celular reserva ou restringem a exposição e funções dos dispositivos.

##### 9.2.1.3.1.1 Uso do celular reserva

O intitulado “celular do ladrão” ou “o celular de rua” é o aparelho utilizado na rua para ser entregue em um possível assalto, seja por ser de menor valor ou por portar os aplicativos sensíveis, enquanto o celular de maior valor ou o que guarda os dados mais valiosos é deixado em casa fora da vista dos assaltantes (protegido): “Eu tenho costume de sair com o celular velho, mas nesse dia eu não achei de jeito nenhum... É o chamado ‘celular do dono’...” (Caixa e Modelo, 28 anos), informa uma das interlocutoras que foi roubada exatamente no dia que não utilizou o celular reserva.

A utilização do celular “fuleiro” ou “velho” visa reduzir a atratividade do bem e os prejuízos. Conforme o interlocutor abaixo, o celular do ladrão é um aparelho “ruim”, sem aplicativos instalados, utilizado somente para entregar ao ladrão em caso de roubo:

O celular do ladrão não tem nada instalado [aplicativos], possui capa, película, mas anda até desligado. É só para entregar [ao ladrão] em caso de possível assalto. [A esposa], por exemplo, anda com ele [ celular do ladrão ] 24 horas... Porque esses assaltos são costumeiros em transporte público, mas se tivermos em um restaurante e pedirem, com certeza, vai entregar o [aparelho] ruim, que está na bolsa.... Todo lugar que der para levar e que tem um percentual grande de risco de assalto, a gente leva [ o celular ruim]... (Empreendedor, 30 anos)

Uma das interlocutoras alegou que costumava andar com o aparelho mais antigo na rua, entretanto, este celular começou a apresentar defeitos na bateria e a estratégia precisou ser modificada. Desta forma, ela começou a utilizar o telefone mais caro nos espaços públicos, ao passo que o outro aparelho, que ficou com seu uso restrito à casa, passou a guardar os aplicativos bancários sensíveis: “Já andei com celular fuleiro na rua. Hoje não ando mais. Ando com o bom e tenho um fuleiro em casa com as coisas do banco...O velho não tem bateria para usar na rua, agora eu uso dentro de casa...” (Bióloga, 33 anos).

Com o avanço dos aplicativos bancários e serviços de transferência como o Pix, novos golpes passaram a ser aplicados. Deste modo, novas práticas de segurança também passam a ser utilizadas visando evitar o roubo de celular seguido de extorsão por meio da invasão a conta bancárias e dados armazenados no aparelho.

Tem esses outros golpes pelo *WhatsApp*, clonagem... Golpes virtuais mesmo...[...] Eu coloquei meus aplicativos sensíveis nele [no “celular de casa”], tipo aplicativo de banco, de cartão, essas coisas...Esse aparelho só fica em casa, eu não saio com ele para nada, eu só faço minhas coisas de casa, pagamentos, Pix, etc.. Quando eu estou na rua eu não faço Pix. No meu aparelho principal que eu saio para rua, que eu faço tudo, eu não tenho esses aplicativos...[...] Eu tinha um celular em desuso , um celular aposentado, aí eu cheguei mais de um ano atrás e passei os aplicativos para ele. É um celular que não sai de casa. [...] No meu caso o que eu levo para a rua é o celular principal, é o melhor... É o meu número que todo mundo tem...[...] Se o ladrão levar ele vai levar o melhor e o que está em melhores condições... [...] Ele pode levar meu celular melhor, mas não vai levar minha vida bancária. É nesses aplicativos sensíveis que reside o maior problema. O meu maior medo hoje de levarem o celular, não é o aparelho em si, porque é coisa material, a gente toma o prejuízo e compra outro...O pior é levar o

celular com os aplicativos e você ter todo tipo de dor de cabeça... (Jornalista, 54 anos)

Conforme destaca a interlocutora acima, a preocupação está para além da perda do aparelho em si, isto é, o medo gira em torno do roubo dos dados que constam no celular e o acesso dos ofensores a sua vida bancária também. Deste modo, ela utiliza um segundo celular ou o “celular aposentado” em casa somente para acessar e fazer transações por esses aplicativos, ao passo que “melhor” é utilizado na rua, porém sem os aplicativos sensíveis. O chamado “celular do ladrão”, antes considerado um celular mais simples, adquire novos contornos ao guardar também as informações valiosas ou a vida bancária das vítimas.

Diversos interlocutores reconhecem que nem sempre as medidas são capazes de evitar o roubo, ou seja, nenhuma medida é totalmente eficaz. Muitas delas visam, na verdade, reduzir os danos decorrente dos assaltos, além de agressões ou desfechos graves, por exemplo. O interlocutor abaixo, além de buscar utilizar o celular “velho” na rua, procura guardar o aparelho na bolsa, uma vez que no assalto sofrido, o ladrão achou que ele iria sacar uma arma da cintura, quando na verdade era o aparelho para entregar. Se em alguns casos, as vítimas procuram esconder os pertences, algumas preferem ter algo para entregar de modo e de uma forma que possa diminuir a possibilidade de fins trágicos:

Uso dois celulares... Eu tenho esse que meu filho pegou e eu comprei um outro agora já...Mas o outro anda mais na mochila... Eu gosto de utilizar ele , mas eu fico com medo, uso em casa, praticamente fica guardado...Eu uso o velho, uso só o velho... [...] Eu uso este celular, comprei um fone de ouvido bem discreto que bota assim e tal, o celular esse aqui fica fácil na bolsa, por causa que na vez [em que ocorreu o roubo] estava na cintura [o celular] e ele achou que eu ia sacar uma arma... Deixo na bolsa bem fácil do lado... Já fácil... O fone eu uso aqueles discretos, porque da última vez ele puxou o que eu estava e me machucou e tal... Aí eu faço assim agora, deixo já [o celular em local fácil] para dar a ele [ao assaltante]... Tem que ficar preparado... (Auxiliar de Serviços Gerais, 31 anos)

Além disso, a manchete da matéria a seguir, por exemplo, chama atenção para tal questão ao demonstrar que os assaltantes também já possuem conhecimento da prática de entregar celulares inferiores ou quebrados: “Ônibus são alvos de assaltantes em Salvador e rodoviário cita ameaça: 'Não querem celular quebrado ou vão dar tiro'” (Ônibus..., 2021), o que pode gerar punições por parte dos ladrões.

### 9.2.1.3.2 Restrição de exposição

A restrição de uso do aparelho também está amplamente relacionada à prática de reduzir a exposição do aparelho e de torná-lo menos visível para os assaltantes. Evitar a exposição do celular em vias públicas, pontos de ônibus, ônibus e festas aparecem como medidas largamente citadas:

Hoje eu tomo mais cuidado em certos lugares, eu evito estar usando o celular em meio de rua, para não está se expondo muito meu aparelho, entendeu? Às vezes, quando estou na rua, eu prefiro entrar em uma loja para falar com cliente, com a pessoa...Evito bastante expor o aparelho nas festas... (Vendedor, 22 anos)

Não gosto de atender ligação [na rua], eu deixo no silencioso, só boto para vibrar em casa e no trabalho. Justamente para evitar [roubos]... Quando [o aparelho] está mais visível pode chamar mais atenção, acaba sendo mais atrativo e aí pode ocasionar outro roubo. Evito usar em determinados locais, como na rua, no ônibus... (Técnica de enfermagem, 22 anos)

Os interlocutores partem da premissa de “quem não é visto, não é lembrado” e procuram de diversas maneiras retirar os seus aparelhos das vistas dos assaltantes, seja através da restrição do uso ou da não exposição: “Eu não atendo, não exponho meu celular na rua e nem no ponto de ônibus de jeito de nenhum. É questão de segurança... Eles [assaltantes] ficam observando quem está com aparelho na mão para poder dar voz de assalto” (Recepcionista, 38 anos).

#### 9.2.1.3.2.1 Simulação da falta de porte

Devido centralidade dos aparelhos celulares no cotidiano das pessoas, é uma tarefa difícil sair sem os mesmos e, por isso, algumas vítimas acabam focando em medidas que envolvem a simulação da falta de porte do aparelho a ocultação do bem, conforme se observa no relato a seguir:

Esconde o celular aqui, esconde ali, tem umas técnicas para esconder [...] Eu evito sair com o celular, essa é a verdade. Mas tem vezes que não tem como, né? Então, eu sempre coloco bem escondido na mochila ou então na calça, no short, na blusa também, na parte lateral do sutiã... São uns meios que a gente vai achando para esconder o celular. Nunca [ando] com ele na mão e não uso no ônibus. (Técnica de enfermagem, 22 anos)

Os alvos procuram esconder o aparelho em diversos locais e das mais variadas formas, como: a) bolsas, bolsos, mochilas ou sacolas; b) embaixo de outros objetos que estão nas bolsas ou enrolado em panos; c) dentro de roupas, até mesmo íntimas como calcinha e sutiã. “Eu desligo ele, coloco na roupa, debaixo do meu sutiã, boto na calça, evito estar com roupas apertadas, sempre com roupas folgadas, porque não tem como o ladrão visualizar que você está com o celular...” (Desempregada, 52 anos), afirma a vítima.

Quando acontece de sair com ele [ o celular ], quando acontece de ir trabalhar, geralmente eu levo a mochila, na minha bolsa, no caso, geralmente vou com uma sacola cheio de pano dentro e com o celular dentro... Quando eu coloco dentro da bolsa eu enrolo [ o celular ] dentro de uma toalha e boto debaixo da minha marmita. Minha marmita fica em cima e meu celular fica embaixo... Não pode dar mole, se não a gente acaba perdendo uma coisa que a gente lutou tanto para ter e perde em um piscar de olho... (Auxiliar de Produção 40 anos)

Outro item citado é a doleira, acessório utilizado por baixo da roupa e que serve para guardar objetos como carteira e celular. A doleira é uma espécie de compartimento secreto. Algumas vítimas utilizam outras bolsas ou pochetes a mostra para enganar os ladrões. A utilização das doleiras é amplamente indicada em festas de rua, como o Carnaval, para evitar furtos.

Eu estava grávida de dois meses e estava indo trabalhar, indo dar aula, era seis e meia da manhã, subindo aqui na rua (Boca do Rio), o cara passou na moto e pediu meu celular. Só que eu estava com a mochila com meu material de trabalho, que era relógio, escadinha, chapéu chinês... Aí ele me perguntou "o celular está aqui?". Eu disse que sim. Mentira, né? O celular não estava, o celular eu coloco dentro da doleira. Agora meu filho foi assaltado o semestre passado em frente à escola dele, a FBE da Paralela, em frente à barraca de lanche. No intervalo ele saiu para comprar lanche e o cara parou na moto, dois caras, colocaram a arma e levaram o celular de todo mundo que estava comprando lanche. Fizeram o arrastão e foram embora. Na barraca tem câmera, na rua tem câmera... A escola não se responsabilizou, as mães foram na delegacia, teve mãe que chamou a Record, mas não deu em nada. Volta e meia na rua da FBE, aquela que vai para o metrô do Imbui, tem muito assalto e não dá em nada! Os estudantes sabem que não podem ficar com o celular ali, pois se ficar eles param e levam. Não ando com bolsa e nada que chame atenção. (Empreendedora, 40 anos)

Além de ocultar o bem, as vítimas também procuram evitar adereços e acessórios chamativos ou caros, dando preferência àqueles em que não fique muito visível a presença do celular: Eu evito bolsas chamativas, bolsos, geralmente utilizo

uma sacola mais inferior em tom neutro ou na cor preta que não dê muito para ver que esteja um telefone dentro. [...] Sempre tentando driblar, mas é foda... (Técnica de Enfermagem, 25 anos)

Nota-se que as práticas de segurança e o controle da utilização dos celulares acabam encontrando obstáculos tendo em vista a necessidade constante do uso de tais aparelhos no cotidiano: “[...]eu carrego o celular, porque eu não posso deixar de carregar, mas eu carrego com medo...” (Diarista, 40 anos). “Celular é fundamental nas nossas vidas...É ligação para as coisas, pros filhos... Querendo ou não a gente tem que usar de alguma forma, mas eu agora depois de ter passado por essa situação eu fico mais alerta...” (Operador de Máquinas, 23 anos), alega os interlocutores. Os alvos encontram brechas para pegar o aparelho em momentos ou locais supostamente seguros ou ainda verificam o celular rapidamente e o oculta novamente. Os relatos abaixo deixam nítido estas e outras estratégias adotadas pelas interlocutoras, incluindo a ocultação do bem em peças íntimas, como sutiã e calcinha.

Quando eu saio eu tomo bastante cuidado, boto aqui entre o sutiã ou na calcinha... Evito deixar dele tocando, boto no silencioso, não atendo chamadas na rua. Só uso no cantinho que dê para mexer no celular, mas na maioria das vezes eu deixo guardado. (Atendente, 18 anos)

Na verdade, pelo fato de a gente estar viciado [em celular], mesmo não assumindo isso, a gente acaba utilizando em todos os locais...Mas, geralmente quando a gente utiliza em um local que está um pouco deserto, a nossa tensão e o nosso medo são maiores...Então, a gente já pega o celular rápido só para ver uma mensagem e já guarda rapidamente...Não fica muito tempo esbanjando o celular...Tem aquela prudência entre aspas... (Auxiliar em Farmácia, 24 anos)

Outro ponto a ser levado em consideração no que diz respeito à eficácia dos procedimentos de segurança é o fato de que os criminosos também já possuem conhecimento de tais medidas e procuram se atualizar ou driblar as mesmas: “Eu e minha amiga estávamos com o celular na cintura, mas celular na cintura hoje em dia os bandidos já sabem que os moradores escondem, eles já vão revistando como se fosse polícia” (Caixa e Atendente, 18 anos). Portanto, deve-se considerar os limites e possibilidades das práticas de segurança adotadas pelas vítimas. As medidas de segurança citadas no interior dos ônibus incluem medidas que já vem sendo trabalhadas no decorrer do capítulo, como: restrição de uso e exposição, ocultação do aparelho em vestimentas, bolsas ou mochilas. Além disso, o relato abaixo

também mostra que os criminosos já estão cientes da prática de se sentar em cima dos aparelhos, visando esconder o bem, em assaltos à coletivos:

Ele [o assaltante] começou a tocar o terror. Começou a dizer “passa tudo, quem tiver celular passa e não esconda, eu vou olhar tudo, se alguém tiver sentado em cima de celular eu vou estourar os miolos” [...] A gente não podia levantar a cabeça e olhar para eles. Estava todo mundo de cabeça abaixada...[...] Eu ali quieta, parada, nem me movia... (Diarista, 44 anos)

#### 9.2.1.3.2.2 Exposição visual e sonora

O interlocutor abaixo, que trabalha como mototáxi por aplicativo, cita uma série de práticas de segurança utilizadas, inclusive levando em conta sua profissão. Ter a rota das viagens com os passageiros já “na cabeça” ou memorizada é exemplo de uma alternativa para não expor o celular na moto e, por tanto, não chamar atenção de possíveis assaltantes: “Quem já conhece as rotas todas não deixa o celular no guidom da moto, já tem a rota na cabeça... O ladrão vai levar o que está vendo, o outro que não viu ele não levou... Não revistou e não perguntou nada...” (Mototáxi, 25 anos).

Além de não deixar o aparelho em locais visíveis, não atender ligações ou verificar mensagens, as estratégias de deixar o aparelho desligado e no silencioso também foram citadas. Deste modo, além da exposição visual, evita-se a exposição sonora ou auditiva: “Costumo deixar de usar em determinados locais. Inclusive, eu deixo ele no vibrador quando tem que tocar em determinados locais, entendeu? [...] Eu não ando em meio de rua conversando no celular (Operador de máquinas, 35 anos)”.

#### 9.2.1.2.3.3 Os fones de ouvido

Interessante notar também que o fone de ouvido é colocado tanto como um item que chama a atenção dos assaltantes, como um fator capaz de deixar as vítimas mais distraídas e alheias ao que acontece ao redor:

Como eu estava com fone no ouvido, eu estava ouvindo música, eu não percebi quando ele chegou, eu achei que ele [assaltante] queria informação... Na hora ele falou “não escutou não foi?”. Tentei tirar o fone do ouvido, tentei colocar o fone dentro da camisa, mas não deu tempo, aí eu peguei entreguei, tirei o celular da mochila e entreguei a ele. (Empreendedor, 23 anos)

Além disso, o fone aparece como uma espécie de comprovação de que existe um celular disponível ali: “Evito o máximo, só que dessa vez [que ocorreu o roubo] eu vim escutando música...Já é de costume toda manhã estar com o fone no ouvido e o celular na mochila...” (Empreendedor, 23 anos). Portanto, não deixar os fones a mostra aparece como um dos cuidados utilizados pelos interlocutores:

Eu evito estar com fone de ouvido no ônibus, pois eles ficam ligados nisso, né? Se você está com fone de ouvido é porque você está com algum celular...Eu pego o celular e desligo, boto em modo avião e meto dentro da sacola junto com a farda, enrolo na farda, para não tocar...No trajeto eu não tenho contato com ninguém. Deixo [o celular] dentro da sacola, junto da farda, enrolado na farda... (Operador de Máquinas, 35 anos)

Conforme já foi dito, além das práticas de segurança se esbarrarem na necessidade do uso constante do aparelho para atividades fundamentais da vida cotidiana, algumas vítimas acreditam que a alteração de hábitos não irá impedir os assaltos e o fato de não entregar o celular pode gerar consequências desastrosas:

Minha rotina é sempre a mesma. Vou para shopping, eu vou de bicicleta e coloco o celular para cintura. Vou para o trabalho e volto para casa. Não mudei minha rotina. Hoje em dia não tem mais por que esconder celular... Um rapaz que me ajudou falou “a melhor coisa que faz é entregar”. Se não entregasse ele poderia me dar uma facada ou fazer alguma coisa, não tem isso de esconder... Só mudei meu dinheiro da conta... (Caixa e Modelo, 28 anos)

### **9.2.1.3.3 Restrição de funções**

Os interlocutores alegam ainda restringirem as funções dos celulares, principalmente, quanto estão em espaços e transportes públicos. Esta restrição envolve, muitas vezes, funções básicas do aparelho, como chamadas de áudio: “Na rua eu não tiro meu celular para olhar nada! Se alguém me ligar, eu não atendo se eu estiver na rua ou no ônibus...” (Recepcionista, 38 anos). Em outras situações, a restrição chega a ser total e o celular é desligado: “Depois que ocorreu o assalto costumo utilizar [o celular] mais em casa...No intervalo do trabalho e na rua eu desligo... ( Serviço de Internet, 27 anos).

As medidas empregadas acabam por restringir funções centrais dos celulares, impedindo os usuários de usufruírem dos recursos de comunicação e mobilidade proporcionados por estes aparelhos: “Hoje em dia me vejo com muito medo [...] até meus parentes falam que as vezes tentam ligar para mim e [quando] eu estou na rua, eles não conseguem” (Auxiliar de Produção, 40 anos).

Esta prática também se esbarra frequentemente na centralidade que os celulares assumem no cotidiano. Em diversos momentos, as vítimas precisam checar mensagens ou pegar o celular fora do ambiente da casa. Para isto, procuram locais supostamente seguros ou empregam medidas como segurar o celular de maneira firme com as duas mãos, conforme alega a interlocutora a seguir: “Evitar pegar o celular na rua...Quando pegar na rua, segurar com as duas mãos...” (Bióloga, 33 anos).

A restrição de funções também abarca os aplicativos sensíveis, ou seja, as vítimas utilizam uma série de procedimentos para limitar as funcionalidades dos aplicativos bancários fora do espaço da casa. As ações envolvem os limites de transações bancárias, PIX e pagamentos, além do gerenciamento de perfis. Os perfis no “modo rua”, por exemplo, visam exatamente restringir funcionalidades que podem facilitar os golpes e extorsões caso o celular seja furtado ou roubado.

#### **9.2.1.4 Evitação de suspeitos**

Os interlocutores executam uma espécie de triagem (Paes-Machado; Nascimento, 2014) que visa afastar os indivíduos ou grupos tidos como perigosos ou suspeitos. A filtragem ou evitação de suspeito parte da percepção visual e de estereótipos, porém, deixam escapar as ameaças e os perigos que não se enquadram nestes perfis (Paes-Machado; Nascimento, 2012). Tal situação foi tratada, inclusive, nos capítulos anteriores ao identificar que alguns criminosos procuram encenar comportamentos normais, utilizar vestimentas de empresas, dentre outras estratégias, para evitar levantar suspeitas imediatas.

Eu abri minha bolsa e dei [o celular para o assaltante]... Foi questão de minutos, eles [assaltantes] são estrategistas... E não foram pessoas negras, pessoas pretas, malvestidas...Foram homens brancos, esse mesmo que deu a voz de assalto era branco, alto, cabelo grisalho, tudo direitinho... [...]

Qualquer pessoas que já entra no ônibus... Eu já penso que é ladrão, vou descer... Eles não tinha biotipo... O que deu voz de assalto estava com a mão na tipoia, ele tinha algum um problema na mão, alto, forte e gordo, era uma pessoa normal... (Cuidadora, 36 anos)

As vítimas buscam o afastamento de perfis que consideram suspeitos, muitas vezes motivadas pelos traumas ou experiências anteriores (Paes-Machado; Nascimento, 2014). A triagem de perfis considerados suspeitos parte de estereótipos sociais, traços físicos, posturas corporais, roupas, dentre outros (Paes-Machado; Nascimento, 2014). O interlocutor a seguir, por exemplo, afirma ter se tornado “preconceituoso”, expressão utilizada pelo próprio:

Mas eu acabei ficando preconceituoso, quando via uma aparência assim eu já escondia, já saía de perto...Na rua e no coletivo...No coletivo, quando abre a porta do fundo que entrava aqueles caras vendendo, fazendo zuada, eu já pensava que era assalto, aquele frio na barriga, já largava o celular, quando ia ver e não era [assaltante]...E a pessoa sentia e dizia “calma gente eu não vou roubar não”... Eu até já pedi desculpa e expliquei que já passei por isso...Parece um preconceito, mas não é... (Auxiliar de Serviços Gerais, 31 anos)

Os alvos falam de uma atenção reforçada direcionada à movimentação ao redor, inclusive em locais mais isolados. No termo utilizado pelo interlocutor a seguir, ele é “cismadão”: “Se eu qualquer movimento errado eu volto no mesmo caminho...Quem me conhece sabe que eu sou cismadão mesmo...” (Desempregado, 19 anos). Devido aos inúmeros assaltos realizados em duplas e com a utilização de motocicletas, os interlocutores falam também sobre o estado de vigilância ao se depararem com homens em motos nas vias públicas: “Afetou [a rotina]. Antigamente eu não andava preocupada na rua com qualquer pessoa que passava, hoje em dia eu ando assustada com as pessoas que passam de moto” (Manicure, 22 anos).

#### **9.2.1.5 Ocultação pessoal**

Além de serem empregadas dentro dos transportes coletivos, diversas práticas de segurança são adotadas também nos pontos de ônibus e vão desde os deslocamentos em grupo, a evitação de pontos isolados à ocultação pessoal ou esconderijos e utilização de aplicativos de horários. Algumas vítimas evitam esperar os ônibus diretamente no ponto, ficando em locais privados ou atrás de prédios, só

se dirigindo ao ponto quando o ônibus se aproxima: “A gente começou a adotar medidas diferentes. Se esconder atrás de prédios, atrás dos prédios, só ir para o ponto mesmo quando o ônibus já estava perto de vim, aí que a gente ia para o ponto, ficar sempre atento...” (Diarista, 44 anos), afirma a vítima. A interlocutora abaixo informou esperar o transporte na porta de um hospital, onde tem seguranças:

Gerei um trauma em ficar no ponto de ônibus. Agora mesmo quando eu vou pegar o ônibus, eu fico na porta do hospital com alguns seguranças. A maioria das pessoas ficam lá, não vamos mais para o ponto por conta dessa insegurança mesmo... (Técnica de Enfermagem, 23 anos)

Além disso, os interlocutores afirmam utilizar aplicativos que mostram o horário de passagem do transporte coletivo para só então se dirigirem ao ponto: “Tipo assim se não tiver ninguém eu vou ficar em um ponto olhando no celular o horário que o ônibus passa, hoje em dia tem esses aplicativos, vou dois minutos antes que o ônibus passe para puder esperar o ônibus e sair” (Garçom, 27 anos).

Evitava o máximo utilizar o aparelho em ponto de ônibus, em praça pública... [...] Eu fico mais distante do ponto de ônibus.... Fico um pouco distante, aí quando vejo o ônibus chegar eu me aproximo... Eu evito mais ficar no ponto de ônibus... (Marketing, 23 anos)

Por um lado, as novas tecnologias e aplicativos podem auxiliar e facilitar a vida dos usuários dos ônibus, por outro, o fato de ter que estar com o aparelho celular para checar os horários de passagem dos veículos também pode gerar uma exposição:

Eu tinha acabado de guardar [o celular], porque eu entrei só para olhar o aplicativo do ônibus, que horas iria passar, quando eu acabei de guardar não demorou muito, eles [os assaltantes] chegaram...Eu estava saindo do trabalho e fui para o ponto, né? Para pegar o ônibus, estava esperando o ônibus... (Técnica de Enfermagem, 23 anos)

### **9.2.2 Práticas coletivas**

As práticas coletivas de segurança envolvem redes e são compostas por diversos participantes, incluindo amigos, familiares (Paes-Machado; Nascimento, 2014). Nesta seção serão apresentadas as seguintes medidas coletivas identificadas entre os interlocutores do presente estudo: a) deslocamento em grupo b) ajuda mútua c) comunicação eletrônica; d) outros procedimentos de segurança.

### 9.2.2.1 Deslocamento em grupo

Uma prática de segurança coletiva citada é o deslocamento em grupo, principalmente ao transitar locais descritos como isolados ou visados: “Eu evito muito andar sozinho na rua... Não ando cem metros se eu ver que está vazio...” (Desempregado, 19 anos). O interlocutor abaixo que costuma transitar em grupo de amigos homens, informa que foi assaltado exatamente no dia em que se deslocou sozinho em uma localidade pouco movimentada. Para ele, o fato de estar acompanhado de amigos homens, como ocorre normalmente, intimida os assaltantes:

Porque os caras [assaltantes] têm medo, né? Se eu viesse como venho [acompanhado]...Até hoje eu jogo esse baba [futebol] com meus amigos...A gente vem de galera, vem de dez homens, quinze homens, tudo resenhando, conversando... Então jamais eles [assaltantes] iam para cima... Ele ia se sentir até ameaçado... Inibe, inibe...Eles são tudo puta...Viu eu sozinho...Aí eu fico totalmente vulnerável. Essa rua é deserta... (Consignado, 26 anos)

Deste modo, a vítima anterior alega que procura se deslocar de “galera”, principalmente após o episódio de vitimização: “Eu não venho mais sozinho [para o jogo de futebol], se eu for, eu vou com a galera ou então eu vou de moto ou de carro, mas para ir andando e voltar andando, eu não vou mais...” (Consignado, 26 anos).

Além dos trajetos isolados e deslocamentos para paradas de ônibus, estes pontos também são citados como locais para se permanecer em grupos. A vítima a seguir informa que busca estar próxima de outras pessoas como uma forma de inibir os riscos de assaltos:

Gerei um trauma em ficar no ponto de ônibus [...] Eu acho que com outras pessoas inibe mais, né? Principalmente [por ser] mulher, né? Eles [assaltantes] têm esse alvo maior com mulheres, porque não costuma reagir a assalto...Se ele tiver sem arma não ia chegar perto porque tinha homens ali...[...] Mas ainda assim só são meios que a gente usa para tentar se proteger pelo menos um pouco... (Técnica de Enfermagem, 23 anos)

Outra interlocutora afirmou que solicita a companhia também de amigos homens para ir ao ponto de ônibus, ainda que afirme não se sentir totalmente segura da mesma forma:

Agora eu peço para meus amigos descerem para o ponto comigo, pois descia eu e mais duas amigas... Vou pedir pelo menos para [nomes dos amigos] acompanhem a gente, os meninos fazem academia do lado do trabalho [...] Agora os meninos ficam no ponto comigo, mas eu não me sinto segura do mesmo jeito... (Caixa e Atendente, 18 anos)

Deste modo, deve-se relativizar a eficácia dos deslocamentos em grupo no que se refere, principalmente, aos ataques de assaltantes armados e também quando estes visam assaltos a grupos maiores.

### 9.2.2.2 Ajuda mútua

A ajuda mútua engloba cuidados consigo e com os outros e se manifesta de formas diversas, indo desde o aviso e o alarme de que se trata de um assalto, acompanhamento e caronas, até o apoio em lutas corporais contra assaltantes. Através das práticas quotidianas de segurança, os cidadãos se organizam e promovem segurança tanto para si como para outros (Crawford, Hutchinson, 2016). No relato abaixo, a interlocutora afirma que, após o episódio do roubo, conta com o apoio e as caronas do pai no deslocamento para escola, contexto em que ela foi vitimizada:

Depois do ocorrido, eu descia [ia para a escola] com meu pai, meu pai tinha que me levar... Uma pessoa que desde quinta série vai para escola sozinha, pegava dois ônibus, depois de estar maior de idade, agora não tem coragem de descer para a escola sozinha, pois está à mercê da insegurança... (Caixa e Atendente, 18 anos)

As práticas coletivas envolvem, principalmente, redes de participantes conhecidos, tais como pessoas próximas e familiares. Entretanto, identificou-se alguns relatos de ajuda mútua entre desconhecidos que se encontram no mesmo contexto que antecede o possível roubo. Por exemplo, a vítima a seguir procurou alarmar e informar aos presentes, incluindo pessoas desconhecidas e amigas, que se tratava de um assalto, o que resultaria em uma fuga coletiva, como será mostrado a seguir: “O cara mais na frente também estava distraído, ele estava mexendo no celular, quando o cara [assaltante] virou a arma nas costas dele e disse “é um assalto”, eu comecei a correr e a gritar ‘corre todo mundo que é um assalto’” [...] (Caixa e Atendente, 18 anos)

### 9.2.2.3 Comunicação eletrônica

As experiências quotidianas são amplamente afetadas pelas novas tecnologias dos espaços virtuais, tais como as redes sociais. Deste modo, o alcance de tais redes é capaz de modificar as relações no tempo e espaço; gerar novos sentimento de insegurança e medos; além de recriar novas práticas e técnicas de segurança (Crawford, Hutchinson, 2016).

Identificou-se relatos de vítimas que acionam a comunicação através de grupos de *WhatsApp* para trocar informações relacionadas à segurança. O interlocutor a seguir chama atenção para a existência de um grupo geral do bairro onde reside, que trata de diversos assuntos relacionados à comunidade, incluindo às ocorrências de roubos, e outros mais específicos, como é o caso daqueles voltados para empreendedores ou comerciantes locais. Através desta rede, os participantes trocam informações sobre episódios violentos, assaltos e emitem alertas para os demais:

Tem um grupo geral do bairro, mas também existem outros vários. Só que tem uma questão: o [grupo] de bairro que participo, dos empreendedores, sempre tem trocas de informações sobre violência, assaltos, roubos, para alertar outras pessoas, comerciantes e moradores [...] A ajuda é em prol disso. Dizer “não vá em tal lugar, acabaram de assaltar, não peguem tal caminho, ônibus...” São vinte e quatro horas com alertas. (Empreendedor, 30 anos)

O interlocutor abaixo, que trabalha como mototáxi por aplicativo, cita uma série de práticas de segurança utilizadas, inclusive levando em conta sua profissão. Nota-se a utilização de grupos em redes sociais para troca de informações e conhecimento, que são passados, inclusive, por membros mais antigos das plataformas. Os repasses nos grupos envolvem informações relacionadas, dentre outras coisas, a comunicação de bairros e horários tidos como perigosos.

Tem os grupos de entregadores de aplicativo. Quem já foi assaltado, comunica [aos demais colegas] os bairros em que estão tendo assalto, para evitar entrar [nessas localidades] nos horários que estão tendo assaltos ou até nem entrar... Sobre estar andando com o celular, a plataforma não dá nenhuma orientação, só orienta como tratar o cliente... Porém, nós procuramos saber com nossos colegas, que são mais velhos na plataforma, como devemos agir... (Mototáxi, 25 anos)

#### 9.2.2.4 Outros procedimentos de segurança

A mobilização é influenciada por laços de reciprocidade e pode incluir, dentre outras práticas, o apoio em conflitos interpessoais e à prestação de socorro aos outros alvos (Paes-Machado; Nascimento, 2012). No episódio abaixo, duas pessoas ajudaram a vítima que foi assaltada: um rapaz acionou a polícia e outro deu uma carona para a vítima que foi roubada:

Depois que eu fui assaltado eu dei um sinal com o olhar para um rapaz que estava vindo de carro. Então, esse rapaz viu que eu estava sendo assaltado e seguiu, foi tanto que ele avisou a polícia, esse mesmo rapaz me encontrou no posto de gasolina que eu pedi ajuda, outro rapaz que passou me deu uma ajuda e me levou para o posto de gasolina, o rapaz falou que o assaltante estava com um comparsa de carro, um Onix... (Mototáxi, 25 anos)

O ataque dos assaltantes e as percepções de segurança motivam os alvos a se apoiarem mutuamente e agirem, em algumas ocasiões, de forma agressiva (Paes-Machado; Nascimento, 2012). A luta corporal contra os ladrões, por exemplo, é uma medida de defesa extrema. Conforme destaca Sanders (2005), a proteção corretiva ou a utilização da violência física é o estágio final na gestão dos riscos. O seu emprego pode ser motivado por reações emocionais (Paes-Machado; Nascimento, 2012) e também nas situações em que os assaltantes aparentam estar desarmados. A interlocutora a seguir, que já possui histórico de agressões contra assaltantes, alega que procura reagir ou “dar porrada” nas situações em que estes não exibem armas:

Ninguém [assaltante] venha se botar para cima de mim não , porque se brincar eu dou porrada, se eu ver que tem espaço para dar porrada eu dou, eu não dou se eu ver que tem um cara com a arma apontada para minha cabeça, que eu não sou maluca... (Jornalista, 54 anos).

Ainda sobre o episódio ocorrido com a interlocutora acima, a mobilização partiu de um espectador desconhecido e resultou na recuperação do celular da vítima:

Tinha muita gente ao redor, eu saí correndo atrás [do assaltante], era um magrelo cabeludo, não era uma pessoa robusta não, era um magrelo, alto, cabeludo, eu dei um pontapé na boca do estômago dele e disse que era ladrão. Ele disse que não era ladrão não...Um senhor mais velho e careca

puxou o celular e tascou um soco nele...Me deu o celular e eu saí feliz da vida... (Jornalista, 54 anos)

Na situação a seguir, a luta corporal ocorreu entre o assaltante e as vítimas. Estas integravam a mesma família. Deve-se considerar a importância dos laços sociais na segurança dos indivíduos e grupos: “Ele deu um murro na cara dela [da mãe], ela caiu no chão, ele foi em cima dela e continuou dando murros... Minha irmã se desesperou, mandou ele parar e puxou ele pelo braço” (Designer, 27 anos).

As práticas de segurança coletivas envolvem mobilização, sendo exatamente aí onde fica mais nítida a ativação e aplicação da governança da segurança entre os cidadãos (Paes-Machado; Nascimento, 2014).

Diante do que foi exposto, observa-se que, sob essa perspectiva, os sujeitos acionam diferentes medidas visando dificultar os roubos, reduzir danos, evitar agressões ou desfechos desastrosos, assim como diminuir as chances de também serem vítimas de extorsões ou subtrações de dados após a perda do aparelho. Aqui, a eficácia das técnicas de gerenciamento de risco encontra obstáculos que envolvem a centralidade do celular na vida cotidiana e seu uso quase que indispensável, questões socioeconômicas e fatores que aumentam a exposição, como nos casos dos usuários de transportes coletivos, tanto dentro dos ônibus, como nos espaços de espera e deslocamentos. Além disso, observa-se que os assaltantes buscam se atualizar e driblar tais estratégias, seja a partir de ameaças que deixam nítido que as conhecem ou por meio da intensificação da violência. Isto faz com que muitas vítimas também prefiram ter “algo para entregar” aos assaltantes do que sofrer punições por parte destes.

## 10 CONCLUSÕES

Neste estudo sobre vitimização por roubos de celulares em Salvador, Bahia, observou-se que, ao facilitar diversas atividades e as interações cotidianas, tais aparelhos se tornam essenciais na vida dos interlocutores. O aparelho móvel favorece a resolução de diversas tarefas e problemas do cotidiano de maneira prática, rápida e evitando deslocamentos físicos. Convergência e mobilidade são características centrais destes dispositivos (Ribeiro; Leite; Souza, 2009), ou seja, os celulares, cada vez mais modernos, abarcam uma série de funções que acabam por reduzir ou dispensar a necessidade de dispositivos separados (Thompson, 2017). A expressão “tudo eu faço pelo celular”, utilizada pelos interlocutores, adquiriu um peso ainda maior no período pandêmico, sobretudo, nos contextos de isolamento. Em tempos de quarentena, o celular apareceu, não apenas como uma das principais fontes de interação social, entretenimento e distração, mas como uma fonte de renda e uma ferramenta essencial para a realização de tarefas diversas pelo modo remoto (Gonçalvez, 2020; Ribeiro, 2020; Pereira; Fortuna; Da Silva, 2021). A centralidade que os aparelhos móveis assumem na vida de seus usuários acaba por dificultar o controle ou uma diminuição mais eficaz do uso de tais dispositivos.

Entendido como um *hot product* (Clarke, 1999), observou-se que o celular é o alvo preferencial nos roubos de rua e transportes coletivos. Não à toa, a expressão “passa o celular” foi a mais utilizada pelos assaltantes ao abordar os alvos. Além de serem utilizados como moeda de troca, os celulares podem ser facilmente convertidos em dinheiro no mercado ilícito, seja com a venda direta do aparelho, de suas peças e, mais atualmente, através dos roubos seguidos de extorsão por meio dos aplicativos sensíveis. Em outros termos, com a introdução das transações bancárias feitas por aplicativos de celulares como o Pix, que foram intensificadas também no período pandêmico, identificou-se que os celulares passaram a ser usados pelos criminosos para a realização de novos golpes virtuais. Deste modo, o roubo de celular pode produzir oportunidades para outros tipos de crimes (Felson; Clarke, 1998).

Neste estudo, análise das interações coercitivas envolvidas nos roubos de celulares partiu de quatro situações: 1) vítimas sozinhas em locais pouco frequentados; 2) vítimas sozinhas em locais frequentados; 3) vítimas

acompanhadas em locais pouco frequentados; 4) vítimas acompanhadas em locais frequentados. Para análise destas interações, tomou-se como referência o modelo proposto por Luckenbill (1981), que considera quatro estágios do roubo: o estabelecimento da co-presença; a coorientação e o enquadramento comum do roubo; a transferência de bens e a fuga do ofensor. No que tange às semelhanças encontradas, observou-se que os roubos se apresentam como interações coercitivas rápidas, porém capazes de provocar medo intenso e grande preocupação com o seu desfecho. Os assaltos foram cometidos, na sua maioria, por homens, aparentemente jovens, que chegaram a pé, em bicicletas, carros ou em motocicletas, com predomínio das últimas. A utilização das motos por parte dos assaltantes é central nos encontros forçados para abordar os alvos, viabilizar as fugas, reduzir o risco de apreensão e conceder uma maior proteção contra possíveis reações ou linchamentos. Os assaltos foram realizados, na grande maioria, em vias públicas e pontos de ônibus, no curso das atividades de rotina das pessoas (Monk; Heinonen; Eck, 2010). Os considerados “horários de pico”, caracterizado pelo aumento do fluxo de pessoas indo ou voltando de atividades profissionais, são períodos já visados pelos criminosos. Identificou-se ainda o aumento do nível de exposição daqueles que utilizam o transporte público, estando expostos não somente dentro dos coletivos, mas em pontos de ônibus e também nos trajetos.

O compartilhamento da definição de situação de roubo se deu mediante a exibição aberta ou velada de armas de fogo ou brancas, com predomínio das primeiras, além da utilização de violência psicológica contra os assaltados. A manipulação do medo através de ameaças e armas de fogo possui relação direta com a cooperação da vítima e a realização da transferência dos bens (Jacobs, 2013; Walsh, s/d). O nervosismo dos assaltantes ou sinais de transtorno apresentados por estes foram apontados como fatores que intensificam o temor dos alvos e a preocupação com o desfecho da interação. Neste sentido, a produção do medo pode surgir como um efeito involuntário e não antecipado pelo próprio assaltante. A etapa da transferência dos bens ou do roubo especificamente marca a perda ou a passagens dos bens “obtidos com tanto suor e trabalho” para a mão de outrem. A necessidade de realizar a entrega, muitas vezes, visa garantir a própria integridade física. Se em alguns casos, as vítimas procuram esconder os pertences, algumas preferem ter algo para entregar de modo e de uma forma que

possa diminuir a possibilidade de fins trágicos. Embora, em muitas das situações, os alvos acabem transferindo os bens para os assaltantes de maneira rápida, foram identificadas diversas formas de resistência não forçadas e forçadas por parte das vítimas. A não cooperação em primeira instância por parte das vítimas possui relação direta com a intensificação da violência ou a passagem das agressões verbais para as físicas por parte dos assaltantes (Monk; Heinonen; Eck, 2010; Walsh, sd).

Com relação aos aspectos particulares das situações identificadas, observou-se que os espaços públicos pouco frequentados por pessoas, sobretudo, quando as vítimas estão sozinhas, dificultam as reações ou pedidos de ajuda por parte dos alvos, favorecem a fuga dos ladrões e intensificam o medo das vítimas, principalmente as do gênero feminino quanto a sofrer também ataques sexuais. Além da ameaça com a arma de fogo, o fato de os alvos estarem sozinhos aumenta a vulnerabilidade e facilita a cessão ou entrega dos bens exigidos.

Identificou-se que espectadores e acompanhantes podem ter papel ativo, ou seja, estes podem ser observadores ou testemunhas do roubo e, em algumas situações, também se tornam alvos ou participam ativamente do encontro forçado. Deste modo, ao lado dos assaltos a grupos de desconhecidos, há os roubos a grupos menores de conhecidos e parentes. Os acompanhantes são conhecidos, com todas as implicações que isto tem em termos de afetividade, lealdade e compromisso. Estes roubos enfatizam a influência dos vínculos afetivos na proteção dos acompanhantes ou demais integrantes do grupo roubado. Os interlocutores externaram a preocupação com os amigos e familiares, além de tomarem atitudes como: evitar reações, proteger, advertir e aconselhar os mesmos. Ressalta-se que, no geral, os acompanhantes também tiveram seus bens roubados, com exceção daqueles que correram ou eram crianças. Já o grupo dos espectadores é formado por desconhecidos com os quais os interlocutores não têm laços, sendo desconhecidos ou estranhos. A presença de espectadores também pode influenciar a situação, seja: convencendo a vítima a entregar logo o bem ou dificultando o roubo; reagindo e irritando os infratores, o que é capaz de intensificar o medo e preocupações das vítimas com o desfecho; através de reações, ajudas direcionadas às vítimas; perseguição aos assaltantes; e até disparos por armas de fogo. Portanto, o desenrolar dos encontros forçados e o desfecho dos mesmos dependem da participação mútua de vítimas e agressores (Luckenbill, 1981), e, em

determinados casos, são influenciados também pela participação de espectadores e acompanhantes, que podem assumir um papel ativo e serem roubados (tornando-se vítimas) ou não.

Concluiu-se que alguns fatores podem influenciar as interações e o desenrolar dos encontros forçados, além de aumentar a vulnerabilidade das vítimas ou os obstáculos para os assaltantes, tais como: a) grau de frequência dos espaços (menos ou mais frequentados) ou a presença mais ou menos espectadores; b) o fato de as vítimas estarem solitárias ou não; c) a presença de pessoas próximas ou conhecidas durante o roubo. A intensificação da violência psicológica, com xingamentos, ameaças mais intensas e exibição de armas próximas ao rosto, e a passagem das agressões verbais para as agressões físicas contra os alvos, incluindo os disparos por armas de fogo, possuem relação direta com formas de resistência empregadas pelas vítimas (Walsh, s/d) (e dos acompanhantes ou espectadores), principalmente, as forçadas, e ocorreram, no geral, na fase do compartilhamento da definição de situação de roubo. Dentre as formas de resistência que resultaram no reforço da violência pode-se destacar: a) recusar entregar o aparelho; b) olhar para o rosto do assaltante; c) gritar; d) correr; e) demorar para entregar o aparelho.

Com relação aos roubos de celulares dentro dos ônibus, notou-se que, além de serem prejudicados pelas deficiências e condições precárias dos coletivos, os usuários do transporte público estão expostos frequentemente aos assaltos e a sensação de insegurança. Diferentemente dos assaltos realizados em vias públicas ou espaços abertos, os coletivos são fechados e perigosos, com pouca segurança ou sem policiamento (Paes-Machado; Levenstein, 2002). Levando em conta sua arquitetura espacial e fechada, a ação de policiais ou de espectadores podem colocar em risco a vida de todos os presentes, o que acaba por gerar uma preocupação maior por parte dos usuários de tais transportes (Paes-Machado; Levenstein, 2002). Os ônibus foram descritos pelas vítimas como espaços cercados de medos, traumas e desconfianças. Dentro dos coletivos, a intensificação da violência ou a passagem para a violência física contra as vítimas também esteve relacionada à: recusa para entregar o bem; lentidão para realizar a transferência; demora para entender que se tratava de um assalto (incompreensão). Trata-se de reações que dificultam a rapidez necessária para a transferência dos bens. Agressões associadas ao fato da vítima portar um celular de qualidade inferior

foram identificadas em matérias jornalística e em um dos relatos. Notou-se a ocorrência de episódios em que os interlocutores também foram alvos de violência indireta. Deste modo, os agressores podem intensificar a violência, física ou verbal, contra um ou mais espectadores para influenciar ou conter os demais (Paes-Machado; Viodres-Inoue, 2015). A proximidade e a quantidade de espectadores em um espaço fechado, com o transporte coletivo, aparecem como fatores relevantes na conversão destes em alvos. As características dos coletivos contribuem para a intensificação do medo, pânico e preocupação das vítimas com o desfecho da situação. Trata-se de espaços fechados, apertados, em movimento, sem segurança e com um número considerável de espectadores, os quais não se pode prever as reações também.

Com relação ao pós-roubo, poucos foram os interlocutores que registraram boletim de ocorrência após o roubo, o que pode indicar uma subnotificação destes crimes. De maneira geral, as vítimas relatam uma descrença no que diz respeito à recuperação dos pertences e do aparelho celular através da queixa policial. A decisão de ir à delegacia teve como motivação: a perda de documentos; comprovação do roubo para solicitar o seguro do celular; apresentação de justificativa para falta ou atraso no emprego. Nem sempre as vítimas ou espectadores procuram as autoridades policiais ou legais após o roubo, estas também tomam medidas informais. Identificou-se relatos de vítima e espectadores que buscaram, por conta própria, seguir ou ir atrás dos criminosos na esperança de recuperar algum bem; recorrer aos operadores do tráfico ou a ocorrência do “pega”, que está relacionado com controle social e as justiça informais realizadas nas ruas de diferentes bairros da cidade. Algumas vítimas de roubos de celulares recorrem as organizações do tráfico de drogas, visando à resolução, punição do envolvido ou recuperação do celular roubado. Tal situação é possível quando ocorre no próprio bairro ou em áreas pertencentes a determinadas facções, uma vez que os operadores do tráfico visam afastar os roubos nas comunidades (Grillo; Martins, 2020).

A comunicação da ocorrência do roubo foi dirigida, sobretudo, aos familiares, parentes próximos e chefes de trabalho. No geral, predominou o susto, porém o alívio e agradecimento pela integridade física do familiar. Além disso, nota-se o caráter contagioso do medo e da sensação de insegurança (Domínguez, 2010), isto é, os familiares também passam a ficar mais receosos. Tais crimes podem provocar

danos de níveis variáveis, seja na integridade física, emocional ou material das vítimas, havendo ainda casos extremos que resultam em óbitos, os homicídios seguidos de roubo, conforme vem se observando nos noticiários locais. Além das consequências práticas, financeiras e psicológicas, o roubo do aparelho móvel pode acarretar ainda em perdas de informações, dados e arquivos pessoais (Walsh, sd; Thompson, 2017). Evidenciou-se o aumento da exposição de usuários coletivos e pedestres, bem como uma intensificação dos transtornos gerados pela vitimização material, sobretudo, para aqueles interlocutores com menor poder aquisitivo. Tornar-se vítima transforma a visão das pessoas, gerando traumas, sentimento de insegurança, revolta, vulnerabilidade, medo de novas vitimizações e até autoculpabilização pelo ocorrido (Azevedo, 2011). A revolta e a indignação das vítimas estiveram amplamente associadas ao prejuízo material, ao fato de terem conquistado o bem através do esforço e do próprio trabalho e, em questão de minutos, perderem com tanta facilidade.

Visando amenizar os riscos decorrentes dos assaltos, as vítimas acabam adotando ou intensificando diversas práticas cotidianas para promover segurança para si e para outros, sobretudo, em espaços públicos (Crawford, Hutchinson, 2016). Sob essa perspectiva, os sujeitos acionam diferentes medidas visando dificultar os roubos de rua, reduzir danos, evitar agressões ou desfechos desastrosos, assim como diminuir as chances de também serem vítimas de extorsões ou subtrações de dados após a perda do aparelho. De um lado, destacou-se as práticas de segurança individuais, incluindo as mais gerais e aquelas que são voltadas especificamente para os celulares. De outro, estão as medidas coletivas que envolvem a participação de outros atores, incluindo amigos e familiares. Em grupo, os alvos visam amenizar os riscos para si e para outros. Embora os espaços públicos, focos deste estudo, sejam considerados pelos interlocutores como mais arriscados e propícios para ocorrer os assaltos, observou-se que algumas medidas de segurança também passaram a ser empregadas em espaços fechados por alguns em virtude do aumento de roubos em locais privados, como bares e restaurantes. Notou-se que as medidas de segurança, tais como a restrição de uso e exposição, impedem os usuários de usufruírem plenamente das funcionalidades dos aparelhos celulares, a exemplo dos recursos de comunicação e mobilidade, uma vez que os aparelhos são silenciados, escondidos e até mesmo desligados em determinados locais ou contextos. A difusão e o uso de novas tecnologias para

gerenciar as atividades cotidianas, como os aplicativos de horários de ônibus, têm se tornado grandes aliadas dos usuários, entretanto, ainda assim, deixam brechas de segurança ao exigirem que o celular esteja quase sempre em mãos e, portanto, mais visíveis.

Destacou que as práticas de segurança enfatizam a competência das vítimas para acionar técnicas de gestão de risco, porém, estas não dependem apenas de tais atores, podendo ser comprometidas por diversas razões (Sanders, 2005; Paes-Machado; Nascimento, 2014). Isto é, os usuários visam evitar ou gerenciar os riscos constantemente, entretanto, deve-se atentar também que as estratégias podem ser afetadas por diversos outros fatores (Wallman, 2001; Sanders, 2005). Aqui, a eficácia das técnicas de gerenciamento de risco encontra obstáculos que envolvem a centralidade do celular na vida cotidiana e seu uso quase que indispensável, questões socioeconômicas e fatores que aumentam a exposição, como no caso dos usuários de transportes coletivos, tanto dentro dos ônibus, quanto nos espaços de espera e deslocamentos, e as contramedidas usadas pelos assaltantes. Os assaltantes buscam se atualizar e driblar tais estratégias, seja a partir de ameaças que deixam nítido que as conhecem ou por meio da intensificação da violência. Isto faz com que muitas vítimas também prefiram ter “algo para entregar” aos assaltantes do que sofrer punições por parte destes.

Por tanto, o presente estudo apontou contribuições e avanços no que se refere ao entendimento dos celulares como *hot products* (Clarke, 1999); à centralidade que estes aparelhos assumem na vida de seus usuários; às configurações de situações coercitivas que apontam para padrões de intensificação do uso da violência contra as vítimas; à sobreposição entre roubos a grupos de conhecidos e desconhecidos e o papel dos vínculos afetivos nos encontros forçados; o *status* ativo de acompanhantes e espectadores; aos efeitos das desigualdades sociais na experiência da vitimização, bem como a ampla exposição de trabalhadores e usuários de transportes públicos aos recorrentes roubos; às diversas formas de vitimização e os danos gerados pela mesma; às práticas de segurança cotidianas acionadas pelos sujeitos para gerenciar os riscos dos roubos e a proteção dos aparelhos celulares. Observou-se ainda que, com o avanço dos aplicativos bancários e serviços de transferência como o Pix, novos golpes passaram a ser aplicados. Deste modo, usuários dos celulares adotam diversas

práticas de segurança visando evitar o roubo de celular seguido de extorsão por meio da invasão às contas bancárias e dados armazenados no aparelho. Estes resultados enfatizam a necessidade de compreender também as experiências de vitimização por estes novos crimes que podem resultar dos roubos de celulares (vitimização múltipla), sendo uma das lacunas que se pretende preencher daqui para frente.

Por fim, o estudo propõe a intensificação das medidas para controle e redução destes roubos, tais como: investigação e desmantelamento das redes de receptadores, melhoria da segurança dos celulares e também das transações financeiras efetuadas através dos mesmos. Ou seja, o investimento na segurança de tais dispositivos pode amenizar a ocorrência de novos crimes e diminuir a atratividade crescente destes aparelhos para os criminosos (Farrell, 2015).

## REFERÊNCIAS

ALEGRÍA, C. A. G. Aproximación psicológica de la victimología. **Revista derecho y criminología**. 2011, p. 25-54 Disponível em: <http://repositorio.ucam.edu/bitstream/handle/10952/573/Aproximaci%c3%b3n%20psicol%c3%b3gica%20%20a%20la%20victimolog%c3%ada.%20C%c3%a9sar%20A%20agosto%20G%c3%adner%20Alegr%c3%ada%20.pdf?sequence=1&isAllowed=y> . Acesso em: 06 ago. 2020

ALMEIDA, O. **Sem lugar para correr nem se esconder**: um estudo de vitimização de internos no sistema penal baiano. 236f. 2011. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, 2011. Orientador: Prof. Dr. Eduardo Paes-Machado

AZEVEDO, L. **A viagem em cárcere móvel**: um estudo de vitimização por sequestro relâmpago. 204f. 2011. Dissertação (Mestrado em Saúde Comunitária) -Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia. 2011. Orientador: Prof. Dr. Eduardo Paes-Machado

BALBANI, A. P. S; KRAWCZYK, A. Impacto do uso do telefone celular na saúde de crianças e adolescentes. **Revista Paulista de Pediatria** [online]. 2011, v. 29, n. 3 [Acessado 31 Março 2022] , pp. 430-436. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-05822011000300019>>. Acesso em 21 Mar. 2022

BAUER, M. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In. BAUER, Martin W (Org.). **Pesquisa qualitativa com som, imagem e texto**. 3ª ed. Vozes, Petrópolis, 2004. p. 189-221

BAUER, M.W; GASKELL, G., ALLUM, N.C. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento: Evitando confusões. In. In. BAUER, Martin W (Org.). **Pesquisa qualitativa com som, imagem e texto**: um manual prático. 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008

BEATO F., C.; PEIXOTO, B. T.; ANDRADE, M.V. Crime, oportunidade e vitimização. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 19, n. 55, p. 73-89, Jun. 2004.

CAMINHAS, D; BEATO, C. Todo ladrão vai trabalhar com sua mente: O uso da força e de armas nos assaltos em Belo Horizonte, Minas Gerais. **Dilemas, Rev. Estud. Conflito Controle Soc.** Rio de Janeiro. Vol. 13. n. 3. 2020. pp. 645-667

CARDIA, N. Raça, Vitimização e Direitos Humanos. **Núcleo de Estudos da Violência** – USP. Disponível em <[www.nevusp.org/downloads/down065.pdf](http://www.nevusp.org/downloads/down065.pdf)>. Acesso em 06 ago 2020.

CERQUEIRA, R. T.; NORONHA, C.V. Cenas de linchamento: Reconstruções dramáticas da violência coletiva. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 9, n. 2, p. 163-172, mai./ago. 2004

CLARKE, R. *Hot Products: Understanding, Anticipating and Reducing Demand for Stolen Goods*. **Police Research Series Papers** 112. London: Home Office, 1999.

CLARKE, R. V.; ECK, J. E. **Compreender as Instalações de Risco**. Tradução por: Chefe Evaristo Ferreira. CDP AVR/SPPP, nov. 2012. Disponível em: <https://popcenter.asu.edu/sites/default/files/tools/pdfs/portuguese/Compreender-as-Instalacoes-de-Risco.pdf> . Acesso em: 05 ago. 2020.

CLARKE, R.V. Opportunity makes the thief. Really? And so what?. **Crime Sci** 1, 3, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/2193-7680-1-3> . Acesso em: 14 jul. 2021.

COHEN, L.E., FELSON, M. Social Change and Crime Rate Trends: a routine activity approach. **American Sociological Review**, 44 (4), 1979, p. 588-608.

COLORADO, F. D. Una Mirada Desde las Víctimas: el surgimiento de la victimología. Ensayo. **Umbral Científico**, n. 009, 2006, p. 141-159.

COPEL, H.; HOCHSTETLER, A & CHERBONNEAU, M., Getting the upper hand: scripts for managing victim resistance in carjackings. **Journal of Research in Crime and Delinquency**, 49 (2), p. 249-268, 2012.

COSTA, A; LIMA, R. Os latrocínios no Brasil: gatilhos do medo e da insegurança. In: BUENO, Samira; LIMA, Renato. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2019**. ano 13. ed. [S. l.]: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019. p. 44-51

CORRÊA, D. Adotando o ponto de vista do outro: George Herbert Mead, o assalto e a empatia tática. **Dilemas, Rev. Estud. Conflito Controle Soc.** Rio de Janeiro. Vol. 13. no 3. 2020. pp. 591-614

CRAWFORD, A. e HUTCHINSON, S. 'Mapping the Contours of "Everyday Security": Time, Space and Emotion', British, **Journal of Criminology**, 56(6), 2016. p. 1184-1202.

DOMÍNGUEZ, A. C. *Conceptos fundamentales de victimología*. **Fundación Instituto de Victimología**. Madrid, 2010. Disponível em: <http://www.fundacionfive.com/wp-content/uploads/Formacion20b.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2015.

DOURADO, S; NORONHA, C. *A face marcada: as múltiplas implicações da vitimização feminina nas relações amorosas* **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 24 [ 2 ]: 623-643, 2014.

FARRELL, G. Preventing phone theft and robbery: the need for government action and international coordination. **Crime Science** (2015) 4:4 DOI 10.1186/s40163-014-0015-0

FELSON, M.; CLARKE, R.V. *Opportunity Makes the Thief*: Practical theory for crime prevention. Police Research Series Paper 98. Londres: Home Office, 1998.

FOCÁS, B. Clivajes identitarios, inseguridad y medios: una mirada intergeneracional. **Espacio Abierto**, vol. 30, núm. 4, pp. 227-244, 2021.

FORTES, W.; TASCA, J. E. Uma análise sobre a aplicação de dados de Business Intelligence (BI) nas ações de prevenção situacional do crime. **Revista Ordem Pública**. 2014 v. 7, n. 1.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. 17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública. São Paulo: **Fórum Brasileiro de Segurança Pública**, 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>. Acesso em: 8 ago. 2023

GARLAND, D. Una historia del presente. In: \_\_\_\_\_ **La cultura del control**: crimen y orden social en la sociedade contemporânea. Barcelona: Ed. Gedisa, p. 31-70, 2005.

GARLAND, D. As contradições da “sociedade punitiva”: o caso britânico. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, n. 13, p. 59-80, nov. 1999.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes. 2002, 233p.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, G. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto e som: manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004, p. 64-89.

GOMES, R. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, M. . DE s. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 14a. ed. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 67-80.

GONÇALVEZ, J.F. Tempos de viralizações: reflexões temporárias. In: Miriam Pillar Grossi; Rodrigo Toniol. (Org.). **Cientistas Sociais e o Coronavírus**. 1ed.São Paulo: ANPOCS e Editora Tribo da Ilha, 2020, v. , p. 472-475.

GRILLO, C. **Coisas da vida no crime**: Tráfico e roubo em favelas cariocas. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

GRILLO, C; MARTINS, L. Indo até o problema: Roubo e circulação na cidade do Rio de Janeiro. **Dilemas, Rev. Estud. Conflito Controle Soc.** Rio de Janeiro. Vol. 13. n. 3. 2020. pp. 565-590

JACOBS, B. A. “The manipulation of fear in carjacking”. **Journal of Contemporary Ethnography**, 45 (5), p. 523-544, 2013.

JOVCHELOVITCH,S; BAUER,M. Entrevista narrativa. In: BAUER, M.W; GASKELL,G. (Org) **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. P 90-113.

LOPES, M. J.; SANTOS, W. C. S.; HOFFMANN, M.H. Conselhos Comunitários de segurança e programas de prevenção ao crime. *In*: HOFFMANN, Maria Helena; HAMMERSCHMIDT, Rodrigo (orgs.). **Segurança Pública: discurso permanente**. Florianópolis: DIOESC, 2012. p. 63-89.

LUCKENBILL, D. F. Gennerating compliance. The case of robbery. **Journal of contemporary ethnography**, p. 10-25, 1981.

MARTINS, L; CORRÊA, D; FELTRAN, G. Apresentação ao dossiê roubo, violência e cidade. **Dilemas, Rev. Estud. Conflito Controle Soc.** Rio de Janeiro. Vol. 13. n. 3. 2020. pp. 557-564.

MATTA, G. C. ; REGO, S.; SOUTO, E.P; SEGATO, J. **Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia**. 1. ed. Rio de Janeiro: Série Informação para ação na Covid-19 | Fiocruz, 2021. v. 1. 221p.

MONK,K; HEINONEN, J; ECK, J. Street Robbery. **Problem-Oriented Guides for Police Problem-Specific Guides Series**, n. 59, 2010.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M. Impactos psicológicos do uso de celulares: uma pesquisa exploratória com jovens brasileiros. **Psicologia. Teoria e Pesquisa**, UnB, v. 20, n.2, p. 165-174, 2004.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M.. Sociabilidade virtual: separando o joio do trigo. **Psicologia e Sociedade**, UFRGS, v. 17, n.2, p. 50-57, 2005

PAES-MACHADO, E. ; LEVENSTEIN, C. Assaltantes a bordo: violência, insegurança e saúde no trabalho em transporte coletivo de Salvador, Bahia, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 18, n. 5, p. 1215-1227, 2002.

PAES-MACHADO, E.; NASCIMENTO, A.M. Conduzindo o perigo: práticas e redes nodulares de governança da segurança entre taxistas. **Espacio Abierto Cuaderno Venezolano de Sociología**, v. 23 n. 3, p. 403-433, jul/set. 2014.

PAES-MACHADO,E. NASCIMENTO. A.M. Governança multicêntrica e redes de segurança de taxistas. **Dilemas - Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, vol. 5, núm. 4,, 2012, pp. 597-626.

PAES-MACHADO, E., NASCIMENTO, A.M.D. Vítimas à Deriva: processos sociais de vitimização de bancários por assaltos e sequestros. **Caderno CRH**, 29(47), 2006, p. 215-232.

PAES-MACHADO, E. VIODRES INOUE, S. O lado sombrio da estrada vitimização, gestão coercitiva e percepção de medo nos roubos a ônibus interurbanos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 30, p. 09-30, 2015.

PAES-MACHADO, E.; RICCIO-OLIVEIRA, M.A. O jogo de esconde-esconde: trabalho perigoso e ação social defensiva entre motoboys de Salvador. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 24, núm. 70, Jun, 2009, pp. 91-106. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=10713662006> . Acesso em 6 jul 2023.

PARANHOS, R. *et al.* Uma introdução aos métodos mistos. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 18, n. 42, p. 384-411, ago. 2016. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-45222016000200384&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222016000200384&lng=en&nrm=iso) . Acesso em: 25 jul. 2020.

PEREIRA, F. de F. F.; FORTUNA, D. R.; SILVA, R. da. Sociabilidade em tempos de quarentena: o WhatsApp como ferramenta de interação social durante a pandemia de COVID-19. **Travessias**, Cascavel, v. 15, n. 2, p. 404–422, 2021. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/27349>. Acesso em: 31 mar. 2022.

PRADO, S. Vivendo o roubo: Um momento de adrenalina, deleite e performance. **Dilemas, Rev. Estud. Conflito Controle Soc.** Rio de Janeiro. Vol. 13. n. 3. 2020. pp. 669-690.

QUIVY, R.; CAMPENHOUDT, L. **Manual de Investigação em Ciências Sociais**. Lisboa: Gradiva, 2005.

RELATÓRIO da pesquisa de vitimização em São Paulo – 2018. **Centro de políticas públicas** – INSPER. Setembro, 2018.

RIBEIRO, B. G..S. A preponderância da sociabilidade do telefone em rede na quarentena brasileira.. In: GROSSI, M. P.; TONIOL, R.. (Org.). **Cientistas Sociais e o Coronavírus..** 1ed.São Paulo e Florianópolis: ANPOCS e Editora Tribo da Ilha., 2020, v. 1, p. 465-467.

RIBEIRO, J.; LEITE, L.; SOUZA, S. Notas sobre aspectos sociais presentes no uso das tecnologias comunicacionais móveis contemporâneas. In: NASCIMENTO, AD; HETKOWSK, TM (Org.). **Educação e contemporaneidade: pesquisas científicas e tecnológicas**. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 185-201. v. 1.

TAMARIT,S. La victimología: cuestiones conceptuales o metodológicas. In: Baca Baldomero E, Echeburúa Odriozola E, Tamarit Sumilla JM. **Manual de Victimología**. Tirant Lo Blanch. Valencia, 2006.

TELLES, J. **Estudo sobre vitimização por delitos no transporte rodoviário de cargas**. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia. 2019. Orientador: Prof. Dr. Eduardo Paes-Machado

TEIXEIRA, E. **“Um jogo de gato e rato”**: estudo sobre a vitimização de mulheres por estupro repetido. 101f. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) –

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018. Orientador: Prof. Dr. Eduardo Paes-Machado

THOMPSON, R. Portable Electronics and Trends in Goods Stolen from the Person. **Journal of Research in Crime and Delinquency**. 2017, Vol. 54(2) 276-298.

VALVERDE, M. Studying the governance of crime and security: Space, time and jurisdiction. **Criminology and Criminal Justice**, v. 14, n. 4, 2014, p. 379-391.

VALVERDE, M.; LEVY, R. Gobernando la comunidad, gobernando a través de la comunidad. Delito y Sociedad. **Revista de Ciencias Sociales**. April, 2016. DOI: 10.14409/dys.v1i22.5342

VARONA, G *et al.* Victimologia: um acercamiento a través de sus conceptos fundamentales como herramientas de comprensión e intervección. Donostia/Sebastián: **UPV/EHU. OCW**, 2015. Disponível em: <https://ocw.ehu.eus/course/view.php?id=355> . Acesso em 06 ago 2020.

VIODRES-INOUE, S. **Assaltantes na estrada**: estudo sobre vitimização de rodoviários interurbanos por roubos na Bahia. 255f. 2012. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, 2012. Orientador: Prof. Dr. Eduardo Paes-Machado. Co-orientador: Prof. Dr. Luiz Claudio Lourenço

SANDERS, T. **Sex work**: a risk business. Devon: Willian Publishing. 2005.

WALSH, A. Exploring Behavioural Scripts of Street Robbery: A Sequence Analysis Investigation, **Subject: Psychology and Cognitive Neuroscience B.Sc.** Supervisor: Professor David Clarke.

ZALUAR, A. Trabalhadores e bandidos: identidade e discriminação. In: **A Máquina e a Revolta**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ZEDNER, L. Governing Security. *In: Security*. London and New York: Routledge – Taylor & Francis Group, 2009. p. 142-174.

WALLMAN, S . Global Threats, Local Options, Personal Risk: Dimensions of Migrant Sex Work in Europe. **Health, Risk & Society** 3(1): 75-88. 2001.

## FONTES

APÓS onda de assaltos, Polícia Civil faz operação contra roubos em bares e restaurantes de Salvador. **G1**, Bahia, 23 julho. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2022/05/23/apos-onda-de-assaltos-policia-civil-faz-operacao-contra-roubos-em-bares-lanchonetes-e-restaurantes-de-salvador.ghtml> . Acesso em: 21 jul. 2023.

ALOÍSIO, D. Apenas 3% dos celulares roubados são recuperados e devolvidos na Bahia, **Correio da Bahia**, 12 maio. 2021. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/apenas-3-dos-celulares-roubados-sao-recuperados-e-devolvidos-na-bahia/>. Acesso em 2 jul. 2021.

ALOÍSIO, D. Muitos não puderam vir e não posso receber abraços, diz filha de idoso morto em assalto. **Correio da Bahia**, Salvador. 2020. Disponível em : <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/muitos-nao-puderam-vir-e-nao-posso-receber-abracos-diz-filha-de-idoso-morto-em-assalto/> . Acesso em 11 ago. 2020.

CÂMERA de segurança flagra assalto a um bar em Salvador. **Jornal da Manhã**, G1 Bahia, 6 de junho 2023. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/11683251/> . Acesso em: 21 jul. 2023.

CELULARES são levados em 95% dos assaltos registrados em Salvador, segundo a polícia civil, **G1**, Bahia, 2018a. Disponível em: <http://g1.globo.com/bahia/batv/videos/t/edicoes/v/celulares-sao-levados-em-95-dos-assaltos-registrados-em-salvador-segundo-a-policia-civil/6839079/> . Acesso em 06 ago. 2020.

COM ALTA de roubos, pedidos de bloqueios de celular chegam a quase 1 milhão. **UOL**, 6 fev. 2023, Disponível em: <https://www.bol.uol.com.br/entretenimento/2023/02/06/anatel-quase-1-milhao-pedidos-de-bloqueio-de-celular-roubado.htm> . Acesso em 9 de fev. 2023.

CRUZ, B. Vai levar o celular para o bloco de Carnaval? Veja dicas de segurança. **UOL**, São Paulo. 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2020/02/15/vai-levar-o-celular-para-o-bloquinho-de-carnaval-veja-dicas-de-seguranca.htm> > Acesso em 11 ago. 2020.

CUIDADOS: roubos e furtos de celulares estão entre os perigos do carnaval. **Bahia Meio-dia**, Salvador. 2018. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6496079/> > Acesso em 11 ago. 2020.

CUIDADOS: roubos e furtos de celulares estão entre os perigos do carnaval. **Bahia Meio-dia**, Salvador. 2018. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6496079/> . Acesso em 11 ago. 2020.

CROQUER, G. Brasil tem 2,7 mil celulares bloqueados por dia contra roubos e perdas. **G1**, Brasil, 2022. Disponível

em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2022/11/05/brasil-tem-27-mil-celulares-bloqueados-por-dia-contra-roubos-e-perdas.ghtml>. Acesso em 23 jan. 2023.

EM 5 dias de carnaval, quase 2 mil pessoas registraram BOs por furto e roubo de celulares em SP, diz levantamento . **G1**, São Paulo. 2018. Disponível em: < <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/em-cinco-dias-de-carnaval-quase-2-mil-pessoas-registraram-bos-por-furto-e-roubo-de-celulares-em-sp-diz-levantamento.ghtml> > Acesso em 11 ago. 2020.

FESTIVAL Virada Salvador teve 320 ocorrências policiais; roubo e furto de celulares lideram, com média de 40 por dia. **G1**, Bahia. 2019. Disponível em: < <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2019/01/02/festival-virada-salvador-teve-320-ocorrencias-policiais-roubo-e-furto-de-celulares-lideram-com-media-de-40-por-dia.ghtml>> Acesso em 11 ago. 2020

GAMA, D. Tecnologia ajuda pacientes e famílias em hospitais baianos a driblarem a distância. **Brasil de Fato**, Salvador, Bahia. 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/07/27/tecnologia-ajuda-pacientes-e-familias-em-hospitais-baianos-a-driblarem-a-distancia>. Acesso em 1 de abr. 2022.

GALVÃO, W. Mesmo bloqueados, celulares roubados são aproveitados no mercado ilegal. **Correio Braziliense**, Brasília, 2019. Disponível em : < [https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2019/07/31/interna\\_cidad\\_esdf,774643/mesmo-bloqueados-celulares-roubados-sao-aproveitados-mercado-ilegal.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2019/07/31/interna_cidad_esdf,774643/mesmo-bloqueados-celulares-roubados-sao-aproveitados-mercado-ilegal.shtml) > Acesso em 11 ago. 2020.

HOMENS armados assaltam Boteco do Caranguejo, no Itaigara. **IBahia**, 5 de abril. 2022. Disponível em: <https://www.ibahia.com/salvador/homens-armados-assaltam-boteco-do-caranguejo-no-itaigara> Acesso em: 21 de jul. 2023.

LEMOS, M. Saiba como proteger seus dados e seu dinheiro em caso de roubo, furto ou perda do celular. **Brasil De Fato**. São Paulo. 30 jun. 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/06/30/saiba-como-protoger-seus-dados-e-seu-dinheiro-em-caso-de-roubo-furto-ou-perda-do-celular>. Acesso em 12 Jul 2023.

LOPES, A. Brasil é um dos cinco países com maior número de smartphones, mostra ranking. **Exame**, 11 Maio 2023. Disponível em: <https://exame.com/tecnologia/brasil-e-um-dos-cinco-paises-com-maior-numero-de-smartphone-mostra-ranking/> . Acesso em 17 ago. 2023.

MANSUR, A.I. Veja como parentes de internados com covid-19 mantém o contato familiar. **Correio Braziliense**, Distrito Federal. 2021. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/cidades-df/2021/04/4918566-veja-como-parentes-de-internados-com-covid-19-mantem-o-contato-familiar.html> . Acesso em 1 abr. 2022.

MOURA, G. Não consegui reconhecer o rosto dele, diz filho de taxista espancado até a morte. **Correio da Bahia**, Salvador, 2020. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/nao-consegui-reconhecer-o-rosto-dele-diz-filho-de-taxista-espancado-ate-a-morte/> . Acesso em 11 ago 2020.

NÚMERO de assaltos cresce no final do ano; 27 celulares são roubados por dia em Salvador, **Bahia Meio-dia**, TV Bahia, 19 de dez 2019. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/8178139/>>. Acesso em 19 dez 2019.

ÔNIBUS são alvos de assaltantes em Salvador e rodoviário cita ameaça: “Não querem celular quebrado ou vão dar tiro”. **G1 Bahia**, 8 jun. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2021/06/08/onibus-sao-alvos-de-assaltantes-em-salvador-passageiros-esperam-o-momento-de-serem-assaltados-diz-rodoviario.ghtml> . Acesso em 5 set. 2023.

ROUBO de iPhone: aparelho de R\$ 6 mil é vendido por R\$ 100. **Correio da Bahia**, Bahia, 2017. Disponível em: <http://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/roubo-de-iphone-aparelho-de-r-6-mil-e-vendido-por-r-100/> . Acesso em 25 ago. 2017.

PEREZ. F. Roubos de celular seguidos de extorsão crescem 8 vezes em SP. R7, São Paulo, 2021. Disponível em: Acesso em: 20 jul. 2023.

PEREZ, F. Brasil teve 1 milhão de celulares roubados e furtados em 2022; alta de 16%. **UOL**, São Paulo, 20 de Jul. 2023. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2023/07/20/roubos-furtos-celulares-anuario.htm> . Acesso em: 20 jul. 2023.

PITOMBO, J.P.; ZARUR, C. BA e RJ puxam alta de furtos de celular; Brasil tem quase 1 milhão de aparelhos roubados por ano. **Folha de São Paulo**. 20 julho. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/07/ba-e-rj-puxam-alta-de-furto-de-celular-brasil-tem-quase-1-milhao-de-aparelhos-roubados-por-ano.shtml>. Acesso em. 20 jul. 2023.

POLÍCIA localiza imóvel utilizado para revenda de celulares roubados, **A TARDE**, 19 dez 2019. Disponível em: <<https://www.atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/2113093-policia-localiza-imovel-utilizado-para-revenda-de-celulares-roubados>>. Acesso em 19 dez 2019.

PROCURA por seguros de celular cresce após aumento de roubos. R7, **Fala Brasil**, 11 de jul. 2022. Disponível em: <https://recordtv.r7.com/fala-brasil/videos/procura-por-seguros-de-celular-cresce-apos-aumento-de-roubos-11072022> . Acesso em 25 maio 2023.

ROUBOS de celulares fazem procura por seguros aumentar em mais de três vezes. **SBT News**. 15 abril 2022. Disponível em: <https://www.sbtnews.com.br/noticia/brasil/204959-roubos-de-celular-fazem-procura-por-seguros-aumentar-em-mais-de-tres-vezes> . Acesso em 25 de maio 2023.

SALVADOR registra cerca de 7 mil roubos de celulares apenas este ano. **BATV**, Salvador, 2019. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8106625/> . Acesso em 07 ago. 2020.

SALVADOR tem cerca de três celulares roubados ou furtados por hora, diz SSP-BA, **G1**, Bahia, 22 de jan. 2021. Disponível em:

<https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2021/01/22/salvador-tem-cerca-de-tres-celulares-roubados-ou-furtados-por-hora-diz-ssp-ba.ghtml>. Acesso em 2 de jul. 2021.

SANTOS, G. Celulares lideram lista de furtos e roubos, mas só 11% têm seguro no país. **InfoMoney**, 28 fev. 2023. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/minhas-financas/celulares-lideram-lista-de-furtos-e-roubos-mas-so-11-tem-seguro-no-pais/>. Acesso em 25 maio 2023.

SINAL de GPS leva polícia a trio que furtou 34 celulares no Bailão Salvador, **Correio da Bahia**, 28 out de 2019. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/sinal-de-gps-leva-policia-a-trio-que-furtou-34-celulares-no-bailao-salvador/>. Acesso em 19 dez 2019.

SOUZA, F. Aparelho vendido no Paraguai troca IMEI engana Anatel e faz celular roubado ficar “novo”. **BBC**, São Paulo, 2018. Disponível em <http://www.bbc.com/portuguese/brasil-43066361>. Acesso em: 06 ago. 2020.

SOUZA, Karina. Brasil é um dos cinco países com maior número de celulares, mostra ranking. **Exame**, 15 Ago. 2021. Disponível em: <https://exame.com/pop/brasil-e-um-dos-cinco-paises-com-maior-numero-de-celulares-mostra-ranking/> Acesso em: 17 ago. 2023.

SUSPEITO de revender celulares roubados no carnaval é preso em loja no Centro da cidade. **Correio da Bahia**, 28 de fev. 2023, Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/suspeito-de-revender-celulares-roubados-no-carnaval-e-preso-em-loja-no-centro/>. Acesso em 28 fev. 2023.

TRÊS são presos em esquema para trocar celular furtado por drogas no Porto da Barra. **Correio da Bahia**, 21 de fev. 2023. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/tres-sao-presos-em-esquema-para-trocar-celular-furtado-por-drogas-no-porto-da-barra/>. Acesso em 21 fev. 2023.

VÍDEO: Cliente de bar leva coronhadas ao tentar esconder o celular durante assalto em Salvador. **G1**, Bahia, 6 jun. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2023/06/08/video-cliente-de-bar-leva-coronhadas-ao-tentar-esconder-celular-durante-assalto-em-salvador.ghtml>. Acesso em: 21 jul. 2023.

VÍTIMA é agredida por assaltante na Bahia por ter celular antigo: ‘momento terrível’. **G1**, Bahia, 7 fev. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/vitima-e-agredida-por-assaltante-na-bahia-por-ter-celular-antigo-momento-terrivel.ghtml>. Acesso em: 26 abril 2023.

1,5 milhão de celulares são bloqueados por roubo ou perda em 12 meses no Brasil, **G1**, 8 dez. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/15-milhao-de-celulares-sao-bloqueados-por-roubo-ou-perda-em-12-meses-no-brasil.ghtml>. Acesso em: 2 abr. 2018.

## APÊNDICES

### APÊNDICE 1 – Solicitação de autorização para realização de entrevista em instituição escolar



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA



FFCH UFBA

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

---

#### Solicitação de autorização

Solicitamos a autorização da direção do Colégio\_\_\_\_\_, em Salvador, Bahia, para realização de entrevistas exploratórias com alunos do terceiro ano, maiores de 18 anos, que já foram vítimas de roubo de celular. As entrevistas fazem parte da coleta de dados da pesquisa “**Um estudo sobre vitimização por roubo de celulares em Salvador, Bahia**”, que está sendo desenvolvida no Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais, na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, pela pesquisadora e doutoranda Juliana Campos Maltez, sob orientação do Prof. Dr. Eduardo Paes-Machado, cujo objetivo geral é compreender as respostas e reações das vítimas de roubos de celulares em Salvador, Bahia.

Além disso, o estudo tem como objetivos específicos: a) analisar o contexto social espacial dos roubos; b) compreender as interações coercitivas entre vítimas e infratores; c) investigar as forças de resistência forçadas e não forçadas da vítimas; d) analisar os limites e possibilidades das práticas de segurança adotadas pelas vítimas; e) identificar as repercussões da experiência de vitimização no cotidiano dos interlocutores. A pesquisa parte de uma metodologia quanti-qualitativa e adota como estratégias de coleta de dados: a) entrevistas semiestruturadas; b) aplicação de questionários; c) levantamento e análise de matérias jornalísticas sobre a temática.

Destaca-se que as entrevistas realizadas serão gravadas e armazenadas sob a responsabilidade da pesquisadora. No que tange às questões éticas, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será direcionado aos sujeitos entrevistados. Os interlocutores tomarão conhecimento do objetivo do estudo e terão a privacidade e o anonimato preservado, ou seja, serão utilizados pseudônimos a fim de proteger as identidades dos mesmos, assim como da instituição escolar em questão. Os resultados da pesquisa serão utilizados exclusivamente em fóruns científicos e futuras publicações, preservando a identidade dos participantes. Caso sinta necessidade de outras informações, contatar com Juliana Campos Maltez pelo e-mail \_\_\_\_\_ ou pelo celular \_\_\_\_\_.

Salvador, \_\_\_ de \_\_\_\_\_ 2019

---

Juliana Campos Maltez

## APÊNDICE 2 – Termo de consentimento livre e esclarecido aplicado entre estudantes



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA



FFCH UFBA

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

---

### Termo de consentimento livre e esclarecido

O senhor (a) é convidado a participar da pesquisa “**Um estudo sobre vitimização por roubo de celulares em Salvador, Bahia**”, que está sendo desenvolvido no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, com trabalho de campo a ser realizado pela pesquisadora Juliana Campos Maltez, sob orientação da Prof. Dr. Eduardo Paes-Machado. O objetivo dessa pesquisa é compreender as respostas e reações das vítimas de roubos de celulares em Salvador, Bahia.

O senhor pode ou não participar da pesquisa. Se quiser participar, deverá estar disponível para a realização da entrevista no dia e hora acordados entre pesquisadora e entrevistado. Se optar por participar, mas mudar de ideia durante a pesquisa, poderá interromper a entrevista a qualquer momento sem se desculpar. Isto não afetará sua relação com as pessoas que fazem parte da pesquisa.

A sua entrevista será gravada, e armazenada sob a responsabilidade da pesquisadora e assumimos o compromisso de que o anonimato sobre sua identidade e opiniões será mantido sob quaisquer condições. Os resultados da pesquisa serão utilizados exclusivamente em fóruns científicos e futuras publicações, preservando a identidade dos sujeitos entrevistados. Caso sinta

necessidade de outras informações, contatar com Juliana Campos Maltez pelo e-mail \_\_\_\_\_.

Declaro estar ciente dos objetivos, usos e condições dessa entrevista e aceito dela participar voluntariamente.

Salvador, \_\_\_ de \_\_\_\_\_ 2019

---

Pesquisadora

---

Interlocutora